

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**Pablo de Moraes Moreira da Silva**

**A Gramática na Alta Idade Média: Alcuíno de York e sua *Ars grammatica***

JUIZ DE FORA

2023

**Pablo de Moraes Moreira da Silva**

**A Gramática na Alta Idade Média: Alcuíno de York e sua *Ars grammatica***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

JUIZ DE FORA

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DE MORAES MOREIRA DA SILVA, PABLO .

A Gramática na Alta Idade Média: Alcuíno de York e sua *Ars grammatica* / PABLO DE MORAES MOREIRA DA SILVA. -- 2023. 268 p. : il.

Orientador: FÁBIO FORTES

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2023.

1. HISTORIOGRAFIA DA LINGUISTICA. 2. ALCUÍNO. 3. ARS GRAMMATICA. 4. LATIM. 5. ALTA IDADE MÉDIA. I. FORTES, FÁBIO, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Nº PROPP:778.14122023.26-M

Nº PPG: 020/2023

**AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Stricto sensu* e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

**APROVADO (Conceito A)**

**APROVADO CONDICIONALMENTE (Conceito B)**, mediante o atendimento das alterações sugeridas pela Banca Examinadora, constantes do campo Observações desta Ata.

**REPROVADO (Conceito C)**, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

Novo título da Dissertação/Tese (só preencher no caso de mudança de título):

Observações da Banca Examinadora caso:

- O discente foi Aprovado Condicionalmente
- Necessidade de anotações gerais sobre a dissertação/tese e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes.

*A banca ocorreu de forma virtual. Todos os membros e o discente participaram da sessão de Defesa e a acompanharam na sua integralidade". (Conforme Resolução nº 10/2022- CSPP)*

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

**INFORMAÇÕES**

- Para fazer jus ao título de mestre(a)/doutor(a), a versão final da dissertação/tese, considerada Aprovada, devidamente conferida pela Secretaria do Programa de Pós-graduação, deverá ser tramitada para a PROPP, em Processo de Homologação de Dissertação/Tese, dentro do prazo de 90 dias a partir da data da defesa. Após a entrega dos dois exemplares definitivos, o processo deverá receber homologação e, então, ser encaminhado à CDARA.
- Esta Ata de Defesa é um documento padronizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Observações excepcionais feitas pela Banca Examinadora poderão ser registradas no campo disponível acima ou em documento anexo, desde que assinadas pelo(a) Presidente(a).
- Esta Ata de Defesa somente poderá ser utilizada como comprovante de titulação se apresentada junto à Certidão da Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos da UFJF (CDARA) atestando que o processo de confecção e registro do diploma está em andamento.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Fabio da Silva Fortes - Orientador**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

**Prof. Dr. Carlos Renato Rosario de Jesus**  
Universidade do Estado do Amazonas

Juiz de Fora, 04 / 12 / 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em 15/12/2023, às 08:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Renato Rosário de Jesus, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Jocelito Beccari, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 12:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pablo de Moraes Moreira da Silva, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1607402 e o código CRC 8F489A97.

**Pablo de Moraes Moreira da Silva**

**A Ars Grammatica de Alcuíno de York**

Dissertação  
apresentada ao  
Programa de Pós-  
Graduação em  
Linguística  
da Universidade  
Federal de Juiz de  
Fora como requisito  
parcial à obtenção do  
título de Mestre em  
linguística. Área de  
concentração:  
linguística.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Fabio da Silva Fortes** - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari**  
Universidade Estadual de São Paulo

**Prof. Dr. Carlos Renato Rosario de Jesus**  
Universidade do Estado do Amazonas

Juiz de Fora, 04/12/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em 15/12/2023, às 08:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do

assinatura  
eletrônica

art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Renato Rosário de Jesus, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Jocelito Beccari, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 12:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj ([www2.uffj.br/SEI](http://www2.uffj.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1607405** e o código CRC **BC0B87BE**.





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Leci, ao meu avô, Francisco (*in memoriam*), à minha esposa, Fernanda e à minha filha, Amara. Também gostaria de agradecer às professoras Charlene e Fernanda por sempre acreditarem em mim.

Agradeço ao professor Fábio pela orientação e aos demais professores de latim e grego da UFJF pelos ensinamentos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar essa pesquisa.

Gostaria não somente de agradecer, mas também dedicar essa dissertação aos trabalhadores brasileiros, que mantêm com seu suor as universidades públicas e assim possibilitaram a um jovem torna-se mestre de seu próprio destino.



## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar uma tradução da *Ars grammatica* de Alcuíno de York (735-804 d.C.). A obra, em formato de diálogo, foi escrita entre 790 d.C e 800 d.C., e não conta, até o presente momento, com traduções em português no Brasil. Para tanto, o autor valeu-se da reprodução de trechos das obras de outros gramáticos como Prisciano e Donato. A tradução e o estudo preliminar que a acompanha segue o arcabouço teórico e os princípios metodológicos da Historiografia da Linguística. Dessa forma, nossa pesquisa procurou aplicar ao trabalho de tradução e aos comentários da obra de Alcuíno os princípios propostos por Koerner (2014) para o estudo de teorias linguísticas antigas, de modo a compreendermos o ensino da língua latina durante a Alta Idade Média no Império Carolíngio.

Palavras-chave: Alcuíno; *Ars grammatica*; gramática latina; Historiografia Linguística.

## ABSTRACT

The present work intends to present an unpublished translation in Portuguese of Alcuin of York's *Ars grammatica* (735-804 AD). The work, written as a dialogue, was produced between 790 AD and 800 AD., and to date, there are no translations into Portuguese in Brazil. For that, the author used the reproduction of excerpts from the works of other grammarians such as Priscian and Donatus. The translation and the preliminary study that accompanies it follows the theoretical framework and methodological principles of the Historiography of Linguistics. Thus, our research sought to apply to Alcuin's work the principles proposed by Koerner (2014) for the study of ancient linguistic theories, in order to understand the teaching of Latin syntax during the High Middle Ages in the Carolingian Empire.

Keywords: Alcuin; *Ars grammatica*; Latin grammar; Linguistic Historiography.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Manuscritos <i>Ars grammatica</i> .....	41
Tabela 2 - Divisões da Gramática .....	45
Tabela 3 - Comparação estrutural da <i>Ars minor</i> , <i>Ars maior</i> e <i>Ars grammatica</i> .....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</b> .....	14
1.1. DA QUEDA DE ROMA AO IMPÉRIO CAROLÍNGIO .....	17
1.2 DE CLÓVIS E O REINO FRANCO A CARLOS MAGNO E O IMPÉRIO CAROLÍNGIO ...	20
1.3 A RENASCENÇA CAROLÍNGIA .....	24
1.4 A REGRA DE SÃO BENTO E A UNIFICAÇÃO MONÁSTICA .....	25
1.5 OS MONASTÉRIOS E A REDESCOBERTA DA CULTURA CLÁSSICA .....	27
1.6 A DECADÊNCIA CULTURAL DA GÁLIA E OS MONGES ANGLO-SAXÕES .....	28
1.7 ALCUÍNO DE YORK: UM POLÍMATA SAXÃO .....	32
<b>2. A GRAMÁTICA DE ALCUÍNO</b> .....	38
2.1 MANUSCRITOS E EDIÇÕES .....	40
2.2 UMA GRAMÁTICA, DOIS DIÁLOGOS.....	43
2.3 UM PEQUENO MANUAL COM TODO O CONHECIMENTO GRAMATICAL.....	44
2.4 O PRIMEIRO DIÁLOGO: <i>DISPUTATIO DE VERA PHILOSOPHIA</i> .....	49
2.5 AS ARTES LIBERAIS: OS SETES PILARES DA CASA DA SABEDORIA .....	53
2.6 A INFLUÊNCIA DE BOÉCIO: <i>DE CONSOLATIONE PHILOSOPHIAE</i> NA OBRA DE ALCUÍNO.....	55
2.7 O SEGUNDO DIÁLOGO: <i>SAXO, FRANCO, DISCIPULI MAGISTER</i> .....	58
2.8 SOBRE OS TRÊS PERSONAGENS: O PROFESSOR, SAXO E FRANCO.....	60
2.9 AS PRINCIPAIS FONTES GRAMATICAIAS DE ALCUÍNO: DONATO E PRISCIANO.....	62
2.10 ALCUÍNO DE COMPILADOR A INOVADOR .....	65
<b>3. TRADUÇÃO</b> .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	261

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste, fundamentalmente, em uma tradução anotada da *Ars Grammatica* de Alcuíno de York (735-804 d.C), precedida de um ensaio crítico produzido à luz da Historiografia da Linguística. Desta forma, precede à tradução um estudo preambular que pretende oferecer subsídios contextuais acerca do período histórico de produção do objeto de estudo. Tal capítulo introdutório se justifica por entendermos que, de acordo com Koerner (2014), o contexto de produção de uma obra é um requisito *sine qua non* para sua compreensão e análise sob o viés da Historiografia da Linguística. Assim, as notas e os comentários que se somam a esta tradução também servem de suporte à leitura da obra e têm como principal função o papel de esclarecer o leitor acerca do contexto histórico relativo ao período de sua produção.

Assim, no capítulo inicial, procuramos traçar as origens do Império Carolíngio, já que Alcuíno de York compõe a referida obra visando colaborar para o ensino do latim ao rei Carlos Magno e aos membros de sua corte. Por isso, encontra-se neste capítulo um panorama das transformações históricas que possibilitaram a formação do império e a ascensão do rei carolíngio ao poder. Neste capítulo, apresentamos, portanto, informações a respeito das relações entre o governante supramencionado, a queda de Roma, os povos bárbaros, as práticas gramaticais no medievo e a expansão do cristianismo. Posteriormente, enfatizaremos os aspectos contextuais tanto a respeito de Alcuíno enquanto gramático quanto seu papel no desenvolvimento educacional daquela sociedade. Para tanto, apresentamos uma breve biografia do monge de York, de modo a introduzi-lo devidamente no contexto da época.

No segundo capítulo, buscamos estabelecer uma compreensão da estrutura interna da obra. Desta forma, nos baseamos no Princípio da Imanência de Koerner (2014). Tal princípio visa não só à investigação da teoria geral, mas também da terminologia presente na obra gramatical. Com esse intuito, abstraímos os conhecimentos linguísticos atuais de modo a se determinar a significação interna do texto a partir de seus elementos teóricos e formais constitutivos. Além de propor um delineamento da teoria geral e da terminologia, tratamos também da questão do formato apresentado pela gramática de Alcuíno, já que este difere estruturalmente das gramáticas atuais. Debruçamo-nos também sobre as correlações com as obras de dois notórios gramáticos latinos: Prisciano e Donato. Com efeito, o texto de Alcuíno não representa uma obra “original”, mas trata-se de uma adaptação ao estilo das gramáticas insulares, visando a apresentar, de maneira condensada, sob a forma de um diálogo, as informações presentes, anteriormente, nas obras dos dois referidos gramáticos.



Tendo, por meio destes dois capítulos iniciais, buscado contemplar o "Princípio da Contextualização" e o "Princípio da Imanência", no terceiro capítulo, introduzimos o terceiro princípio, que se dispõe a investigar a existência de aproximações modernas entre a terminologia e o quadro teórico da obra. Esta consideração é chamada por Koerner (2014) de "Princípio da Adequação." No quarto capítulo, dispomos tanto o texto latino quanto a tradução, as notas e os comentários sobre a *Ars Grammatica* de Alcuíno.

Por fim, esperamos que a tradução da obra bem como o estudo preambular do contexto histórico em que esta se insere, possa servir como um exemplo da aplicação dos princípios da historiografia da linguística para os que desejam investigar o desenvolvimento da gramática na Alta Idade Média, preenchendo uma lacuna de estudos neste campo no Brasil e oferecendo uma primeira tradução em língua portuguesa desta obra.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A recuperação do contexto histórico se faz necessária a fim de compreendermos o horizonte de produção da *Ars grammatica*<sup>1</sup> de Alcuíno de York (735 – 804) durante o Renascimento Carolíngio. Desta forma, faremos um recorte de modo a destacarmos os períodos correlacionados à atuação do religioso junto a corte carolíngia.

Segundo Law (2003, p. 112-115), a história do pensamento linguístico durante a Idade Média pode ser dividida em quatro grandes etapas: a Alta Idade Média (500-800), a Idade Média Central (800-1100), a Baixa Idade Média ou Era Escolástica (1100-1350) e o fim da Idade Média (1350-1500). Conforme afirma a linguista (2003, p. 112), no período que compreende a Alta Idade Média (500-800), os estudiosos da Europa Ocidental concentraram-se na produção de gramáticas descritivas do latim para o uso de falantes não nativos. Estes utilizavam não somente a *Ars maior* e a *Ars minor* de Donato, mas também os comentários do latim tardio feitos sobre elas. Segundo Law (1986, p. 369) estes comentários eram textos complementares, que serviam, principalmente, para auxiliar a compreensão do texto extremamente sintético da *Ars maior*. Em menor proporção, também havia comentários acerca da *Ars minor*. Conforme afirma Holtz (1981, p. 91-92), a brevidade foi um dos princípios aplicados por Donato na confecção de suas obras. Desta forma, de acordo com o linguista, o gramático latino buscou dar destaque ao que julgou ser essencial e deixou de lado o que considerou supérfluo, criando, deste modo, uma obra de forma fácil de lembrar, embora isso fizesse com que ele omitisse muitas informações que poderiam auxiliar os professores menos experientes no estudo do texto em épocas posteriores.

Nesse sentido, como uma forma de corrigir as lacunas deixadas por Donato, de acordo com Law (1986, p. 369), entre os séculos VII e VIII, os gramáticos voltaram-se para a criação de versões mais didáticas, que adaptavam a obra deste gramático latino a uma estrutura complementar, a qual incluía as formas latinas, paradigmas e listas de exemplos. Ainda de acordo com a linguista britânica, dentre os comentaristas de Donato destacam-se os trabalhos de Pompeio, Sérgio, Sérvio, Juliano de Toledo, Murethach, Sedúlio Scottus e os compiladores anônimos da *Ars Laureshamensis* e da *Ars Ambrosiana*. De acordo com Luthala (1995, p. 122), além dos comentários, havia também as *parsing grammars*, que se baseavam no método apresentado por Prisciano em suas *Partitiones*. Essas gramáticas dividiam os textos clássicos

---

<sup>1</sup> Segundo Swiggers (2004, p. 147) a obra também é designada como *de grammatica (et partibus orationis et eorum acidibus per dialogum), de octo partibus orationis, dialogus Saxonis e Franconis de octo partibus orationis, enchridion sive grammatica in modum dialogi inter Francum [Franconem] e Saxonem*, ou *grammaticae breviarium*.

latinos em suas partes componentes, isto é, em palavras, de modo a explicar a forma e função sintática de cada uma delas, para que assim o texto pudesse ser compreendido pelos alunos. Cabe ressaltar que juntamente com as obras de Donato, alguns estudiosos também utilizavam a *Institutio de nomine* de Prisciano como complemento para produção de suas próprias gramáticas descritivas. Da mesma forma, como veremos à frente, tal abordagem foi adotada por Alcuíno na confecção da sua *Ars grammatica*.

Segundo Law (2003, p. 121), por visarem a povos não mais falantes nativos da língua, um recurso comum a essas gramáticas era a procura de correlações entre o fenômeno linguístico e outros planos de existência (o microcosmo, o macrocosmo ou mesmo as *Escuritas*). Deste modo, o pensamento correlativo acionado pela livre associação feita pelos gramáticos do período era uma forma de contornar as diferenças de domínio de sentidos existentes entre quem ensina e quem aprende o latim, então, de certo modo, uma “língua estrangeira” para os alunos. Na *Ars* alcuína, encontramos, por exemplo, a associação entre letras e os elementos, como um modo de explicar a formação da expressão escrita pela união das letras de maneira análoga à formação do corpo (microcosmo) pela união dos elementos:

**DIS.** *Unde litterae elementa dicuntur?*

**ALUNOS.** Por que as letras são chamadas de elementos?

**MAG.** *Quia sicut elementa coeuntia corpus perficiunt, sic hae conglutinatae litteralem vocem componunt.*

**PROFESSOR.** Porque, assim como os elementos unidos completam um corpo, assim estas se unem compondo a expressão escrita.

Segundo Swiggers (2004, p. 147), a *Ars* de Alcuíno não possui um aparato crítico, ainda que seu texto tenha sido preservado em muitos manuscritos do século IX (Angers, Berna, Florença, Laon, Mersebourg, Munique, Nápoles, Paris, Saint-Gall, Trier e Vaticano). A obra, segundo esse linguista, provavelmente foi iniciada enquanto Alcuíno residia na Corte de Carlos Magno, e supostamente concluída em Tours. Ainda de acordo com o estudioso (2004, p.147), Alcuíno teria trazido um certo número de obras essenciais para escrever uma síntese do “conhecimento gramatical básico”. Entretanto, Swiggers (2004, p. 148) aponta que a obra não deve ser considerada uma gramática elementar do latim, pois os dados gramaticais que ela apresenta já pressupõem o domínio de uma *ars* elementar por parte dos leitores, como, por exemplo, as supracitadas pertencentes a Donato.

No que concerne às suas adaptações, é importante destacar que a *Ars grammatica* de Alcuíno se apresenta sob a forma de um diálogo, o qual transcorre sob a forma de uma

brincadeira entre dois personagens, os meninos *Franco* e *Saxo*. Estes meninos, supostamente recém-saídos de um curso de gramática elementar, decidem testar seus conhecimentos em uma *disputatio*. A *disputatio* dá-se da seguinte maneira: *Saxo*, sendo o mais velho, se encarrega de responder às questões gramaticais colocadas por *Franco*.

Nesse sentido, é interessante notar que os personagens servem como alegorias para Alcuíno (*Saxo*) e Carlos Magno (*Franco*). Conforme aponta Swiggers (2004, p. 148), a escolha dos nomes próprios sugere uma divergência (em natureza/nível) da educação “liberal”. Ou seja, a *disputatio* fictícia entre os meninos emulava o confronto real dos saberes insulares (Saxões) com os saberes continentais (Francos).

As recorrentes referências aos clássicos escritos por notórios autores latinos como Virgílio, Terêncio, Horácio e outros, feitas pelo personagem Saxo para elucidar os exemplos dados a Franco em meio à disputa destacam uma das marcas do Renascimento Carolíngio, que é a valorização da literatura clássica. Dessa forma encontramos na *Ars Grammatica* trechos como este:

<p><b>MAG.</b> <i>Quatuor sunt differentiae vocis: articulata, inarticulata; litterata, illitterata. Articulata est, quae copulata atque coarctata cum sensu profertur, ut: Arma virumque cano... Inarticulata, quae a nullo sensu proficiscitur, ut crepitus, mugitus. Litterata, quae scribi potest; illitterata, quae scribi non potest.</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Existem quatro tipos diferentes de voz: articulada, inarticulada; letrada e iletrada. A voz articulada é, aquela que se apresenta, associada e ajustada com o sentido, como em: "Arma virumque cano..." [Canto as armas e o homem - Virgílio, <i>Eneida</i>, I, I]. A voz inarticulada, a qual não parte de nenhum sentido, como o crepitar, o mugir. A voz letrada é aquela que se pode escrever. E a voz iletrada, a que não se pode escrever.</p>
---	---

E assim como os dados gramaticais que ela apresenta pressupõem o domínio de uma dada *ars* elementar, também os dados literários já pressupõem o conhecimento de determinados textos clássicos por parte dos leitores, ainda que muitos deles sejam lugares-comuns” no contexto dos *exempla* gramaticais. Para além de Saxo e Franco, há ainda um terceiro personagem: o *magister Albinus*, um moderador da *disputatio*, que é questionado algumas vezes no decorrer do texto. Segundo Swiggers (2004, p. 149), é este personagem que dá o ponto de partida para a *disputatio*, ao tratar sobre a *littera* e sua contraparte oral, a *vox*, que é a causa da existência das letras.

Então, o mestre se afasta para dar liberdade aos seus dois discípulos. Porque sua *disputatio - per interrogationes et responsiones* - é um *ludus*, não só pela encenação, mas também porque o autor - com o objetivo de dar mais vivacidade ao diálogo e manter o espírito do leitor - pinta nossos dois jovens como concorrentes (em termos de conhecimento gramatical). Daí as trocas lúdicas entre Franco ansioso por extrair o excedente de ciência de Saxo, que é acusado de entregar com relutância trechos de seu conhecimento. Esse toque lúdico pontua o argumento e permite à Alcuíno apresentar assuntos que se enquadrem em informações mais avançadas (ou superiores). (Swiggers, 2004, p. 149, tradução nossa)

Todavia, antes de nos aprofundamos nessas nuances da obra de Alcuíno, faz-se necessário entendermos que eventos levaram o *scholasticus* saxão da Nortúmbria em direção ao continente europeu para tornar-se professor na corte do mais poderoso soberano franco.

### 1.1. DA QUEDA DE ROMA AO IMPÉRIO CAROLÍNGIO

Uma breve introdução às origens do Império Carolíngio constitui-se como um aspecto fundamental para contextualização histórica deste exame. Nesse sentido, procuramos destacar alguns dos eventos históricos que levaram à ascensão de Carlos Magno (742-814) ao poder. Para tanto, é necessário retrocedermos até as “ruínas” de um “império” que o precedeu.

Em 476, a instabilidade causada na unidade político-cultural de Roma pela desagregação do império, somada a fatores como, por exemplo, a ascensão do cristianismo, as revoltas militares, as rebeliões de escravos e as sucessivas invasões bárbaras tiveram como desfecho a “queda” do Império Romano (Arruda, 1985; Le Goff, 2005).

De acordo com Le Goff (2005, p. 20), grande parte destes fatores de desestabilização têm início no século III. Nesse intervalo de tempo, veremos não somente a Anarquia Militar (235-268); um período de caos político, econômico, militar e administrativo; caracterizado pela morte e a troca constante de imperadores, forte inflação econômica e ruralização do império. Mas também a ascensão dos Imperadores Ilírios (268-284), que ao tentarem solucionar os problemas criados durante o período anárquico implementaram medidas relacionadas tanto ao propiciamento da ascensão cristã quanto da divisão administrativa do Império Romano.

Segundo Arruda (1985, p. 273), durante um período de dois séculos, os cristãos sofreram inúmeras perseguições, primeiramente de maneira esporádica por parte da população romana, que os via com desconfiança e, em seguida, de forma sistemática por parte de alguns imperadores.

O historiador (1985, p. 273) ainda nos afirma que o imperador Nero (37-68) foi o responsável pela primeira perseguição sistematizada aos cristãos, ao culpá-los pelo incêndio de Roma, no ano 64. Seguido, ao longo dos anos, sempre que uma calamidade acometia o império, por seus pares: Domiciano, Trajano, Marco Aurélio, Septímio Severo, Maximino da Trácia, Décio, Aureliano, Valeriano e Diocleciano.

Sob Constantino, o Cristianismo passa a ser visto como uma religião oficial. E por um curto período, houve iniciativas para restabelecer os antigos ideais pagãos. Porém, essa situação mudaria, pois "a vitória total do cristianismo deu-se na época do imperador Teodósio, no final do século IV." (Funari, 2001, p. 132).

Com a expansão do cristianismo, a Igreja adotou como modelo de sua administração a própria organização do Império Romano. A unidade principal da administração era a província. O bispo mandava na província. Para ajudá-lo na administração e nas funções sacerdotais, indicava diáconos e padres. Já no século II, foram criadas escolas para a formação de padres e diáconos. (Arruda, 1985, p. 276)

É possível afirmar que o estabelecimento dessas escolas eclesiásticas contribuíram para formação do clero secular, que, por sua vez, caracterizou uma transformação profunda no cristianismo, já que antes este era professado em catacumbas por homens simples, mas agora havia bispos, diáconos e lugares suntuosos exclusivamente dedicados a isso, ou seja, o culto cristão ganhou características de uma religião sistematizada. Todavia, de acordo com Arruda (1985, p. 276), alguns homens ainda apegados ao martírio e às práticas do cristianismo primitivo se retiraram para os desertos, dando origem as práticas monásticas. Dentre estes monges é válido destacar São Basílio, Bispo de Cesareia, fundador do cenobitismo, cuja prática de reunir os monges para morarem juntos num só lugar daria origem aos mosteiros, instituições estas que posteriormente exerceriam um importante papel tanto na conservação das obras do período clássico quanto na difusão do ensino e do cristianismo na Europa.

Em 395, com a morte de Teodósio, Roma se dividiu em dois impérios: o oriental e o ocidental. Nesse sentido, cabe ressaltar que os fatores descritos como causas do declínio referem-se majoritariamente à parte ocidental do Império Romano.

E gradualmente, devido a fatores de diversas ordens (econômicos, militares, políticos), a estrutura social do antigo império se enfraqueceu. Isto é, a soma das crises econômicas, do caos dentre os militares, da instabilidade política, do declínio do sistema escravagista e da ineficiência administrativa se refletem em um império combalido que, pouco a pouco, não mais se sustentará de pé (Arruda, 1985; Le Goff, 2005).

Em 476 ocorreu um episódio que passou quase despercebido. Um romano da Panônia, Orestes, que fora secretário de Átila, depois da morte de seu chefe reúne alguns remanescentes de seu exército — esquires, hérulos, turcilíngios, rúgios - e os coloca a serviço do Império na Itália. Tornando-se chefe da milícia, aproveita para depor o Imperador Júlio Nepos e proclama para substituí-lo, em 475, seu jovem filho Rômulo. No ano seguinte, porém, o filho de outro favorito de Átila, o esquire Odoacro, à frente de outro grupo de bárbaros, levanta-se contra Orestes, mata-o, depõe o jovem Rômulo e envia as insígnias do imperador do Ocidente a Constantinopla, para o Imperador Zenão. (Le Goff, 2007, p. 30)

O mapa do Ocidente é redesenhado, não vemos mais nele o desenho de um império, mas de inúmeros reinos bárbaros fragmentários. Assim, como nos aponta Le Goff (2007, p. 30), com os anglo-saxões na Grã-Bretanha isolados do continente, os francos na Gália, os burgúndios na Savoia, os visigodos na Espanha, os vândalos no norte da África e os ostrogodos na Itália.

Esse definitivo colapso político-militar-administrativo da porção ocidental do Império pôs termo a um universo histórico-cultural extraordinariamente grandioso e duradouro. A Antiguidade clássica desmoronava, e a porção ocidental do mundo romano testemunhou esse golpe fatal sobre a mais formidável unidade civilizacional existente. (Dawson, 2016, p. 10)

Tal acontecimento não só colocou fim ao período conhecido como Antiguidade, mas também marcou a transição que deu início a chamada Idade Média. É, neste período, que a síntese do legado romano com a cultura bárbara catalisada pelo cristianismo dará origem a sociedade europeia ocidental.

Nesse mundo em transformação, a penetração germânica intensificou as tendências estruturais anteriores, mas sem alterá-las. Foi o caso da pluralidade política substituindo a unidade romana, da concepção de obrigações recíprocas entre chefe e guerreiros, do deslocamento para o norte do eixo de gravidade do Ocidente, que perdia seu caráter mediterrânico. O cristianismo, por sua vez, foi o elemento que possibilitou a articulação entre romanos e germanos, o elemento que, ao fazer a síntese daquelas duas sociedades, forjou a unidade espiritual, essencial para a civilização medieval. (Franco Júnior, 2002, p. 15-16)

Cabe ressaltar que a “Queda de Roma”, enquanto acontecimento não foi uma mudança abrupta do *status quo*, pois devido ao processo de aculturação, ao longo dos séculos, os povos “bárbaros” já não eram mais os mesmos das primeiras incursões e já haviam absorvido muito tanto de Roma quanto de outros povos. Conforme afirma Le Goff (2007):

No entanto, a aculturação entre os dois grupos foi desde o início favorecida por certas circunstâncias. Os bárbaros que se instalaram no Império Romano no século V não eram aqueles povos jovens, mas selvagens, recém-saídos de suas florestas ou de suas estepes, descritos por seus detratores da época ou seus admiradores modernos. Tinham evoluído muito com seus deslocamentos, muitas vezes seculares, que acabaram por lançá-los no mundo romano. Tinham visto muito, aprendido muito e incorporado bastante. Seus caminhos os levaram a contatos com culturas e civilizações das quais absorveram costumes, artes e técnicas. Direta ou indiretamente, a maioria deles havia sofrido influência das culturas asiáticas, do mundo iraniano e do próprio mundo greco-romano, principalmente em sua parte oriental, que, em vias de tornar-se bizantina, continuava sendo a mais rica e mais brilhante. (Le Goff, 2007, p. 25)

Desta forma, eles deram continuidade ao legado romano mesmo após os acontecimentos de 4 de setembro de 476.

Segundo o historiador Marcelo Silva (2008) afirma:

Muito embora o Império Romano do Ocidente não existisse mais como entidade política, a influência do Império no Ocidente não havia desaparecido por completo. O fato de Odoacro ter enviado ao Oriente as insígnias do poder imperial e ter reclamado ao imperador Zenon o grau de patrício, mostra que o Império não era uma mera ficção para os homens do final do século V. (Silva, 2008, p. 55)

## 1.2 DE CLÓVIS E O REINO FRANCO A CARLOS MAGNO E O IMPÉRIO CAROLÍNGIO

Neste contexto, regidos por Clóvis (465-511), os francos, uma coligação de povos que compuseram os grupos de bárbaros federados ao Império Romano, têm um importante papel, pois estes lançaram as bases para estabelecer um novo controle hegemônico da Europa, não somente por expandirem seu território ao invadirem a Gália, após triunfar sobre os romanos<sup>2</sup> comandados por Siágrio em 486, expulsando os visigodos e reivindicando para si a Aquitânia e absorvendo os territórios burgúndios no processo, mas também ao se converterem ao

---

<sup>2</sup> Vale salientar que alguns estudiosos questionam a tese de Le Goff de um conflito entre francos e romanos. Por exemplo, para Silva (2008, p. 45-47), Clóvis (481-511) herdara do pai Childerico (437-481), que foi um rei bárbaro federado, o título de administrador da Bélgica Segunda. Desta maneira, o rei franco possuía legitimidade enquanto soberano também ante a população galo-romana maioria naquela região e que se uniu a ele em detrimento das reivindicações de Siágrio "[...] um funcionário romano que se proclamou rei e que era provavelmente um usurpador, visto que não há nenhuma referência a uma suposta dignidade hierárquica sua em qualquer fonte imperial." (Silva, 2008, p. 49).



cristianismo católico em detrimento do arianismo<sup>3</sup>, uma doutrina cristã considerada herege, entre 497 e 507.

Conforme o historiador francês Jacques Le Goff:

O golpe de mestre de Clóvis foi o de se converter, com seu povo, não ao arianismo, como os demais reis bárbaros, mas ao catolicismo. Com isto pôde jogar a cartada religiosa e beneficiar-se do apoio, senão do papado ainda fraco, ao menos do poder da hierarquia católica e do não menos poderoso monaquismo. (Le Goff, 2005, p. 32)

Desta forma, então, Clóvis conseguiu cessar as tensões existentes entre os invasores francos e os povos latinizados da Gália.

A estabilidade trazida à região junto as políticas de expansão e conquista proporcionaram a criação do Reino Franco e o estabelecimento da dinastia Merovíngia (511-751).

As ligações de Clóvis com a Igreja fortaleciam o poder real. Os bispados serviam de base para organizar a administração do reino. A exploração dos grandes domínios fornecia recursos ao Estado. Uma série de funcionários participava da direção desses domínios e da gerência dos negócios do reino. Os principais eram: os referendários, os camareiros, os condestáveis e os marechais; para chefiá-los havia o senescal; acima dele, surgiu mais tarde o mestre do palácio. Nas províncias, o rei nomeava os condes, funcionários que dirigiam os condados. (Arruda, 1985, p. 328)

Segundo Dawson (2016, p. 105), esse processo de assimilação dos francos foi favorecido por dois fatores importantes. Primeiramente, pela ausência de uma barreira religiosa entre os francos e os galo-romanos, uma vez que os francos eram católicos e não arianos como os godos, vândalos e lombardos. Em segundo lugar, diferentemente dos godos, os francos permaneceram em contato com outros povos germânicos e não isolados, de modo que, durante o século VI, puderam estender os seus domínios tanto para o leste (Suábia) quanto para o sul (Aquitânia).

O resultado foi que o reino dos francos se tornou o centro em direção ao qual todas as forças vivas da cultura ocidental passaram a convergir: o lugar de encontro dos elementos latinos e germânicos, entre influências mediterrâneas e atlânticas. Na "França", como podemos agora chamar esse espaço, monges irlandeses e anglo-saxões se encontraram com pares franceses e espanhóis, e

---

<sup>3</sup> [...] de autoria do Bispo Ário, de Alexandria. Ário pregava que Cristo não era Deus e, portanto, não era igual ao Pai. Essa ideia deu origem a outras heresias, como a do nestorianismo, que negava a natureza divina de Cristo e, em consequência, não considerava a Virgem Maria como a mãe de Deus. Outras heresias foram: o gnosticismo, o maniqueísmo, o milenarismo etc. (Arruda, 1985, p. 275)

comerciantes da Síria se encontravam com os mercadores frísios que comerciavam com a Inglaterra e com o Báltico. (Dawson, 2016, p. 105)

Contudo, após a morte de Clóvis em 511, o rompimento de tal coesão será causado pelo mecanismo de sucessão hereditária, que provocou inúmeras disputas no interior do Reino Franco e a sua subsequente fragmentação em novos reinos menores e mais fracos (Aquitânia, Austrásia, Borgonha e Nêustria.).

A unificação desses reinos fragmentários sob um único governante só seria obtida novamente de maneira definitiva em 614, com a ascensão de Clotário II (584 – 629) ao poder.

Os francos já não são, então, os únicos ortodoxos da Cristandade ocidental. Visigodos e lombardos abandonaram o arianismo pelo catolicismo; o Papa Gregório Magno (590-604) empreendeu a conversão dos anglo-saxões confiada ao Padre Agostinho e a seus companheiros; a primeira metade do século VIII, graças a Willibrord e Bonifácio, vê o catolicismo penetrar na Frísia e na Germânia. (Le Goff, 2005, p. 32)

Todavia, com o passar dos anos, os monarcas merovíngios deram início a um processo de declínio gradual do seu próprio poder ao adotarem a prática de delegar a administração do reino aos prefeitos dos palácios. Tal atitude revelar-se-ia equivocada, pois viabilizou não somente a deposição da linhagem de Meroveu, mas também a ascensão de uma nova dinastia igualmente baseada nos laços hereditários, porém, agora, ligada aos herdeiros do cargo palaciano.

O poder dos merovíngios enfraquecera-se pouco a pouco durante o século VII; os reis, despossuídos do poder, que eram chamados de "reis inúteis" e, na época moderna, de "reis preguiçosos", abandonaram o poder ao chefe da administração, o prefeito do palácio [...]. No século VIII, os prefeitos do palácio eram escolhidos na família dos Pippinides, originários da região de Liège, e sua função tornara-se hereditária. (Le Goff, 2007, p. 50)

Nesse interim, durante o século VII, além do Cristianismo, o Islamismo era outra religião cujos fiéis procuravam expandir seu domínio sobre os territórios do continente europeu. Já tendo conquistado a hegemonia da península Ibérica, os muçulmanos direcionaram suas investidas para Gália (Le Goff, 2007).

No entanto, segundo Le Goff (2007, p. 50), encontraram forte resistência por parte dos francos, que eram liderados por Carlos Martel (690 - 741), filho e sucessor de Pepino de Herstal (635-715), que antes fora o prefeito de palácio do reino da Austrásia. Este fato ajudou na fundação da dinastia carolíngia, a partir do momento em que Carlos ganha a alcunha

Martel (Martelo) e passa a ser reconhecido pelo povo como o verdadeiro governante ao retornar com a vitória, que rechaçou os islâmicos, na Batalha de Poitiers em 732.

De acordo com Le Goff (2005, p. 32), após a morte do pai, o filho de Carlos Martel, Pepino o Breve, será o responsável tanto pela deposição de Childerico III da dinastia merovíngia quanto pelo real estabelecimento da dinastia Carolíngia (751-987) no poder, ao reclamar a legitimidade do trono para si.

Pepino, por ocupar o cargo de prefeito do palácio, que antes fora de seu pai, utiliza sua autoridade política para angariar o apoio do Papa nesta questão, ao reconhecer o poder temporal do Papa sobre as áreas em torno de Roma baseado unicamente na Doação de Constantino, que foi um documento fraudado forjado pela igreja entre 756 e 760. Assim, Pepino é coroado em Soissons no ano de 751.

Em 754, Pepino repetiu a cerimônia de coroação real, mas em Saint-Denis e com a presença papal. Este acontecimento reforçou os laços entre os francos e a igreja ao dar início a uma concepção sacralizada da figura do rei (Le Goff, 2007, p.50).

A relação simbiótica criada a partir daí tinha um duplo papel, pois a égide do papa revestia o rei com a capa de defensor da cristandade aumentando sua legitimidade monárquica ao mesmo tempo em que dotava a igreja com a proteção de um poderoso braço armado.

Mantida a sucessão de comando por via hereditária, conforme o costume franco, os filhos de Pepino, Carlos (742-814) e Carlomano (751-771) herdaram os poderes do pai.

Entretanto, diferentemente das costumeiras querelas internas que eclodiam logo após a partida de um governante franco, a morte do irmão, pouco tempo depois, permitiu a Carlos Magno manter a unidade do poder.

O soberano carolíngio, logo, implementa uma intensa campanha de cristianização e conquista, anexando territórios e reprimindo povos pagãos como, por exemplo, os saxões e os ávaros. No caminho, este encontra forte resistência dos muçulmanos ainda postados ao sul da Gália. A aliança vigente com o papado levou Carlos a derrotar os lombardos a fim de proteger o bispo de Roma, que, logo após tal feito, no natal do ano 800, coroa o como imperador.

Logo, no ritual de coroação, temos uma espécie de constitucionalismo teocrático implícito, gradualmente elaborado no transcorrer da evolução do Estado medieval. Tanto o sacerdote quanto o rei eram membros e ministros da mesma sociedade cristã; ambos eram tidos como igualmente consagrados por Deus para seus cargos, um para ensinar e oferecer sacrifício, o outro para governar e julgar. (Dawson, 2016, p. 113)

Alcançada a estabilidade interna, de acordo com Law (2003, p. 141), Carlos Magno deu início a um importante projeto cultural.

### 1.3 A RENASCENÇA CAROLÍNGIA

A coroação imperial de Carlos Magno, assim na ideia do papado que tinha imaginado como no espírito de Carlos Magno, que aceitara passivamente, era essencialmente uma volta ao passado, um esforço de ressurreição do Império Romano [...]. (Le Goff, 2007, p. 53)

Nesse sentido, assim como seus pares da Roma antiga, ao lidar com inimigos externos e internos, Carlos Magno procurou resolver suas questões com os primeiros por meio da espada e com os últimos por meio da pena. Isto é, por meio do fomento a cultura ele procurou apaziguar as divisões internas implementado políticas que visavam a unificação nos mais diversos campos da sociedade: língua, finanças, legislação, educação, produção agrícola, etc.

Assim, a educação torna-se crucial para a administração carolíngia. E, deste modo, Carlos Magno procura munir-se com os melhores estudiosos que a Europa poderia prover.

Carlos Magno, quando não se preocupava com campanhas militares, via-se como patrono da vida intelectual, como o imperador Augusto nos dias mais gloriosos da Roma antiga. Ele gradualmente reuniu todos os principais estudiosos da Europa em sua corte em Aachen (Aix-la-Chapelle): Pedro de Pisa e Paulo, o Diácono (Paulus Diaconus) da Itália; Teodulfo de Orleães da Espanha; vários estudiosos da Irlanda; e, mais importante para a história da linguística, Alcuíno de York da Inglaterra. (Law, 2003, p. 140, tradução nossa)

O iletrado soberano carolíngio procurou promover o aprendizado do latim ao compreender que, para os romanos, a escrita e a língua latina foram instrumentos fundamentais para uma administração eficiente de seu vasto império. Sendo que esta língua para ele também servia de dois modos aos seus propósitos políticos imperialistas: o primeiro, como ferramenta administrativa de um império em franca expansão, e o segundo por se tratar da língua da igreja, ou seja, o idioma de seu principal aliado e conseqüentemente a língua em que a fé católica era professada, servindo, assim, como um importante instrumento para conversão ao cristianismo dos povos conquistados.

A Igreja, único denominador comum em um reino tão heterogêneo e repositório das tradições clássica e cristã, era o meio obviamente necessário para realizar o programa educacional que deveria fornecer executivos experientes. (Reynolds, L. D.; Wilson, N. G. 1991, p. 94, tradução nossa)

Desta maneira, logo pode-se notar que Carlos Magno vislumbrava uma unificação total somente exequível sob a forma de um projeto de caráter político-cultural, baseado em princípios cristãos.

A série de reformas empreendida por Carlos Magno, no sentido de promover a uniformidade e a padronização administrativa necessárias, possibilitou o estreitamento dos laços de unidade entre os diversos povos e áreas que compreendiam o Império Carolíngio.

O primeiro elemento foi o esboço de uma unificação jurídica. Carlos Magno publicou editos para todo o território do império, regras relativas aos grandes domínios de governo que se aplicavam em toda parte e a todos. Aos grandes domínios rurais, ao ensino, à legislação, às divisões do reino, aos enviados do imperador chamados *missi dominici*. São os *capitulares*. (Le Goff, 2007, p. 54-55)

Ainda, segundo Le Goff (2007, p. 60), dentre as reformas implementadas pelo soberano carolíngio e seus estudiosos, a promoção da minúscula carolina, foi responsável por tornar a leitura e a escrita de textos mutuamente intelegível. Adiciona-se também a isso a introdução da pontuação por Alcuíno. Medida crucial não só para melhorar a eficiência, mas também para ampliação da comunicação escrita.

No entanto, tão importante quanto a padronização da escrita seriam as medidas de acesso ao aprendizado desta.

Nesse sentido, Law (2003, p. 140) destaca que sob a pressão de Carlos Magno todos os bispos foram obrigados a criar nas suas dioceses escolas abertas a qualquer pessoa que pudesse beneficiar-se da educação.

Em 23 de março de 789, o imperador promulga a capitular *Admonitio generalis*, tal medida deu início a um longo processo de ampliação do acesso a educação e a cultura letrada para além dos muros dos mosteiros. Porém, para tanto, Carlos Magno, mais uma vez necessitou empreender uma unificação.

#### 1.4 A REGRA DE SÃO BENTO E A UNIFICAÇÃO MONÁSTICA

O florescimento do monaquismo, anteriormente, foi o que permitiu uma rápida conversão dos povos bárbaros e o reestabelecimento do cristianismo como uma religião comum a todos. Entretanto, muitas dessas ordens ainda utilizavam regras que empregavam

tradicionalmente desde sua fundação, resultando em muitos modos de prática coexistindo lado a lado (Arruda, 1985).

Essa diversidade de regimes internos nos mosteiros fomentava divergências de entendimento que causavam problemas similares aos causados pelas diferenças existentes em outras áreas. Como os planos de unificação de Carlos dependiam fundamentalmente das ordens eclesiásticas, isso afetava diretamente a administração e a estabilidade do império.

Dessa forma, os esforços carolíngios se concentraram na uniformização da Bíblia e em renovar a regra de São Bento de Núrsia para padronizar a vida nos mosteiros. Sob os auspícios de Carlos Magno essas instituições adquiriram um papel central no fomento da cultura escrita e na difusão do conhecimento pelo império.

A introdução compulsória da regra de São Bento nos mosteiros desempenhou um papel crucial na organização das atividades exercidas pelos monges ditando um novo ritmo para execução das tarefas, das orações e dos períodos de ócio.

A Regra de São Bento marca a assimilação final da instituição monástica ao espírito romano e à tradição da Igreja no Ocidente. Sua concepção de vida monástica é essencialmente social e cooperativa - como uma disciplina da vida comum; "a escola onde servimos o Senhor" . Ela difere das regras mais antigas em seu caráter acentuadamente prático, sua regulação dos detalhes da vida, dos trabalhos comuns e sua preocupação com a economia monástica. A Regra afirma que "o mosteiro deve estar arranjado de tal forma que todas as coisas necessárias, como o moinho de água, os jardins, hortas e oficinas se localizem dentro de sua área ". De fato, a abadia beneditina era um organismo econômico autocontido, semelhante à vila do proprietário romano, exceto pelo fato fundamental de serem os monges a exercer - eles mesmos - as funções e atividades produtivas. (Dawson, 2016, p. 74)

Todavia, conforme, Le Goff (2007, p. 44), esta reorganização, principalmente do tempo, se espraiava para além dos mosteiros, já que os sinos tocados pelos monges permitiam que as horas fossem ouvidas por todos. Deste modo, a informação era transmitida a longas distâncias e, assim, as horas monásticas influíam também no ritmo de trabalho na cidade e no campo.

Os monges dividiam-se em inúmeros trabalhos internos voltados à manutenção do mosteiro, desta maneira, ainda que influíssem nela diretamente pelo toque dos sinos, procuravam evitar ao máximo o contato com a externalidade. Cozinhar, limpar, plantar, colher e todo o tipo de trabalho braçal eram tidos em alta conta por se tratarem de atividades essenciais a sobrevivência das mais diferentes ordens monásticas existentes.

Segundo Beccari (2013, p.59), com a adoção da regra de São Bento, no entanto, introduziu-se nos mosteiros este mesmo *status* para o trabalho intelectual, dotando-o de igual importância na ordem do dia. Além disso, tal concepção impulsionou a produção intelectual de comentários e gramáticas por parte desses monges no decorrer da Alta Idade Média.

Embora a estrutura política do império tenha durado menos de um século, seu trabalho de unificação cultural e religiosa permaneceu como fundação permanente para todos os desenvolvimentos medievais posteriores. Até que ponto o período carolíngio definiu os termos da cultura medieval pode ser visto de forma muito clara no caso da liturgia, já que a reforma litúrgica imposta por Carlos Magno levou à introdução de um rito comum por toda a Europa ocidental. O rito romano, como era conhecido por toda a Idade Média, foi o rito oficial do Império Carolíngio e representa a fusão dos elementos romanos e gálicos resultantes da revisão dos livros litúrgicos realizada por Alcuíno e seus companheiros. (Dawson, 2016, p. 92)

## 1.5 OS MONASTÉRIOS E A REDESCOBERTA DA CULTURA CLÁSSICA

As atividades de traduzir e de copiar desenvolvidas nos *scriptoria* fizeram com que os mosteiros criassem um vasto acervo de obras. Tornando-os depositários da cultura e literatura clássica.

Os centros monásticos estavam destinados, muitas vezes a contragosto, a desempenhar o papel principal na preservação e transmissão do que restava da antiguidade pagã; também através das escolas e bibliotecas anexas às grandes catedrais, pode-se traçar o fio de sua descendência, geralmente mais fino, mas às vezes vital. (Reynolds, L. D.; Wilson, N. G. 1991, p. 82, tradução nossa)

Como ressalta Law (2003, p. 141), os monges reunidos por Carlos Magno redescobriram uma série de autores clássicos há muito esquecidos. Alguns desses achados envolviam os historiadores Suetônio e Lívio, os poetas Ovídio, Juvenal e, posteriormente, Horácio.

Além disso, Law afirma que:

Cheios de nostalgia do passado romano, Carlos Magno, Alcuíno e seus colegas adotaram nomes clássicos e compuseram poesias inspiradas nos escritos dos antigos. À medida que se esforçavam para imitar as complexidades sintáticas e estilísticas dos escritores mais talentosos da Roma antiga, eles se conscientizaram de aspectos do latim que antes passavam despercebidos. (Law, 2003, p. 141, tradução nossa)

Law (2003, p. 141) sugere que este entusiasmo pelo mundo antigo modificou a atitude dos estudiosos carolíngios em relação às gramáticas elementares insulares das gerações anteriores.

O gênero da gramática pedagógica insular é o resultado de um trabalho de recortes, colagens, paráfrases e reorganização do material oriundo de fontes gramaticais essencialmente da Antiguidade tardia – principalmente de Donato, mas, no período carolíngio, também das *Institutiones* e dos outros textos gramaticais de Prisciano. (Beccari, 2013, p.63)

Durante este período, para além das obras de Donato os monges redescobrem os trabalhos de Agostinho de Hipona, Audax, Scaurus e Dositheu (Law, 2003). Law (2003, p. 143) ressalta que as descobertas feitas pelos escribas carolíngios foram fundamentais para transmissão das gramáticas latinas da Antiguidade tardia. Dentre todos esses gramáticos antigos redescobertos durante a Renascença Carolíngia, Prisciano foi o que exerceu o impacto mais duradouro devido à recuperação de sua obra: *Institutiones grammaticae*.

Outrossim, a influência de Donato não pode ser desprezada, já que, segundo Law (2003, p.141), muitos desses estudiosos carolíngios também foram instruídos inicialmente no estudo da língua latina por sua *Ars minor*.

Nesse sentido, cabe destacar que a estrutura dialógica de exposição das partes do discurso comumente adotada na obra de Donato, por exemplo, exercerá grande influência na *Ars Grammatica* desenvolvida posteriormente por Alcuíno para o ensino do latim na corte carolíngia.

## 1.6 A DECADÊNCIA CULTURAL DA GÁLIA E OS MONGES ANGLO-SAXÕES

Da mesma forma que seu pai e seu avô, o próprio Carlos fora um poderoso guerreiro diante do Senhor. Sua espada, em vez de sua prerrogativa religiosa, criou o novo império. No entanto, ele foi inspirado de forma ainda mais abrangente que seus predecessores pelos ideais dos monges e dos sábios das leis que reuniu em sua corte, de onde recrutava seus conselheiros, ministros e oficiais. (Dawson, 2016, p. 110-111)

O motivo de Carlos Magno voltar-se para o exterior a procura de estudiosos é motivado pela decadência cultural que se instalou na região da Gália nos séculos anteriores, ao ponto de a educação ter quase desaparecido, durante o século VI, nesta região, já que os monges letrados limitavam-se ao ensino e a leitura das escrituras para apenas alguns poucos.



Porém, do outro lado do que séculos depois viria a ser o Canal da Mancha, a cultura clássica firmou raízes tão profundas, que produziu frutos em grande quantidade.

Retrocedemos novamente alguns séculos antes da ascensão de Carlos Magno ao poder para explicarmos como se dá o processo de preservação da cultura clássica, não na romanizada Gália, mas, na predominantemente bárbara, Grã-Bretanha.

Tendo sido conquistada pelos Romanos, ainda no período do império, diferentemente da Gália, a região conhecida por estes como *Britannia* não foi tão profundamente romanizada devido à forte resistência exercida pelos saxões, escoceses e outros povos que habitavam a ilha.

Nesse sentido, ainda que alguns povos tenham sido cristianizados e que uma certa administração romana tenha se estabelecido, o processo de assimilação da cultura romana pelos povos bárbaros ali presentes nunca foi efetivamente concluído como nas regiões continentais.

No entanto, passado aproximadamente um século da “queda” de Roma, segundo afirma Gilson (1995, p.213-214), em meio ao esforço de cristianização dos povos anglo-saxões, por parte da igreja, missionários cristãos foram enviados para as ilhas da Grã-Bretanha. Assim, a chegada de Agostinho, um monge beneditino italiano, como enviado do papa Gregório, que teria se dado por volta do ano 596, introduz o cristianismo romano e o estudo gramatical nas ilhas britânicas.

O sucesso da missão de evangelização fez com que o papa consagrasse o missionário como o primeiro bispo da Cantuária. Tal acontecimento reforçou perante Roma a ideia de que os missionários deveriam ser capazes não somente de evangelizar, mas também de ensinar a língua da igreja aos pagãos, já que o passo seguinte no esforço de cristianização requeria a formação de um clero nativo capaz de realizar as cerimônias em língua latina por si próprios.

Com tal intuito, chegam a Grã-Bretanha o monge grego Teodoro e o africano Adriano, estes possuidores de profunda erudição introduzem, junto ao estudo bíblico, o estudo do grego, da métrica, da astronomia e do computo eclesiástico dentre os novos monges em formação.

Segundo Wright (2000, p. 505), parte do conhecimento geral na prática de ensinar e aprender latim como língua estrangeira foi fornecido por Teodoro; que trouxe consigo algumas obras gramaticais latinas mais elementares compiladas, como o breve extrato de Prisciano conhecido como: *Institutio de nomine et pronomine et verbo*.

Nesse interim, conforme afirma Gilson (1995, p. 219) após receber terras do rei Egfrid, na região da Nortúmbria. Bento Biscop um monge contemporâneo de Teodoro e

Adriano, que recolhera inúmeros livros em meio a suas idas e vindas de Roma, funda dois mosteiros dedicados a São Pedro e São Paulo, situados em Wearmouth e em Jarrow, respectivamente. A extensa biblioteca formada por Biscop neste último terá um profundo impacto na erudição dos futuros monges saxões, que serão ali formados.

Law (2003, p. 126) nos lembra que, para a maioria destes alunos medievais, o conhecimento do latim foi inicialmente através da palavra falada, pois os livros eram escassos e normalmente não eram colocados nas mãos das crianças pequenas. A autora (2003, p.125-126) também aponta um outro problema enfrentado pelos missionários, em terras estrangeiras, eles se viram obrigados a providenciar não somente a instrução doutrinal, mas também a instrução linguística dos povos convertidos.

Nesse sentido, era fácil ensiná-los a recitar salmos e orações na igreja. Porém, outra questão bem diferente era ensinar esses povos falantes nativos de idiomas tão diversos como, por exemplo, o irlandês antigo, o inglês antigo, o alto alemão, dentre outros, latim suficiente para que estes pudessem entender a linguagem complexa dos teólogos e doutores da igreja e, não somente isso, mas também serem capazes de escrever em latim por eles mesmos.

Dessa maneira, segundo Law (2003, p. 126) a *Ars minor* de Donato serviu de base para o ensino de latim, mas estava longe de ser ideal para o ensino de estrangeiros. Porém, esta tinha a vantagem de transmitir definições e descrições de fenômenos gramaticais básicos de maneira concisa sob a forma de perguntas e respostas pedagogicamente convenientes; todavia ainda supunha um conhecimento da morfologia latina por parte dos estudantes.

Deste modo, a abordagem adotada pelos missionários foi suplementar a exposição passiva ao latim nas igrejas com o estudo sistemático de gramáticas descritivas e textos de latim como língua estrangeira, que reunia o material que faltava a *Ars Minor* em tratados independentes.

Ainda de acordo com Law (2003, p. 129) também houve quem ousasse experimentar e, para além da produção de obras complementares, começaram a introduzir pequenas modificações na obra de Donato. Tal estratégia foi capaz de, concomitantemente, promover tanto a fé cristã quanto a introdução de rudimentos da cultura latina na ilha.

Dessa maneira, segundo Dawson (2016, p. 78) surge uma cultura cristã autônoma, que se concentra nos mosteiros permeando a vida das pessoas ao entorno através da sua influência educacional e religiosa. Segundo o autor, não se tratava mais de uma questão de bárbaros conquistadores afetados pela religião e cultura dos conquistados, a exemplo do que ocorreu com os francos e os godos; mas de uma nova criação, gerada pela assimilação da tradição latino-cristã introjetada nos povos bárbaros nativos desta ilha.

Por conseguinte, o processo de assimilação da língua e da cultura latina pelos anglo-saxões se deu de um modo tão eficaz, que passado pouco mais de um século, agora, eram eles quem deixavam as ilhas britânicas rumo ao continente como missionários procurando evangelizar e ensinar as escrituras aos outros povos pagãos (Gilson, 1995).

Nesse sentido, Gilson (1995, p. 216-217) destaca a figura do monge Winfrid (675-754), o evangelizador dos saxões e primeiro bispo da Germânia.

Sua missão na Alemanha não representou uma aventura espiritual isolada, como fora o caso das realizações de seus predecessores celtas; mas compreendeu parte de um programa visionário e planejado de construção e reforma, segundo os métodos da arte de governo da tradição romana. Esse projeto envolvia uma tripla aliança entre os missionários anglo-saxões, o papado e a família de Carlos Martelo, governantes de fato do reino franco, um conjunto de forças a partir do qual o Império Carolíngio e a cultura carolíngia emergiram. (Dawson, 2016, p. 90)

O monge anglo-saxão, posteriormente canonizado como São Bonifácio da Germania, era também um gramático, e escreveu, ainda em terras britânicas, trabalhos sobre o tema: *De octo partibus orationis*. Este também produziu um tratado sobre métrica: *De metris*. (Gilson, 1995, p. 218)

Winfried, arcebispo de Mogúncia, que criou numerosos bispados entre os quais Salzburgo, Ratisbona, Passau; e sobretudo seu discípulo Sturm fundou, por incentivo dele, em 744, a abadia de Fulda, no Hesse, onde foi enterrado. Foi massacrado pelos frísios pagãos durante uma missão em 755. (Le Goff, 2007, p. 51)

No entanto, antes desses acontecimentos, Winfrid, em 742, foi chamado a Austrásia por Carlomano<sup>4</sup> (706 – 754), irmão de Pepino o Breve, para reorganizar a Igreja em suas terras. Sendo, portanto, um profundo conhecedor da língua latina e da fé cristã, o aguçado olhar do monge saxão se volta não só para decadência moral de seus pares enquanto representantes da igreja, mas também para o mal uso do latim feito por estes no continente.

Em cartas destinadas ao papa Zacarias, Winfrid registra os erros de latim cometidos pelos padres na região da Gália, alguns desses erros eram tão grotescos a ponto de Winfrid questionar ao papa a validade dos ritos promulgados.

Não se podia saber quem era cristão, quem era pagão, nessas Gálias outrora cristãs, em que certos padres não sabiam mais nem mesmo batizar. Devia-se

---

<sup>4</sup> Carlomano (706 -754) foi o prefeito de palácio da Austrásia e o filho mais velho de Carlos Martel e irmão de Pepino o Breve, o qual, posteriormente, dará o mesmo nome do irmão ao seu filho mais novo. Este, então, Carlomano I (751 – 771) filho de Pepino o Breve e irmão de Carlos Magno.

considerar como cristãos, indaga Winfrid, pessoas batizadas *In nomine Patris, et Filiae, et Spiritus Sancti*? Sem dúvida, responde Zacarias em 746; não os rebatize; esse padre não quis batizá-los em nome da "Filha": ele simplesmente não sabe latim. (Gilson, 1995, p. 217)

Neste período, o estudo da exegese bíblica caminhava lado a lado com o estudo da língua latina, e outro saxão, Beda (673-735), aluno de Bento Biscop e portanto criado sob a tutela da *Institutio Puerilis*, não somente translada para o latim a história anglo-saxã, mas também, produz obras no campo da retórica (*De schematibus et tropis*), da métrica (*De arte metrica*), da ortografia (*De orthografia*), do computo eclesiástico (*De temporibus, De temporum ratione, De ratione computi*) e do enciclopedismo (*De rerum natura*). (GILSON, 1995).

Segundo West (1892, p. 31), dentre os amigos mais próximos de Beda, estava Egberto, arcebispo de York e fundador da escola da catedral de York, esta escola possuía uma grande biblioteca. Após 34 anos, Egberto fora substituído por Ethelberto, seu *scholasticus* (mestre da escola), que deu continuidade as políticas de Egberto, depois de sucedê-lo como arcebispo.

De acordo com Gilson (1995, p. 222) será na escola da Catedral de York fundada por Egberto, que o jovem Alcuíno receberá toda a formação que mais tarde seria levada para a França a serviço de Carlos Magno.

Como acontecera à cultura monástica do período inicial da Irlanda cristã, essa rica e multifacetada cultura da Nortúmbria encontrou um fim prematuro devido às invasões vikings do século IX. Contudo, antes de perecer, seu último grande êxito foi poder implantar as sementes da grande revitalização da vida religiosa e da cultura cristã no continente europeu. (Dawson, 2016, p. 89)

## 1.7 ALCUÍNO DE YORK: UM POLÍMATA SAXÃO

Segundo West (1892, p. 31), Alcuíno nasceu aproximadamente em 735 de uma família nobre da Nortúmbria. Ele foi enviado ainda criança para escola fundada por Egberto permanecendo lá até partir para França.

Nesta escola, primeiramente, ele aprendeu a ler, escrever e a memorizar os *Salmos* em latim. Sendo, posteriormente, introduzido aos rudimentos da gramática e das outras artes liberais. Além disso, estudou as *Escrituras Sagradas*. Em 766, Alcuíno sucede Ethelberto como *scholasticus*, após o segundo ser ordenado arcebispo de York devido a morte de Egberto.

West (1892, p. 38) afirma que Alcuíno realizou sucessivas viagens antes de se estabelecer definitivamente no continente. Sua primeira viagem foi feita em companhia de Ethelberto antes de 766 para a França, e talvez, segundo o autor, tenha incluído uma visita a Roma.

Já a sua segunda viagem foi um pouco mais tarde, porém antes de 780. Segundo West (1892, p. 39), é nesta passagem por Pavia, na Itália, que ele conhece aquele que virá a ser seu patrono, Carlos Magno. Esse primeiro encontro aconteceu porque Alcuíno fora ao continente acompanhar o debate público entre Lullus, o judeu, e Pedro de Pisa, então instrutor de gramática de Carlos Magno, atraindo, assim, a atenção do monarca. O segundo encontro aconteceu, posteriormente, em Parma, quando Alcuíno é enviado por Eanbaldo para obter junto ao papa o pálio do arcebispo, este encontro resulta em um convite por parte do soberano carolíngio para que o religioso saxão se juntasse ao grupo de notáveis sob sua égide em Aachen. Alcuíno hesitou, mas prometeu vir caso conseguisse o consentimento de seu arcebispo e do rei de seu próprio país. Ele garantiu seu consentimento e partiu para o palácio de Carlos em Aachen em 782, finalmente desistindo de seu lugar como mestre da escola em York. Sob o comando de Alcuíno a Escola do Palácio, logo, tornou-se um centro de saber e inovação tecnológica a serviço do Império Carolíngio. (Gilson, 1995; Law, 2003; West 1982)

Conforme West (1892, p. 39), sua terceira viagem foi a que decretou a mudança definitiva de York para França.

Alcuíno chegou à corte de Carlos, acompanhado por alguns de seus fiéis alunos de York, e assumiu imediatamente suas funções. Então com quarenta e sete anos de idade, sua erudição e caráter já estavam desenvolvidos e amadurecidos. Sua tarefa iminente não era um desenvolvimento para além do aprendizado que havia recebido em York, mas sua introdução e difusão na França. Para tal tarefa estava admiravelmente equipado, na medida em que trazia consigo todo o prestígio que advinha de ser mestre da melhor escola da cristandade ocidental, e era ainda favorecido pelo fato de que a erudição anglo-saxônica que representava era de um elenco eminentemente prático e, portanto, adequado para educar as mentes dos francos incultos. Ele também era sete anos mais velho que Carlos, uma disparidade de idade suficiente para torná-lo aceitável como conselheiro e guia erudito do rei, e ao mesmo tempo não grande o suficiente para interferir na simpatia e companheirismo. (West, 1892, p. 40, tradução nossa)

Alcuíno não encontra uma situação muito diferente da encontrada por Winfrid anteriormente. Mas diferentemente da missão dada a Winfrid, o rei franco pretendia reformar não somente os religiosos, mas todo o povo. Desta maneira, primeiramente, em 787, conforme West (1892, p. 49) com o auxílio de Alcuíno, Carlos emitiu uma carta (*De litteris*

*colendis*) direcionada aos abades dos diferentes mosteiros, reprovando seu analfabetismo e exortando-os a não negligenciar o estudo das letras. Assim, o rei conclama-os a perseverarem no estudo e a selecionar dentre estes os companheiros mais dispostos não só a aprender, mas também a instruir os outros. Segundo afirma Auroux:

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes linguísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a administração dos grandes Estados, a literarização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contatos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medicina, a anatomia ou a psicologia. O purismo e a exaltação da identidade nacional com seu acompanhamento de constituição/ preservação de um *corpus* literário (seja religioso ou profano), são por exemplo, fenômenos quase universais na constituição, espontânea ou por transferência, dos saberes linguísticos. (Auroux, 1992, p. 28-29)

Desta maneira, ao analisarmos o desenvolvimento do ensino da língua latina entre os carolíngios, vemos que ela atendia a muitos dos requisitos acima apontado por Auroux (1992). Pois, o latim fora extensamente utilizado na administração do Império Romano, algo que os carolíngios queriam reproduzir na administração de seu próprio reino; o latim era a língua da Igreja da Católica, logo também servia para o proselitismo religioso; além disso, ao tornar-se uma língua comum do comércio, política e finanças o latim fortaleceria os laços de identidade dentre os diferentes povos sob o julgo carolíngio. Ou seja, o intuito de Carlos Magno com tal medida era não somente criar as bases sobre a qual assentaria a educação do seu povo, mas também, conseqüentemente, a identidade nacional, religiosa e linguística dos francos. Nesse sentido, West afirma que:

Os bispos e abades responderam durante a vida de Carlos e por uma geração depois; e enquanto a sociedade que ele governou permaneceu estável, por tanto tempo as escolas floresceram, caindo apenas no colapso geral do século X, quando uma nova barbárie invadiu a Europa Ocidental. (West, 1892, p. 52, tradução nossa)

Em 789, o soberano emitiu uma segunda capitular (*Admonitio Generalis*) estabelecendo instruções mais definidas e ordenando a abertura das escolas monásticas. Essas escolas cumpriram um importante papel tanto na ampliação da alfabetização dos religiosos quanto na dos leigos.

De acordo com West (1892, p. 56-57) as escolas teriam tipos e funções diferentes. Dessa maneira, a escola do palácio era única, pois caracterizava-se como o principal centro de cultura e educação da época. Já as outras escolas dividiam-se em monásticas e da catedral em

uma classe, e paroquiais ou da aldeia na outra. Sendo que as escolas monásticas e das catedrais tinham como função dar a instrução elementar e, em alguns casos, superior; enquanto as escolas da aldeia eram puramente elementares. Hierarquicamente, o chefe de uma escola da aldeia era o pároco. Já o chefe de uma escola monástica era o abade, que era o responsável por uma ordem monástica perante Roma, enquanto o chefe de uma escola da catedral era o *scholasticus* nomeado pelo bispo da diocese, que por sua vez também era responsável perante Roma.

Ainda segundo West (1892, p. 57), as escolas monásticas se subdividiam em duas vertentes: a escola interior e a escola exterior. A escola do interior recebia apenas os *oblato*, ou seja, os meninos que eram oferecidos para a vida monástica por suas famílias. Por outro lado, as escolas exteriores eram frequentadas por rapazes que não deviam ser monges, mas sacerdotes, e por aqueles que se destinavam à vida secular. Tanto nas escolas monásticas interiores como nas exteriores o ensino era gratuito. Já as escolas episcopais ou catedrais não eram tão rigorosas nem tão numerosas como as escolas monásticas, porém, se assemelhavam a estas por também educarem candidatos ao sacerdócio e filhos de leigos em geral (WEST, 1892).

Para além das escolas, de acordo com West (1892, p. 70), Alcuíno também teve envolvimento direto com o desenvolvimento do padrão caligráfico medieval conhecido como minúscula carolina, que muito contribuiu com a inteligibilidade mútua dos textos extensamente copiados à mão pelos monges.

Segundo Le Goff (2005, p. 60-61), o saxão é também o responsável pela clareza escrita ao introduzir a preocupação com a pontuação nos textos deste período. Já Law (2003, p. 148) aponta que também ficou a cargo dele revisar o texto bíblico, reformar a pronúncia do latim e até mesmo elaborar documentos ligados à política real. Fato reforçado por Garrison (1996, p. 08) que afirma ter sido Alcuíno quem redigiu para Carlos Magno as declarações legislativas *De litteris colendis* e a *Admonitio Generalis*, que exortavam à formação de escolas.

Além disso, apesar das inúmeras tarefas que lhe foram incumbidas, Alcuíno também teria um papel importante na luta contra o Adocionismo, uma doutrina cristã medieval que considerava Cristo filho adotivo de Deus, e tomaria parte em debates associados à Controvérsia Iconoclasta. (Garrison, 1996, p. 09)

O religioso saxão é quem translada livros de York para Aachen e manda seus enviados adquirem inúmeras obras em diversas partes da Europa. Sendo que o ímpeto impresso por

Alcuíno entre os monges copistas ajudou a preservar muitos dos textos clássicos produzidos na Antiguidade.

Sob tal orientação e profundamente impressionados com o fato de que, ao copiar alguns livros, eles estavam salvando o aprendizado e o conhecimento de perecer, e assim oferecendo um serviço mais aceitável a Deus, a cópia no *scriptorium* prosseguia em sobriedade dia após dia. Assim foram produzidos aqueles exemplares melhorados de livros que marcam o início de uma nova era na conservação e transmissão do aprendizado. A ansiedade de Alcuíno a esse respeito não era indevida, pois os poucos mosteiros onde os livros podiam ser transcritos com precisão eram tão necessários para publicação naquela época quanto as grandes editoras de hoje. (West, 1892, p. 73, tradução nossa)

Conforme aponta Beccari (2013, p. 64), é Alcuíno quem reintroduz no Ocidente a principal gramática da Antiguidade Tardia: as *Institutiones* de Prisciano.

Além das cópias e das produções de caráter administrativo, conforme escreve Gilson (1995, p. 228) o estudioso saxão produziu obras sobre gramática (*Grammatica*), ortografia (*De orthografia*), dialética (*De Dialectica*), retórica (*Dialogus de rhetorica et virtutibus*) e filosofia (*De animae ratione*). E, de acordo com Eves (2004, p. 314), também sobre matemática e raciocínio lógico (*Propositiones ad acuendos juvenes*).

De acordo com Garrison (1996, p. 11), além destas composições didáticas, Alcuíno também foi o responsável por reintroduzir o estudo dos textos de autores como: Porfírio, Boécio, Mário Vitorino e o estudo da lógica por meio do texto conhecido como "As 10 categorias".

Ainda segundo Garrison (1996, p. 11), paralelamente a todas essas atividades, Alcuíno foi capaz de escrever inúmeras cartas, das quais muitas ainda se encontram preservadas.

Alcuíno também foi um poeta prolífico, e o corpus existente de seu verso preenche mais de 182 páginas no padrão edição. Toda a gama de gêneros medievais está representada: inscrições dedicatórias para livros, epitáfios, títulos para inscrição em altares e em outros lugares, hinos, bem como hagiografia versificada, enigmas, versos didáticos e mnemônicos, epístolas em verso, poemas ocasionais inspirados na vida entre seus alunos e colegas cortesãos, poemas pessoais de natureza mais reflexiva e um poema de 1.600 versos conhecido como 'Os Bispos, Reis e Santos de York', que foi caracterizado como 'o primeiro grande poema narrativo sobre um assunto histórico na literatura latina existente do oeste medieval. (Garrison, 1996, p. 13, tradução nossa)

Alcuíno faleceu em 19 de maio de 804 em Tours, mas de acordo com Dawson (2016):



Os pupilos de Alcuíno, Rábano Mauro, Einhard, Angilberto de São Riquier, Adalardo de Corbie e Amalário de Metz, transmitiram, por sua vez, a mesma tradição a seus pupilos, Servatus Lupus e Walafriid Strabo, discípulos de Rábano Mauro em Fulda, e a Heiric de Auxerre, pupilo de Servatus Lupus em Ferrieres. Dessa forma, o renascimento carolíngio foi levado adiante pelos grandes abades carolíngios, cada um dos quais preservou a tradição estabelecida pela Escola do Palácio de Carlos Magno e pelos ensinamentos posteriores de Alcuíno em Tours. (Dawson, 2016, p. 94)

Em suma, a aliança entre o imperador Carlos Magno e a Igreja Católica foi fundamental para a promoção da educação e da língua latina no período carolíngio. Os monastérios desempenharam um papel fundamental na preservação da cultura clássica e na disseminação da língua latina, estabelecendo uma base linguística comum e promovendo a cultura escrita. Nesse sentido, o latim, não somente por ser a língua utilizada administrativamente no Império Romano, mas também o idioma ainda utilizado pela Igreja Católica no período carolíngio, desempenhou um papel crucial na transmissão do conhecimento e na manutenção do império de Carlos Magno. Uma vez que a alfabetização em latim era requisito essencial para servir na administração e diante do incentivo à educação formal e a produção de manuscritos, o desenvolvimento de uma gramática para ensinar a língua latina se fez necessário. Neste contexto, Alcuíno, encarregado dessa tarefa pelo imperador carolíngio, desenvolveu a sua gramática, aproveitando-se da vasta biblioteca que ele trasladou da ilha britânica para o continente.

Após analisarmos o contexto histórico, conforme a proposta metodológica apresentada por Koerner (2014), de modo a compreendermos o seu lugar de inserção na tradição gramatical antiga, procuramos nos debruçar, em seguida, sobre a questão da estrutura interna da *ars* de Alcuíno. Deste modo, procuramos demonstrar as partes em que esta se subdivide, além de contrastarmos suas características com a gramática de Donato, a qual serviu de base para produção da obra alcuína. Procuramos também identificar elementos absorvidos de Prisciano, que foi outro notório gramático antigo. Nesse sentido, aplicaremos na confecção do capítulo a seguir o segundo princípio (Imanência) proposto por Koerner (2014).

## 2. A GRAMÁTICA DE ALCUÍNO

Neste capítulo, daremos prosseguimento a ordem dos princípios propostos por Koerner (2014). Desta maneira, abordaremos o Princípio da Imanência, o qual tem por objetivo a análise dos elementos internos da obra. Neste contexto, cabe ressaltar que, ao lermos esses textos antigos, de acordo com Auroux (1992, p. 14), é necessário não somente contextualizá-los historicamente, mas também manter uma abordagem epistemologicamente neutra, evitando, assim, preconceitos influenciados por uma leitura enviesada pela comparação entre o estudo gramatical antigo e o moderno.

Nesse sentido, acerca da gramática antiga, Irvine & Thomson (2005) afirmam que:

A *Grammatica* foi tradicionalmente definida como tendo duas divisões metodológicas e áreas temáticas principais: 'a ciência de interpretar os poetas e outros escritores e os princípios sistemáticos [proporção] para falar e escrever corretamente', isto é, os métodos para ler, interpretar e avaliar obras literárias, especialmente o cânone dos poetas clássicos, e as regras ou princípios para falar e escrever de acordo com as convenções normativas latinas. A divisão literária da disciplina, *scientia interpretandi*, era entendida como tendo quatro partes principais ou divisões metodológicas – *lectio*, os princípios de leitura em voz alta de um manuscrito, incluindo as regras da prosódia; *enarratio*, exposição do conteúdo e dos princípios de interpretação, incluindo a análise da linguagem figurada; *emendatio*, as regras para estabelecer a autenticidade textual e a correção linguística, e *iudicium*, crítica ou avaliação de escritos. Na divisão linguística, o objeto de análise foi a linguagem dos textos literários clássicos, os *auctores*, e não a fala comum. Desde o seu início, então, a gramática foi uma ciência do texto, abrangendo uma descrição sistemática da linguagem textual oficial (grego ou latim) e os métodos de leitura e interpretação de um cânone literário estabelecido. (Irvine & Thomson, 2005, p. 15, tradução nossa)

Dessa forma, ao analisarmos a *Ars grammatica* de Alcuíno estamos olhando para esse antigo conceito de gramática muito mais abrangente do que a noção moderna, já que, segundo Irvine & Thomson (2005, p.17), sob seu escopo encontravam-se diversas práticas culturais como a leitura, a escrita, o estudo literário, a poética, a exegese bíblica e a artes dos escribas.

De acordo com Irvine & Thomson (2005, p.19), Alcuíno escreve sua obra no período em que se desenvolvem as escolas, as bibliotecas e os *scriptoria* carolíngios e anglo-saxões. Isto é, na época em que a gramática desenvolveu-se institucionalmente e centenas de manuscritos gramaticais foram transcritos e transmitidos, incluindo coleções de artes gramaticais e autores literários. No período carolíngio, a cultura gramatical tornou-se sinônimo de domínio territorial, reforçada por ordens do próprio Carlos Magno, as escolas e a criação de livros receberam patrocínio e assistência real. Os escritos de Adelmo, Bonifácio, Beda, Alcuíno e Elfrico ajudaram a criar uma gramática cristã focada na exegese, na leitura e

em elementos das artes liberais no reino anglo-saxão. Os séculos IX e X são marcados por um interesse renovado pelos autores clássicos e pela gramática, tanto que Alcuíno desenvolveu e apresentou à sua própria gramática para corte de Carlos Magno.

Segundo Beccari (2013, p. 65), foi também neste período, que o estudo das artes liberais: o trívio (gramática, retórica e dialética) e o quadrívio (aritmética, geometria, música, astronomia) tornou-se o currículo base da Europa ocidental.

Beccari (2013, p. 65) também aponta que o currículo fora proposto por Boécio ainda no século VI. Nesse sentido, é interessante ressaltar que este filósofo exerceu forte influência na obra de Alcuíno, logo, a defesa do estudo das artes liberais feita pela monge saxão no primeiro diálogo, como veremos à frente, também atende a esse fim, isto é, justificar a implementação do estudo do trívio e do quadrívio conforme a recomendação anteriormente feita pelo filósofo romano.

Para além de Boécio, é importante citar outros cinco autores, cuja influência se faz sentir na obra de Alcuíno em maior ou menor grau: Santo Agostinho, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha, Donato e Prisciano.

Irvine & Thomson (2005, p.17-18) afirmam que antes de ensinar retórica em Roma e Milão, Santo Agostinho (354-430) ensinou gramática pela primeira vez no Norte da África. Ao fazer um uso extensivo da técnica gramatical romana em seus escritos (*De ordine*, *De dialectica*, *De magistro* e *De doctrina christiana*), ele lançou as bases para confecção das gramáticas cristãs que durariam até o século XII e além. Nesse sentido, ao usar toda a metodologia da gramática romana, Santo Agostinho deu continuidade a uma tendência entre os cristãos romanos instruídos, o estudo textual do latim imperial através de um número predeterminado de autores. No processo, ele termina por criar um novo cânone de textos cristãos. Uma vez que por meio do uso do discurso gramatical, a Bíblia e outras obras da literatura cristã foram transformadas em objetos de interpretação e estabelecidas como autorizadas e canônicas. O seu esforço empreendido para criar uma gramática enciclopédica cristã produz o *De doctrina christiana*, um guia completo com conhecimentos linguísticos e regras de interpretação, para que os leitores pudessem resolver questões de interpretação da Bíblia. Sendo que os livros 1 a 3 da obra são um esforço para escrever um manual gramatical rudimentar cristão de *lectio e enarratio*.

Contemporâneo de Boécio no século VI e, segundo Irvine & Thomson (2005, p. 18), com todas as vantagens de uma educação romana tardia, Cassiodoro (490-583) foi administrador e ministro da cultura durante os governos ostrogodos na península itálica. Responsável pela criação do mosteiro *Vivarium*, que incluía uma vasta biblioteca e um

*scriptorium*, Cassiodoro dedicou o resto de sua vida ao avanço da cultura literária cristã. Dentre seus escritos mais importantes encontram-se o *Expositio psalmorum* e o *Institutiones diuinarum et humanarum lectionum*, ambos profundamente influenciados pela gramática romana. Estes textos continuam a promover o paradigma da gramática cristã iniciado por Santo Agostinho. Sua composição final, o *De orthographia*, foi composta pensando numa padronização da escrita para os escribas e leitores de seu mosteiro.

De acordo com Irvine & Thomson (2005, p. 18), Isidoro de Sevilha (602–636) é o pai da importante obra *Origines sive etymologiae* ou simplesmente *Etymologiae*. Um livro gramatical monumental nascido da síntese entre as tradições linguísticas romana e cristã que congrega o estilo polímata tardo-clássico e a gramática enciclopédica. A parte das *Etymologiae*, na qual Isidoro lista em que consiste a gramática, foi frequentemente extraída por compiladores de artes gramaticais, dentre eles Alcuíno, com algumas leves diferenças como veremos mais à frente. Desta forma, durante os séculos VIII a XII, tanto as definições quanto a estrutura metodológica de Isidoro, destinadas ao uso em comunidades monásticas e catedrais, foram amplamente difundidas e eventualmente estabeleceram a base da educação gramatical anglo-saxônica e carolíngia.

De acordo com Fortes (2008, p. 44-45), Donato (310-363) foi um gramático latino do século IV. Embora haja poucos relatos sobre sua vida, é sabido que fora mestre de São Jerônimo. Sua *magnus opus*, uma *Ars grammatica* que bifurca-se em dois volumes (*Ars minor* e *Ars maior*) foi extremamente influente para o pensamento linguístico antigo e medieval. Além dessas *artes*, há também dois comentários: *Commentarii Vergiliani* (deste restam apenas fragmentos) e *Commentum Terentii*.

Beccari (2013, p. 51) sustenta que Prisciano (fl. 500) escreveu em contexto bizantino, no século VI. Tendo ensinado latim a falantes de língua grega. Dentre suas obras gramaticais encontram-se: *Institutio de nomine et pronomine et verbo*, *Partitiones* e as *Institutiones grammaticae* ou simplesmente *Institutiones*. Para Beccari (2013, p. 53) a importância de Prisciano para a gramática medieval só é comparável a de Aristóteles para a lógica do mesmo período.

Enfim, todos esses autores, como dito anteriormente, influenciaram a composição da *Ars grammatica* de Alcuíno, no entanto, apenas os dois últimos são citados diretamente no corpo do texto.

## 2.1 MANUSCRITOS E EDIÇÕES

Primeiramente, procuramos destacar algumas informações pertinentes a fonte do texto em estudo. A obra de Alcuíno que obtivemos acesso encontra-se entre as páginas 849 e 902 no volume 101 da edição de 1863 do Curso de Patrologia Latina de Jacques Paul Migne junto a um compilado de outras obras de autoria do monge saxão. Sendo, portanto, também a edição que serviu de base para a execução da tradução da *Ars Grammatica* de Alcuíno para o português.

É importante destacar que, durante a pesquisa, não encontramos edições críticas ou traduções da referida obra seja em português ou outra língua moderna. Essa ausência de um aparato crítico para *Ars Grammatica* de Alcuíno é um fato apontado por Swiggers (2004, p. 147), com a ressalva de que seu texto ainda se encontra preservado em muitos manuscritos do século IX (Angers, Berna, Florença, Laon, Merseburgo, Munique, Nápoles, Paris, Saint-Gallen, Trier e Vaticano). No entanto, encontramos um estudo feito por Grigoras (2021), no qual a autora, que se dedica a construção de um aparato crítico da *ars* de Alcuíno, elenca alguns dos manuscritos e edições modernas, em que os textos do monge se encontram preservados.

Segue abaixo uma reprodução traduzida do quadro apresentado por Grigoras (2021, p. 298-300)<sup>5</sup>:

Tabela 1 - Manuscritos *Ars grammatica*

Cidade (sigla)	Biblioteca, cota	Século	<i>Disputatio de vera philosophia</i>	<i>Ars Grammatica</i>
Angers (A)	Bibliothèque Municipale, 493 (477)	IX	ff. 54r-58r	ff. 58v-103v
Berna (B)	Burgerbibliothek, 123	IX	ff. 53r-55v	ff. 55v-78v
Florença (F1)	Biblioteca Medicea Laurenziana, Ashburnham 876	XV	-	ff. 76v-112v
Florença (F2)	Biblioteca Nazionale, Conv. soppr. J X 46	IX	-	ff. 42r-110v
Laon (L)	Bibliothèque Municipale, 448	IX	-	ff. 6v-29r
Merseburgo (M1)	Archiv des Domkapitels, I 204	IX	-	Fragmento
Milão (M2)	Biblioteca Ambrosiana, O 95 sup.	X	ff. 32v-33r	ff. 1v-31v
Munique (M3)	Bayerische Staatsbibliothek, Clm 6404	IX	ff. 2r-4v	ff. 5r-29v
Munique (M4)	Bayerische Staatsbibliothek, Clm 14823	XI/XII	ff. 1v-7v	ff. 7v-68v
Munique (M5)	Bayerische Staatsbibliothek, Clm 14689	XII	ff. 22v, 24r-v	-
Nápoles (N)	Biblioteca Nazionale, IV A 34	IX	ff. 168r-169v	ff. 169v- 187r
Paris (P1)	Bibliothèque nationale de France, lat. 7559	IX	ff. 69r-73v	ff. 73v-120r

<sup>5</sup> No quadro original consta uma sexta coluna com notas da autora sobre alguns aspectos peculiares de cada manuscrito.

Paris (P2)	Bibliothèque nationale de France, lat. 10403	IX/X	-	f. 19r-v
Paris (P3)	Bibliothèque nationale de France, lat. 13957	IX	-	f. 9r-46v
Paris (P4)	Bibliothèque nationale de France, lat. 4841	IX	-	f. 93r
Paris (P5)	Bibliothèque nationale de France, lat. 8319	IX	ff. 85r-86r, 88r-v, *89r	ff. 60r-84v
Paris (P6)	Bibliothèque nationale de France, lat. 13377	IX	-	ff. 107r-134v
St. Gallen (S1)	Stiftsbibliothek, 268	IX	pp. 3-18	pp. 19-165
St. Gallen (S2)	Stiftsbibliothek, 878	IX/X	pp. 322- 323, 340-344	-
Saint-Omer (S3)	Bibliothèque Municipale, 0666	X	-	ff. 3r-42v
St. Andrews (S4)	University of St Andrews Library, ms 38904	XV	-	43 ff.
Trier (T)	Stadtbibliothek 1104/1321	IX	ff. 93v-97v	ff. 97v-132v
Vaticano (V1)	Biblioteca Vaticana, Chigi L VII 241	XV	-	ff. 32r-64v
Vaticano (V2)	Biblioteca Vaticana, Urb.lat. 308	XV	-	ff. 150v-191v
Vaticano (V3)	Biblioteca Vaticana, Reg.lat. 251	IX	-	ff. 38r-52v
Viena (W)	Österreichische Nationalbibliothek, 2404	IX	f. 8v	-
Washington (W2)	Hay-Adams House, 1054	XV	-	ff. 125r-190v

Fonte: Grigoras (2021, p. 298-300).

Além dos manuscritos elencados acima, Grigoras (2021, p. 287-288) aponta a existência de mais dois códices, que também fornecem glossários de ambos os diálogos de Alcuíno. O primeiro é o Fulda, Hochschul-und Landesbibliothek, Aa 2, IXth-Xth c., ff. 31v-35v, que é um glossário sobre os dois diálogos. E o segundo é o München, Bayerische Staatsbibliothek, Clm 14737, IXth-Xth century, f. 226v6. Segundo esta autora, este contém 23 glosas de latim e alemão antigo que se referem exclusivamente as palavras presentes no texto gramatical. Porém, esta linguista ressalta que duas frases presentes no manuscrito não são encontradas nos textos do monge saxão.

Ademais, de acordo com Grigoras (2021, p. 300–301), também existem um total de cinco edições impressas. A primeira data de 1604 e foi feita por Henricus Canisius com base no texto encontrado no manuscrito St. Gallen (S1). Um ano depois, em 1605, a segunda edição foi publicada por Helias Putschius tendo como modelo a edição de Canisius. Passado pouco mais de uma década, em 1617, Andreas Quercetanus publicou uma terceira edição, também baseada na obra de Canisius. Um hiato de 160 anos separa a terceira e a quarta edição. Pois é somente em 1777, que Frobenius Forster a lança usando a obra de Quercetanus

e os manuscritos de Munique M3 e M4 como fontes. E finalmente, em 1863, a quinta edição de Jacques-Paul Migne, baseada na obra de Forster, foi publicada.

Desta maneira, Grigoras (2021, p. 286) enfatiza o fato de que apenas Canisius e Forster foram os únicos que realmente editaram a obra, enquanto os outros três apenas republicaram uma versão anterior sem grandes mudanças.

## 2.2 UMA GRAMÁTICA, DOIS DIÁLOGOS

Estima-se que a Gramática de Alcuíno tenha sido escrita no final do século VIII. Trata-se de um pequeno manual composto por dois diálogos: *Disputatio de vera philosophia* e *Ars Grammatica*. O primeiro diálogo além de servir como um prefácio ao tratado gramatical procura enfatizar o papel das artes liberais na apologética cristã. De acordo com Grigoras (2021, p. 286), o segundo diálogo representa a primeira das artes liberais e tem como fontes principais as obras gramaticais de Prisciano e Donato. Nesse sentido, nota-se que o referido diálogo segue estruturalmente o padrão de perguntas e respostas presente nas artes donatianas com algumas adaptações feitas por Alcuíno como, por exemplo, a explicitação dos personagens, que perguntam e respondem, algo que Donato deixa um pouco vago em suas *artes*.

Acerca dos diálogos de Alcuíno, Matter (1990) aponta que:

Em graus variados, estes textos podem ser descritos como diálogos, embora certamente também participem de muitas outras formas de discurso literário à disposição de Alcuíno: teologia, tratados de retórica e gramática, exegese bíblica, enigmas. Digo que eles "participam" dessas outras formas porque são compostas de seleções de outros textos, muitas vezes muito famosos, arranjados artisticamente. No entanto, alguns dos textos de perguntas e respostas de Alcuíno também trazem as marcas claras do diálogo clássico, especialmente dos diálogos ciceroniano e agostiniano, bem conhecidos dos leitores medievais: caracterização, disputa sobre ideias conflitantes e um sentido autoconsciente do que Peter von Moos descreveu como "arte de instrução pelo diálogo". (Matter, 1990, p. 646, tradução nossa)

Segundo Swiggers (2004, p. 01) a *Ars Grammatica* também é designada pelos seguintes nomes: *De grammatica (et partibus orationis et eorum accidentibus per dialogum)*, *De octo partibus orationis*, *Dialogus Saxonis et Franconis de octo partibus orationis*, *Enchiridion sive grammatica in modum dialogi inter Francum [Franconem] et Saxonem* e *Grammaticae Breviarium*.

No entanto, Grigoras (2021, p. 285) aponta que, originalmente, grande parte dos manuscritos não apresenta um título para esses diálogos e os que apresentam títulos possuem nomes diferentes. Assim, segundo esta linguista, somente dois manuscritos<sup>6</sup> incluem um título antes do texto do primeiro diálogo (*Disputatio de vera philosophia*): o Munique M4 (*Incipit grammatica Albini*) e o Paris P5 (*Incipit disputatio Alchuini et discipulorum eius*).

Além disso, cinco manuscritos apresentam um título para o segundo diálogo (*Ars Grammatica*): o Berna B (*Expositio duorum discipulorum Albini in Donati Arte feliciter*), o Florença F1 (*Albini magistri dialogum de arte grammaticę lege feliciter*), Paris P5 (*Alchuini opusculum quod uocatur ENKIPIAION feliciter incipit*), o St. Andrews S4 (*Albini grammatici et rethoris liber de octo partibus orationis*) e o Vaticano V2 (*Schola Albini grammatici de grammatica et partibus orationis et eorum accidentibus per dialogum*).

Nas impressões modernas, os dois diálogos são apresentados sob o título *Grammatica*<sup>7</sup>. Contudo, cabe ressaltar, que de acordo com Grigoras (2021, p. 286), ainda que ambos os diálogos estejam juntos em muitos manuscritos e que anteriormente os editores os imprimiram sob o mesmo título, isto não implica que ambos devam necessariamente ser considerados em conjunto como um único texto.

### 2.3 UM PEQUENO MANUAL COM TODO O CONHECIMENTO GRAMATICAL

Segundo Holtz (2004), Alcuíno classifica sua obra como uma breve apostila utilizada para “refrescar a memória”, ou seja, um material de uso escolar que visa sintetizar o conhecimento gramatical mais premente. De modo a corroborar sua tese, Holtz (2004, p. 134) evoca uma observação feita pelo terceiro personagem da obra, o professor, que, em resposta a um pedido de explicação sobre as partes do discurso feito pelos discípulos, diz: "*Vestra curiositas modum non habet. Ideoque modum manualis libelli excedere vultis*"<sup>8</sup>. *Manualis libellus* (pequeno manual), de acordo com Holtz (2004), é o equivalente latino para o grego Ἐγχειρίδιον, isto é, um livro pequeno para consulta. Desta maneira, o pesquisador nota que é possível traçar um paralelo entre Alcuíno e Taion de Zaragoza, que foi o primeiro a usar o adjetivo *manualis* (adequado para mão) junto a *libellus* (livrinho).

<sup>6</sup> De acordo com a segunda nota de rodapé presente em Grigoras (2021, p. 285) o manuscrito S1 também parecia conter um título, que foi apagado.

<sup>7</sup> [...] Canísio parece ter estabelecido a tradição de publicar as duas obras de Alcuíno sob o mesmo título (*Grammatica*). (GRIGORAS, 2021, p. 286, tradução nossa).

<sup>8</sup> "Vossa curiosidade não tem limite. E por isso, ela faz com que queirais exceder o limite de um pequeno manual."



Conforme afirma Holtz (2004, p. 135), Taion pretendia reduzir a imensa obra de Eusébio acerca da história eclesiástica a um pequeno livro, em que constasse apenas o essencial. Sob essa perspectiva, é possível identificar um paralelo, pois Alcuíno pretendia fazer o mesmo ao condensar o conhecimento gramatical principalmente de Donato e de Prisciano em sua breve *ars*. Conseqüentemente, de acordo com Swiggers (2004, p. 153), a combinação de diversas fontes resulta deste esforço sintético homogenizador empreendido por Alcuíno para compilar todo esse conhecimento gramatical básico em um único texto, cujos limites não ultrapassassem um pequeno manual. Para tanto, o monge saxão integrou não apenas os conhecimentos dos já referidos Donato e Prisciano, mas também Phocas (no tratamento das declinações), Audax, Diomedes, Pompeio, Mário Vitorino, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha, Beda e Boécio. E, embora, Alcuíno não cite todos estes autores diretamente, é possível identificá-los indiretamente no corpo do texto. Um exemplo disso, segundo Swiggers (2004), no texto de Alcuíno, são as categorias de gramática, cuja semelhança com a listagem feita por Isidoro de Sevilha, apontam-no como a fonte provável utilizada pelo monge saxão.

O quadro abaixo reproduz a comparação entre as divisões da gramática de Isidoro de Sevilha e Alcuíno, conforme proposta de Swiggers (2004, p. 153):

Tabela 2 - Divisões da Gramática

<b>As Divisões da Gramática</b>	
<b>Isidoro de Sevilha</b>	<b>Alcuíno</b>
<i>partes orationis octo</i>	
<i>vox articulata</i>	<i>in vocem</i>
<i>littera</i>	<i>in litteras</i>
<i>syllaba</i>	<i>in syllabas</i>
	<i>partes</i>
	<i>dictiones</i>
	<i>orationes</i>
	<i>definitiones</i>
<i>pedes</i>	<i>pedes</i>
<i>accentus</i>	<i>accentus</i>
<i>positurae</i>	<i>posituras</i>
<i>notae</i>	<i>notas</i>
<i>orthographia</i>	<i>orthographiam</i>
<i>analogia</i>	<i>analogiam</i>

<i>etymologia</i>	<i>etymologiam</i>
<i>glossae</i>	<i>glossas</i>
<i>differentiae</i>	<i>differentias</i>
<i>barbarismi</i>	<i>barbarismum</i>
<i>soloecismi</i>	<i>soloecismum</i>
<i>uitia</i>	<i>uitia</i>
<i>metaplasmī</i>	<i>metaplasmmum</i>
<i>schemata</i>	<i>schemata</i>
<i>tropi</i>	<i>tropos</i>
<i>prosaē</i>	<i>prosam</i>
<i>metra</i>	<i>metra</i>
<i>fabulae</i>	<i>fabulas</i>
<i>historiae</i>	<i>historia</i>

Fonte: Swiggers (2004, p. 158).

De acordo com Swiggers (2004, p. 150), a lista de Alcuíno é idêntica à de Isidoro de Sevilha. Porém, Isidoro reconhece as 8 partes da oração como categorias, mas, diferentemente de Alcuíno, ele não elenca dentre elas a *dictio* (que Alcuíno define segundo Prisciano), nem a *oratio* (também definida segundo Prisciano), nem a *definitio* (a qual Isidoro aborda em seu livro sobre a dialética). Além disso, Isidoro enumera 30 categorias ao todo, enquanto Alcuíno lista 26, no entanto, para Swiggers (2004), se considerarmos a lógica de Isidoro e contarmos as partes do discurso como 8 categorias e somá-las às 26 especificadas, resultaria em 33 categorias para o monge saxão.

Assim, por se destinar ao ensino da língua latina, e tendo Alcuíno se baseado no trabalho de Donato, sua obra, notoriamente, terá uma forte influência das gramáticas antigas classificadas como *schulgrammatik* (gramáticas escolares). Conforme se sabe, a partir da classificação estabelecida pelo filólogo germânico Karl Barwick, que a linguista Vivien Law (2003, p. 63-65) agrupou as gramáticas antigas em: *schulgrammatik* e *regulae*. Sendo que o primeiro agrupamento inclui as gramáticas escolares, que priorizavam uma apresentação sistemática das categorias gramaticais e o estudo semântico; enquanto o segundo agrupamento é composto pelas obras que se voltavam à morfologia, listando as regras de conjugação e de declinação dos verbos e substantivos latinos, respectivamente.

Desta forma, ao contemplarmos o ordenamento estrutural da obra de Alcuíno, que embora tenha o conteúdo principalmente baseado em Prisciano, vemos que o texto se organiza conforme a macroestrutura das artes de Donato. A *ars* de Alcuíno guarda

similaridades com as gramáticas do tipo *Schulgrammatik*, ainda que, em determinados capítulos, como, por exemplo, no destinado a tratar sobre os verbos, o modelo seja próximo do que seria considerado uma gramática *Regulae*. Em vista disso, a título de evidenciarmos primeiramente as semelhanças entre os autores colocamos a estrutura das *artes* de Donato ao lado da *ars* de Alcuíno.

Tabela 3 - Comparação estrutural da *Ars minor*, *Ars maior* e *Ars grammatica*

<i>Ars minor</i>	<i>Ars maior</i>	<i>Ars grammatica</i>
	<i>de uoce</i>	<i>discipuli magister</i>
	<i>de littera</i>	<i>saxo, franco, discipuli magister</i>
	<i>de syllaba</i>	<i>de syllaba</i>
	<i>de pedibus</i>	<i>de nomine</i>
	<i>de tonis</i>	<i>de generibus</i>
	<i>de posituris</i>	<i>de numero</i>
<i>de partibus orationis</i>	<i>de partibus orationis</i>	<i>de figuris</i>
<i>de nomine</i>	<i>de nomine</i>	<i>de casibus</i>
<i>de pronomine</i>	<i>de pronomine</i>	<i>de Pronomine</i>
<i>de uerbo</i>	<i>de uerbo</i>	<i>de generibus pronominum</i>
<i>de aduerbio</i>	<i>de aduerbio</i>	<i>de figuris</i>
<i>de participio</i>	<i>de participio</i>	<i>de numero</i>
<i>de coniunctione</i>	<i>de coniunctione</i>	<i>de casibus</i>
<i>de praepositione</i>	<i>de praepositione</i>	<i>de uerbo</i>
<i>de interiectione</i>	<i>de interiectione</i>	<i>de modis uerborum</i>
	<i>de barbarismo</i>	<i>de figuris uerborum</i>
	<i>de soloecismo</i>	<i>de conjugatione uerborum</i>
	<i>de ceteris uitiis</i>	<i>de numero</i>
	<i>de metaplasmo</i>	<i>de aduerbio</i>
	<i>de schematibus</i>	<i>de figuris</i>
	<i>de tropis</i>	<i>de participio</i>
		<i>de conjunctione</i>
		<i>de praepositione</i>
		<i>de interiectione</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

De acordo com Swiggers (2004, p. 153), tanto a macroestrutura quanto a forma do diálogo da *ars* de Alcuíno provêm de Donato. O linguista destaca que a ordem de tratamento

das partes da oração apresentada pelo monge saxão (nome, pronome, verbo, advérbio, participípio, conjunção, preposição e interjeição) é a mesma de Donato e se distingue da ordem "grega" adotada por Prisciano (nome, verbo, participípio, pronome, preposição, advérbio, interjeição e conjunção).

Todavia, as semelhanças com as obras de Donato não se limitam apenas à disposição sequencial das partes da oração, mas também à progressão classificatória, já que tanto o primeiro, quanto o segundo, mantiveram uma estrutura interna em formato de pirâmide. Em vista disso, o texto da *Ars grammatica*, tal qual o texto das *artes* donatianas, parte das definições mais gerais em direção às definições mais específicas. Segundo Holtz (1981), nas *artes* de Donato a estrutura de pirâmide apresenta-se sob a seguinte forma:

- definição geral;
- enumeração de 1, 2, 3, 4... categorias (ou acidentes);
- declaração referente à categoria (ou "acidente") nº 1, a saber:
  - (raramente) definição da categoria ("acidente") em questão;
  - (sempre) a declaração do número de subclasses e sua enumeração 1, 2, 3, 4...
- declaração relativa à subclasse nº 1, a saber:
  - (raramente) definição da subclasse em questão;
  - (quase sempre) pelo menos um exemplo;
- declaração relativa à subclasse nº 2 de acordo com o mesmo esquema, e assim por diante para as demais subclasses;
- declaração relativa à categoria (ou "acidente") nº 2, e assim sucessivamente de acordo com o mesmo plano... (Holtz, 1981, p. 49-50, tradução nossa)

À vista disso, é apresentada na obra gramatical do monge saxão uma estrutura em progressão semelhante, isto é, partindo da análise dos elementos mais simples para os mais complexos. Deste modo, o que vemos na *ars* alcuina são primeiramente as perguntas de Franco em busca de uma definição geral acerca de determinada categoria, essas, logo, são elucidadas por Saxo, que, em certos momentos, também busca explicar a etimologia de algumas palavras. Franco, então, geralmente pergunta algo relacionado à quantidade de acidentes e Saxo responde não somente enumerando os acidentes, mas também os ilustrando, em certos casos, com trechos de autores clássicos como, por exemplo, Virgílio, Terêncio e Horácio, dentre outros.

Assim, num primeiro momento, os discípulos voltam-se para questões mais simples acerca dos elementos constitutivos de uma palavra. E, conforme a disputa progride, eles enveredam para questões mais complexas como o estudo das partes da oração. O intuito de Alcuíno era apresentar um programa decorativo básico típico de obras destinadas a servir

como material didático. Segundo Law (2003, p.70) afirma, essa similaridade na ordenação estrutural das gramáticas se dá por motivos mnemônicos, pois, naquele tempo, diferentemente das obras modernas, os textos não possuíam um sumário; logo, memorizar essa ordem facilitava não somente o estudo, mas também a consulta.

Todavia, dentre as inovações implementadas por Alcuíno em sua composição, para além do formato de diálogo entre três personagens, está o uso de uma redescoberta carolíngia as *Institutiones grammaticae*<sup>9</sup> de Prisciano para complementar Donato. Quando acima defrontamos a estrutura da *ars* de Alcuíno com as artes de Donato, notamos que o primeiro deu uma maior ênfase ao tratamento dos acidentes do nome, do pronome e do verbo, diferentemente do segundo. Tal peculiaridade se deve à esta complementação da obra donatiana feita pelo monge saxão se valendo do texto de Prisciano, o que constituiu-se como mais uma novidade introduzida pelo erudito saxão no estudo e ensino da gramática latina na Europa.

Observamos que os exemplos dados por Prisciano em sua obra para contrastar o grego e o latim, o qualificavam, até então, como a maior autoridade no ensino bilíngue (Fortes, 2010). Desta maneira, para além da mera redescoberta do texto de Prisciano pelos carolíngios, o fato de sua obra ser voltada para um público não fluente em latim pode ter pesado na escolha de Alcuíno por utilizá-lo de maneira complementar à obra de Donato.

#### 2.4 O PRIMEIRO DIÁLOGO: *DISPUTATIO DE VERA PHILOSOPHIA*

O texto da *Ars Grammatica* é precedido por um breve diálogo chamado *Disputatio de vera philosophia*. Na patrologia este diálogo se apresenta sob o título: *Discipuli Magister*.

Trata-se, de acordo com Matter (1990, p. 647-648), de uma discussão teológica entre um mestre e seus discípulos acerca do fim último de toda investigação, isto é, a bem-aventurança eterna. Nesse sentido, um pedido feito pelos discípulos para que o professor explique a relação entre os olhos e a alma é o que dá início a discussão. O professor ao responder que essas duas coisas andam juntas direciona a conversa para uma reflexão acerca da forma adequada da busca terrena pela vida eterna. E à medida em que o diálogo progride o professor faz um contraste entre às coisas permanentes (a alma e a sabedoria) e as transitórias (fama, prestígio, riquezas e poder).

---

<sup>9</sup> De acordo com Beccari (2013, p. 51), as *Institutiones* de Prisciano formam um compêndio para o estudo do latim como língua estrangeira ao mesclar elementos tanto das gramáticas do tipo *Schulgrammatik* quanto das do tipo *regulae*.

Este primeiro diálogo, conforme apontado por Grigoras (2021, p. 286), é baseado na *De consolatione philosophiae* de Boécio, e termina com uma lista das sete artes liberais, que proporciona uma abertura para a segunda e mais longa parte do texto, um diálogo entre dois jovens e seu professor.

Segundo afirma Alberi (1997):

*A Disputatio de vera philosophia*, um breve diálogo sobre a obtenção da sabedoria cristã através do estudo das artes liberais e da Bíblia, apresenta a *Grammatica* de Alcuíno em muitos manuscritos antigos e na Patrologia latina. A *Disputatio de vera philosophia* definiu o currículo ideal de Alcuíno e, talvez com a aprovação de Carlos Magno, delineou um programa para a reforma da educação carolíngia. (Alberi, 1997, p. 505, tradução nossa)

Ainda de acordo com Alberi (1997, p. 506) Alcuíno teria escrito a *Disputatio de vera philosophia* no final dos anos 790, com a finalidade de refutar a doutrina adocionista<sup>10</sup> e educar uma nova geração de doutores da Igreja para combater a dissiminação do que considerava ser uma heresia. Conforme apontado por Chandler (2002), na última década do século VIII, o sucesso militar de Carlos Magno na Marcha Espanhola colocou os carolíngios em confronto com a heresia adocionista. Uma vez que tal disputa não se restringia apenas a esfera teológica, mas também era importante por seu caráter cultural, já que a vitória nesta matéria reafirmava a hegemonia carolíngia sobre a identidade cultural dos territórios subjugados. De acordo com este autor (2002, 507):

Devemos situar a conquista da Marcha Espanhola pelos carolíngios (agora chamada *Catalunya Vella*, ou 'Velha Catalunha') dentro do contexto de suas preocupações complementares com a religião ortodoxa e a conquista militar. Sem impor a conformidade religiosa, Carlos Magno (r. 768-814) e os francos não poderiam incorporar a Marcha Espanhola nem política nem culturalmente. Assim como as reformas foram projetadas para inculcar a crença e a prática ortodoxa nos ouvidos francos, o trabalho missionário e a conversão trabalharam lado a lado com a construção do império nas regiões habitadas por saxões e ávaros, e a pregação e a escrita contra a heresia adocionista tinham a intenção de ajudar a incorporar a Marcha Espanhola. A refutação do adocionismo não foi apenas uma disputa teológica entre estudiosos, mas também um meio de estabelecer a hegemonia cultural nas áreas conquistadas, em um esforço para integrá-las ao reino multinacional carolíngio. (Chandler, 2002, p. 507, tradução nossa)

Sob essa perspectiva, a vitória teológica sobre os adocionista estava diretamente ligada à vitória militar. De acordo com Renswoude (2017, p. 38), no ano de 799, Carlos Magno

<sup>10</sup> Esta controvérsia cristológica teve origem no ensinamento de Elipando de Toledo, primaz da Igreja visigótica, que ensinava que o Verbo Encarnado, filho unigênito de Deus por natureza, tornou-se o filho adotivo 'primogênito' de Deus, quando se esvaziou de sua divindade para assumir a forma humana. (Alberi, 1997, p. 511, tradução nossa)

convocou o bispo Félix de Urgel até Aachen, capital do Império Carolíngio, para defender as suas controversas opiniões, geralmente designadas como “adocionismo”<sup>11</sup>, acerca da natureza de Cristo. O bispo Leidrad de Lyon, responsável por entregar a convocação do monarca em Urgel, garantiu que ele teria permissão para falar livremente. E assim, tal licença proporcionou a Félix uma apreciação de suas visões, na presença do rei, por parte de um concílio de bispos, dentre eles Alcuíno com a função de contra-argumentá-las. Segundo Renswoude (2017, p. 39), após ter suas opiniões rejeitadas pelo episcopado, Félix redigiu uma declaração, na qual admitia a sua derrota e professava sua concordância com os argumentos apresentados por seus opositores. Esta declaração, então, foi enviada aos seus apoiadores em Urgel. Nesta, Félix apontou que suas opiniões foram devidamente combatidas, mas não por meio da violência, e sim pela argumentação verdadeira (*ratio veritatis*).

Conforme Renswoude (2017), sob essa perspectiva, Félix e os seus apoiadores possuíam uma visão clara de como as questões doutrinárias deveriam ser debatidas e que métodos de discussão conduziriam à verdade.

Observou-se, frequentemente, que os debates no início da Idade Média procediam principalmente da autoridade escrita, uma prática de argumentação que se tornou generalizada após as controvérsias cristológicas do século IV. As diferenças de opinião foram resolvidas com a ajuda da florilegia de declarações bíblicas e patrísticas, enquanto os modos lógicos de raciocínio, derivados da dialética (aristotélica), eram cada vez mais mantidos sob suspeita. Na verdade, algumas pessoas consideravam a dialética com desconfiança (uma desconfiança que surgiria repetidas vezes durante a Idade Média), mas no geral não se pode negar que o raciocínio dialético ou lógico passou a desempenhar um papel significativo nos debates por volta de 800. (Renswoude, 2017, p. 39-40, tradução nossa)

Poucos anos depois, segundo Renswoude (2017, p. 41-42), o arcebispo Elipando de Toledo, que partilhava das opiniões doutrinárias de Félix, ressurgiu com a questão adocionista sendo prontamente repellido, em um tratado redigido por Alcuíno. Neste texto, o monge saxão dava a questão por encerrada, uma vez que Félix tinha sido ouvido racionalmente (*rationabiliter auditus*) e refutado com veracidade (*veraciter convictus*) pelo episcopado de Aachen na presença de Carlos Magno.

De acordo com Raaijmakers & Renswoude (2016, p. 51), é digna de nota, pois tanto na disputa em Aachen em 799, quanto no concílio de Frankfurt em 794, realizado anteriormente, no qual se discutiu a heresia do adocionismo juntamente com a questão da iconoclastia, Carlos Magno assumiu o papel de *auditor et arbitrator*, ou seja, ouvinte e juiz, um

---

<sup>11</sup> Cf. Nota 10.

papel jamais ocupado por seus pares. Desta forma, a atuação de Carlos em ambos os processos era incomum, pois os concílios tradicionalmente proibiam a participação de leigos em suas deliberações. Nesse sentido, a excepcionalidade da presença régia e o papel ativo adotado nas discussões reforça o argumento anteriormente apontado por Chandler (2002) acerca da importância não somente religiosa, mas também política da heresia adocionista.

Renswoude (2017, p. 44) afirma que Alcuíno se familiarizou com essa cultura de debate já no final da década de 750, na Itália lombarda. Em Pavia, mais exatamente, quando houve a disputa entre Pedro de Pisa e o judeu Lullus. Embora Alcuíno não tenha testemunhado a disputa pessoalmente, ouviu o relato escrito da controvérsia, lido em voz alta na cidade lombarda de Pavia. E esta, segundo Renswoude (2017), pode ter sido a ocasião em que ele se familiarizou com o formato da disputa dialética que tanta influência exerceria em suas obras.

Conforme Renswoude (2017, p. 45) também aponta, a fim de desenvolver táticas eficazes para o combate às heresias, na obra *Institutiones diuinarum et saecularium litterarum*, Cassiodoro aconselhou estudar os registros dos primeiros concílios cristãos, particularmente os dos concílios de Éfeso e Calcedônia. Conselho este seguido por Alcuíno durante o tempo, em que esteve envolvido na controvérsia sobre o adocionismo. De certa forma, tal prática não era incomum, pois, segundo Renswoude (2017, p. 45), os primeiros estudiosos medievais familiarizaram-se com os modos dialéticos de raciocínio por meio dos diálogos patrísticos de Santo Agostinho e São Jerônimo. Estes diálogos, cuja temática girava entorno da salvaguarda da ortodoxia cristã, ofereciam métodos apropriados de discussão para resolução de questões doutrinárias. Logo, podem ter sido consultados como fontes de orientações práticas para a condução dos debates orais ou escritos.

[...] a *Opuscula sacra* de Boécio, à qual Alcuíno teve acesso em York, demonstrou como as técnicas lógicas serviam para esclarecer questões doutrinárias e ofereciam linhas de argumentação dialética para combater a heresia. O fato de autoridades respeitadas como Boécio e Santo Agostinho terem escrito sobre a dialética e usá-la ao argumentar contra os hereges fez muito pela posição da argumentação dialética. (Renswoude, 2017, p. 47, tradução nossa)

Logo após sua disputa com Félix, de acordo com Renswoude (2017, p. 48-50), Alcuíno redige uma carta provavelmente à Gundrada, prima de Carlos Magno, na qual se oferece para lhe ensinar o método de investigação dialética (*disciplina interrogationes dialeticae*). Esse método, na verdade, tratava-se de uma técnica que consistia basicamente em encurralar o adversário com perguntas que só poderiam ser confirmadas ou negadas, até que o



adversário não tivesse outra alternativa a não ser concordar com uma conclusão determinada pelas proposições apresentadas. Tal técnica parece ser a que foi utilizada por ele para refutar as ideias adocionistas professadas por Félix. Como veremos mais à frente, esta metodologia está intimamente ligada ao diálogo que traduzimos. No entanto, retrocedamos à questão das artes liberais.

## 2.5 AS ARTES LIBERAIS: OS SETES PILARES DA CASA DA SABEDORIA

Segundo afirma Alberi (1997, p. 508), ainda que existissem precedentes no *De ordine*<sup>12</sup> e no *De doctrina Christiana* de Santo Agostinho, Alcuíno ainda necessitava justificar a presença das artes liberais em seu currículo para os críticos, que se opunham a elas por causa de sua origem secular. Para tanto, o monge saxão recorre a Provérbios 9:1 (*Sapientia aedificavit sibi domum, excidit columnar septem*<sup>13</sup>) como forma de explicar o papel vital que as sete artes liberais desempenham na obtenção da sabedoria cristã. Dessa forma, aponta-se que o monge saxão se baseou em uma tradição exegética, que remete aos escritos de Gregório Magno e de Beda.

Conforme afirma Alberi (1997, p. 507), em sua obra *Moralia in Iob*, Gregório Magno procurou enfatizar a unidade das naturezas divina e humana em Cristo, ao interpretar Provérbios 9:1 como uma referência a encarnação de Cristo e a construção da igreja por este. E então, na obra *In Proverbia Salomonis*, Beda organiza os comentários feitos por Gregório em uma exegese coerente, interpretando a passagem presente no livro dos Provérbios como uma alegoria sobre a proclamação da encarnação pela Igreja e a defesa da ortodoxia contra a heresia. Expandindo as correlações desta alegoria, de acordo com Alberi (1997, p. 509-510), Alcuíno justifica o estudo das artes liberais em termos profundamente cristãos, ao interpretar as sete colunas como as sete artes liberais.

Sob essa perspectiva, Alberi (1997, p. 509) ressalta que para Alcuíno a mente humana entende as '*rationales*', o '*cibus angelorum*' (Salmos 77:25), apenas por meio do filho de Deus encarnado, isto é, Cristo.

Portanto, para Alcuíno a unidade de todo o verdadeiro conhecimento filosófico se daria na figura de Cristo. E assim, por serem de origem divina, as artes liberais seriam o meio capaz de revelar ao filósofo não somente a sabedoria de seu criador, mas também conduzi-lo a

<sup>12</sup> Essa estrutura havia sido totalmente estabelecida por Agostinho em seu *De Ordine*, no qual as artes liberais são apresentadas como preparação da alma por sua jornada ordenada ascendente para a contemplação de coisas inteligíveis. (Ashworth, 2003, p. 73-74, tradução nossa)

<sup>13</sup> "A sabedoria edificou para si uma casa, talhou as sete colunas."

vida eterna. Isto é, para o monge da Nortúmbria, os filósofos seculares como, por exemplo, Platão falharam em encontrar essa verdadeira sabedoria por desconhecerem o céu, ou seja, Deus.

Assim segundo Alberi (1997):

A ousada modificação de Alcuíno do texto da Bíblia baseia-se na ideia de que o número sete, um dos principais atributos da casa da Sabedoria, pode ser representado tanto na forma de degraus quanto de colunas. Além disso, Alcuíno baseou-se na autoridade de Agostinho e Boécio para a ideia de que a mente ascende do conhecimento sensorial para o intelectual de forma escalonada, mais uma vez ligada ao número sete. Como as sete colunas, os sete degraus da casa da Sabedoria conduzem para cima, longe das distrações do mundo sensorial, para que a alma possa ver Deus com seu intelecto. (Alberi, 1997, p. 510, tradução nossa)

De acordo com Alberi (1997, p. 513-514), o primeiro diálogo, ou seja, o *Disputatio de vera philosophia* alude, em certa medida, a um episódio real, no caso ao debate público travado por Alcuíno e Félix de Urgel no Concílio de Aachen em maio de 799. Ocasão, na qual, como vimos em Renswoude (2017), o monge saxão persuadiu Felix a renunciar a heresia adocionista perante Carlos Magno e o clero franco.

Nesse sentido, depreende-se que, durante a disputa que se estendeu por dias, as artes liberais, principalmente a gramática e a lógica, foram fundamentais para Alcuíno formular seus argumentos contra o adocionismo. Assim, levando-o a concluir que o conhecimento das artes liberais era essencial para a compreensão correta da Encarnação em sua defesa contra o adocionismo.

O próprio estudo de Alcuíno das artes liberais, especialmente gramática e lógica, contribuiu para seus próprios escritos anti-adocionistas. Alcuíno frequentemente acusava Felix de usar '*adoptio*' incorretamente para descrever a Encarnação. Na opinião de Alcuíno, o uso incorreto de Felix o levou a uma contradição lógica, de que o 'filho próprio e verdadeiro de Deus' também era um filho adotivo. Para apoiar o mais básico de seus argumentos antiadocionistas, Alcuíno voltou-se para a lógica, explicando a unidade das duas naturezas de Cristo por meio de uma definição cuidadosa da palavra 'suposição' de uma natureza humana e afirmações constantes da unidade das duas naturezas em uma '*persona*', outro termo difícil. Exortando Felix a mudar esta palavra e usar palavras evangélicas e apostólicas, Alcuíno insiste no uso correto, um elemento importante da gramática e da lógica. (Alberi, 1997, p. 513, tradução nossa)

À vista disso, segundo Holtz (2004), para Alcuíno, a gramática ocupava o primeiro lugar dentre todas as artes liberais, sendo considerada por este um verdadeiro propedêutico, por ser preciso aprendê-la para poder acessar as demais. Ou seja, a gramática é uma

ferramenta fundamental para o aprendizado não somente da língua da Sagrada Escritura, isto é, o latim, mas também de toda atividade intelectual (artes liberais).

Desta forma, para além da defesa da ortodoxia cristã frente à heresia adocionista, nota-se que o diálogo *Disputatio de uera philosophia* servia também como justificativa para introdução do estudo das artes liberais aos neófitos. Isto é, preparava o terreno para o estudo da primeira delas: a gramática. Portanto, de acordo com Grigorias (2021, p. 294), no diálogo *Disputatio de uera philosophia* tem-se a ideia principal do currículo educacional carolíngio: estudos leigos para fins teológicos. E tendo em vista o argumento apresentado por Chandler (2002), muitas vezes os fins teológicos estavam relacionados às questões culturais, políticas e militares do Império Carolíngio.

## 2.6 A INFLUÊNCIA DE BOÉCIO: *DE CONSOLATIONE PHILOSOPHIAE* NA OBRA DE ALCUÍNO

No que diz respeito as influências que as obras de Alcuíno recebem, Boécio está para o primeiro diálogo, assim como Donato e Prisciano estão para o segundo. Pois é o filósofo romano, o autor da obra *De consolatione Philosophiae*, a qual serviu de base para o monge saxão compor o texto do primeiro diálogo (*Disputatio de uera philosophia*).

Ainda que contestado por Papahagi (2009, p. 07), que atribui o feito a Teodulfo de Orleães, a redescoberta da *De consolatione Philosophiae* é tradicionalmente associada ao Renascimento Carolíngio, sendo dado a Alcuíno a responsabilidade pela descoberta do texto, provavelmente na Itália ou na França, em meados de 790. (Courcelle, 1967; Gibson, 1982)

Sobre Boécio, Gibson (1982, p. 43) nos conta que nasceu em uma família poderosa aproximadamente no ano de 480. E mantendo a tradição familiar, casou-se com uma jovem da *gens* dos *Symmachi*, outra importante família senatorial consolidada por diversos membros ilustres. Ele tornou-se cônsul em 510. E, uma década depois, em Ravenna, mais exatamente no ano de 523, Boécio foi alçado ao influente cargo de *magister officiorum*. Porém, sua sorte sofre um revés, quando em 524, ao ver-se implicado por uma acusação política, fora executado. Todavia, Gibson (1982, p. 44-45) aponta que, diferentemente de Isidoro, que transmitiu parte da aprendizagem clássica aos visigodos e teve um sucesso imediato e contínuo em toda a Europa, Boécio não teve alunos e sua obra ficou praticamente esquecida até aproximadamente o século VII, quando, então, o seu *De Arithmetica* foi copiado. Sendo, por muitos anos, a única obra dele disponível no continente europeu. Fato que somente mudaria, no século VIII, quando os carolíngios encontram novas obras pertencentes a Boécio.

E com elas não somente um método de estudo mais preciso, mas também uma visão mais clara da abrangência e do propósito da aprendizagem.

Dentre as obras de Boécio recuperadas pelos carolíngios, a mais importante para o pensamento medieval foi a *De consolatione Philosophiae*, uma obra escrita durante o período, no qual Boécio aguardava a pena capital na prisão após cair em desgraça perante o governante ostrogodo Teodorico o Grande. Nesta, ele descreve uma espécie de revelação tida em sua cela, enquanto prisioneiro, cujo impacto reverberou tanto na literatura quanto no pensamento filosófico europeu medieval. Trata-se de um diálogo fictício travado entre Boécio e a Filosofia, que se desenrola ora em prosa, ora em verso, isto é, trata-se de *prosimetrum* e procede por meio da figura metafórica da roda da fortuna. Este instrumento serve a Boécio como uma analogia para os altos e baixos da vida. Nesse sentido, o texto encontra ecos autobiográficos do próprio autor, que chega à conclusão de que o prazer não pode ser encontrado nas riquezas mundanas temporárias, quer elas tomem a forma de bens materiais ou de empregos de alto nível. Em vez disso, Boécio advoga pela necessidade de mudar o seu foco para realidades internas e imutáveis, ou seja, para a sabedoria e a alma.

Gibson (1982) destaca ainda que os estudiosos carolíngios, mesmo tendo um conhecimento intelectual mais limitado, não eram totalmente diferentes do círculo de *Symmachus* público original das obras de Boécio. Desta forma, pode-se depreender que daí talvez derive a rápida aceitação deste autor entre os estudiosos carolíngios. Sob essa perspectiva, em uma leitura necessariamente sumária dos paralelos existentes entre a obra de Boécio e a de Alcuíno, vemos que no diálogo do monge saxão as artes liberais ocupam o mesmo lugar que sabedoria no texto do filósofo romano. Porém, se para Boécio a sabedoria servia para consolar, para Alcuíno as artes liberais constituíam-se como ferramentas para refutar. Dado que o diálogo visava contrapor-se aos postulados adocionistas que criavam divergência não somente no que diz respeito à fé cristã, mas também à administração carolíngia nos territórios conquistados.

Na *Disputatio de uera philosophia*, Alcuíno apresenta-nos o argumento das artes liberais, enquanto ferramentas para se alcançar Deus. No texto, o estudioso saxão traça uma distinção entre as coisas permanentes (alma e sabedoria) e as mutáveis (riqueza, poder, nome, etc.). Alcuíno, segue um modelo intertextual, no qual suas visões fundem-se com as apresentadas por Boécio em vários aspectos: a importância do conhecimento, a superficialidade das riquezas e do poder, os erros cometidos pelos grandes homens, Deus como eixo motriz, etc. Nesse sentido, aliado ao exercício dialético que persuade sobre a volatilidade das coisas materiais ante a permanência das imateriais (alma e sabedoria). O

monge saxão nos conduz a um ideal de conhecimento divino por meio da aplicação das artes liberais.

Conforme Beccari (2013, p. 61), Boécio também teve um importante papel na história do pensamento linguístico ocidental, tanto como tradutor quanto como comentador. Foi Boécio quem verteu para o latim não somente o *Isagoge* de Porfírio, mas também o *De interpretatione* de Aristóteles. Também é de sua autoria uma paráfrase da teoria das categorias de Aristóteles. Nesse sentido, cabe ressaltar que as contribuições de Boécio não se restringiram apenas ao primeiro diálogo, que possui um caráter mais filosófico, mas também espraíram-se para o segundo diálogo, que se ocupa de questões linguísticas.

Para além do *De consolatione Philosophiae*, Holtz (2004), também, aponta três intervenções de base aristotélica feitas pelo professor Albinus (Alcuíno) no segundo diálogo, cuja fonte teria sido a *De interpretatione*, outra obra de autoria de Boécio. A primeira é a dialética e as outras duas são as definições aristotélicas tanto do substantivo quanto do verbo.

Além disso, Holtz (2004) acrescenta que:

[...] essas duas definições aristotélicas se encontram em Cassiodoro, leitor da obra de Boécio, seu parente, e em Isidoro, que pura e simplesmente as copiou do Livro II do *Institutiones* de seu predecessor, mas com os dois autores, essas definições aparecem não na gramática, mas onde seria de se esperar, no capítulo dedicado à dialética. Trata-se de saber, com Boécio como com eles, em que condições uma proposição é verdadeira ou falsa. Em Alcuíno é diferente: encontramos as definições aristotélicas (boecianas) do substantivo e do verbo duas vezes, no *De dialectica* mas também no *De grammatica*. Os dois empréstimos diferem um pouco. (Holtz, 2004, p. 138, tradução nossa)

De acordo com Holtz (2004, p. 139) a introdução destes dois últimos conceitos feita pelo saxão em uma gramática é algo representativo, pois demonstra a gramaticalização de noções dialéticas. Isto é, Alcuíno implementa em sua gramática elementos utilizados até então somente pelos dialéticos (Cassiodoro, Isidoro e Boécio).

Desta maneira, a abordagem do monge saxão é única não somente devido a essa notável capacidade de integrar conhecimentos de campos distintos, mas também por conseguir adaptar de maneira sintética o conhecimento gramatical disponível até então. Segundo Matter (1990, p. 656), a intertextualidade transparente é provavelmente o aspecto mais marcante dos textos de perguntas e respostas de Alcuíno. Pois, eles não são construídos para glorificar autores anteriores, mas sim para utilizá-los, absorvendo as fontes em sua própria estrutura. Por fim, aproveitemos a deixa e prossigamos para a análise do segundo diálogo.

## 2.7 O SEGUNDO DIÁLOGO: *SAXO, FRANCO, DISCIPULI MAGISTER*

No segundo diálogo, o qual trata da gramática propriamente, somos apresentados a três personagens. Os jovens Franco e Saxo, então, com 14 e 15 anos, respectivamente, os quais procurando testar os seus conhecimentos, propõem um jogo de perguntas e respostas centrado na morfologia e baseado em seus conhecimentos gramaticais recém-adquiridos.

Desta maneira, o conteúdo gramatical tratado pelos personagens pode ser resumido da seguinte forma: 1) apresentação dos personagens e proposta da *disputatio*. 2) estudo das unidades menores, letra, voz, divisão das letras (vogais e consoantes), sílabas. 3) gramática e descrição das suas 26 subdivisões. 4) partes da oração: nome, definição e acidentes (tipo, gênero, número, figura e caso); pronome, definição e acidentes (valor, tempo, modo, tipo, figura, conjugação, pessoa e número); advérbio, definição e acidentes (tipo, figura e significação); particípio, definição e acidentes (gênero, caso, tempo, significação, número e figura); conjunção, definição e acidentes (figura, tipo e ordem); preposição, definição (posição e significação); interjeição, definição (significação e acento).

O jogo consiste na formulação de questões gramaticais por parte de Franco, as quais Saxo deve responder. Porém, caso alguma das questões formuladas por Franco exigisse de Saxo um conhecimento mais avançado, a fim de solucioná-la, seria permitido a ele perguntar ao terceiro personagem do diálogo: o professor Albino.

De acordo com Huizinga (2007):

Jogo “é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.” (Huizinga, 2007, p. 33)

Nesse sentido, o recurso lúdico parece ter sido utilizado por Alcuíno como uma ferramenta didático-pedagógica para melhorar a compreensão dos leitores de seu manual. Além do *ludus*, temos também o recurso do diálogo entre os personagens, que, apesar de parecer simples, consegue deixar claro quem estava perguntando e quem estava respondendo. Diferentemente da obra de Donato, que apresenta uma série de perguntas e respostas sobre conteúdos gramaticais, porém, sem qualquer uso de personagens ou de uma discussão sobre o assunto envolvido. Ademais, o fio narrativo implementado por Alcuíno servia como um auxílio mnemônico para ordenação estrutural das categorias da gramática. Ainda que sua

história careça de um desfecho, já que termina de maneira abrupta no capítulo sobre as interjeições.

Ainda no que se refere ao ensino, notamos que o diálogo se aproxima do método escolástico. De acordo com Beccari (2013, p.75), dois pilares básicos servem de alicerce ao método escolástico, sendo o primeiro pilar uma série de estratégias de ensino e aprendizagem, sobre a qual se estabelece a rotina escolar e, o segundo, os critérios de verificação do uso dos elementos constitutivos desta sequência.

Os elementos ou estratégias de que se constitui a rotina escolástica são: (i) primeiramente o mestre dá uma lição, *lectio*, que é uma leitura explicada de um trecho da Bíblia ou de uma outra autoridade, que pode ser antiga ou moderna, sagrada ou profana; em seguida, os alunos redigem *reportationes* (anotações), em que anotam *loci communes*, que são os assuntos, as palavras, os pensamentos ou as frases significativas mencionadas pelo mestre a partir da leitura comentada; concomitantemente, os alunos fazem *glosae interlineares/marginales*, anotações interlineares ou marginais, sobre o texto discutido; (ii) *quaestiones* (questões): o próprio mestre recorda as dúvidas tradicionais acerca dos problemas de interpretação que o texto apresenta: nesse momento há o esclarecimento de dúvidas a partir do levantamento da problemática a ser resolvida; (iii) *disputationes*: quais seriam as melhores respostas? Inicia-se o debate dialético em que há proposições a favor e contra uma determinada resposta ou solução das *quaestiones* do item (ii). (Beccari, 2013, p. 75)

No que diz respeito aos elementos da rotina escolástica elencados por Beccari (2013), encontramos no texto de Alcuíno as seguintes correlações: a *lectio* aparentemente já havia sido ministrada, ou seja, eles já haviam aprendido a lição e procuravam rememorar os ensinamentos dados pelo professor. As *quaestiones* (questões) ficam a cargo de Franco. E a *disputatio* travada na forma de um jogo entre os dois personagens, coloca Saxo no papel de aluno avaliado. Segundo Beccari (2013), as provas eram chamadas de *reparationes* (reproduções), ou seja, numa prova testava-se a capacidade de memorização do aluno, feito reproduzido no texto pelo personagem Saxo, que relembra inúmeras regras e trechos literários visando responder às questões colocadas por Franco.

De acordo com Matter (1990, p. 652) algumas características comuns aos diálogos do Alcuíno são: um propósito, em última análise, catequético para a aprendizagem escolar, um resumo de informações de fontes amplamente díspares e um intenso intercâmbio entre o professor e os alunos.

Catequético é uma palavra importante. Matter (1990, p. 653) relata que, desde o século V, o ensino bíblico por meio de perguntas e respostas era algo comum na educação cristã, tendo sido empregado por Santo Agostinho, Isidoro de Sevilha, Juliano de Toledo e

Beda. Logo, é possível que Alcuíno tenha emprestado das inúmeras obras de exegese bíblica, tão abundantes no período carolíngio, alguns elementos para aperfeiçoar o diálogo como estratégia pedagógica para sua gramática. Uma vez que Alcuíno, além de emprestar de muitas fontes, também emprestava de outras áreas do conhecimento, a exemplo da dialética como vimos anteriormente.

Desta forma, cabe ressaltar que, segundo Robins (2000, 422), a estrutura dialógica já era bastante difundida, enquanto metodologia pedagógica para ensino gramatical, devido à existência do método grego conhecido por ἐπιμερισμός (análise). Nesse sentido, o termo latino para o grego ἐπιμερισμός era *partitio*. Assim, como parte de suas publicações educacionais, tanto Donato quanto Prisciano utilizaram-no, o primeiro em sua *Ars minor* e o segundo na obra *Partitiones*, na qual analisa as linhas iniciais de cada livro da Eneida de Virgílio.

Por exemplo, observemos a introdução da *Ars minor* de Donato:

*Partes orationis quot sunt? Octo. Quae? Nomen, pronomen, uerbum, aduerbium, participium, coniunctio, praepositio, interiectio*  
(As partes da oração são quantas? Oito. Quais? Nome, pronome, verbo, advérbio, participio, conjunção, preposição e interjeição). Tradução Dezzoti (2011, p. 108)

Vemos que em Donato, o recurso dialógico já existe, mas Alcuíno aperfeiçoa-no ao introduzir personagens fazendo a vez de quem pergunta e de quem responde como vemos a seguir:

**DIS.** *Unde litterae elementa dicuntur?*

**ALUNOS.** Por que as letras são chamadas de elementos?

**MAG.** *Quia sicut elementa coeuntia corpus perficiunt, sic hae conglutinatae litteralem vocem componunt.*

**PROFESSOR.** Porque, assim como os elementos unidos completam um corpo, assim estas se unem compondo a expressão escrita.

## 2.8 SOBRE OS TRÊS PERSONAGENS: O PROFESSOR, SAXO E FRANCO

De acordo com Holtz (2004, p. 135), os nomes dos discípulos não foram escolhidos de forma aleatória por Alcuíno, mas sim visando a representar a dupla audiência deste, ou seja, de forma alegórica, Saxo e Franco simbolizavam os alunos saxões e francos de Alcuíno.



Desta maneira, Holtz (2004) parece sublinhar a existência de um certo caráter autobiográfico na obra, uma vez que Alcuíno, primeiramente, ensinou aos anglo-saxões da Nortúmbria para só então posteriormente ensinar aos francos da Gália. A linha temporal da biografia de Alcuíno é expressa na obra através da idade dos personagens, Saxo é o mais velho, embora por pouco, apenas um ano, dado que ele tem quinze anos e Franco tem apenas quatorze. Além de Franco, o mais novo, ser quem pergunta a Saxo, este movimento representa alegoricamente o fato de os francos terem aprendido com um saxão. Holtz (2004, p. 136) também aventava uma segunda possibilidade para simbologia dos nomes dos personagens: a de Saxo e Franco representarem Alcuíno e Carlos Magno, respectivamente. Uma vez que Saxo está em relação à Franco na mesma situação que Alcuíno encontra-se em relação a Carlos Magno, isto é, o primeiro é quem detém o conhecimento requerido pelo segundo.

Baseado na imperícia dos discípulos em esquematizar um jogo de maneira proveitosa, o terceiro personagem, isto é, o professor Albino, introduz-se na conversa propondo as bases filosóficas para o início da disputa. Para Holtz (2004, p. 136) o personagem do professor Albino, além de representar a própria voz de Alcuíno dentro do texto, também tem o papel de trazer os ensinamentos da segunda arte liberal em importância para o monge saxão: a dialética.

Nesse sentido, de acordo com Holtz (2004, p. 137) a principal intervenção deste terceiro personagem se dá no início do jogo ao propor que a disputa começasse pela voz e não pelas letras como inicialmente os alunos propunham. Para tanto, o professor demonstra que a letra é algo ulterior a voz, pelo fato de a primeira ser a representação gráfica da segunda, isto é, a letra nada mais é que a transcrição do som vocalizado. Desta maneira, o professor procura demonstrar que a gramática opera sob fundamentos lógicos e instiga-os a pensar acerca dos elementos em que se baseia a tal disputa. Cabe ressaltar que a importância da dialética naquele período se dá, de acordo com Ashworth (2003, p. 77), pois "tanto a linguagem quanto a lógica eram vistas como tendo uma orientação principalmente cognitiva, tendo a linguagem sido formada para afirmar a verdade e a lógica para nos levar de uma verdade a outra."

Desta forma, conforme afirma Holtz (2004):

O mestre só intervém realmente no início do diálogo, ou seja, na primeira parte da obra, que, pela sua desproporção com o que se segue, dá a impressão de ser apenas uma introdução a este livrinho. Com efeito, se nos reportarmos ao esquema habitual dos manuais de gramática, o essencial, a parte central, é sempre representado na Alta Idade Média pelo estudo das classes gramaticais. Além disso, muitos tratados gramaticais são reduzidos a isso. O *De grammatica* de Alcuíno não é exceção: das 47 colunas do volume

101 da Patrologia, as classes gramaticais ocupam 42, estudadas na ordem que é a de Donato: isto corresponde ao livro II da *Ars maior* do gramático antigo, enquanto o as primeiras cinco colunas de Migne, esta um tipo de introdução, são baseadas no primeiro livro da *Ars maior*. Na verdade, o mestre está lá para garantir que a discussão tenha um bom começo e, uma vez iniciada, ele se afasta silenciosamente. De suas quatorze intervenções neste pequeno tratado, onze estão na breve parte introdutória e apenas três no estudo das partes do discurso. (Holtz, 2004, p. 137, tradução nossa)

Ainda de acordo com Holtz (2004, p. 138), embora limitadas, essas contribuições por parte do professor Albino representam não somente as concepções do próprio Alcuíno, mas também as novidades que ele introduziu na gramática por meio da síntese dos conhecimentos provindos de diversos autores. E assim, sob a figura do professor, Alcuíno, então, intervém na disputa com conhecimentos referentes à filosofia e à gramática.

Segundo Swiggers (2004, p. 149), o fato de o mestre se afastar tinha o intuito de dar mais vivacidade ao diálogo e manter o interesse do leitor pela disputa entre ambos os jovens acerca dos conhecimentos gramaticais. Nesse sentido, para além do jogo de perguntas e respostas, há também um outro jogo, o de papéis, no qual Franco representa um aluno ansioso por extrair ao máximo os conhecimentos gramaticais de Saxo, o qual, por sua vez, é constantemente acusado de relutar em entregá-los. Este jogo de papéis atravessa toda a *disputatio* e serviu como um instrumento para que Alcuíno introduzisse não somente o básico da gramática, mas também informações mais avançadas.

## 2.9 AS PRINCIPAIS FONTES GRAMATICAIS DE ALCUÍNO: DONATO E PRISCIANO

O interesse pelos textos de gramática latina na esfera carolíngia ecoa nas diversas fontes gramaticais utilizadas por Alcuíno, como, por exemplo, Donato, Prisciano, Diomedes e outros. Rastrear essas fontes na obra de Alcuíno é uma tarefa complexa por seu texto ter um caráter sintético e homogeneizador. No entanto, duas destas fontes se destacam por serem citadas diretamente: Donato e Prisciano. Desta forma, a estrutura da *Ars* de Alcuíno revela uma importância significativa da obra destes dois gramáticos, sobretudo no que se refere ao trabalho do último. E, se o primeiro diálogo fundamentou-se no *De consolatione philosophiae* de Boécio, o segundo diálogo teve como base tanto Donato e suas *Ars minor* e *Ars maior* quanto as obras de Prisciano: *Institutiones grammaticae*, *Institutio de nomine, pronomine et verbo* e *Partitiones*.

Em vista disso, Swiggers (2004, p. 160), elenca os pontos, no qual ambos os gramáticos são mencionados diretamente pelos personagens no texto de Alcuíno: PL 101, 855 Donato (*accidentia litterarum*); PL 101, 857 Donato, PL 101, 859 Donato (*accidentia nominis*); 859 Prisciano (*accidentia nominis*); PL 101, 860 Donato (*aliae species nominis*); PL 101, 867 Donato (*nomina semper singularia*); PL 101, 873 Donato, 873 Prisciano; PL 101, 877 Donato (*species verbi*) 2x, PL 101, 877 Prisciano (*supina; participialia*); PL 101, 880 Prisciano (*gerundiva*); PL 101, 882 Donato (*uerba defectiva*); PL 101, 895 Donato (*species coniunctionis*); 895 Prisciano (*species coniunctionis*); PL 101, 896 Prisciano (*species coniunctionis*); PL 101, 900 Donato (*praepositio + casus*); PL 101, 900 Donato (citado duas vezes). Além disso, em PL 101, 857; segundo Swiggers (2004), há uma simples referência a Donato. E em PL 101, 900, encontram-se as duas últimas menções a Donato, estas tratam-se de uma crítica a insuficiência de informações fornecidas por ele.

Segundo Swiggers (2004, p. 154), ainda que as treze referências explícitas a Donato sejam mais numerosas do que as seis referências a Prisciano. Alcuíno tende a dar mais peso à opinião do segundo. E se, como dito anteriormente, Alcuíno seguiu a macroestrutura de Donato; no que se refere às definições, ele geralmente optou por retomar Prisciano. Nesse sentido, o linguista (2004, p. 154) aponta, por exemplo, que após listar os seis acidentes que Donato atribui ao nome (*Qualitas, Comparatio, Genus, Numerus, Figura, Casus*), Saxo ressalta que Prisciano conta apenas cinco deles, por combinar os acidentes *qualitas* e *comparatio* em um chamado de *species*. Desta maneira, este último termo é o que foi mantido por Alcuíno ao longo do texto.

**FR.** *Quot accidunt nomini?*

**FRANCO.** Quantos acidentes tem o nome?

**SAXO.** *Sex, secundum Donatum: qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, casus. Secundum Priscianum, quinque; quia ille qualitatem et comparisonem simul, species nominavit, quia sunt omnia nomina propriae speciei, vel appellativae: principalis vel derivativae. [...]*

**SAXO.** Seis, segundo Donato: qualidade, comparação, gênero, número, figura, caso. Segundo Prisciano, cinco; porque ele nomeou como uma mesma categoria a qualidade e a comparação, porque são todos os nomes do tipo próprio, ou apelativo, ou primitivo, ou derivado. [...]

Outro exemplo da preferência de Alcuíno por Prisciano, dado por Swiggers (2004, p. 154), diz respeito ao estudo dos pronomes. Segundo o linguista, assim como Prisciano, Alcuíno reconhece apenas quinze pronomes (8 *primitiva*, 7 *derivativa*); sendo que as formas

adjetivas *quis, qualis, talis*, etc; que Donato incluiu nos pronomes, não são explicitamente reconhecidos como pronomes por Alcuíno, que desta maneira reproduz o raciocínio de Prisciano.

**FR.** *Memor esto, dixisse te quindecim pronomina esse. Sed quid est quod Donatus inter pronomina posuit, quis, qualis, talis, quot, tot, quotus, totus, [quantus, tantus]?*

**FRANCO.** Lembre-te tu teres dito que existe quinze pronomes, mas por que Donato colocou entre os pronomes, *quis* (quem), *qualis* (qual), *talis* (tal), *quot* (quantos), *tot* (tão grande quantidade), *quotus* (em que quantidade), *totus* (todo), *quantus* (quanto), *tantus* (tanto)?

**SAXO.** *Memini me dixisse quindecim esse pronomina, in quibus nulla dubitatio esset. De istis enim quae ponis, dubitatio est an sint pronomina, an nomina. Priscianus Latinae eloquentiae decus nomina interrogativa vel relativa vel redditiva ea omnino [Ms., nomina] dicit, et pronomina negat esse posse, quia finitas personas non habent, quod proprium est pronominis cum casu juncti [...]*

**SAXO.** Lembro-me de ter dito que existe quinze pronomes, dos quais não existia dúvida. De fato, dessas coisas que tu citas, há dúvida se são pronomes ou nomes. Prisciano, a glória da eloquência latina, chama-os todos de nomes interrogativos, sejam relativos ou correlativos, e nega poder ser pronomes, porque não têm terminações para pessoas, porque é próprio do pronome ser unido com o caso; [...]

Ainda de acordo com Swiggers (2004, p. 154), também o tratamento do supino e do gerúndio, visto por Alcuíno como nomes, está conforme o que ensina Prisciano.

**FR.** *Quae sunt supina et participialia?*

**FRANCO.** O que são os supinos e os participios?

**SAXO.** *Quinque sunt ejusmodi voces; ut: legendi, legendo, legendum, lectum, lectu. Quas Priscianus omnino nomina vult esse, quia temporibus carent, et personas non discernunt, et praepositionibus separatis junguntur; ut, ad legendum vado, vel legendo venio.*

**SAXO.** Há cinco tipos dessa voz, quais sejam: *legendi* (de ler), *legendo* (a ler), *legendum* (para ler), *lectum* (para ler), *lectu* (de ler). Segundo Prisciano, se tratam de nomes, pois não possuem tempo e também não distinguem pessoas, podendo ser unidos a preposições: *ad legendum vado* (para o que deve ser lido vou) ou *legendo venio* (venho lendo).

No entanto, o linguista aponta que a exceção a essa preferência por Prisciano se dá apenas na questão dos tipos de conjunções, em que Alcuíno demonstra concordar com Donato, o qual reconhece apenas cinco tipos semânticos desta categoria.

**SAXO.** *Species, quas Donatus potestatem nominat, secundum eum quinque sunt: copulativa, expletiva, causalis, disjunctiva, rationalis. Secundum Priscianum plures. Sed hae quinque species principales sunt, aliasque in se continentes species.* **SAXO.** Os tipos, os quais Donato chama de propriedade, segundo ele, são cinco: copulativo, expletivo, causal, disjuntivo e racional. De acordo com Prisciano, existem mais. Mas essas cinco são os tipos principais e contêm em si outros tipos.

Por fim, é difícil apontar os motivos desta preferência de Alcuíno pelas definições de Prisciano, talvez a crítica de Saxo a brevidade de Donato expresse o próprio descontentamento do autor para com este gramático. Outra hipótese concerne ao público-alvo, já que Alcuíno, assim como fizera Prisciano, ensinava o latim aos falantes não-nativos. De qualquer forma, conforme afirma Beccari (2013, p. 64): "é a partir da gramática de Alcuíno que a *Ars maior* de Prisciano, que é constituída pelos livros XVII e XVIII das *Institutiones* e cujo assunto é a sintaxe latina, começa a ser comentada mais extensivamente". Ou seja, é principalmente Alcuíno quem introduz na Europa os escritos do mais importante gramático da Antiguidade Tardia.

## 2.10 ALCUÍNO DE COMPILADOR A INOVADOR

De acordo com Swiggers (2004, p. 156), Alcuíno não se resume a um mero compilador, pois não somente combina as suas fontes, mas também as compara e ilustra com exemplos literários. Nesse sentido, há caso em que ele até mesmo foi além e introduziu inovações. Conforme sustenta Swiggers (2004, p. 156) a lista de significações do advérbio de Alcuíno não encontra precedentes em outros gramáticos antigos. E, ainda que esta se aproxime da lista de Prisciano, possui particularidades que a tornam ímpar como, por exemplo, a sua ordem de apresentação, a rejeição das abnegativas e a não adição de exemplos fora da lista enumerada. Além disso, a apresentação de Alcuíno dos verbos neutros, de acordo com Swiggers (2004, p. 157), é muito mais clara do que a de qualquer outro gramático da antiguidade.

Em conclusão, o segundo diálogo de Alcuíno é inovador por tratar-se de uma síntese dos conhecimentos gramaticais insulares trasladados para o continente. Desta maneira, os constantes conflitos entre um sedento Franco e um reticente Saxo ilustram a dinâmica desta transferência, muitas vezes conturbada, de saberes. Além disso, as inúmeras referências aos clássicos ilustram a riqueza cultural que emergiu no coração da Europa durante a Renascença Carolíngia.

### 3. TRADUÇÃO

Apresentamos, na presente dissertação, uma tradução anotada e comentada da *Ars grammatica* de Alcuíno. Devido a ausência de uma edição crítica tomamos por base o texto presente no volume 101 da Patrologia Latina (1863) de Paul Migne.

Consideramos que esta tradução assume uma relevância incontestável para os estudos da linguagem, uma vez que concede aos falantes de português a oportunidade de se familiarizar com um dos textos mais notáveis da tradição gramatical que remonta ao período da Alta Idade Média.

No que diz respeito à diagramação da tradução, optamos por uma disposição em colunas, cujo principal objetivo é facilitar a comparação entre o texto em latim e o texto em português. Desta forma, salientamos que tal formatação, além disso, proporciona uma visualização mais clara da proximidade entre ambos os textos. Adicionalmente, optamos por manter o latim intacto em casos de exemplificação, uma vez que traduzir esses termos poderia resultar em confusões durante a leitura. No entanto, imediatamente após estes, incluímos a tradução entre parênteses, com o propósito de auxiliar o leitor a acessar o significado de maneira mais rápida e conveniente.

Nesse contexto, os princípios de legibilidade desempenharam um papel fundamental em nosso processo tradutório. Uma vez que, nos empenhamos na definição de um padrão para a tradução dos termos mais recorrentes no texto original. Desta forma, tentamos utilizar consistentemente uma única palavra em português para representar o seu par latino sempre que possível. Entretanto, nos deparamos com situações em que a polissemia dos termos latinos tornava inviável manter essa uniformidade lexical. Essa variação de significados de uma única palavra latina exigiu uma abordagem mais cuidadosa e flexível na escolha das palavras correspondentes em português, a fim de capturar com precisão a semântica do original latino. É importante destacar que a complexidade da tarefa de tradução foi ampliada devido à especificidade de alguns termos presentes no texto original. Para lidar com essa questão, recorremos ao *Lexicon of Latin grammar terminology de Shad* (2007), que se revelou uma ferramenta indispensável para o nosso trabalho. Através dessa valiosa fonte de consulta, fomos capazes de acessar informações detalhadas e contextuais que enriqueceram nossa abordagem tradutória, permitindo-nos manter um alto nível de precisão e fidelidade ao texto original.

Portanto, no terceiro capítulo desta dissertação, a contribuição de Shad (2007) assume um papel de destaque, pois sua obra viabiliza a apresentação do Princípio da Adequação. Este

princípio, notadamente, visa a efetivação de adaptações pertinentes ao léxico técnico e ao enquadramento conceitual delineados no texto original de Alcuíno, objetivando, assim, estabelecer uma conexão com o paradigma contemporâneo. Cabe ressaltar que essa conexão deve ser cuidadosamente construída, de modo a se evitar qualquer incorreção anacrônica que possa prejudicar a compreensão e a fidelidade ao contexto histórico carolíngio.

O cerne deste trabalho, portanto, reside na aplicação concreta do princípio da Adequação, que se manifesta por meio da elaboração de um aparato de notas meticulosamente construído. Esse dispositivo assume um papel de extrema relevância, uma vez que sua finalidade é proporcionar uma tradução acessível aos leigos no campo dos estudos de gramática antiga. A condução desse processo é uma tarefa complexa, pois exige uma cuidadosa orquestração de elementos diversos, a fim de harmonizar o vocabulário técnico e o arcabouço conceitual da tradução com aqueles presentes no texto latino original.

Assim, de forma explícita, a abordagem adotada neste capítulo se propõe a esclarecer o processo das escolhas linguísticas feitas durante a tradução, delineando os critérios e as estratégias que orientaram tais decisões. Este exame crítico é necessário para enriquecer a compreensão do leitor e a proporcionar-lhe uma perspectiva mais transparente sobre a forma como as adaptações linguísticas foram concebidas e executadas nesta dissertação. Nesse contexto, a incorporação de um aparato de notas revela-se um instrumento vital, pois oferece informações adicionais que permitem ao leitor uma compreensão mais aprofundada da *Ars grammatica*, ao mesmo tempo em que promove a fidelidade ao contexto e à linguagem do monge saxão.

Conforme as diretrizes metodológicas preconizadas por Koerner (2014), é crucial, em determinadas circunstâncias, proporcionar uma explicação mais detalhada dos aparatos paralinguísticos empregados na tradução. Desta maneira, procuramos destacar, a seguir, os recursos utilizados com este fim.

Primeiramente, a utilização de parênteses "( )" emerge como uma ferramenta indispensável para inserir a tradução em língua portuguesa de termos mantidos em latim no corpo do texto traduzido. Esta estratégia tem por finalidade promover uma compreensão mais ágil por parte do leitor, pois, ao deparar-se com um termo em latim seguido de sua tradução entre parênteses, como no exemplo "*adjutor* (ajudante)", o leitor pode imediatamente acessar o significado correspondente.

Em segundo lugar, as notas de rodapé desempenham múltiplos papéis em nossa tradução. Além de servirem como meio de indicar semelhanças e intertextualidades entre o texto de Alcuíno e outros autores, como Boécio, Prisciano, Donato e outros, elas também têm o



propósito de esclarecer passagens de caráter obscuro, apontar alusões feitas pelo autor e fornecer explicações gramaticais a respeito de termos específicos. Essa abordagem amplia a compreensão proporcionada pela tradução, oferecendo informações tanto gramaticais quanto textuais adicionais. Assumindo um papel crucial na contextualização e interpretação adequada do texto traduzido.

Por último, temos os sinais de "+" e "=", que cumprem a função de sinalizar a combinação de palavras em latim. Essa notação auxilia na compreensão da estrutura linguística e na análise morfológica das palavras ao permitir discernirmos de forma clara e imediata as estruturas composicionais das palavras em latim, como no exemplo "cum + cupio + -sco = concupisco", em que os sinais "+" e "=" indicam a formação da palavra "concupisco" por meio da concatenação desses elementos.

Portanto, é fundamental reconhecer o valor desses aparatos paralinguísticos, que não apenas facilitam a acessibilidade e a compreensão da tradução, mas também proporcionam uma compreensão mais profunda e precisa do texto original em latim.

<b><i>DISCIPULI. MAGISTER.</i></b>	<b>DISCÍPULOS. MESTRE.</b>
<p><b><i>DISCIPULUS.</i></b> <i>Audivimus, o doctissime magister! saepius te dicentem quod philosophia esset omnium virtutum magistra, et haec sola fuisset quae inter omnes saeculi divitias nunquam miserum se possidentem reliquisset. Incitasti nos, ut vere fatemur, his dictis ad tam excellentis felicitatis indagacionem, scire cupientes quae esset hujus magisterii summa, vel quibus gradibus ascendi potuisset ad eam. (0849D) Aetas [enim (Edit., igitur)] nostra tenera est, et te non dante dexteram sola surgere satis</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Ó doutíssimo mestre, ouvimos-te dizer muitas vezes que a filosofia seria a mestra de todas as virtudes, e somente essa seria a que entre todas as riquezas do mundo nunca deixaria miserável quem a possui<sup>14</sup>. Incitaste-nos à procura, como realmente confessamos, e, com estas palavras de tão excelente felicidade, desejamos saber qual seria a essência desta instrução, ou por quais degraus possamos ascender até ela. Portanto, nossa geração é imatura, e se tu não deres a direção adequada, será como geminar em</p>

<sup>14</sup> Boécio (1.3.3-5): *Et quid inquam, tu in has exsilii nostri solitudines, o omnium magistra uirtutum, supero cardine delapsa uenisti? An ut tu quoque mecum rea falsis criminationibus agiteris? -An, inquit illa, te, alumne, desererem nec sarcinam quam mei nominis inuidia sustulisti communicato tecum labore partirer? Atqui Philosophiae fas non erat incomitatum relinquere iter innocentis* (E o que eu digo, que tu, ó mestra de todas as virtudes, vens a estes desertos de nosso exílio, tendo caído do eixo superior? Ou tu também como eu é culpada de falsas acusações? Ou, disse ela, a ti, discípulo, devo abandonar e não compartilhar convosco o fardo que tu carregou apesar do meu nome? Mas não era direito da filosofia deixar a jornada dos inocentes desacompanhada).

<p><i>infirmum est. Animi vero nostri naturam esse intelligimus in corde, seu oculorum in capite. Oculi itaque si splendore solis, vel alia qualibet lucis praesentia asperguntur, perspicacissime, quidquid obtutibus (0850A) occurrit, discernere valent: caeterum sine lucis accessu in tenebris manere notissimum est. Sic animi vigor acceptabilis est sapientiae, si erit qui eum illustrare incipiat.</i></p>	<p>terras enfermas. Entendemos que a verdadeira natureza da nossa alma está no coração, como a dos olhos está na cabeça. Portanto, se os olhos são iluminados pelo brilho do sol ou por qualquer outra presença de luz, pode-se, perspicazmente, discernir tudo que se apresente pelo olhar: é sabido que todo resto sem luz para aproximar-se permanece na escuridão. De tal forma, o vigor da alma é conquistável pela sabedoria, se existe quem comece a ele ensinar<sup>15</sup>.</p>
<p><b>MAGISTER.</b> <i>Bene siquidem, filii, comparationem oculorum et animi protulistis. Sed qui illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum (Joan. I, 9), illuminet mentes vestras, ut in ea proficere valeatis philosophia, quae nunquam, ut dixistis, deserit possidentem.</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> De fato, filhos, propusestes bem a comparação dos olhos e da alma. Mas também quem ilumina a todo o homem que vem a este mundo (João I, 9<sup>16</sup>), ilumine suas mentes para que sejam capazes de progredir a elas pela filosofia, a qual, como dissestes, nunca abandonou a quem a possui<sup>17</sup>.</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Scimus, magister, scimus certissime quod ab eo postulandum est qui dat affluenter et nulli impropert. Nos tamen morulis quibusdam instruendi sumus, et quasi infirmi tardiore gressu ducendi, quousque aliquid fortitudinis accrescat in nobis. Ignem siquidem silex naturaliter habet in se, qui solet (0850B) exire ad</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Sabemos, mestre, sabemos certamente a quem deve ser pedido, a ele, o que dá abundantemente e a ninguém censura. Nós, contudo, como se enfermos com algumas pausas devemos ser instruídos e conduzidos com passo mais lento, até que cresça em nós certa forma de coragem. De fato, a pedra tem em si, inerentemente, o</p>

<sup>15</sup> Boécio (1.3): *Tunc me discussa liquerunt nocte tenebrae luminibusque prior rediit vigor* (Então para mim as sombras noturnas se dissiparam, e à frente da luz retorna o vigor).

<sup>16</sup> Passagem bíblica em que Cristo ao afirmar ser a luz do mundo cura um homem cego.

<sup>17</sup> Boécio (1.1.4-5): *Harum in extremo margine π Graecum, in supremo uero Θ legebatur intextum atque in utrasque litteras in scalarum modum gradus quidam insigniti uidebantur, quibus ab inferiore ad superius elementum esset ascensus* (Destas na margem inferior, o 'π' grego, na margem superior o 'Θ', de fato, lia-se, e dentre ambas as letras se viam alguns degraus dispostos em forma de escada, a qual havia ascendido da letra inferior para a letra superior).

<p><i>ictus. Naturale itaque est mentibus humanis scientiae lumen, sed nisi crebra doctoris intentione excutiatur, in se quasi scintilla in silice latet.</i></p>	<p>fogo, que tem por hábito sair pelas batidas. Da mesma forma, a luz da ciência é inerente às mentes humanas, mas, a menos que ela seja repetidamente desenvolvida pela intenção do professor, em si é como uma faísca escondida na rocha.</p>
---	---

<p><b>MAG.</b> <i>Est equidem facile viam vobis demonstrare sapientiae, si eam tantummodo propter Deum, [propter rerum scientiam], propter puritatem animae, propter veritatem cognoscendam, etiam et propter seipsam diligatis; et non propter humanam laudem, vel honores saeculi, vel etiam divitiarum fallaces voluptates, quae omnia 266 quanto plus amantur, tanto longius aberrare faciunt a vero scientiae lumine ista quaerentes: velut ebrius domum, quo tramite revertatur, ignorat.</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> É verdadeiramente fácil demonstrar para vós o caminho da sabedoria, se a ela amares apenas por Deus, pela ciência das coisas, pela pureza da alma, pela verdade que se deve conhecer, e, da mesma forma, por ela; e não pelo elogio humano, ou pelas honras do mundo, ou mesmo pelos falsos prazeres das riquezas, que por todos quanto mais são amados, tão mais distante da verdadeira luz da ciência fazem aqueles desviar da procura: assim como o bêbado ignora por qual trilha se volta para casa<sup>18</sup>.</p>
---	--

<p><b>DIS.</b> <i>Fatemur scilicet nos beatitudinem amasse: (0850C) sed si qua possit in hoc saeculo esse ignoramus.</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Certamente, confessamos amarmos a suprema felicidade, mas ignoramos se ela pode existir neste mundo.</p>
--	---

<p><b>MAG.</b> <i>Est enim mentibus hominum veri boni naturaliter inserta cupiditas: sed ad falsa</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Está de fato naturalmente nas mentes dos homens o desejo do verdadeiro</p>
---	---

<sup>18</sup> Boécio (3.2.12-14): *Habes igitur ante oculos propositam fere formam felicitatis humanae: opes, honores, potentiam, gloriam, uoluptates. Quae quidem sola considerans Epicurus consequenter sibi summum bonum uoluptatem esse constituit, quod caetera omnia iucunditatem animo uideantur afferre. Sed ad hominum studia reuertor, quorum animus etsi caligante memoria tamen bonum suum repetit sed uelut ebrius domum quo tramite reuertatur ignorat. Num enim uidentur errare hi qui nihilo indigere nituntur?* (Tens, portanto, colocada diante dos olhos a forma geral da felicidade humana: riquezas, honras, poder, glória, prazeres. As quais, apenas essas coisas considerando, Epicuro, consequentemente, decidiu que o prazer era o maior bem para si, uma vez que todas as outras coisas eram vistas como trazendo prazer à mente. Mas, aos estudos dos homens, retorno, cujas mentes, embora pela memória esteja nublada, ainda retornam ao seu bem, mas não sabem, como um bêbado, por qual caminho está voltando para casa. Pois de fato são vistos como errados, esses que se esforçam para não precisar de nada?).

<p><i>quaedam plurimos eorum devius error abducit. Quorum quidem alii maximam felicitatem divitiis abundare credunt [Al., credentes], alii honoribus gaudent, alii potentia congratulantur, alii voluptatibus delectantur, alii laudibus inhiant. Quae diligentius considerata tantis implicantur calamitatibus, ut vix aliquid beatitudinis habere videantur. Haec enim sibi somniantes veram aliqui felicitatem fore existimant, et dum eos ad verum bonum naturalis intentio ducit, multiplex tamen error propter</i></p>	<p>bem, mas o erro tortuoso a muitíssimos deles atrai para certas coisas falsas. Para alguns outros, certamente, a máxima felicidade creem estar nas riquezas abundantes, outros se regozijam com as honras, outros alegram-se com o poder, outros se deleitam com os prazeres, outros anseiam por elogios<sup>19</sup>. Algumas coisas são consideradas mais diligentemente se envolvem tantas calamidades, ainda que pareçam ter apenas um pouco de felicidade<sup>20</sup>. Assim, para estes, tendo eles visto em sonho, consideram ser</p>
--	---

<sup>19</sup> Boécio (3.2.2-7): *Omnis mortalium cura quam multiplicium studiorum labor exercet diuerso quidem calle procedit, sed ad unum tamen beatitudinis finem nititur peruenire. Id autem est bonum quo quis adepto nihil ulterius desiderare queat. Quod quidem est omnium summum bonorum cunctaque intra se bona continens; cui si quid aforet summum esse non posset, quoniam relinqueretur extrinsecus quod posset optari. Liqueat igitur esse beatitudinem statum bonorum omnium congregatione perfectum. Hunc, uti diximus, diuerso tramite mortales omnes conantur adipisci; est enim mentibus hominum ueri boni naturaliter inserta cupiditas, sed ad falsa devius error abducit. Quorum quidem alii summum bonum esse nihilo indigere credentes, ut diuitiis affluent elaborant, alii uero bonum quod sit dignissimum ueneratione iudicantes adeptis honoribus reuerendi ciuibus suis esse nituntur. Sunt qui summum bonum in summa potentia esse constituent; hi uel regnare ipsi uolunt uel regnantibus adhaerere conantur. At quibus optimum quiddam claritas uidetur, hi uel belli uel pacis artibus gloriosum nomen propagare festinant. Plurimi uero boni fructum gaudio laetitiaque metiuntur; hi felicissimum putant uoluptate diffluere* (Todo o cuidado dos mortais, que o trabalho de múltiplos estudos exerce, de fato procede por um caminho diferente, mas se esforça para chegar ao fim único da felicidade. Mas esse é o bem que se obtém e não se pode desejar mais nada. Este, de fato, é o maior de todos os bens e contém todos os bens em si; a quem, se ele tirasse alguma coisa, ele não poderia ser supremo, pois o que poderia ser desejado seria deixado de fora. É claro, portanto, que a felicidade é um estado aperfeiçoado pela reunião de todos os bens. Isso, como dissemos, todos os mortais tentam alcançar por diferentes caminhos; pois há um desejo naturalmente implantado nas mentes dos homens pelo verdadeiro bem, mas o erro tortuoso os desvia para as falsas coisas. Alguns, acreditando que o sumo bem não precisa de nada, trabalham para obtê-lo em riquezas, enquanto outros, julgando o bem mais digno de veneração, se esforçam para retribuir aos seus cidadãos as honras que obtiveram. Há quem estabeleça que o bem supremo está no poder supremo; estes ou querem governar a si próprios ou tentam aderir aos que governam. Mas para quem a glória é vista como a melhor coisa, estes, seja pelas artes da guerra ou da paz, apressam-se a propagar um nome glorioso. Na verdade, o fruto de muitas coisas boas é medido pelo gozo e pela alegria; eles acham que é mais afortunado fluir com prazer).

<sup>20</sup> Boécio (3.2.12): *Habes igitur ante oculos propositam fere formam felicitatis humanae: opes, honores, potentiam, gloriam, uoluptates. Quae quidem sola considerans Epicurus consequenter sibi summum bonum uoluptatem esse constituit, quod caetera omnia iucunditatem animo uideantur afferre* (Tens, portanto, colocada diante dos olhos a forma geral da felicidade humana: riquezas, honras, poder, glória, prazeres. As quais, apenas essas coisas considerando, Epicuro, consequentemente, decidiu que o prazer era o maior bem para si, uma vez que todas as outras coisas eram vistas como trazendo prazer à mente).

<i>ignorantiam abducit.</i>	essas coisas a verdadeira felicidade; e enquanto a intenção natural os conduz ao verdadeiro bem; no entanto, muitas vezes o erro os afasta por causa da ignorância <sup>21</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Quis sanum sapiens haec esse transitoria ignorat? tamen hujus vitae viatorem horum abundantia (0850D) adjuvari quis nesciat?</i>	<b>ALUNO.</b> Qual o sábio não ignora que estas coisas são transitórias? No entanto, quem não sabe como o viajante desta vida é ajudado pela abundância dessas coisas <sup>22</sup> ?
<b>MAG.</b> <i>Moderatus eorum usus adjuvat, nimius gravat. Unde philosophicum illud valet elogium: Ne quid nimis.</i>	<b>PROFESSOR.</b> O uso moderado delas ajuda, o excessivo, sobrecarrega. Daí, vale aquela inscrição filosófica: "Nada excessivamente" <sup>23</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Notum est, omnia nimia nocere. Sed usque ad quem finem eorum est, quae paulo ante numerasti, abundantia petenda?</i>	<b>ALUNO.</b> É sabido, tudo em excesso faz mal. Mas até que ponto deve ser visada a abundância dessas coisas que enumeraste pouco antes?
<b>MAG.</b> <i>Quantum necessitas (0851A) corporis exigit, et quantum sapientiae expostulat studium.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Essas coisas devem ser buscadas o quanto a necessidade do corpo exige, e o quanto o estudo da sabedoria demanda <sup>24</sup> .

<sup>21</sup> Boécio (3.3.1): *Vos quoque, o terrena animalia, tenui licet imagine uestrum tamen principium somniatis uerumque illum beatitudinis finem licet minime perspicaci qualicumque tamen cogitatione prospicitis, eoque uos et ad uerum bonum naturalis ducit intentio et ab eodem multiplex error abducit* (Vós também, ó animais terrestres, embora por uma imagem tênue, ainda assim sonhais com vosso princípio e entrevedes o verdadeiro fim, a felicidade suprema, e ainda que não a percebas por nenhum pensamento, a intenção natural conduz ao verdadeiro bem e dele os múltiplos erros o afastam).

<sup>22</sup> Boécio (2.5.34): [...] *si uitae huius callem uacuuus uiator intrasses coram latrone cantares* ([...] se tivesses entrado no caminho desta vida como um viajante vazio, cantarias na presença de um ladrão).

<sup>23</sup> São Jerônimo (4.130.11), in *Epist. ad Demetriadem: Vnde et unus de septem sapientibus: 'Ne quid, ait, nimis'* (Daí também um dos sete sábios: 'Nada', disse ele, 'excessivamente'). Cf. Terêncio, *Andria*, I, 1, 61.

<sup>24</sup> Boécio (2.5.23): [...] *uerumque illud est permultis eos indigere qui permulta possideant, contraque minimum qui abundantiam suam naturae necessitate non ambitus superfluitate metiantur* (É verdade que aqueles que possuem muito, muito precisam, por outro lado, os que precisam de pouco que meçam sua abundância pela necessidade da natureza, e não pela superfluidade de sua ambição).

<i><b>DIS.</b> Perfactorum esse arbitramur hujusmodi rationis frenis animarum cursus coercere.</i>	<b>ALUNO.</b> Deste modo, julgamos ser próprio dos perfeitos restringir as disposições das almas com os freios da razão.
<i><b>MAG.</b> Ad hanc scilicet perfectionem, dum aetas floret, dum animus viget, vos, filii, cohortor.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Certamente, vós, filhos, exorto para esta perfeição, enquanto a sua idade floresce e vossa alma for vigorosa.
<i><b>DIS.</b> Duc, age, et reduc per divinae vias rationis, et ad hujus cacumen perfectionis transfer. Nam, licet impari gressu, te ductorem sequimur.</i>	<b>ALUNO.</b> Comande, conduza e retorne pelos caminhos da divina razão e transporte-se para o topo dessa perfeição! Pois, tu, ó líder, seguimos, embora com passo desigual.
<i><b>MAG.</b> Quid homo, rationale animal, meliore parte immortalis, tui Conditoris imago, quid propria perdis? quid aliena petis? cur infima quaeris et summa relinquis?</i>	<b>PROFESSOR.</b> Por que, ó homem, animal racional, imortal em sua melhor parte, a imagem do teu Criador, perdes o que lhe é próprio? Por que desejas o que pertence a outros? Por que procuras o mais baixo e deixa o mais alto <sup>25</sup> ?
<i><b>DIS.</b> Quae sunt propria, vel quae aliena?</i>	<b>ALUNO.</b> Quais são as coisas próprias, ou quais são as alheias?
<i><b>MAG.</b> Aliena sunt, quae extra quaeruntur, ut divitiarum congregatio: (0851B) intra, sapientiae decus. Igitur tu, o homo! si tui ipsius compos eris, possidebis quod nec unquam amittere dolebis, nec ulla tibi fortuna auferre valebit. Quid igitur, o mortales, extra petitis, dum intra habetis</i>	<b>PROFESSOR.</b> As coisas que são buscadas fora são dos outros, como a reunião de riquezas <sup>26</sup> ; de dentro, a virtude da sabedoria. Portanto, tu, ó homem! Se de ti mesmo és mestre, possuirás o que nunca lamentarás perder, nenhuma fortuna será forte para arrebatá-la a ti <sup>27</sup> . Por que, então, ó mortais,

<sup>25</sup> Boécio (1.6.15): *Quid igitur homo sit poterisne proferre? -Hocine interrogas, an esse me sciam rationale animal atque mortale?* (Portanto, podes dizer o que é o homem? Perguntas isso, se eu sei que sou um animal racional e mortal?).

<sup>26</sup> Boécio (3.8.3): *...Pecuniamne congregare conaberis?* (Tentarás arrecadar dinheiro?).

<sup>27</sup> Boécio (2.4.22-24): *Quid igitur, o mortales, extra petitis intra uos positam felicitatem? Error uos incitiae confundit. Ostendam breuiter tibi summae cardinem felicitatis. Estne aliquid tibi te ipso pretiosius? Nihil, inquires. Igitur si tui compos fueris, possidebis quod nec tu amittere unquam uelis*

<i>quod quaeritis?</i>	buscas fora, enquanto tendes dentro o que procuras?
------------------------	---

<b>DIS.</b> <i>Felicitatem quaerimus.</i>	<b>ALUNO.</b> Procuramos a felicidade.
---	--

<b>MAG.</b> <i>Bene quaeritis, si manentem quaeritis, et non fugientem. Videtis quam multis amaritudinibus terrena felicitas aspersa est, quae nulli vel tota proveniet, vel fida permanet, quia nil non mutabile praesentis vitae inveniri potest. Quid pulchrius luce? et haec tenebris succedentibus obfuscat. Quid floribus venustius aestatis? qui tamen hiemalibus frigoribus pereunt. Quid salute corporis suavius? et quis hanc perpetuam habere confidit? Quid tranquilla pace jucundius? (0851C) et tamen saepe haec tristi discordiarum fomite irritatur.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Bem procuras, se procuras o permanente e não o fugaz. Vede como pelas muitas amarguras terrenas está contaminada a felicidade <sup>28</sup> , a qual a ninguém nem totalmente proverá <sup>29</sup> , nem permanece fiel, porque, na vida presente, nada pode ser encontrado que não seja mutável <sup>30</sup> . O que é mais belo que a luz? E mesmo esta é ofuscada pelas sombras que a sucedem. O que é mais gracioso que as flores de verão? As quais, no entanto, perecem nos frios inverniais. O que é mais agradável do que a saúde do corpo? E quem está confiante em tê-la de forma perpétua? O que é mais agradável do que a paz tranquila? E mesmo esta, no entanto, muitas vezes é irritada pela triste farpa das discórdias.
--	--

<b>DIS.</b> <i>Haec omnia sic se habere, sicut dicis, non dubitamus. Sed quorsum ista?</i>	<b>ALUNO.</b> Não duvidamos. Assim como dizes são todas estas coisas. Mas, estas dizes com
--	--

*nec fortuna possit auferre* (Portanto, ó mortais, por que procuras no exterior a felicidade, que está colocada dentro de vós? O erro e a ignorância vós confundis. Te mostrarei brevemente o centro da tua maior felicidade. Existe algo mais precioso para ti do que tu mesmo? Tenho certeza de que tu dirá nada. Portanto, se te divertires, possuirás aquilo que nunca desejas perder nem a fortuna pode tirar).

<sup>28</sup> Boécio (2.4.20): *Quam multis amaritudinibus humanae felicitatis dulcedo respersa est!* (Quantas amarguras são polvilhadas com a doçura da felicidade humana!).

<sup>29</sup> Boécio (2.4.12): [...] *Anxia enim res est humanorum condicio bonorum et quae uel numquam tota proueniat uel numquam perpetua subsistat* (Pois a condição das benesse humanas é uma coisa ansiosa, a qual ou nunca de tudo prospera, ou nunca dura para sempre).

<sup>30</sup> Boécio (2.1.13): *An uero tu pretiosam aestimas abituram felicitatem et cara tibi est fortuna nec praesens manendi fida et cum discesserit allatura maerorem?* (Ou tu realmente estima a preciosa felicidade que estás a perder? E a presente fortuna é cara para ti, mas não é fiel para permanecer presente e quando partisse traria tristeza?).

	qual intuito?
<b>MAG.</b> <i>Ut ex majoribus minora cognoscatis.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Para que, das maiores coisas, conheçais as menores.
<b>DIS.</b> <i>Quonam modo?</i>	<b>ALUNO.</b> De qual modo?
<b>MAG.</b> <i>Si coelum terraque suis semper vicissitudinibus mutantur, generalis omnium [mortalium] pulchritudo et utilitas; quanto magis cujuslibet rei specialis delectatio transitoria esse necesse est? Et cur ea amari debent quae permanere nequeunt? Quid vos homines de [nominis (Edit., hominis)] laude, de honoris dignitate, de divitiarum congregatione cogitatis? Legistis Croesi divitias, Alexandri famam, Pompeii honorem? Et quid (0851D) haec perituris proderunt? dum quisque illorum immatura morte cum magno quaesitam labore cito perdidit gloriam, minuitque quodammodo propriae integritatem scientiae [Ms., justitiae], qui ex alienis sibi sermunculis laudem quaerit. Quid de divitiis congregandis studetis, quae vel deserunt, vel deseruntur? quae effundendo quam servando</i>	<b>PROFESSOR.</b> Se o céu e a terra são sempre modificados pelas vicissitudes, também o são a beleza e a utilidade comum a todos os mortais. Não seria tanto mais transitório o deleite de uma coisa qualquer? E por que estas devem ser amadas, as coisas que não podem permanecer? O que vós, homens, pensais do elogio do nome, da dignidade da honra, da reunião de riquezas? Lestes sobre as riquezas de Creso, sobre a fama de Alexandre, sobre a honra de Pompeu <sup>31</sup> ? E para que estas coisas serão úteis aos que estão prestes a morrer? Enquanto cada um deles por uma morte prematura rapidamente perdeu a glória procurada com grande esforço, e prejudicou a integridade da própria consciência, que procura para si o elogio de balbucios de outros <sup>32</sup> . Por que anseias reunir riquezas, as quais ou abandonam ou são

<sup>31</sup> Boécio (2.2.11): *An tu mores ignorabas meos? Nesciebas Croesum regem Lydorum Cyro paulo ante formidabilem mox deinde miserandum rogi flammis traditum misso caelitus imbre defensum?* (Por acaso tu ignoravas meus modos? Ignoraste, Creso, o rei dos lídios, por Ciro, um pouco antes, temido, e logo depois, um miserável entregue às chamas do fogo, defendido por uma chuva enviada pelo céu?).

<sup>32</sup> Boécio (2.7.14-15): *Vos uero immortalitatem uobis propagare uidemini cum futuri famam temporis cogitatis. Quod si ad aeternitatis infinita spatia pertractes, quid habes quod de nominis tui diuturnitate laeteris?* [...] (2.7.19) *Vos autem nisi ad populares auras inanesque rumores recte facere nescitis et relicta conscientiae uirtutisque praestantia de alienis praemia sermunculis postulatis* (Certamente vós vedes a imortalidade se propagar para vós quando pensais a fama do tempo futuro. Mas se percorreis os espaços infinitos da eternidade, o que tens para alegrais-vos com a longevidade do teu nome? [...] Vós, porém, exceto por alaridos populares e rumores vazios, não sabeis fazer o certo, e abandonando a excelência da consciência e da virtude, pedindo para falar sobre as recompensas de outros).



<p><i>melius ditant [Ms., nitent]? Siquidem avaritia odiosos, claros largitas facit. Quarum abundantia nonnisi ex aliorum indigentia [Ms., indulgentia] congeritur. Quid honores fomenta superbiae quaeritis? Nonne unus est omnium Pater? Et cur injuriam facitis Conditori vestro pejora amando, et meliora amittendo? Ille genus humanum terrenis omnibus praestare voluit, vos dignitatem (0852A) vestram infra infima quaeque detruditis. Quanto melius est interius ornari, quam exterius, animam perpetuam splendore polire.</i></p>	<p>abandonadas? As quais melhor gastando do que guardando enriquecem? Se, de fato a avareza faz os odiosos, a generosidade faz os ilustres. A abundância das riquezas apenas é reunida por causa da indigência dos outros. Por que procuras as honras para o consolo da soberba<sup>33</sup>? Não é uno o Pai de todos<sup>34</sup>? E por que uma ofensa fazeis para seu Criador amando as piores coisas e desperdiçando as melhores? Ele quis que o gênero humano superasse todas as coisas terrenas, vós empurrais a vossa dignidade para mais abaixo de qualquer coisa ínfima. Quão melhor é ser ornado interiormente do que exteriormente, e polir a alma perpétua com esplendor<sup>35</sup>.</p>
---	---

<b>DIS.</b> <i>Quae sunt animae ornamenta [perpe-</i>	<b>ALUNO.</b> Quais são os ornamentos perpé-
---	--

<sup>33</sup> Boécio (2.5.3-6): *Diuitiae uel uestrae uel sui natura pretiosae sunt? Quid earum potius? Aurumne ac uis congesta pecuniae? Atqui haec effundendo magis quam coacervando melius nitent, si quidem auaritia semper odiosos, claros largitas facit. Quodsi manere apud quemque non potest quod transfertur in alterum, tunc est pretiosa pecunia cum translata in alios largiendi usu desinit possideri. At eadem, si apud unum quanta est ubique gentium congeratur, caeteros sui inopes fecerit. Et uox quidem tota pariter multorum replet auditum, uestrae uero diuitiae nisi comminutae in plures transire non possunt; quod cum factum est, pauperes necesse est faciant quos relinquunt* (As riquezas são preciosas em virtude da própria natureza delas ou da sua? Qual a mais importante delas? O ouro ou as pilhas de dinheiro? No entanto, essas coisas brilham mais gastando do que acumulando. Se a avareza sempre torna os homens odiosos, a liberalidade torna-os famosos. E se um homem não pode ter o que é dado a outro, então é precioso o dinheiro quando, concedido a outros, pelo uso da liberalidade não é mais possuído. Mas se todo o dinheiro do mundo fosse reunido sob a custódia de um homem, todos os outros seriam pobres. A voz, ao mesmo tempo, enche totalmente os ouvidos de muitos, mas suas riquezas não podem passar para muitos, a menos que sejam diminuídas, o que, sendo feito, necessariamente tornará pobres aqueles que a deixam).

<sup>34</sup> Boécio (3.6) [ ...] *Unus enim rerum pater est, unus cuncta ministrat* (De fato, um é o pai das coisas, um governa todas as coisas).

<sup>35</sup> Boécio (2.5.26-27): *Et alia quidem suis contenta sunt, uos autem deo mente consimiles ab rebus infimis excellentis naturae ornamenta captatis nec intellegitis quantam conditori uestro faciatis iniuriam. Ille genus humanum terrenis omnibus praestare uoluit, uos dignitatem uestram infra infima quaeque detruditis* (Todas as outras criaturas se contentam com o que possuem; e você, que em sua mente carrega a semelhança de Deus, das coisas mais vis, se contenta em tirar os ornamentos de sua excelente natureza, nem entendeis quanto dano fazeis ao vosso Criador. Ele deseja que a raça humana supere todas as coisas terrenas; vós empurrais vossa dignidade abaixo do mais baixo.).

<i>tua]?</i>	tuos da alma?
<b>MAG.</b> <i>Primo omnium sapientia, cui vos maxime studere cohortor [Ms., suadeo].</i>	<b>PROFESSOR.</b> A sabedoria é a primeira de todas as coisas, a qual exorto-vos a desejar acima de tudo <sup>36</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Unde scimus sapientiam esse perpetuam? Et si haec omnia quae ante numerasti, transitoria sunt, cur non et horum scientia pertransit?</i>	<b>ALUNO.</b> Como sabemos que a sabedoria é perpétua? E se todas estas coisas que antes enumeraste forem transitórias, por que também não termina a ciência destas?
<b>MAG.</b> <i>Animam putatis esse perpetuam?</i>	<b>PROFESSOR.</b> Acreditais ser a alma perpétua?
<b>DIS.</b> <i>Non solum putamus, sed etiam certissime scimus.</i>	<b>ALUNO.</b> Não só acreditamos, mas também sabemos com toda certeza.
<b>MAG.</b> <i>Estne sapientia decus et dignitas animae?</i>	<b>PROFESSOR.</b> Não é a sabedoria a virtude e dignidade da alma?
<b>DIS.</b> <i>Est vere.</i>	<b>ALUNO.</b> É verdade.
[ <b>MAG.</b> <i>Quomodo absque sapientia, decore suo, anima feliciter poterit esse perpetua? (0852B) Nonne absque ratione est, animam absque decore et dignitate sua esse perpetuam?]</i> <i>Consequens videtur utramque esse perpetuam, animam scilicet et sapientiam. Videtisne quolibet casu saepissime divitias habentem deserere, et omnes saeculi honores multoties minui?</i>	<b>PROFESSOR.</b> De que modo a alma poderá ser felizmente perpétua sem seu ornamento, a sabedoria? Não é sem razão que a alma, sem seu ornamento e sua dignidade, seria perpétua? A consequência lógica parece ser que ambas são perpétuas, certamente a alma e a sabedoria. Não vedes por acaso, frequentemente, as riquezas abandonarem qualquer um que as tem e, muitas vezes, todas as honras do mundo serem diminuídas?

<sup>36</sup>Boécio (2.5.30): *Quam uero late patet uester hic error, qui ornari posse aliquid ornamentis existimatis alienis!* (E até onde vai esse seu erro, pensais que alguém pode ser adornado com os ornamentos de outro?).

<i>DIS. Videmus itaque ut ne regni quidem potentia perduret [Ms., uti perdurat].</i>	<b>ALUNO.</b> Assim vemos como nem mesmo o poder do reino perdura.
<i>MAG. Quid divitiae sine sapientia?</i>	<b>PROFESSOR.</b> O que são as riquezas sem sabedoria?
<i>DIS. Quod corpus sine anima, Salomone dicente: Quid prosunt divitiae stulto, cum sapientiam emere non possit (Prov. XVII, 16)?</i>	<b>ALUNO.</b> Como corpo sem alma, Salomão disse: Para que servem as riquezas ao estúpido, quando não pode comprar a sabedoria (Prov. XVII, 16)?
<i>MAG. Nonne haec est, quae humilem exaltat, et erigit de stercore pauperem, ut sedeat cum principibus, et solium gloriae teneat?</i>	<b>PROFESSOR.</b> Não é essa, que exalta o humilde, e eleva da sujeira o pobre, para que possa se sentar com os príncipes, e ter o trono da glória?
<i>DIS. (0852C) Est quidem, sed quam speciosa in habendo, tam laboriosa in acquirendo.</i>	<b>ALUNO.</b> Certamente é, mas tão laboriosa para se adquirir como esplêndida para se ter.
<i>MAG. Quis miles sine certamine coronabitur? Quis agricola sine labore abundat panibus? Nonne vetus proverbium, radices litterarum esse amaras, fructus autem dulces? Igitur et noster orator in Epist. ad Hebr. idem probat. Omnis quidem disciplina in praesenti non videtur esse gaudii sed moeroris; postea [vero] pacatissimum fructum exercitatis in ea affert justitiae.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Que soldado será coroado sem combate? Que agricultor tem pães em abundância sem labor <sup>37</sup> ? Não diz o velho provérbio: as raízes das letras são amargas, porém, os frutos, são doces <sup>38</sup> ? E, do mesmo modo, nosso orador na Epístola aos Hebreus o mesmo prova <sup>39</sup> . De fato, toda disciplina no presente não parece ser fonte de alegria, mas de tristeza. Mais tarde, no entanto, ela traz o doce fruto da justiça para aqueles que nela são disciplinados.

<sup>37</sup> Cf. 2 Timóteo 2:5-6.

<sup>38</sup> São Jerônimo (1.11.12), in *Hieremian Prophetam: Vnde et uetus illa sententia est: 'Litterarum radices amaras, fructus dulces'* (Daí também aquela velha sentença: 'As raízes das letras são amargas, os frutos são doces').

<sup>39</sup> Cf. Hebreus 5:12.

<p><b>DIS.</b> <i>Duc, age, quo libeat, sequimur libenter, quia spes praemii solet laborem relevare. Omnis quippe qui arat, in spe arat percipiendi fructus. Fertur itaque, dum Diogenes magnus ille philosophus omnes suos a se expulit discipulos dicens: (0852D) Ite, quaerite vobis magistrum, ego vero [inveni] mihi, ei solus Plato adhaesit, et quadam die lutulentis pedibus super exstructum magistri lectulum cucurrit assidere doctori, quem Diogenes baculo ferire minitabatur; cui puer inclinato capite respondit: Nullus est tam durus baculus, qui me a tuo segregare possit latere. At si [Ms., Si ergo] ille amore saecularis sapientiae flagrans, coelestis vero, quae ad vitam ducit perpetuam, ignarus, sic ardentem magistrum sequi persistebat, quanto magis nos tua, magister, ingredientem vel egredientem vestigia sequi debemus, qui non solum litterario [Ms., litteratorio] nos liberalium studiorum itinere ducere nosti, sed etiam meliores sophiae vias, quae ad vitam ducit aeternam (0853A) [pandere] poteris?</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Comanda, conduz, para onde lhe agrada, alegremente seguimos, porque a esperança do prêmio costuma aliviar o esforço. Todo aquele que ara, naturalmente ara na esperança de colher os frutos<sup>40</sup>. É assim que se diz que, quando Diógenes, aquele grande filósofo, expulsou todos os seus discípulos, dizendo para eles: “Ide, procurai para vós um mestre, eu por certo encontrei um para mim”, apenas Platão teria ficado com ele, e certo dia, sobre o leito arrumado do mestre, o menino correu com pés lamacentos, sentou-se com o mestre, a quem Diógenes ameaçou ferir com um bastão. Nisso, abaixando a cabeça, o menino respondeu: “nenhum bastão é tão duro, que possa me separar do teu lado”. Mas se aquele, inflamado pelo amor à sabedoria do mundo e com a certeza da celestial, a qual conduz para a vida eterna, ignorante, persistia ardentemente em seguir o mestre, quanto mais nós, mestre, devemos seguir os teus passos que entram ou saem. Poderás revelar-nos não apenas o caminho literário e das artes liberais, mas também, o das melhores vias da sabedoria, aquela que leva para vida eterna<sup>41</sup>?</p>
--	---

<sup>40</sup> Cf. 2 Timóteo 2:6.

<sup>41</sup> São Jerônimo (2.14), in *Adv. Iovinianum: Hic certe est Antisthenes qui cum gloriose docuisset rhetoricam, audissetque Socratem, dixisse fertur ad discipulos suos “abite et magistrum quaerite; ego enim iam reperi”*; *statimque venditis quae habebat, et publice distributis, nihil sibi amplius quam palliolum reservavit. [...] (2.17): Huius Diogenes ille famosissimus sectator fuit, potentior rege Alexandro, et naturae humanae victor. Cum autem Antisthenes discipulorum nullum reciperet, et perseverantem Diogenem remove non posset, novissime ei minatus est clavam, nisi abiret. Tum ille subiecisse caput fertur atque dixisse: ‘Nullus tam durus baculus erit, qui me a tuo possit consortio separare.’* (Este certamente é o Antístenes que, depois de ter ensinado retórica com renome, e ter ouvido, em seguida, Sócrates, é tradicionalmente relatado como tendo dito a seus discípulos: "Vá

<p><b>MAG.</b> <i>Divina nos praecedat gratia, et in thesauros spiritalis deducat sapientiae, in qua divinae ubertatis fonte inebriari [possitis], ut sit in vobis fons aquae salientis in vitam aeternam. Sed quia Apostolo praecipiente legimus: Omnia vestra honesta cum ordine fiant, vos per quosdam eruditionis gradus ab inferioribus ad superiora esse ducendos reor, donec pennae virtutum paulatim accrescant, quibus ad altiora puri aetheris spectamina volantes dicere valeatis: Introduxit nos rex in cellaria sua, exultabimus et laetabimur in eis (Cant. I, 3).</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> A divina graça nos preceda e nos conduza aos tesouros espirituais da sabedoria, que possais ser inebriado na fonte da divina abundância<sup>42</sup>, para que esteja em vós a fonte de água que jorra para vida eterna<sup>43</sup>. Mas, uma vez que lemos os preceitos do Apóstolo: "todas as vossas coisas honestas, sejam feitas com ordem"<sup>44</sup>, penso que vós deveis ser conduzidos através de certos degraus de educação dos mais inferiores para os mais superiores, até que cresçam, paulatinamente, as asas das virtudes, com as quais, voando para as visões mais elevadas do éter puro, sejais capazes de dizer: "Introduziu-nos o rei em sua despensa, exultamos e estaremos contentes nela." (Cant. I, 3).</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Da dexteram, magister, et nos ab humo imperitiae eleva, et in gradus sophiae nos tecum constitue, in quibus te ex morum dignitate, ex verborum (0853B) veritate saepius consistere agnovimus, quo te rerum ratio pulcherrima ab ineunte, ut audivimus, aetate perduxit; et si poeticis licet aures accommodare fabulis, nobis non incongruum videtur, quod asserunt, epulas deorum esse</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Dá-nos a destra, ó mestre, e nos levanta do húmus da imperícia e estabelece-nos contigo nos degraus da sabedoria, nos quais reconhecemos que, muitas vezes, te estabeleceste pela dignidade das condutas, pela verdade das palavras, como a vida conduziu; onde, como ouvimos, a ti a belíssima razão das coisas iniciou, e se é lícito dar ouvidos para as fábulas poéticas,</p>

embora e procure seu mestre: agora encontrei o meu." Imediatamente vendeu o que tinha e distribuiu ao público, guardando para si apenas um manto. [...] Este Diógenes foi o seguidor mais famoso, mais poderoso que o rei Alexandre e conquistador da natureza humana. Mas quando Antístenes não recebeu nenhum de seus discípulos e não pôde remover o persistente Diógenes, finalmente ele o ameaçou com uma vara, a menos que ele partisse. Diz-se então que ele baixou a cabeça e disse: 'Não haverá bastão tão duro que possa me separar de sua companhia.'

<sup>42</sup> Cf. Salmos 35:9.

<sup>43</sup> Cf. João 4:14.

<sup>44</sup> Cf. 1 Coríntios 14:40.

<i>rationes.</i>	não nos parece incongruente, que afirmem ser as palavras o banquete dos deuses <sup>45</sup> .
<b>MAG.</b> <i>Verius, o filii! dicere potestis, rationes esse angelorum cibum, animarum decorem, quam epulas deorum.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Mais exatamente, ó filhos! Podeis dizer que as palavras são mais o alimento dos anjos, o ornamento das almas, do que o banquete dos deuses <sup>46</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Quoquo modo haec dici debeant, primos precamur nobis sapientiae ostendi gradus, ut Deo donante et te edocente ab inferioribus ad superiora pervenire valeamus.</i>	<b>ALUNO.</b> Qualquer que seja o modo como devem ser ditas estas coisas, imploramos para nos serem revelados os primeiros degraus da sabedoria, para que, mediante a concessão e ensinamento de Deus, possamos partir das coisas menores até alcançar as maiores.
<b>MAG.</b> <i>Legimus, Salomone dicente, per quem ipsa se cecinit [Sapientia]: Sapientia aedificavit sibi domum, excidit columnas septem (Prov. IX, 1). Quae sententia licet ad divinam (0853C) pertineat sapientiam, quae sibi in utero virginali domum, id est corpus, aedificavit, hanc et septem donis sancti Spiritus confirmavit: vel Ecclesiam, quae est domus Dei, eisdem donis illuminavit; tamen sapientia 268 liberalium litterarum septem columnis confirmatur; nec aliter ad perfectam quemlibet deducit scientiam, nisi his septem columnis vel etiam gradibus exaltetur.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Em Salomão, por meio de quem a Sabedoria cantou a si mesma, lemos: "A sabedoria edificou para si uma casa, talhou as sete colunas." (Prov. IX,1). É lícito que essa sentença seja pertinente à sabedoria divina, a qual edificou para si uma casa em útero virginal, isto é, se fez carne, e a este os sete dons do Espírito Santo confirmou: iluminou também a Igreja, que é a casa de Deus, com os mesmos dons. No entanto, a sabedoria é construída pelas sete colunas das artes liberais; nem de qualquer outra forma quem quer que seja conduz à perfeita ciência se não for elevado por estas sete colunas ou, na verdade, degraus.
<b>DIS.</b> <i>Tandem aliquando pande quod</i>	<b>ALUNO.</b> Finalmente, revela, de uma vez, o

<sup>45</sup> Uma metáfora presente nas obras de Platão. Cf. Timeu 27b, Górgias 447a; República 352b, 357a-b.

<sup>46</sup> O alimento dos deuses seria o néctar e a ambrósia. Cf. Fedro 247a; Banquete 203b.

<p><i>promisisti, et propter fragilitatem nostrae aetatis nos mollioribus incipe lactare, ut ad solidiora, crescente aetate, facilius perveniamus.</i></p>	<p>que prometeras, e por causa da fragilidade da nossa idade, a nós com mais calma inicia a dar o leite, a fim de que as coisas mais sólidas, crescendo com a idade, alcancemos mais facilmente<sup>47</sup>.</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Divina praeviente etiam et perficiente gratia faciam quod rogastis, vobisque ad videndum ostendam [Ms., ostendero] septem philosophiae gradus, per eosdemque Deo donante et vita (0853D) comite pro nostrarum portione virium penes temporis et aetatis opportunitatem ad sublimiora speculativae scientiae deduxero.</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Tendo a divina graça vindo antes e também se fazendo presente, farei o que pedistes, e para vós revelarei o que deve ser entendido, os sete degraus da filosofia, e, por meio deles mesmos, com a concessão de Deus e tendo a vida por companheira, conduzirei de acordo com o quinhão de nossa forças, e sob a oportunidade do tempo e da idade, para as coisas mais sublimes da ciência especulativa.</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Duc etiam, duc et tandem aliquando de nidulo ignaviae in ramos tibi a Deo datae sapientiae compone; unde aliquod veritatis lumen cernere valeamus: et quos toties promisisti, septenos theorasticae [Ms. forastice] disciplinae gradus nobis ostende.</i></p>	<p><b>ALUNO.</b> Conduz-nos e, em algum momento, faça do ninho da ociosidade os ramos da sabedoria, que foi dada a ti por Deus; de onde possamos discernir alguma luz da verdade: e os quais tantas vezes prometestes, os sete degraus da disciplina teórica, para nós revela.</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Sunt igitur gradus, quos queritis, et utinam tam ardentis sitis semper ad [ascendendum (Edit., descendum)], quam curiosi modo estis ad videndum: grammatica, rhetorica [dialectica], arithmetica, (0854A) geometrica, musica et astrologia. Per hos enim philosophi sua contriverunt otia atque negotia. Iis namque consulibus</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Existem, portanto, os degraus, os quais procurais, e oxalá sede vós tão desejosos para o que deve se aprender, como de certo modo sois curiosos para o que deve ser entendido: a gramática, a retórica, a dialética, a aritmética, a geometria, a música e a astrologia. Por estas, na verdade, os filósofos empregaram seus ócios e negócios.</p>

<sup>47</sup> Cf. Hebreus 5:13-14.

<p><i>clariores effecti, iis regibus celebriores, iis videlicet aeterna memoria laudabiles: iis quoque sancti et catholici nostrae fidei doctores et defensores omnibus haeresiarchis in contentionibus publicis semper superiores exstiterunt. Per has vero, filii charissimi, semitas vestra quotidie currat adolescentia, donec perfectior aetas et animus sensu robustior ad culmisanctaru Scripturarum perveniat. Quatenus hinc inde armati verae fidei defensores et verita assertores omnimodis invincibiles efficiamini.</i></p>	<p>Por elas, de fato, os cônsules foram feitos mais brilhantes, por elas os reis, mais célebres, por elas evidentemente na eterna memória louváveis: por elas também, santos e doutores de nossa fé universal e os defensores para todas as heresias nas controvérsias públicas sempre mais que superiores emergiram. Por estas sendas, verdadeiramente, filhos caríssimos, diariamente corra vossa juventude, até que ela alcance a idade mais perfeita e a mente com o senso mais robusto os cumes das Sagradas Escrituras. Até que daí em diante, tornei-vos defensores armados da verdadeira fé e protetores invencíveis da verdade de todas as formas possíveis.</p>
--	---

<p style="text-align: center;"><b>SAXO, FRANCO, DISCIPULI; MAGISTER.</b></p> <p><i>(0854B)Fuerunt in schola Albini magistri duo pueri, unus Franco, alter Saxo, qui nuperrime spineta grammaticae densitatis irruerunt. Quapropter placuit illis paucas litteralis [Ms., paucis litterulis] scientiae regulas memoriae causa per interrogationes et responsiones excerptare.</i></p> <p><i>At prior illorum Franco dixit Saxoni: Eia, Saxo, me interrogante responde, quia tu majoris es aetatis. Ego XIV annorum; tu ut reor XV. Ad haec Saxo respondit: Faciam; ita tamen, ut si quid altius sit interrogandum, vel ex philosophica disciplina proferendum, liceat magistrum interrogare.</i></p> <p><i>Ad haec magister: Placet, filii, propositio</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SAXO, FRANCO, DISCÍPULOS; MESTRE.</b></p> <p>Na escola do professor Albino, havia dois meninos, um chamado Franco, outro chamado Saxo, os quais recentemente irromperam o espinhal da densa gramática. Portanto, por causa da memória, a eles apraz escolher apenas algumas regras da ciência da escrita através das perguntas e respostas. Enquanto o primeiro deles, Franco, disse para Saxo: “Ei! Saxo, respondes o perguntado por mim, porque tu és maior de idade. Eu tenho 14 anos; enquanto tu 15, suponho”.</p> <p>A estes Saxo respondeu: “assim farei, no entanto, se quando algo existir que deva ser examinado mais profundamente, ou que por</p>
---	---



<p><i>vestra: et libens annuo vestrae sagacitati. Et primum dicite unde [primum] vestram convenientius disputationem (0854C) esse arbitramini incipiendam?</i></p>	<p>causa da disciplina filosófica deva ser expresso, é permitido perguntar ao professor”.</p> <p>A estes, o professor disse: Apraz-me, filhos, vossa proposição: e com prazer anuo à vossa astúcia. E primeiro dissei-me o que tínheis pensado, a partir de onde pensais começar a vossa discussão?<sup>48</sup></p>
<p><b>DIS.</b> <i>Unde, domine magister, nisi a littera?</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> De onde mais, senhor, professor, se não da letra?<sup>49</sup></p>
<p><b>MAG.</b> <i>Bene arbitramini, si non philosophiae memoriam paulo prius fecissetis [Ms., fecissemus]. Unde a voce, cujus causa litterae sunt inventae, inchoandam disputationem constat [Ms., censeo]: vel magis primo omnium interrogandum est, quibus modis constet disputatio?</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Bem considerais, se vós não tivésseis trazido à lembrança da filosofia um pouco antes. É evidente, julgo, de onde a disputa deve ser iniciada, pela voz, por cuja causa as letras foram inventadas: ou melhor, primeiro de tudo, deve ser perguntado, de que modos consiste uma discussão?<sup>50</sup></p>
<p><b>DIS.</b> <i>Et a te, magister, suppliciter rogamus exponi. Nam nos nescire confitemur quibus modis constet disputatio.</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> E a ti, professor, suplicantemente rogamos que isso seja explicado. Pois nós confessamos desconhecer de que modos consiste uma discussão.</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Tria sunt quibus omnis collocutio disputatioque perficitur, res, intellectus, voces. Res sunt, quae animi ratione</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> A coisa, o intelecto e as vozes são as três coisas pelas quais toda conversa e discussão é realizada. As coisas</p>

<sup>48</sup> Um dos indícios de que o manual era voltado para o uso escolar, pois essa sugestão é a deixa para que o professor Albinus (Alcuíno) explique em que consiste uma *disputatio*.

<sup>49</sup> Esta ideia parece aludir as explicações etimológicas presentes na obra *Etymologiarum sive Originum* de Isidoro de Sevilha.

<sup>50</sup> Inicialmente uma *Disputatio* consistia em um debate público sobre assuntos religiosos. As diferenças de entendimento acerca de certas doutrinas religiosas induziram os eruditos a confrontar suas opiniões a fim de conquistar os oponentes para o seu lado por meio de apelos à razão. Nesse sentido, pode-se dizer que há um transporte do sistema antes voltado para questões religiosas para a gramática.

<p><i>percipimus. Intellectus, quibus res ipsas addiscimus. Voces, quibus res intellectas proferimus; cujus causa, (0854D) ut diximus [Ms., ut prius dixi], litterae inventae sunt.</i></p>	<p>são, o que percebemos pela mente racional. O intelecto, aquilo pelo qual aprendemos propriamente as coisas. As vozes, aquilo através do que apresentamos os assuntos que entendemos; como disse anteriormente por causa dela as letras foram inventadas.</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Sed quia disputationis modos dixisti, vocis differentias ut exponas, precamur.</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> Mas, uma vez que disseste os modos de discussão, pedimos que definas os diferentes tipos de voz.</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Quatuor sunt differentiae vocis: articulata, inarticulata; litterata, illitterata. Articulata est, quae copulata atque coarctata cum sensu profertur, ut: Arma virumque cano... Inarticulata, quae a nullo sensu proficiscitur, ut crepitus, mugitus. Litterata, quae scribi potest; illitterata, quae scribi non potest.</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Existem quatro tipos diferentes de voz: articulada, inarticulada; letrada e iletrada<sup>51</sup>. A voz articulada é, aquela que se apresenta, associada e ajustada com o sentido, como em: "<i>Arma virumque cano...</i>" (Canto as armas e o homem - Virgílio, <i>Eneida</i>, I, I). A voz inarticulada, aquela que não parte de nenhum sentido, como o crepitar, o mugir. A voz letrada é aquela que se pode escrever. E a voz iletrada, a que não se pode escrever<sup>52</sup>.</p>

<sup>51</sup> Essa definição é uma reprodução de Prisciano (2.5.5): *vocis...differentiae sunt quattuor: articulata, inarticulata, literata, illiterata.* (São quatro as diferenças da voz: articulada, inarticulada, letrada e iletrada.)

<sup>52</sup> Temos em Prisciano (2.5.5-6): *articulata est, quae coartata, hoc est copulata cum aliquo sensu mentis eius, qui loquitur, profertur. inarticulata est contraria, quae a nullo affectu proficiscitur mentis. literata est, quae scribi potest, illiterata, quae scribi non potest. inveniuntur igitur quaedam uoces articulatae, quae possunt scribi et intellegi, ut: 'arma uirumque cano', quaedam, quae non possunt scribi, intelleguntur tamen, ut sibili hominum et gemitus: hae enim uoces, quamuis sensum aliquem significant proferentis eas, scribi tamen non possunt. aliae autem sunt, quae, quamuis scribantur, tamen inarticulatae dicuntur, cum nihil significant, ut coax, cra. aliae uero sunt inarticulatae et illiteratae, quae nec scribi possunt nec intellegi, ut crepitus, mugitus et similia* (Articulada é aquela reunida, isto é, combinada com algum sentido produzido pela mente daquele que fala. Inarticulada é o contrário, a que não procede de nenhuma afecção da mente. Letrada é a que pode ser escrita, iletrada a que não pode ser escrita. Portanto, encontram-se certas vozes articuladas que podem ser escritas e compreendidas, tais como: '*arma uirumque cano*'; outras que não podem ser escritas, no entanto, são compreendidas, como o assobio e o gemido dos homens: pois estas vozes, embora transmitam algum significado para aqueles que as proferem, no entanto, não podem ser escritas, porém existem outras que, embora sejam escritas, são ditas inarticuladas, quando nada

<b>DIS.</b> <i>Unde dicta vox?</i>	<b>ALUNOS.</b> De onde vem o nome “voz”, como é chamada?
<b>MAG.</b> <i>A vocando. Ecce habetis quae interrogastis. Nunc a littera incipite, filii.</i>	<b>PROFESSOR.</b> De <i>vocare</i> (chamar) <sup>53</sup> . Eis que agora tens o que perguntastes. Agora, da letra, começai, filhos.
<b>FRANCO.</b> <i>Dic Saxo prior, unde littera sit dicta?</i>	<b>FRANCO.</b> Antes, diga, Saxo, de onde vem o nome “letra”, como é chamada?
<b>SAXO.</b> <i>(0855A) Ut reor, littera est quasi legitera, quia legitibus iter praebebet.</i>	<b>SAXO.</b> Como penso, letra é quase como <i>legitera</i> <sup>54</sup> porque para os leitores oferece um caminho.
<b>269 FR.</b> <i>Da definitionem quoque.</i>	<b>FRANCO.</b> Dá também a definição.
<b>SAXO.</b> <i>Littera est pars minima vocis articulatae.</i>	<b>SAXO.</b> Letra é a menor parte da voz articulada <sup>55</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Habet et, magister, alteram definitionem littera?</i>	<b>ALUNOS.</b> Professor, a letra também tem outra definição?

significam, como *coax*, *cra* e outros, de fato, são inarticuladas e iletradas, as que não podem ser escritas nem compreendidas, como o crepitar, o mugir e outros semelhantes).

<sup>53</sup> Essa definição é próxima da encontrada em Prisciano (2.6.4): *uox autem dicta est uel a uocando, ut dux a ducendo...* (*vox*, porém, é chamada por causa de *vocando*, como '*dux*' por causa de *ducendo*).

<sup>54</sup> Essa definição se assemelha a que encontra-se em Prisciano (2.6.7-15): *littera est pars minima uocis compositae, hoc est quae constat compositione literarum, minima autem, quantum ad totam comprehensionem uocis literatae (ad hanc enim etiam productae uocales breuissimae partes inueniuntur) uel quod omnium est breuissimum eorum, quae diuidi possunt, id quod diuidi non potest. possumus et sic definire: littera est uox, quae scribi potest indiuidua. dicitur autem littera uel quasi legitera, quod legendi iter praebeat, uel a lituris, ut quibusdam placet, quod plerumque in ceratis tabulis antiqui scribere solebant* (letra é a menor parte da voz composta, isto é a que estabelece a composição das letras, e a menor, no que diz respeito à compreensão total da voz letrada (pois mesmo as vogais são consideradas as partes mais curtas produzidas para isso), por ser a mais curta de todas as partes que podem ser divididos, isto é, não podem ser divididas. também podemos defini-la da seguinte forma: letra é a voz que pode ser escrita de modo indivisível. mas é dito que a letra é como se fosse *legitera*, porque oferece um caminho para ler, ou de *lituris*, como agrada a alguns, que geralmente costumavam escrever em tábuas de cera dos antigos). Isto é, *legitera* seria algo como a junção da palavras *legere* (ler), *iter* (caminho) e *a* (para). Cf. Isidoro de Sevilha, *Etymologiae* (1.3.1-2).

<sup>55</sup> Essa definição é uma reprodução palavra por palavra de Donato (603.6): *littera est minima pars vocis articulatae* (letra é a menor parte da voz articulada).

<b>MAG.</b> <i>Habet, sed in eundem cadentem sensum. Littera est individua, quia sententias in partes, partes in syllabas, syllabas in litteras dividimus. Litterae vero indivisibiles sunt.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Tem, mas recaindo no mesmo sentido. Letra é indivisível, porque dividimos as sentenças em partes, as partes em sílabas, as sílabas em letras. Mas as letras, na verdade, são indivisíveis <sup>56</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Unde litterae elementa dicuntur?</i>	<b>ALUNOS.</b> Por que as letras são chamadas de elementos <sup>57</sup> ?
<b>MAG.</b> <i>Quia sicut elementa coeuntia corpus perficiunt, sic hae conglutinatae litteralem vocem componunt.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Porque, assim como os elementos unidos completam um corpo, assim estas se unem compondo a expressão escrita <sup>58</sup> .
<b>FR.</b> <i>Da, collega, divisionem litterarum.</i>	<b>FRANCO.</b> Agora me dá, colega, a divisão das letras <sup>59</sup> .
<b>SAXO.</b> <i>Sunt aut vocales aut consonantes.</i>	<b>SAXO.</b> São ou vogais ou consoantes. Da

<sup>56</sup> Prisciano (2.6.11-12): *littera est uox, quae scribi potest individua* (A letra é uma voz que pode ser escrita de modo indivisível). De acordo com Holtz (2004, p. 141), trata-se de um empréstimo de Diomedes (1.426.32): *grammaticae initia ab elementis surgunt, elementa figurantur in litteras, litterae in syllabas conguntur, syllabis comprehenditur dictio, dictiones coguntur in partes orationis, partibus orationis consummatur oratio* (os primórdios da gramática surgem dos elementos, os elementos são moldados em letras, as letras são reunidas em sílabas, as sílabas constituem a palavra, as palavras são reunidas em partes da oração, as partes da oração completam a oração).

<sup>57</sup> Em sua obra "A Consolação da Filosofia", Boécio se refere às letras 'π' e 'Θ' como elementos. Cf. nota 17. Também temos esse uso do termo elemento em Prisciano (2.6.24-25): *littera igitur est nota elementi et uelut imago quaedam uocis literatae, quae cognoscitur ex qualitate et quantitate figurae linearum. hoc ergo interest inter elementa et litteras, quod elementa proprie dicuntur ipsae pronuntiationes, notae autem earum litterae* (A letra é, portanto, um elemento conhecido e é como uma espécie de imagem da voz letrada, a qual se conhece pela qualidade e quantidade da forma das linhas. Esta, então, é a diferença entre os elementos e as letras, porque os elementos são propriamente chamados de pronúncias e as letras seus caracteres). Prisciano (2.7.1-2) também aponta que: *abusiue tamen et elementa pro literis et litterae pro elementis uocantur* (No entanto, os elementos são erroneamente chamados de letras e as letras são chamadas de elementos).

<sup>58</sup> De acordo com Law (2003, p.121), o pensamento correlativo, isto é, a busca por tecer correlações entre o fenômeno linguístico e outros planos de existência, como, por exemplo, o corpo humano (microcosmo), é um recurso didático comum as gramáticas voltadas para falantes não-nativos da língua.

<sup>59</sup> Aqui no sentido de agrupamento, já que anteriormente é dito que as letras são indivisíveis diferentemente das sílabas. Ou seja, as sílabas, por exemplo, só podem ser dividida em letras (s-i-l-a-b-a), mas as letras só podem ser divididas em agrupamentos como o grupo das vogais (a, i) e o das consoantes (s, l, b).

<i>Item consonantes dividuntur in semivocales et mutas.</i>	mesma forma, as consoantes se dividem em semivogais e mudas <sup>60</sup> .
(0855B) <b>FR.</b> <i>Rationem pone singulis divisionibus.</i>	<b>FRANCO.</b> Defina a regra para cada uma das divisões.
<b>SAXO.</b> <i>Vocales per se proferuntur et per se syllabam faciunt. Consonantes nec per se edici possunt, nec per se syllabam facere.</i>	<b>SAXO.</b> As vogais são pronunciadas e formam as sílabas por si mesmas. As consoantes não podem ser pronunciadas, nem podem formar uma sílaba por elas mesmas <sup>61</sup> .
<b>DIS.</b> <i>Habentne, magister, alteram rationem cur dividantur?</i>	<b>ALUNOS.</b> Professor, elas têm outra regra pela qual podem ser divididas?
<b>MAG.</b> <i>Habent. Vocales sunt sicut animae, consonantes sicut corpora. Anima vero et se movet et corpus. Corpus vero immobile est sine anima. Sic sunt consonantes sine vocalibus. Nam scribi possunt per se; edici vero vel potestatem habere sine vocalibus nequeunt.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Tem. As vogais são como as almas, as consoantes como os corpos. A alma, certamente, move a ambos, a ela mesma e ao corpo. Mas o corpo, de fato, é imóvel sem a alma. Assim são as consoantes sem as vogais. Pois, podem ser escritas por elas mesmas; mas não podem ser pronunciadas nem ter valor sem as vogais <sup>62</sup> .

<sup>60</sup> Baseado na definição de Donato (603.6) [...] *Litterarum aliae sunt uocales, aliae consonantes. Consonantium aliae sunt semiuocales, aliae mutae. Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam faciunt. Sunt autem numero quinque, a e i o u* (Das letras, umas são vogais, outras consoantes. Das consoantes, umas são semivogais, outras mudas. Vogais são aquelas que podem ser pronunciadas sozinhas e, sozinhas, fazem uma sílaba. São em número de cinco: a e i o u). Tradução de Dezotti (2011, p. 130).

<sup>61</sup> Prisciano (2.9.5-7): *ex his uocales dicuntur, quae per se uoces perficiunt uel sine quibus uox literalis proferri non potest, unde et nomen hoc praecipue sibi defendunt; ceterae enim, quae cum his proferuntur, consonantes appellantur* (destas são chamadas vogais, as que por si mesmas completam as vozes, ou sem as quais a voz letrada não pode ser pronunciada, daí guardarem especialmente esse nome para si mesmas; para o resto, as que são pronunciadas com estas, são chamadas de consoantes).

<sup>62</sup> Temos em Prisciano (2.13.22-27): *tantum enim fere interest inter uocales et consonantes, quantum inter animas et corpora. animae enim per se mouentur, ut philosophis uidetur, et corpora mouent, corpora uero nec per se sine anima moueri possunt nec animas mouent, sed ab illis mouentur. uocales similiter et per se mouentur ad perficiendam syllabam et consonantes mouent secum, consonantes uero sine uocalibus immobiles sunt* (pois existe quase tanta diferença entre vogais e consoantes quanto entre almas e corpos. Pois as almas se movem por si mesmas, como veem os filósofos, e movem os corpos; de fato, os corpos não podem se mover por si mesmos sem uma alma, nem movem as almas, mas são movidos por elas. As vogais também se movem sozinhas para completar uma sílaba, e as consoantes se movem com elas; de fato, as consoantes são imóveis sem vogais).

<b>FR.</b> <i>Unde dictae sunt vocales et consonantes?</i>	<b>FRANCO.</b> Por que são chamadas vogais e consoantes?
<b>SAXO.</b> <i>Vocales dictae sunt, quia per se vocem impleant nulla adhaerente consonante. Consonantes vocatae sunt, quia per se non sonant, sed vocalibus (0855C) consonant.</i>	<b>SAXO.</b> São assim chamadas de vogais, porque são completadas por si mesmas com uma voz, não tendo que estar unidas a uma consoante. Consoantes são assim chamadas, porque não soam por si mesmas, mas apenas têm som junto de outras vogais <sup>63</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quae est differentia inter semivocales et mutas?</i>	<b>FRANCO.</b> Qual é a diferença entre semivogais e mudas?
<b>SAXO.</b> <i>Quantum enim a vocalibus superantur semivocales, tantum semivocales superant mutas. Nam a vocalibus incipiunt et in se desinunt: et majori euphonia sonant, et saepius dictiones semivocalibus quam mutis, propter euphoniā, id est, sonoritatem, finiuntur. Mutae vero a se incipiunt et in vocales desinunt et deformius sonant.</i>	<b>SAXO.</b> De fato, tanto quanto as semivogais são superadas pelas vogais, as semivogais superam as mudas. Pois, iniciam com vogais e terminam em si mesmas: e soam com maior eufonia, e por causa da eufonia, isto é, da sonoridade, frequentemente as palavras são finalizadas mais em semivogais que em mudas. Mas, as mudas iniciam por si mesmas e terminam em vogais e soam mais disformes <sup>64</sup> .

<sup>63</sup> Essa definição aproxima-se da de Probo (4.4.9.5): *consonantes appellantur...quoniam coniunctis illis vocalibus sic nomina earundem consonant* (São chamadas de consoantes... porque quando são combinadas com as vogais, assim fazem os nomes soarem iguais).

<sup>64</sup> Prisciano (2.9.13-18): *hae ergo [hoc est semiuocales] quantum uincuntur a uocalibus, tantum superant mutas. ideo apud Graecos quidem omnes dictiones uel in uocales uel in semiuocales, quae secundam habent euphoniā, desinunt, quam nos sonoritatem possumus dicere, apud Latinos autem ex maxima parte, non tamen omnes, inueniuntur enim quaedam etiam in mutas desinentes* (estas [isto é, semivogais], na medida em que são derrotadas pelas vogais, superam as mudas. Portanto, entre os gregos, de fato, todas as palavras terminam ou em vogais ou em semivogais, que têm uma segunda eufonia, que podemos chamar de sonoridade, mas entre os latinos em grande parte das palavras, embora não em todas, pois algumas também são encontradas terminando em mudas).

<p><b>FR.</b> <i>Ut reor, in Donato legimus, tria accidisse litteris: nomen, figuram, potestatem. De nominibus et figuris non est opus dicere, sed de potestate velim dicas, et primo vocalium.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Como penso, lemos em Donato, que as letras possuem três acidentes<sup>65</sup>: o nome, a forma e o valor<sup>66</sup>. Sobre os nomes e as formas não é necessário dizer, mas desejo que tu fales sobre o valor e primeiramente das vogais.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Vocales sunt apud Latinos quinque. Nam y litteram sextam vocalem, (0855D) causa Graecorum nominum, assumpsere Latini, sicut et z consonantem. Itaque vocales et per se, ut dictum est, faciunt syllabas; plenas quoque solae positae explent partes; A, ut:</i>  <i>A mihi non teneras glacies secet aspera plantas!</i>  <i>E, ut:</i>  <i>... Sitiens simul ebibit amnem.</i>  <i>O, ut:</i>  <i>O si Gallorum victor remeasset in urbem!</i>  <i>I quoque verbum est:</i>  <i>I, decus, i nostrum melioribus utere fatis!</i>  <i>Sed I et U transeunt in consonantium potestatem, (0856A) cum in principio syllabae aliis vocalibus junguntur. Ut: janua, vates, jecur, veritas, Jonas, votum. Vel si sibi ipsis anteponuntur, ut: Juno, virgo. Fiunt quoque hae ipsae mediae, quando y Graecae vocalis sonum habent [ut i ], quando post u</i></p>	<p><b>SAXO.</b> São cinco as vogais em latim. Pois, por causa dos nomes gregos, os latinos assumiram a letra Y como a sexta vogal e assim Z como consoante<sup>67</sup>. Portanto, as vogais postas sozinhas formam sílabas, como foi dito, e por si mesmas também formam partes completas do discurso.  “A”, por exemplo:  <i>A mihi non teneras glacies secet aspera plantas!</i> (Ah! Que as minhas tenras solas dos pés os ásperos campos de gelo não cortem!)  “E”, por exemplo:  <i>... Sitiens simul ebibit amnem.</i> (...Sedento, de um vez só bebeu um rio).  “O”, por exemplo:  <i>O si Gallorum victor remeasset in urbem!</i> (Oh! Se apenas o vencedor dos gauleses tivesse voltado para a cidade!)  “I” também é um verbo:  <i>I, decus, i nostrum melioribus utere fatis!</i> (Vá, nossa glória, vá desfrute de melhor destino!)</p>

<sup>65</sup> De acordo com Schad (2007, p. 09) acidentes se referem às "qualidades acidentais", isto é, uma qualidade que é suscetível a variação.

<sup>66</sup> Donato (605.8): *Accidunt uni cuique litterae tria, nomen, figura, potestas* (Cada uma das letras tem três acidentes: nome, figura e propriedade). Tradução Dezotti (2011, p. 131). Cf. Prisciano (2.7.26).

<sup>67</sup> Prisciano (2.9.8-9): *sunt igitur uocales numero quinque: a e i o u. utimur etiam y Graecorum causa nominum* (Portanto, são cinco as vogais: a e i o u. também usamos y por causa dos nomes gregos).

<p><i>loco consonantis posita [Ed., positae] sequente d, vel m, vel r, vel t, vel x: video, vim, virtus, vitium, vix. U eundem habet sonum, id est y, cum inter q et aliam vocalem, vel post g et aliam vocalem in eadem syllaba [constituitur], ut: quisque, pingue, lingua. Est quoque ubi i pro duabus ponitur consonantibus, ubi inter duas vocales ponitur, ut: Troja, Maja. U quoque loco duplicis digammae in quibusdam locis accipitur, ut cupii, brevis i; Cupivi, longa i. Et ubicunque v loco consonantis ponitur, semper pro digamma habenda (0856B) est.</i></p>	<p>Mas I e U assumem o valor de consoantes, quando são unidas no princípio da sílaba a outra vogal<sup>68</sup>. Como em: <i>janua</i> (porta), <i>vates</i> (poetas), <i>jecur</i> (fígado), <i>veritas</i> (verdade), <i>Jonas</i>, <i>votum</i> (voto). Ou se elas mesmas são antepostas, como: <i>Juno</i>, <i>virgo</i> (virgem). Tornam-se também estas mesmas letras médias, quando elas têm o som de vogal do Y grego como I, quando são colocadas depois de U em vez de uma consoante seguido de D, ou M, ou R, ou T, ou X: <i>video</i> (veja), <i>vim</i> (força), <i>virtus</i> (virtude), <i>vitium</i> (vício), <i>vix</i> (dificilmente). U tem o mesmo som, isto é, de Y, quando ele é colocado entre Q e outra vogal, ou depois de G e outra vogal na mesma sílaba, como em: <i>quisque</i> (quem quer que), <i>pingue</i> (gordo), <i>lingua</i> (língua)<sup>69</sup>. Existe também quando I é colocado em vez de duas consoantes, quando I é colocado entre duas vogais, como em: <i>Troja</i> (Troia), <i>Maja</i> (Maia). U também é</p>
---	---

<sup>68</sup> O valor sonoro destas vogais em posições iniciais se assemelham ao de uma semivogal. Tal fato deu origem as letras j (i) e v (u). Estas não constavam no alfabeto latino na época da *Ars Grammatica* de Alcuíno, pois foram introduzidas por Pierre de la Ramée, no século XVI, para distinguir o i vocálico (que continuou sendo grafado i) do i semivocálico (j) e o u vocálico do u semivocálico (v). No texto que consta na *Patrologia Latina*, elas são utilizadas, então preferimos mantê-las por julgarmos que assim o exemplo das distinções feito por Alcuíno fica mais claro. Ao longo do texto, sempre que i e u ocuparem as posições iniciais semivocálicas serão grafadas como j e v, respectivamente.

<sup>69</sup> Prisciano (2.7.17-23): *et i quidem, quando post u consonantem loco digamma functam Aeolici ponitur brevis, sequente d uel m uel r uel t uel x, sonum y Graecae uidetur habere, ut uideo, uim, uirtus, uitium, uix, u autem, quamuis contractum, eundem tamen [hoc est y] sonum habet, inter q et e uel i uel ae diphthongum positum, ut que, quis, quae, nec non inter g et easdem uocales, cum in una syllaba sic inuenitur, ut pingue, sanguis, linguae.* (e i, de fato, quando após a consoante u, é colocada em vez da função digamma breve do eólico, seguido de d, m, r, t ou x, é visto como tendo o som do y grego, como *uideo*, *uim*, *uirtus*, *uitium*, *uix*, *u*, embora contraído, ainda tem o mesmo som [isto é y], colocado entre q, e, i ou ae ditongo, como em *que*, *quis*, *quae*, e entre g e as mesmas vogais, quando se encontra em uma sílaba, como *pingue*, *sanguis*, *linguae*).



	admitido em certos lugares em vez de duplo <i>digamma</i> <sup>70</sup> , como em <i>cupī</i> (ser desejado), I breve; <i>cupīvi</i> (desejei), I longo. E em qualquer lugar que é colocado v em vez de consoante, U sempre em vez de <i>digamma</i> deverá ser considerado.
<b>FR.</b> <i>Habentne aliquae ex consonantibus aliquas singulares potestates?</i>	<b>FRANCO.</b> Algumas das demais consoantes têm valores particulares?
<b>SAXO.</b> <i>Habent. Primo quod unaquaeque suam habet potestatem, sicut et nomen et figuram; sunt aliquae ex illis liquidae, quae et vim consonantium amittunt. Accentus quoque saepe in prosa mutant.</i>	<b>SAXO.</b> Têm. Primeiramente, porque cada uma tem o seu valor, assim como o nome e a forma; algumas delas são líquidas, algumas também perderam o valor de consoantes. Os acentos também mudam frequentemente na prosa.
<b>FR.</b> <i>Quae sunt illae?</i>	<b>FRANCO.</b> Quais são elas?
<b>SAXO.</b> <i>L, R, M, N. Sed et S quoque singularis est potestatis. H quoque aspirationis nota. X vero et Z duplices sunt. Sed has rationes metricae subtilitatis esse reor, in quibus necdum eruditi sumus. Ideo noli me de illis plus interrogare, sed festinemus ad syllabas.</i>	<b>SAXO.</b> L, R, M, N. Mas também o S é de valor particular. H também é marca de aspiração. X e Z de fato são consoantes duplas <sup>71</sup> . Mas estas regras penso ser da sutileza de detalhe da métrica, na qual ainda não estamos sendo instruídos. Portanto não me pergunte muito mais sobre elas, mas nos apressemos em direção às sílabas.
<b>DE SYLLABA</b>	<b>SOBRE A SÍLABA</b>
(0856C) <b>FR.</b> <i>Syllaba quid?</i>	<b>FRANCO.</b> O que é sílaba?

<sup>70</sup> Letra grega arcaica - Ϝ

<sup>71</sup> Essas informações estão presentes tanto em Donato (604.11-605.5) quanto em Prisciano (2.9.10-12.21).

<b>SAXO.</b> <i>Vox litteralis sub uno accentu et uno spiritu prolata.</i>	<b>SAXO.</b> A voz letrada que é apresentada sob um sinal e um espírito <sup>72</sup> .
270 <b>FR.</b> <i>Quot litteris fiunt syllabae?</i>	<b>FRANCO.</b> As sílabas se formam com quantas letras?
<b>SAXO.</b> <i>Ab una incipiens usque ad sex: a, ab, abs, Mars, stans, stirps.</i>	<b>SAXO.</b> Iniciando com uma letra até seis letras: <i>a</i> (de), <i>ab</i> (de), <i>abs</i> (de), <i>Mars</i> (Marte), <i>stans</i> (permanecido), <i>stirps</i> (broto) <sup>73</sup> .
<b>FR.</b> <i>Habet syllaba sensum per se?</i>	<b>FRANCO.</b> A sílaba tem um sentido por si mesma?
<b>SAXO.</b> <i>Non habet, nisi plena dictio per unam syllabam constet, ut ars, do, dic, et alia.</i>	<b>SAXO.</b> Não tem, exceto a palavra completa que corresponda a uma sílaba, como: <i>ars</i> (arte), <i>do</i> (dou), <i>dic</i> (diz) e outras <sup>74</sup> .
<b>FR.</b> <i>Syllabae quot accidunt [Al., accedunt]?</i>	<b>FRANCO.</b> As sílabas têm quantos acidentes?
<b>SAXO.</b> <i>Quatuor: tenor, spiritus, tempus, numerus. Accentus; acutus, gravis, circumflexus; in dictione certus, absque dictione incertus; non potest tamen sine eo esse. Spiritus; asper vel lenis. Tempus I vel II [Ms., unum vel duo]. Numerus litterarum.</i>	<b>SAXO.</b> Quatro: acento, espírito, tempo, número <sup>75</sup> . Os acentos agudo, grave, circumflexo; ele é definido em uma palavra e é indefinido fora dela, mas a palavra não pode existir sem ele. Espírito; forte ou fraco. Tempo um ou dois. Número das letras.

<sup>72</sup>Essa definição é uma reprodução de Prisciano (2.44.4-5): *syllaba est uox litteralis, quae sub uno accentu et uno spiritu indistanter profertur* (Sílaba é a voz letrada, que é apresentada ininterruptamente sob um sinal e um espírito).

<sup>73</sup>Esse trecho provém de Prisciano (2.44.6-7): *non plus quam ad sex literas procedere syllaba potest in Latino sermone, ut: a, ab, arx, mars, stans, stirps* (Na língua latina, uma sílaba não pode apresentar mais de seis letras, como: *a, ab, arx, mars, stans, stirps*).

<sup>74</sup>Prisciano (2.51.19-20): *et similiter plena dictio in una syllaba, ut ars, do, dic, i* (e da mesma forma uma palavra completa em uma sílaba, como *ars, do, dic, i*).

<sup>75</sup>A mesma quantidade de acidentes enumerada por Prisciano (2.51.21): *accidit unicuique syllabae tenor, spiritus, tempus, numerus litterarum* (incide em cada sílaba o acento, o espírito, o tempo e o número de letras).

<b>FR.</b> <i>Quomodo habet syllaba unum tempus vel duo?</i>	<b>FRANCO.</b> Como pode uma sílaba ter um ou dois tempos?
<b>SAXO.</b> (0856D) <i>Brevis syllaba unum habet, longa duo.</i>	<b>SAXO.</b> A sílaba breve tem um tempo, a sílaba longa dois.
<b>FR.</b> <i>Quomodo fiunt breves vel longae?</i>	<b>FRANCO.</b> Como se formam as sílabas breves ou longas?
<b>SAXO.</b> <i>Breves fiunt natura et potestate [longae natura et positione]. Brevis est natura, dum raptim vocalis enuntiatur, ut: pater. Longa, dum moratur vox, ut: mater. Vel dum duae vocales in unam concurrunt syllabam, quod diphthongon vocant: et sunt tales compositiones quinque: ae, oe, au, eu, ei.</i>	<b>SAXO.</b> As breves se formam por natureza e por valor as longas, por natureza e por posição. A natureza é breve, quando a vogal é enunciada apressadamente <sup>76</sup> , como: <i>pater</i> (pai). Longa, quando a expressão é demorada, como: <i>mater</i> (mãe). Ou quando coincidem duas vogais em uma sílaba, a qual chamamos ditongo: e são cinco tais combinações: <i>ae, oe, au, eu, ei</i> <sup>77</sup> .
<b>FR.</b> <i>Unde dicitur diphthongos?</i>	<b>FRANCO.</b> Por que o ditongo é chamado assim?
<b>SAXO.</b> <i>Quasi dualis vox. Nam quoties duarum vocalium voces in unam syllabam et in unam vocem coeunt, diphthongos dicitur.</i>	<b>SAXO.</b> É como se fosse “dois tons” <sup>78</sup> . Pois, são chamados de ditongos os tons de duas vogais que se juntam com frequência em

<sup>76</sup> De acordo com Shad (2007, 52), uma sílaba é breve se contém uma vogal breve e não termina em duas consoantes ou algo equivalente. Essa definição encontra-se em Donato (605.13): *breves sunt quae et correptam vocalem habent et non desinunt in duas consonantes aut in unam duplicem aut in aliquid quod sit pro duabus consonantibus* (Breves são aquelas que têm vogal breve e que não terminam em duas consoantes ou em uma consoante dupla ou algo que tenha o valor de duas consoantes) Tradução Dezotti (2011).

<sup>77</sup> Alcuíno adapta a explicação de Donato (605.15): *longae aut natura sunt aut positione fiunt. natura, cum aut uocalis producitur, ut a o, aut duae uocales iunguntur, ut ae oe au eu ei* (Longas ou são longas por natureza ou se tornam longas por posição. Por natureza: ou quando a vogal é longa, como a, o; ou quando duas vogais se juntam e fazem ditongo, como ae, oe, au, eu, ei) Tradução Dezotti (2011).

<sup>78</sup> A definição de Alcuíno se assemelha à encontrada em Prisciano (2.37.13): *diphthongi dicuntur, quod binos phthongos, hoc est voces, comprehendunt* (são chamados de ditongos, porque incluem dois tons, isto é, duas vozes).

	uma sílaba e em uma expressão.
<b>FR.</b> <i>Quot modis fiunt syllabae positione longae?</i>	<b>FRANCO.</b> Quanto à posição, de quantos modos são formadas as sílabas longas?
<b>SAXO.</b> (0857A) <i>Sex. Cum correpta vocalis in duas desinit consonantes, ut: ast. Aut in unam duplicem, ut: dux. Aut in unam desinit consonantem et excipitur ab altera, ut: arca. Aut excipitur ab x duplici, ut: axis. Aut j loco consonantis posita, ut: Troja. Aut desinit in consonantem [et] excipitur ab i, vel u, loco consonantis posita, ut: advena, adjutor.</i>	<b>SAXO.</b> Seis. Quando a vogal breve termina em duas consoantes, como em: <i>ast</i> (mas). Ou entre uma dupla de consoantes, como em: <i>dux</i> (general). Ou quando termina em uma consoante e é seguida por outra consoante, como em: <i>arca</i> (baú). Ou é seguida de <i>x</i> com som de consoante dupla, como em: <i>axis</i> (eixo). Ou <i>j</i> colocado no lugar de consoante, como em: <i>Troja</i> (Troia). Ou terminada em consoante e é seguida de <i>i</i> , ou <i>u</i> , colocado no lugar de consoante, como em: <i>advena</i> (estrangeiro), <i>adjutor</i> (ajudante) <sup>79</sup> .
<b>FR.</b> <i>Si [Pro an] necesse est unamquamque syllabam longam esse vel brevem?</i>	<b>FRANCO.</b> E se for necessário como pode ser que uma sílaba qualquer seja longa ou breve?
<b>SAXO.</b> <i>Sunt syllabae [quae dicuntur] communes. Quae ad votum poetarum possunt vel breves vel longae esse. Sed haec, quia ad metricos pertinent, relinquamus.</i>	<b>SAXO.</b> Existem as sílabas que são chamadas comuns. Essas, de acordo com a opinião dos poetas, podem ser breves ou longas. Mas deixemo-las, porque pertencem aos especialistas em metro.
<b>FR.</b> <i>Magis interrogemus magistrum, ne ignari simus hujus quoque rationis.</i>	<b>FRANCO.</b> Perguntemos ainda mais ao professor, para que não sejamos ignorantes

<sup>79</sup> A explicação de Alcuíno é baseada na de Donato, porém o monge saxão acrescenta mais duas regras somadas as quatro descritas na obra donatiana como vemos em Dezotti (2011):

— por posição: ou quando uma vogal breve termina em duas consoantes, como *arma*, *arcus*; ou em uma consoante dupla, como *axis*; ou em uma consoante e uma vogal empregada como consoante, como “*at Iuno*”, “*at Venus*”; ou na letra *i* sozinha, empregada como consoante, que não poucos duplicam, como “*aio te*, *Aeacida*, *Romanos uincere posse*”. (Dezotti, 2011, p. 132)

	desta regra também.
<b>DIS.</b> <i>Dic nobis, magister, qua ratione vel quibus (0857B) modis communes possunt esse syllabae?</i>	<b>ALUNOS.</b> Diga para nós, professor, qual é a regra ou de que modo as sílabas podem ser comuns?
<b>MAG.</b> <i>Novem modis fiunt syllabae communes. Communes sunt, cum correpta vocalis in medio verbo excipitur a duabus consonantibus, quarum prior muta quaelibet est, vel f semivocalis: posterior liquida, ut: Tenebrae, pharetra, refluit. Aut, cum correpta vocalis in consonantem desinit, excipitur ab h, ut: vir humilis. Aut cum aliqua syllaba in brevem desinit vocalem, et excipitur a duabus consonantibus, quarum prior est s, ut: alba smaragdus. Aut cum post [pedem (Ms. pedes duos) quemlibet] una brevis remanserit syllaba de verbo, ut: Omnia vincit amor, et nos cedamus amori. Aut cum pars aliqua in diphthongon desinit, et (0857C) excipitur a vocali sequentis verbi, ut: Insulae Ionio... Aut cum productam vocalem in eodem verbo mox alterius syllabae sequitur vocalis, ut: fidei. Aut cum pronomen littera c terminatum est, et a vocali sequentis verbi excipitur, ut: hoc est. Aut cum correptam vocalem in una parte z duplex sequitur, ut: gaza. Item novissima syllaba in metro semper indifferens est, et voluntati poetae subjecta est. Est quoque,</i>	<b>PROFESSOR.</b> As sílabas comuns se formam de nove modos <sup>80</sup> . São comuns, quando a vogal breve no centro da palavra é seguida de duas consoantes, das quais qualquer que seja a primeira é muda, ou <i>f</i> semivogal: a próxima é líquida, como em: <i>Tenebrae</i> (escuridão), <i>pharetra</i> (tremor), <i>refluit</i> (retrocede). Ou, quando a vogal breve termina em consoante, e é seguida de <i>h</i> , como em: <i>vir humilis</i> (homem humilde). Ou quando alguma outra sílaba termina em vogal breve, e é seguida de duas consoantes, das quais a primeira é <i>s</i> , como em: <i>alba smaragdus</i> (berilo branco). Ou quando após o pé qualquer que seja tenha permanecido uma sílaba breve na palavra, como em: <i>Omnia vincit amor, et nos cedamus amori</i> (O amor tudo vence, e cedamos nós ao amor. Vírgilio - Bucólicas, X, 69). Ou quando alguma parte termina em ditongo, e é seguida pela vogal da palavra seguinte, como em: <i>Insulae Ionio</i> (Ilhas Jônico). Ou quando a vogal longa no mesmo verbo está próxima de outra sílaba seguida de vogal, como em: <i>fidei</i> (fé). Ou quando um pronome

<sup>80</sup> Ainda que houvesse se baseado na obra do gramático latino, diferentemente de Donato, que presou pela brevidade ao descrever as regras das sílabas comuns de um modo suscito, Alcuíno optou por expandir a explicação acrescentando exemplos para cada uma delas. Cf. Dezotti (2011, p. 132).

<p><i>quando in tribus consonantibus fit, communis syllaba, dum in brevem vocalem desinit syllaba et excipitur ab s sequente muta et liquida, ut Horat.:</i></p> <p><i>Linquimus insani ridentes praemia scribae.</i></p> <p><i>Plenius haec, vita comite, in metrica ratione vobis, filii, monstravero.</i></p>	<p>é terminado pela letra <i>c</i> e a vogal seguinte é seguida de um verbo, como em: <i>hoc est</i> (isto é). Ou quando a vogal breve resulta em <i>z</i> duplo com uma parte, como em: <i>gaza</i> (tesouro). Da mesma forma, a última sílaba em um metro não é nem longa nem breve, e está sujeita à vontade do poeta. É também uma sílaba comum, quando é formada por três consoantes, quando a sílaba termina em vogal breve e é seguida de <i>s</i> seguido de muda e líquida, como em Horácio.:</p> <p><i>Linquimus insani ridentes praemia scribae.</i> (Deixamos rindo as recompensas do insano escriba. Horácio - Sátiras. I, V, 35.)</p> <p>Tais coisas estando completas, companheiros na vida, filhos, a vós explicarei sobre a regra métrica.</p>
<p>(0857D) <b>DIS.</b> <i>Quid vis, magister, an de pedibus et accentibus ordinem Donati magistri sequentes interrogemus?</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> O que queres, professor, que perguntemos sobre os pés e acentos seguindo a ordem do mestre Donato?</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Amplius [Ms., Aptius] haec quoque in illa metrorum subtilitate intelligetis. Quia pedes vel accentus, nisi ex brevibus longisque syllabis nequeunt intelligi. Unde ad partes vos [convertite (Edit., convenite)].</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> A estas e também sobre aquelas sutilezas de detalhe dos metros entenderéis de maneira mais ampla. Pois pés ou acentos não somos capazes de entender, exceto por meio das sílabas breves e longas<sup>81</sup>. Daí para as partes do discurso voltai-vos.</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Prius, si placeat, magister, unde grammatica sit dicta vel quod sit ejus officium,</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> Revela para nós primeiro, caso concorde, professor, de onde vem ser cha-</p>

<sup>81</sup> No que diz respeito ao estudo dos pés Alcuíno não procura se aprofundar, ainda que sobre eles Donato tenha tratado em sua obra. Todavia, a fala pertencente aos discípulos evidência um contato anterior com o tema. Cf. Dezotti (2011, p. 133).

<i>pande nobis.</i>	mada de gramática e qual é a sua função?
<b>MAG.</b> <i>Grammatica est litteralis scientia, et est custos recte loquendi et scribendi; quae constat natura, ratione, auctoritate, consuetudine.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Gramática é a ciência das letras, a qual consiste em natureza, regra, autoridade e uso, e é a guardiã da fala e da escrita correta <sup>82</sup> .
<b>DIS.</b> <i>In quot species dividitur grammatica?</i>	<b>ALUNOS.</b> A gramática se divide em quantas categorias?
<b>MAG.</b> (0858A) <i>In XXVI. In vocem, in litteras, in syllabas, partes, dictiones, orationes, definitiones, pedes, accentus, posituras, notas, orthographiae [Ms., orthographiam...], analogiae, etymologiae, glossas, differentias, 271 barbarismum, soloecismum, vitia [Ms., vitium], metaplasmum, schemata, tropos, prosam, metra, fabulas, historias.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Em vinte seis categorias. Em voz, letras, sílabas, partes da oração, palavras, orações, definições, pés, acentos, pontuações, sinais diacríticos, ortografia, analogias, etimologias, glossas, as distinções semânticas, barbarismo, solecismo, vícios de linguagem, metaplasmo, esquemas, figuras de linguagem, prosa, metros, fábulas, histórias <sup>83</sup> .
<b>DIS.</b> <i>De istis singulis, antequam ad partium tendamus disputationem, aliquam cognitionem edissere nobis, magister, per singula</i>	<b>ALUNOS.</b> Sobre cada uma destas, explique o conceito para nós, professor, antes que passemos para a discussão das partes do

<sup>82</sup> Segundo Holtz (2004, p. 141), a definição de gramática dada por Alcuíno, a qual remonta a Varrão, é um empréstimo de Diomedes (1.39.16): *constat autem, ut asserit Varro, his quattuor, natura analogia consuetudine auctoritate* (Mas [a latinidade] consiste, como afirma Varrão, nestes quatro: natureza, analogia, costume e autoridade). Essa definição também se aproxima da primeira parte da definição de Quintiliano (1.4.2): *recte loquendi scientia et poetarum enarratio* (ciência do falar corretamente e da explicação detalhada dos poetas). Sob essa perspectiva, Alcuíno se dedicou especialmente a desenvolver um método que condensasse o conhecimento gramatical de modo a possibilitar o desenvolvimento de uma fala correta por parte dos estudantes, que facilmente se lembrariam das regras gramaticais ao recordarem trechos da *disputatio* entre Franco e Saxo. A segunda parte da definição de Quintiliano apesar de não ser explicitada por Alcuíno em sua definição, se faz presente em seu método, quando este recorre aos trechos literários para desenvolver algumas de suas explicações gramaticais.

<sup>83</sup> Swiggers (2004, p. 150) afirma que a lista de Alcuíno é praticamente a mesma de Isidoro de Sevilha, o qual, no entanto, reconhece as 8 partes da oração como categorias, mas este não menciona a *dictio* (que Alcuíno define segundo Prisciano), nem a *oratio* (também definida segundo Prisciano), nem a *definitio* (a qual Isidoro aborda em seu livro sobre a dialética). Além disso, onde Isidoro enumera 30 categorias, Alcuíno conta 26, mas se considerarmos a lógica de Isidoro e contarmos as partes da oração como 8 categorias, então haveria 33 categorias para o monge saxão. Cf. Holtz (2004, p. 140).

<i>currens.</i>	discurso, percorrendo um por um de cada vez.
-----------------	--

<p><b>MAG.</b> <i>Jam de voce, littera et syllaba in superioribus habuistis. Dictio est pars minima vocis constructae, plenumque sensum habentis. Oratio est ordinatio dictionum, congruam sententiam perfectamque demonstrans: et est oratio dicta quasi oris ratio. Definitio est brevis (0858B) oratio, unamquamque rem propria significatione concludens, ut: homo est animal mortale, rationale, risus capax. Scire igitur debetis quod definitio ad omnes disciplinas et res pertinet. Pes est syllabarum compositio et temporum certa dimensio [Ms., dinumeratio]. Pedes dicti, eo quod ipsis [Ms., per ipsos] metra ambulent. Accentus est certa lex et regula ad levandam et comprimendam syllabam. Positurae sunt puncti ad distinguendos sensus. Notae sunt figurae quaedam, vel ad brevianda verba, vel sensus exprimendos: vel ob diversas causas constitutae, ut in Scriptura sacra obelus ÷, vel asteriscus *. Orthographia est recta scriptu-</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Sobre a voz, a letra e a sílaba já tendes acima. A palavra é a menor parte construída da voz, tendo um sentido pleno<sup>84</sup>. Oração é a ordenação das palavras, representada pela sentença congruente e completa, e é chamada <i>oratio</i>, como se fosse <i>oris ratio</i> (regra da elocução<sup>85</sup>). Definição é uma oração curta, limitando qualquer coisa a seu significado particular, como em: <i>homo est animal mortale, rationale, risus capax</i> (o homem é um animal mortal, racional, capaz de rir). Deves saber, então, que a definição diz respeito a todas as disciplinas e coisas. O pé é a combinação das sílabas e uma medida fixa de tempos. São eles chamados de pés, porque os metros andam neles. A prosódia é uma certa lei ou regra para alongar ou comprimir uma sílaba. Pontuações são pontos pelos quais os sentidos devem ser distintos. Sinais diacríticos são certas marcas, seja para abreviar palavras, seja para expressar sentidos; ou são colocados por</p>
---	--

<sup>84</sup> Prisciano (2.53.8-11): *dictio est pars minima orationis constructae, id est in ordine compositae: pars autem, quantum ad totum intellegendum, id est ad totius sensus intellectum; hoc autem ideo dictum est, ne quis conetur uires in duas partes diuidere, hoc est in ui et res, uel quaedam huiuscemodi* (a palavra é a menor parte da oração construída, isto é, composta na ordem: mas a parte, tanto quanto o todo é compreendida, e isso foi dito porque ninguém deve tentar dividir uires em duas partes, isso é em ui e res, ou algo assim).

<sup>85</sup> A definição de Alcuíno se assemelha à encontrada em Carísio (193.4-6): *Oratio est ore missa et per dictiones ordinata pronuntiatio, velut oris ratio* (Oração é uma proclamação emitida pela boca e ordenada pelas palavras, como se razão da boca). Essa definição também encontra-se em Diomedes (1.300.19-20) que, por sua vez, a atribui a Escauro. Cf Schad (2007, p. 287).



<p><i>ra, ut puta ad praepositio d accipiat; [at conjunctio t]. Analogia est similium comparatio, ut incerta certis probentur. Etymologia (0858C) est origo et ratio vocabulorum, ut: a regendo rex, et ab humo homo dicitur. Glossa est unius verbi vel nominis interpretatio, ut: catus, id est, doctus. Differentia est distinctio duarum rerum cum interpretatione, ut: rex dicitur, quia modestus est; tyrannus, quia crudelis est. Barbarismus est una pars vitiose dicta, ut vulgare proverbium est: malae arboris nodo malus cuneus quaerendus est. Soloecismus est oratio vitiose composita. Vitia sunt, quae in eloquiis cavere debemus et sunt VII. Metaplasmus est metrica licentia, vel necessitate immutata regula locutionis. Schemata sunt ornamenta eloquii et habitus, quibus sententiae vestiuntur. Tropus est dictio translata a propria significatione ad non propriam similitudinem, ornatus necessitatisve (0858D) causa. Prosa est recta locutio absque metro et versu composita. Metra vocata sunt, quia certis pedum mensuris terminantur. Fabulae</i></p>	<p>diversas causas, como na <i>Sagrada Escritura</i> o óbelos ÷<sup>86</sup>, ou o asterisco *<sup>87</sup>. A ortografia é a escrita correta, como por exemplo a preposição <i>ad</i> recebe um <i>d</i>; a conjunção <i>at</i> um <i>t</i>. Analogia é a comparação do semelhante, para que as coisas incertas sejam provadas certas. Etimologia é a origem e a razão das palavras, como, por exemplo: <i>rex</i> (rei) vem do que deve ser regido, e por <i>homo</i> (homem) é chamado por causa de <i>humo</i> (terra). Glossa é a explicação de um verbo ou nome, como: <i>catus</i> (inteligente), isto é, <i>doctus</i> (instruído). A distinção semântica é a distinção de duas coisas por meio da interpretação, como: é chamado de rei, porque é modesto; tirano, porque é cruel. Barbarismo é quando uma parte do discurso é declarada viciosa por conter um erro ligado a outra língua, como está no provérbio popular: <i>malae arboris nodo malus cuneus quaerendus est</i> (para o nó de árvore má, cunha má deve ser procurada)<sup>88</sup>. Solecismo é uma oração composta com vícios de linguagem. Vícios são o que devemos ter</p>
--	---

<sup>86</sup> 3. – O óbelos, ou seja, um traço horizontal, é colocado próximo a palavras ou frases repetidas desnecessariamente, ou por lugares onde alguma passagem é marcada como falsa, de modo que, como uma flecha, mata o supérfluo e perfura o falso, pois uma flecha é chamada *ὀβελός* em grego. 4. † Um óbelos com uma ponta acima é colocado próximo a esses lugares, sobre os quais há alguma dúvida se devem ser retirados ou mantidos. [É marcado como falso.] 5. ÷ O lemnisco, isto é, um traço horizontal entre dois pontos, é colocado próximo aos lugares que os tradutores das Escrituras Sagradas traduziram com o mesmo significado, mas com palavras diferentes. (Barney et al., 2006, p. 50, tradução nossa). Nesse sentido, trata-se de uma provável confusão tipográfica entre o sinal do óbelos e do lemnisco.

<sup>87</sup> 2. \* O asterisco é colocado ao lado das omissões, para que as coisas que parecem estar faltando possam ser esclarecidas por meio desta marca, pois a estrela é chamada *ἀστήρ* em grego, e o termo 'asterisco' (*asteriscus*) é derivado disso. (Barney et al., 2006, p. 50, tradução nossa).

<sup>88</sup> *Malo arboris nodo, malus cuneus requirendus* (Para um mau nó de árvore, uma cunha má deve ser procurada).

<p><i>res sunt fictae ludendi causa vel cujuslibet significationis. Historia est narratio rei gestae. Ecce habetis definitiones breves singularum specierum. Nunc ad partes convertite vos.</i></p>	<p>cuidado na fala e são sete. Metaplasmo é uma licença métrica, ou a necessidade de a regra de pronúncia ser mudada. Esquemas são ornamentos da fala e da disposição da mente, pelos quais as sentenças são adornadas. Figura de linguagem é um palavra transferida do significado particular para um significado semelhante não particular, por causa de necessidade ou do adorno. Prosa é a fala composta de maneira direta sem metro e verso. Metros são assim chamados, porque são limitados por determinadas medidas de pés. Fábulas são coisas fictícias a fim de brincadeira ou a fim de qualquer significado. História é uma narrativa de coisas feitas. Aqui tens as breves definições de cada uma das categorias. Agora voltai-vos para as partes do discurso.</p>
<p><b>DIS.</b> <i>Faciemus ut jubes. Attamen singularum partium proprietates prius breviter ut pandas nobis, flagitamus.</i></p>	<p><b>ALUNOS.</b> Façamos como tu ordenas. Contudo, primeiro, solicitamos que nos explique brevemente as propriedades de cada uma das partes do discurso.</p>
<p><b>MAG.</b> <i>Vestra curiositas modum non habet. Ideoque modum manualis libelli excedere vultis. Proprium nominis est substantiam vel qualitatem vel quantitatem significare: et proprium est (0859A) pronominis pro nomine poni proprio et certas significare personas. Verbi vero proprium est actionem vel passionem sive utrumque cum modis et temporibus significare. Proprium adverbii est cum verbo poni, et sine eo perfectam</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> Vossa curiosidade é desmedida. E por isso, ela faz com que queirais exceder o limite de um pequeno manual. Próprio do nome é significar uma substância ou uma qualidade ou uma quantidade, e próprio do pronome é ser colocado no lugar de um nome próprio e significar certas pessoas. Do verbo, certamente, é próprio a ação ou o sofrimento ou ambos, com a expressão de modos e de</p>

<p><i>significationem non habere, ut: bene lego. Participii proprium est tempus habere et casus; ideo a quibusdam verbum casuale dicitur. Proprium conjunctionis est cum omnibus partibus modo praeposita, modo post-posita jungi et conjungere partes. Proprium praepositionis est anteponi casualibus semper separatim.</i></p>	<p>tempos. Próprio do advérbio é ser colocado com o verbo, sem o qual ele não tem uma significação completa, como: <i>bene lego</i> (bem leio). Próprio do particípio é ter tempo e caso; por isso por alguns é chamado de verbo casual. Próprio das conjunções é conectar-se com todas as partes, seja em modo prepositivo, seja em modo pospositivo e conectar as partes. Pró-prio das preposições é sempre ser colocada separadamente antes de palavras com casos.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><b>DE NOMINE</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Eia age, Saxo, ingrediamur disputationem nominis per ordinem, et primum dic, quid sit nomen?</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE O NOME</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Rápido! Vem! Saxo, ingressemos na discussão dos nomes pela ordem, e primeiro diga, o que é um nome?</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> (0859B) <i>Nomen est pars orationis, secundum grammaticos, quae unicuique corpori vel rei communem vel propriam qualitatem distribuit; et est nomen dictum quasi notamen, eo quod hoc notamus singulas substantias vel res, communes, ut: Homo, disciplina; vel proprias, ut: Virgilius, arithmetica. Interrogemus tamen, o Franco, magistrum philosophicam definitionem nominis.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O nome é a parte da oração, segundo os gramáticos, que para cada corpo ou coisa atribui uma qualidade comum ou própria; e é chamado <i>nomen</i> (nome) como se fosse <i>notamen</i> (marca), porque com ele marcamos cada uma destas substâncias ou coisas comuns, como: <i>Homo</i> (homem), <i>disciplina</i> (disciplina); ou próprias, como: <i>Virgilius</i> (Virgílio), <i>arithmetica</i> (aritmética)<sup>89</sup>. No entanto, perguntemos, Franco, ao professor a definição filosófica de nome.</p>
---	--

<p><b>MAG.</b> <i>Nomen est vox significativa secundum placitum, sine tempore, definitum aliquid sig-</i></p>	<p><b>PROFESSOR.</b> O nome é uma voz com significado segundo o que foi decidido, sem</p>
---	---

<sup>89</sup> Donato (614.4): *nomen unius hominis, appellatio multorum, vocabulum rerum est* (Nome é de uma única pessoa; denominação é de muitas; vocábulo é de coisas) Tradução Dezotti (2011, p. 138). Diferentemente de Donato, Alcuíno não mais subdivide o nome nessas três subclasses. Cf. Schad (2007, p. 426).

<p><i>nificans in nominativo, cum est aut non est, ut: homo est, homo non est. In [aliis] casibus licet addas est vel non est, nihil tamen certum significat, si non apponas quid sit vel quid non sit. Ut: hominis est, hominis non est. Secundum placitum, id est compositionem (0859C) singularum gentium sunt nomina 272 composita, ut quod Latine dicitur aurum, hoc Graece χρυσός dicitur. Una est substantia, sed diversa nomina.</i></p>	<p>tempo, significando algo definido no nominativo, como é ou não é, como em: <i>homo est</i> (homem é), <i>homo non est</i> (homem não é). Em outros casos é permitido que adicione é ou não é, no entanto não significa nada definido, caso não coloques o que seja ou o que não seja. Como em: <i>hominis est</i> (do homem é), <i>hominis non est</i> (do homem não é). Segundo o que foi decidido, isto é, pelo arranjo de cada um dos povos é como os nomes foram compostos, como o que em latim chamamos de <i>aurum</i> (ouro), isto em grego é chamado de χρυσός (ouro). Uma é a substância, mas diversos são os nomes.</p>
--	--

<b>FR.</b> <i>Quot accidunt nomini?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos acidentes tem o nome?
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Sex, secundum Donatum: qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, casus. Secundum Priscianum, quinque; quia ille qualitatem et comparisonem simul, species nominavit, quia sunt omnia nomina propriae speciei, vel appellativae: principalis vel derivativae. Propriae, ut: Julius. Appellativae, ut: Mons. Principalis, ut: Julius, Mons. Derivativae ut: Julianus, Montanus. In quibus, id est [Ms., idem]</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Seis, segundo Donato: qualidade, comparação, gênero, número, figura, caso<sup>90</sup>. Segundo Prisciano, cinco<sup>91</sup>; porque ele nomeou como uma mesma categoria a qualidade e a comparação, porque são todos os nomes do tipo próprio, ou apelativo, ou primitivo, ou derivado<sup>92</sup>. Próprio, como: <i>Julius</i> (Julho). Apelativa<sup>93</sup>, como <i>Mons</i> (Montanha). Primitivo, como: <i>Julius</i> (Julho), <i>Mons</i> (Montanha). Derivado, como:</p>
--	---

<sup>90</sup> Donato (614.3): *nomini accidunt sex, qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, casus* (São seis os acidentes do nome: qualidade, comparação, gênero, número, figura e caso).

<sup>91</sup> Prisciano (2.57.8): *accidunt nomini quinque: species, genus, numerus, figura, casus* (São cinco os acidentes do nome: tipos, gêneros, número, figura e caso).

<sup>92</sup> Prisciano (2.57.8): *...species sunt tam propriorum quam appellativorum duae, principalis et derivativa* (existem dois tipos tanto dos próprios quanto dos apelativos, primitivo e derivado).

<sup>93</sup>Essa divisão, em certa medida, se assemelha à classificação moderna dos substantivos em comuns e próprios. No entanto, a diferença reside no fato dos apelativos também englobarem a classe dos adjetivos.

<p><i>derivativis comparationes nominum imposuit.</i></p>	<p><i>Julianus</i> (Juliano), <i>Montanus</i> (Montanhoso)<sup>94</sup>. Nas quais, isto é, nas derivadas colocou os graus comparativos dos nomes.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Propriorum nominum species quot sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos são os tipos dos nomes próprios?</p>
<p><b>SAXO.</b> (0859D) <i>Quatuor: praenomen, nomen, cognomen, agnomen. Praenomina sunt, quae dignitatis vel differentiae causa propriis nominibus praeponuntur, ut: Anicius Boetius: Anicius a nobilitate et libertate generis dicitur. Differentiae, ut Lucius Cornelius et Publius Cornelius. Notanturque praenomina vel singulis litteris vel binis vel ternis. Singulis, ut: M., Marcus. Binis, ut: Cn., Cneus. Ternis, ut: Sex., Sextus. Nomen est unius cuiusque proprium, ut: Paulus. Cognomen est cognationis vel familiae commune nomen, ut Scipio. Nam ab ejus nomine omnis cognatio illa sic dicebatur. Agnomen, quod ab aliquo eventu sic dicitur, ut: Africanus, quia Africam vincebat [F., vicerat].</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Quatro: primeiro nome, nome, sobrenome, apelido<sup>95</sup>. Primeiros nomes são, os que, por causa da dignidade ou da distinção, são colocados antes dos nomes próprios, como: <i>Anicius Boetius</i> (Anício Boécio): <i>Anicius</i> é chamado pela nobreza e liberdade da sua família. Da distinção, como: <i>Lucius Cornelius</i> (Lúcio Cornélio) e <i>Publius Cornelius</i> (Públio Cornélio). E são escritos os primeiros nomes ou com uma letra, ou com duas, ou com três. Com uma, como: <i>M., Marcus</i>. Com duas, como: <i>Cn., Cneus</i>. Com três, como: <i>Sex., Sextus</i>. Um nome é característico de qualquer pessoa, como: <i>Paulus</i>. Sobrenome é um nome comum de parentesco ou de família, como: <i>Scipio</i>. Pois por esse nome toda família dele assim era chamada, como: <i>Africanus</i>, porque a África conquistaram<sup>96</sup>.</p>

<sup>94</sup> Prisciano (2.57.10): *principalis, ut 'Iulus', 'mons', derivativa, ut 'Iulius', 'montanus'* (primitivos, como *'Iulus', 'mons'*, derivados, como *'Iulius', 'montanus'*).

<sup>95</sup> A definição de Alcuíno se assemelha à encontrada em Donato (614.7): *propriorum nominum secundum Latinos quattuor sunt species, praenomen nomen cognomen agnomen, ut 'Publius Cornelius Scipio Africanus'* (De nomes próprios, segundo os latinos, são quatro espécies: prenome, nome, cognome e agnome, como *Publius Cornelius Scipio Africanus*) Tradução Dezotti (2011, p. 138).

<sup>96</sup> Desta forma, o *praenomen* era o nome próprio do indivíduo; o *nomen* era o sobrenome da família; o *cognomen* que se referia à uma qualidade ou um defeito e o *agnomen* a um feito do indivíduo ou da família. O exemplo de Alcuíno, que é uma reprodução de Donato (614.7), é majoritariamente baseado no nome completo de *Publius Cornelius Scipio Africanus*. Assim, *Publius* é *praenomen* (nome próprio). *Cornelius* é o *nomen* (sobrenome da família *Cornelia*). *Scipio* o *cognomen* e *Africanus* o *agnomen*.

(0860A) <b>FR.</b> <i>Appellativorum species quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os tipos de nomes apelativos?
<p><b>SAXO.</b> <i>Multae sunt: alia corporalia, ut: homo, terra, mare. Alia incorporalia, ut: pietas, dignitas, justitia. Alia principalia, ut mons, schola. Alia derivativa, ut montanus, scholasticus. Alia comparativa, ut fortior, fortissimus. Alia denominativa, ut sanctus, sanctitas; sapiens, sapientia. Alia diminutiva, ut rex, regulus. Alia homonyma, ut nepos, acies. Alia synonyma, ut gladius, ensis, mucro. Alia adjectiva, quae possunt in laude vel vituperatione poni, ut justus homo, injustus homo. Alia in medio posita, ut magnus. Dicimus magnus imperator, et magnus latro. Haec et accidentia saepe fiunt, ut niger corvus, altum mare. Alia ad [aliquid dicta (Edit., ad aliud)] ut filius servus. Dicendo [enim] filium et servum, patrem significamus</i></p>	<p><b>SAXO.</b> São muitas: alguns corporais, como: <i>homo</i> (homem), <i>terra</i> (terra), <i>mare</i> (mar). Outros incorporais, como: <i>pietas</i> (piedade), <i>dignitas</i> (dignidade), <i>justitia</i> (justiça). Alguns primitivos, como <i>mons</i> (montanha), <i>schola</i> (escola). Outros derivados<sup>97</sup>, como: <i>montanus</i> (montanhoso), <i>scholasticus</i> (escolástico)<sup>98</sup>. Alguns comparativos, como: <i>fortior</i> (mais forte), <i>fortissimus</i> (fortíssimo). Outros denominativos, como: <i>sanctus</i> (santo), <i>sanctitas</i> (santidade); <i>sapiens</i> (sábio), <i>sapientia</i> (sabedoria). Alguns diminutivos, como: <i>rex</i> (rei), <i>regulus</i> (reizinho). Outros homônimos, como: <i>nepos</i> (neto/filha), <i>acies</i> (nitidez/acuidade)<sup>99</sup>. Alguns sinônimos, como: <i>gladius</i> (espada), <i>ensis</i> (espada), <i>mucro</i> (espada)<sup>100</sup>. Outros adjetivos, os quais podem</p>

<sup>97</sup> Funciona de modo parecido com a divisão entre substantivos primitivos (que originam outros substantivos) e derivados (que são criados a partir dos substantivos primitivos). No entanto, lembramos que os nomes apelativos também abrangem a classe dos adjetivos.

<sup>98</sup> Este trecho é uma reprodução de Donato (615.1-4): *appellativorum nominum multae sunt alia enim sunt corporalia, ut 'homo terra mare', alia incorporalia, ut 'pietas iustitia dignitas', alia sunt primae positionis, ut mons schola, alia derivativa, ut montanus scholasticus, alia diminutiva, ut monticulus scholasticulus* (De nomes apelativos muitas são as espécies, pois alguns são corpóreos, como *homo, terra mare*, outros incorpóreos, como *pietas, iustitia, dignitas*. Alguns são da forma primitiva, como *mons, schola*; outros são derivados, como *montanus, scholasticus*.) Tradução Dezotti (2011, p. 139).

<sup>99</sup> Alcuíno exclui o último exemplo, mas praticamente restaura Donato (615.10) *Sunt quoque quaedam homonyma, quae una appellatione plura significant, ut nepos, acies, aries* (Há os homônimos, que por uma única denominação significam muitas coisas, como *nepos, acies, aries*) Tradução Dezotti (2011, p. 139).

<sup>100</sup> Alcuíno exclui o primeiro exemplo e mantém o segundo exemplo ao reproduzir Donato (615.10): *sunt alia synonyma vel polyonyma, ut 'terra humus tellus, ensis mucro gladius'* (há os sinônimos ou poliônimos, como *terra humus tellus, ensis mucro gladius*). Tradução Dezotti (2011, p. 139). Também em Prisciano (2.59.17-19): *synonyma quoque tam appellatiua quam propria inveniuntur. sicut enim ensis, gladius, mucro unum atque idem significant, sic Publius, Cornelius, Scipio, Africanus unum atque idem significant* (Também são encontrados sinônimos tanto apelativos quanto próprios. Pois

<p>(0860B) <i>et dominum. Alia quasi ad aliquid, ut dies, nox; dextera, sinistra. Nam quamvis unum horum intereat, potest tamen alterum manere. Non sic de filio et de servo. Alia sunt gentem significativa, ut Graecus, Hispanus: alia patriam, ut Romanus, Thebanus. Alia interrogativa, ut qualis, quantus, quot? cum suos servant accentus. Alia relativa, ut tantus, talis, tot. Alia colectiva quae in singulari numero multa significant, ut populus, plebs. Alia dividua, ut bini, terni, centeni. Alia factitia, id est, de sono facta, ut tintinnabulum, turtur, clangor. Alia sunt generalia, quae in diversas species possunt dividi, ut animal, arbor. Alia specialia, ut homo, vitis. Alia ordinalia, ut primus, secundus. Alia numeralia, ut unum, duo, tres. Alia absoluta, ut Deus, ratio. Alia temporalia, (0860C) ut mensis, annus. Alia localia, ut propinquus, longinquus. Alia patronymica [Ms., patrimonica], ut Scipiades a Scipione, Thesides a Theseo. Haec saepe ab avis fiunt et a conditoribus, ut Iliades, Aeneades. Sunt alia possessiva, quae aliquid ex his significant quae possidentur, ut Evandrius ensis, et regius honor. Haec cum genitivo principali interpretantur [Ms., Haec genitivo principali deserviunt], ut Evandri ensis et regis honor. Sunt et aliae species, quas Donatus ponit, sed illae in his reperiuntur, ut qualitas et quantitas. In adjectivis et</i></p>	<p>ser colocados como elogio ou como crítica, como: <i>justus homo</i> (homem justo), <i>injustus homo</i> (homem injusto). Alguns no centro são colocados, como: <i>magnus</i> (grande). Dizemos: <i>magnus imperator</i> (o grande imperador) e <i>magnus latro</i> (o grande ladrão). E estes também muitas vezes formam os acidentes, como: <i>niger corvus</i> (corvo negro), <i>altum mare</i> (alto mar). Alguns para outro alguém ser chamado, como: <i>filius servus</i> (filho servo). Dizendo de fato significamos: <i>filium</i> (o filho) e <i>servum</i> (o servo), <i>patrem</i> (o pai) e <i>dominum</i> (o senhor). Outros como se fosse para alguma coisa ser chamada, como: <i>dies</i> (dia), <i>nox</i> (noite); <i>dextra</i> (direita), <i>sinistra</i> (esquerda). Pois por mais que um desses pereça, no entanto, o outro pode permanecer. Assim não acontece com <i>de filio</i> (do filho) e <i>de servo</i> (do servo). Alguns são um indicativo para um povo, como: <i>Graecus</i> (Grego), <i>Hispanus</i> (Hispânico); outros para a pátria, como: <i>Romanus</i> (Romano), <i>Thebanus</i> (Tebano). Alguns interrogativos, como: <i>qualis</i> (qual), <i>quantus</i> (quanto), <i>quot</i> (quantos)? Enquanto eles mantêm os seus acentos. Outros relativos, como: <i>tantus</i> (tanto), <i>talis</i> (tal), <i>tot</i> (tantos). Alguns coletivos, os quais ainda que em número singular muitas coisas significam, como: <i>populus</i> (população), <i>plebs</i> (plebe). Outros divisíveis, como: <i>bini</i> (dois de cada), <i>terni</i></p>
---	---

---

assim como *ensis, gladius, mucro* significam uma e a mesma coisa, também *Publius, Cornelius, Scipio, Africanus* significam uma mesma pessoa).

<p><i>accidentibus inveniuntur bonus, magnus [et] mediae sunt significationis.</i></p>	<p>(três de cada), <i>centeni</i> (cem de cada). Outros artificiais, isto é, pelo som feito, como: <i>tintinnabulum</i> (sino), <i>turtur</i> (rola), <i>clangor</i> (latido). Alguns são genéricos, os quais em diversos tipos podem ser divididos, como: <i>animal</i> (animal), <i>arbor</i> (árvore). Outros específicos, como: <i>homo</i> (homem), <i>vitis</i> (videira). Alguns ordinais, como: <i>primus</i> (primeiro), <i>secundus</i> (segundo). Outros numerais, como: <i>unum</i> (um), <i>duo</i> (dois), <i>tres</i> (três). Alguns absolutos, como: <i>Deus</i> (Deus), <i>ratio</i> (razão). Outros temporais, como: <i>mensis</i> (mês), <i>annus</i> (ano). Alguns locais, como: <i>propinquus</i> (próximo), <i>longinquus</i> (longínquo). Outros patronímicos, como: <i>Scipiades</i> de <i>Scipione</i> (Cipião), <i>Thesides</i> de <i>Theseo</i> (Teseu). Estes muitas vezes são criados pelos antepassados para os fundadores, como <i>Iliades</i>, <i>Aeneades</i>. São alguns possessivos, os quais por estes significam que algumas coisas são possuídas, como <i>Evandrius ensis</i> (espada evandriana) e <i>regius honor</i> (honra régia). Estes com genitivo principal são interpretados, como: <i>Evandri ensis</i> (A espada de Evandro) e <i>regis honor</i> (A honra do rei). Existem também outras espécies, as quais Donato cita, mas estas neste são encontradas, como <i>qualitas</i> (qualidade) e <i>quantitas</i> (quantidade). Nos adjetivos e acidentes são encontrados: <i>bonus</i> (bom), <i>magnus</i> (grande) e o de meia significação<sup>101</sup>.</p>
--	---

<sup>101</sup> Alcuíno reproduz Donato (615.1- 617.8).



<b>FR.</b> <i>Comparationes nominum unde veniunt?</i>	<b>FRANCO.</b> De onde vêm as comparações do nome?
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>A nominibus adjectivis et accidentibus alicujus substantiae, qualitatem vel quantitatem animi significantibus (0860D) vel corporis, quae possunt vel incrementa vel detrimenta sumere. Homo vel lapis, substantia est. Homo prudens et prudentior; lapis magnus et major dicitur. Et semper comparativus communis est generis, ut hic et haec prudentior. Et neutrum in ius, ut hoc prudentius, facit. Invenitur et comparativus pro positivo poni, ut Virgil. (Aen. V, 301):</i></p> <p><i>...Comites senioris Acestae, pro senis. Est quando minus positivo singulari [Ms., positivum singularem] significat, et nulli comparatur ut Virgil. (Aen. I, 322):</i></p> <p><i>Tristior atque oculos lacrymis suffusa nitentes.</i></p> <p><i>Tristior hic ex parte significat tristem. Fiunt et a (0861A) comparativis diminutiva, ut majusculus, minusculus; sed non absolute [Ms., absolutae] 273 ut caeterae diminutiones, sed ad aliquid respiciunt, ut Terent. (Eunuch. III, 3, 21):</i></p> <p><i>Thais paulo, quam ego sum, majuscula est.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Uma qualidade ou uma quantidade da alma ou do corpo têm significado de nomes adjetivos e acidentes de qualquer substância<sup>102</sup>, os quais podem assumir ou um acréscimo ou um prejuízo. <i>Homo</i> (Homem) ou <i>lapis</i> (pedra), é substância. <i>Homo prudens</i> (Homem prudente) e <i>prudentior</i> (mais prudente); <i>lapis magnus</i> (pedra grande) e <i>major</i> (maior) se diz. O comparativo de gênero é sempre comum<sup>103</sup>, como: <i>hic et haec prudentior</i> (este/a mais prudente). E no caso neutro é feito, como: <i>hoc prudentius</i> (isto mais prudente)<sup>104</sup>. E o comparativo encontra-se colocado antes do positivo, como em Virgílio. (<i>Eneida</i>, V, 301):</p> <p><i>...Comites senioris Acestae</i> (Os companheiros do mais velho Acestes). Em vez de <i>senis</i> (do velho). Quando <i>minus</i> (menos) está no singular tem significado positivo, e a nada é comparado, como em, Virgílio. (<i>Eneida</i>, I, 322):</p> <p><i>Tristior atque oculos lacrymis suffusa nitentes.</i> (Muito triste e com lágrimas os olhos cheios reluzentes).</p> <p><i>Tristior</i> (muito triste) aqui em parte significa triste. Os diminutivos formam comparativos,</p>
--	---

<sup>102</sup> Assim como em Donato (617.13): *Comparantur autem nomina, quae aut qualitatem significant aut quantitatem* (Servem à comparação nomes que significam qualidade ou quantidade). Tradução Dezotti (2011, p. 140).

<sup>103</sup> Lemos em Donato (617.11-12): *Sed comparativus gradus generis est semper communis* (Mas o comparativo é sempre de gênero comum). Tradução Dezotti (2011, p. 140).

<sup>104</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.83.17-84.4).

	<p>como <i>majusculus</i> (um pouco maior), <i>minusculus</i> (um pouco menor); mas não o absoluto<sup>105</sup>, mas para algumas coisas consideramos os outros diminutivos, como em Terêncio. (O Eunuco, III, 21):</p> <p><i>Thais paulo, quam ego sum, majuscula est.</i></p> <p>(A pequena Thais é um pouco maior do que eu sou).</p>
<b>FR.</b> <i>Cujus generis superlativus fit [Ms., sit]?</i>	<b>FRANCO.</b> De quais gêneros o superlativo é feito?
<b>SAXO.</b> <i>Superlativus mobilis est per tria genera. Prudentissimus, a, um.</i>	<b>SAXO.</b> O superlativo é flexionável em três gêneros. <i>Prudentissimus</i> (Prudentíssimo), <i>Prudentissima</i> (Prudentíssima), <i>Prudentissimum</i> (Prudentíssimo neutro).
<b>FR.</b> <i>Superlativorum quot sunt species?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os tipos dos superlativos?
<b>SAXO.</b> <i>Octo: simus, rimus, in quas pleraque desinunt superlativa: limus, ximus, timus, tremus, imus, nimus, ut sanctissimus, pulcherrimus, simillimus, maximus, ultimus, extremus, [primus] minimus; e longam, dum ubique i penultima corripitur, praeter, primus (0861B) et imus.</i>	<b>SAXO.</b> Oito. Nos quais a maioria das vezes os superlativos terminam: <i>simus, rimus, limus, ximus, timus, tremus, imus, nimus</i> <sup>106</sup> ; como em <i>sanctissimus</i> (santíssimo), <i>pulcherrimus</i> (belíssimo), <i>simillimus</i> (semelhantíssimo), <i>maximus</i> (máximo), <i>ultimus</i> (último), <i>extremus</i> (extremo), <i>primus</i> (primeiro), <i>minimus</i> (mínimo); enquanto em qualquer lugar o <i>i</i> na penúltima sílaba é

<sup>105</sup> No sentido de um grau de comparação.

<sup>106</sup> Temos em Prisciano (2.94.23-26): *sunt igitur formae superlatiuorum octo: duae quidem, in quas pleraque desinunt superlativa, rimus et simus, sex uero, in quas pauca desinunt, limus, ximus, timus, remus, fimus, nimus. et omnia superlativa mobilia sunt, id est mutatione us in a faciunt feminina et in um neutra* (Existem, portanto, oito formas de superlativos: na verdade duas, nas quais a maioria dos superlativos terminam, *rimus* e *simus*, seis na verdade, nas quais alguns terminam, *limus, ximus, timus, remus, fimus, nimus*. E todos os superlativos são móveis, ou seja, ao transformar *us* em *a* eles fazem o feminino e em *um* o neutro).

	breve, salvo, na primeira sílaba e em <i>imus</i> , que o <i>i</i> resulta em uma sílaba longa.
--	---

<b>FR.</b> <i>Comparativus et superlativus quibus junguntur casibus?</i>	<b>FRANCO.</b> Comparativo e superlativo juntam-se a quais casos?
--	---

<b>SAXO.</b> <i>Ablativo utriusque numeri jungitur comparativus, ut, Hector fortior Diomede fuit, et audacior Trojanis. Superlativus genitivo plurali, ut, Hector fortissimus Trojanorum fuit. Invenitur et [in] singulari jungi [genitivo (Ed., generi)] cum ipsum singulare nomen multitudinem significat, ut, Hector fortissimus est Trojanae gentis. Est, quando superlativus per se ponitur et nulli comparatur; sed tum pro valde adverbio accipiendus est; ut: fortissimus fuit Hercules, id est, valde fortis.</i>	<b>SAXO.</b> O comparativo se junta com o ablativo de ambos os números, como em: <i>Hector fortior Diomede fuit, et audacior Trojanis</i> (Heitor foi mais forte que Diomedes e mais audaz que os Troianos). O superlativo se junta com o genitivo plural, como em: <i>Hector fortissimus Trojanorum fuit</i> (Heitor foi o mais forte de todos os Troianos). Encontra-se também no singular para ser unido com genitivo, quando o mesmo nome no singular significa uma multidão, como em: <i>Hector fortissimus est Trojanae gentis</i> (Heitor é o mais forte da nação Troiana) <sup>107</sup> . É quando o superlativo é colocado por si e a nada é comparado; mas, então, deve ser tomado como o advérbio <i>valde</i> (muito), como em: <i>fortissimus fuit Hercules</i> (Hércules foi fortíssimo), isto é, <i>valde fortis</i> (muito forte) <sup>108</sup> .
--	---

<sup>107</sup> Lemos em Prisciano (2.94.10-13): *et comparativus quidem gradus ablativo casui adiungitur utriusque numeri, interdum tamen etiam nominativo, quando quam adverbium sequitur, superlativus autem genitivo plurali vel singulari, quando ipsum nomen singulare multitudinem significat, ut: "fortissime gentis"* (e o grau comparativo é de fato adicionado ao caso ablativo de ambos os números, às vezes também ao nominativo, quando segue um advérbio, e o grau superlativo ao genitivo plural ou singular, quando o próprio substantivo no singular significa uma multidão, como: "*fortissime gentis*").

<sup>108</sup> Prisciano (2.94.15-19): *superlativum est, quod vel ad plures sui generis comparatum superponitur omnibus vel per se prolatum intellectum habet cum 'ualde' adverbio positivi, ut fortissimus Graecorum Achilles id est fortis super omnes Graecos; sin autem dicam fortissimus Hercules fuit, non adiciens quorum, intellego ualde fortis.* (Superlativo é, porque ou quando comparado com a maioria de seu tipo se sobrepõe a todos, ou por si só apresentado tem um significado como o do advérbio positivo '*ualde*', como *fortissimus Graecorum Achilles*, isto é, o mais forte de todos os gregos; mas se eu disser *fortissimus Hercules*, sem acrescentar dos quais [tipos], entendo que ele era muito forte).

<b>FR.</b> <i>Memini te, Saxo, dixisse quod aliqua nomina appellativa essent diminutiva. Num a propriis nominibus possint fieri diminutiva?</i>	<b>FRANCO.</b> Lembro que tu, Saxo, disse que alguns nomes apelativos eram diminutivos <sup>109</sup> . Então os diminutivos podem ser feitos pelos nomes próprios?
<b>SAXO.</b> <i>Possunt, ut (0861C) a Sergio Sergiolus; ab Antonio, Antoniaster.</i>	<b>SAXO.</b> Podem, como <i>Sergiolus</i> (Serginho) de Sérgio; de Antônio, <i>Antoniaster</i> (Antoninho).
<b>FR.</b> <i>Quot modis diminutiva fiunt?</i>	<b>FRANCO.</b> De quantos modos são feitos os diminutivos?
<b>SAXO.</b> <i>Tribus modis. Aut necessitatis causa, ut a rege regulus, hoc est, parvus rex, ut Sallust. Postquam reguli coire [Ms., convenere] in unum. Aut urbanitatis causa, ut Juvenalis (Sat: 98): ...Malim fraterculus esse gigantum. Aut adulationis causa, ut [in puerulis dicitur Sergiolus (Edit., pueris Sergiolis)].</i>	<b>SAXO.</b> De três modos. Ou por causa da necessidade, por exemplo, <i>regulus</i> (reizinho) de <i>rex</i> (rei) <sup>110</sup> , isto é, pequeno rei, como em Salústio: <i>Postquam reguli coire in unum</i> (Depois que os reizinhos encontrar). Ou por uma questão de polimento, como em Juvenal (Sat: 98): <i>...Malim fraterculus esse gigantum</i> (Prefiria ser irmãozinho dos gigantes). Ou por causa da bajulação, como ser chamado de <i>Sergiolis</i> (Serginho) pelos meninos.
<b>FR.</b> <i>Formae igitur diminutivorum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Então, quantas formas de diminutivos existem?
<b>SAXO.</b> <i>Masculini generis XI: culus, ulus</i>	<b>SAXO.</b> Do gênero masculino onze: <i>culus</i> ,

<sup>109</sup> De acordo com Shad (2007, p. 131), os diminutivos são classificados por Donato como uma subcategoria dos substantivos comuns, enquanto, que para Diomedes e Prisciano eles seriam tipos de derivados. Apesar de se referir a eles como um subcategoria dos apelativos, em seguida se torna explícito o caráter derivativo dos diminutivos, já que estes podem ser feitos a partir de nomes próprios (primitivos).

<sup>110</sup> Este exemplo remonta a Prisciano (2.101.3-4): *diminutivum est, quod deminutionem primitivi sui absolute demonstrat: 'rex regulus', id est parvus rex* (é um diminutivo, porque demonstra a diminuição absoluta de seu primitivo: *'rex regulus'*, ou seja, um reizinho).

<p>[Ms., <i>illus</i>], <i>olus</i>, <i>ellus</i>, <i>xillus</i>, <i>illus</i>, <i>ulus</i>, <i>cio</i>, <i>aster</i>, [<i>leus</i>, <i>tulus</i>]. Ut: <i>Agniculus</i>, <i>tantulus</i></p> <p>[Ms., <i>tantillus</i>], <i>capreolus</i>, <i>agnellus</i>, <i>pauxillus</i>, <i>codicillus</i>, <i>homulus</i>, <i>homuncio</i>, <i>parasitaster</i>, <i>aculeus</i>, <i>nepotulus</i>.</p> <p>(0861D)Feminini generis VII: <i>cula</i>, <i>ula</i>, <i>ola</i>, <i>ella</i>, <i>xilla</i>, <i>illa</i>, <i>ulla</i>. Ut: <i>Agnicula</i>, <i>sylvula</i>, <i>unciola</i>, <i>capella</i>, <i>maxilla</i>, <i>anguilla</i>, <i>ulla</i>.</p> <p>Neutrorum VII sunt formae. <i>Culum</i>, <i>ulum</i>, <i>olum</i>, <i>ellum</i>, <i>illum</i>, <i>xillum</i>, <i>ullum</i>. Ut: <i>Corpusculum</i>, <i>capitulum</i>, <i>laureolum</i>, <i>lucellum</i>, <i>villum</i>, <i>vexillum</i>, <i>ullum</i>.</p> <p>Fiunt et diminutivorum diminutiva tertio et quarto gradu, ut: <i>Paulus</i>, <i>Paululus</i>; et <i>pauxillus</i>, et <i>pauxillulus</i>; <i>homo</i>, <i>homuncio</i>, <i>homunculus</i>, <i>homulus</i>, <i>homullulus</i>.</p> <p>Ecce, France, de appellativis speciebus habes abunde, ut reor, licet nullus tuae aviditati possit satisfacere.</p>	<p><i>ulus</i>, <i>olus</i>, <i>ellus</i>, <i>xillus</i>, <i>illus</i>, <i>ulus</i>, <i>cio</i>, <i>aster</i>, <i>leus</i>, <i>tulus</i><sup>111</sup>. Como em: <i>Agniculus</i> (cordeirinho), <i>tantulus</i> (pequeninho), <i>capreolus</i> (veadinho), <i>agnellus</i> (cordeirinho), <i>pauxillus</i> (pequeninho), <i>codicillus</i> (bloquinho), <i>homulus</i> (homenzinho), <i>homuncio</i> (homenzinho), <i>parasitaster</i> (parasitinha), <i>aculeus</i> (espinhozinho), <i>nepotulus</i> (netinho).</p> <p>Do gênero feminino sete: <i>cula</i>, <i>ula</i>, <i>ola</i>, <i>ella</i>, <i>xilla</i>, <i>illa</i>, <i>ulla</i>. Como em: <i>Agnicula</i> (cordeirinha), <i>sylvula</i> (selvinha), <i>unciola</i> (onçinha), <i>capella</i> (cabrinha), <i>maxilla</i> (queixinho), <i>anguilla</i> (chicotinho), <i>ulla</i> (nenhuma-zinha)<sup>112</sup>.</p> <p>Dos neutros, sete são as formas: <i>culum</i>, <i>ulum</i>, <i>olum</i>, <i>ellum</i>, <i>illum</i>, <i>xillum</i>, <i>ullum</i>. Com em: <i>Corpusculum</i> (corpinho), <i>capitulum</i> (cabeçinha), <i>laureolum</i> (raminho), <i>lucellum</i> (lucrinho), <i>villum</i> (vinhozinho), <i>vexillum</i> (bandeirinha), <i>ullum</i> (nenhumzinho)<sup>113</sup>.</p> <p>Os diminutivos dos diminutivos são feitos no terceiro e quarto grau, como: <i>Paulus</i> (pequeno), <i>Paululus</i> (pequeninho); <i>pauxillus</i></p>
---	---

<sup>111</sup> Também em Prisciano (2.102.5-10): *sunt igitur formae diminutiutorum masculini generis hae: culus, ulus absque c, olus, ellus, xillus, illus absque x, ullus, cio, aster, leus, tulus: culus, ut igniculus; ulus absque c, tantulus; olus, Sergiolus, capreolus; ellus, agellus; illus x antecedente* (Portanto, são essas as formas dos diminutivos do gênero masculino: *culus*, *ulus* sem *c*, *ulus*, *ellus*, *xillus*, *illus* sem *x*, *ulus*, *cio*, *aster*, *leus*, *tulus*: *culus*, como *igniculus*; *ulus* sem *c*, *tantulus*; *olus*, *Sergiolus*, *capreolus*; *ellus*, *agellus*; *illus* antecedido de *x*).

<sup>112</sup> Também em Prisciano (2.102.13-15): *feminini autem generis hae: cula, ula absque c, ola, ella, xilla, illa absque x, ulla, ut anicula, siluula, unciola, capella, maxilla, anguilla, una ulla* (mas do gênero feminino [são] essas: *cula*, *ula* sem *c*, *ola*, *ella*, *xilla*, *illa* sem *x*, *ulla*, como *anicula*, *siluula*, *unciola*, *capella*, *maxilla*, *anguilla*, *una ulla*).

<sup>113</sup> Assim como em Prisciano (2.102.15-19): *neutrorum quoque sunt formae hae: culum, ulum sine c, olum, ellum, illum cum x et sine eo, ullum, ut corpusculum, corculum* (Plautus in *Casina*: "*meum corculum, melculum, uerculum*"), *sine c, capitulum, laureolum, lucellum, uillum, uexillum, ullum* (também são essas as formas do neutro: *culus*, *ulum* sem *c*, *olum*, *ellum*, aquele com *x* e sem ele, *ulum*, como *corpusculum*, *corculum* (Plauto em *Cásina*: "*meum corculum, melculum, uerculum*"), sem *c*, *capitulum*, *laureolum*, *lucellum*, *uillum*, *uexillum*, *ullum*).

	<p>(pouquinho), <i>pauxillulus</i> (pouquinho); <i>homo</i> (homem), <i>homuncio</i> (homenzinho), <i>homunculus</i> [homenzinho], <i>homulus</i> (homenzinho), <i>homullulus</i> (homenzinho).</p> <p>Eis, Franco, penso que agora tens em abundância sobre as espécies dos apelativos<sup>114</sup>, embora nada possa satisfazer tua avidez.</p>
<p>(0862A) <b>FR.</b> <i>Non sum tam avidus quam tu invidus, qui nulla vis aperire, nisi interrogatione coactus.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Não sou tão ávido quanto tu invejoso, que não desejas revelar nada, a menos que seja compelido pelo questionamento.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Interroga quae vis: ego non ero segnis respondere.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Pergunte o que queres, eu não serei lento para responder.</p>
<p style="text-align: center;"><b>DE GENERIBUS</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Nunc, ut aestimo, ordo accidentium nominis poscit a generibus inquirere. Unde genera dicta sint, primo velim scire.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE OS GÊNEROS</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Agora, como estimo, a ordem dos acidentes dos nomes exige procurar por gêneros. Desejo primeiramente saber por que são chamados assim, gêneros.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Genera dicta sunt a generando. Quapropter proprie genera sunt, quae generare possunt: id est, masculinum, femininum. Nam neutrum et commune magis vocis qualitate,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> São chamados de gêneros por causa de <i>generare</i> (gerar)<sup>115</sup>. Pois os gêneros propriamente são qualquer coisa que podem gerar, isto é, o masculino e o feminino<sup>116</sup>.</p>

<sup>114</sup> Este alongamento na exemplificação é um indício de que o método era voltado para falantes não-nativos. Ao dar inicialmente apenas os morfemas diminutivos, Alcuíno oferecia ao aluno uma oportunidade de reconhecer como eram formados os diminutivos, por exemplo, ao se deparar com a palavra *homunculus* o aluno, em tese, reconheceria a palavra *homo* ligada ao diminutivo *culus*.

<sup>115</sup> Cf. Shad (2007, p. 184): expl. in Donato (4.492.37) *Varro dicit genera dicta a generando* (Varrão diz que são chamados de gêneros por causa de *generando* [que deve ser gerado]).

<sup>116</sup> Os exemplos presentes nesse trecho (masculino, feminino, neutro, comum e epiceno) são encontrados na *Ars maior* de Donato. Porém, Alcuíno parte do gênero sexual para explicar o conceito dos gêneros gramaticais masculino e feminino, diferentemente de Donato, que parte dos pronomes *hic* (masculino) e *haec* (feminino) funcionando como uma espécie de artigo para explicar os gêneros. Isto é, para Donato, por exemplo, *magister* é masculino por ser precedido do pronome masculino *hic*, enquanto *musa* é feminino por ser precedido pelo pronome feminino *haec*. Ainda conforme Donato, o neutro ao ser precedido por *hoc*, como *hoc scamnum*, os comuns ao serem precedidos por *hic et haec*,

<i>quam natura dignoscuntur. Epicoena promiscua sunt, et sub una voce profertur [Ms., proferunt] masculinum et femininum.</i>	Pois o neutro e o comum se distinguem mais pela qualidade da voz do que pela natureza. Epicenos são indistintos e sob uma voz é proferido o masculino e o feminino <sup>117</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quid est inter commune et epicoenum?</i>	<b>FRANCO.</b> Qual é a diferença entre o comum e o epiceno?
<b>SAXO.</b> (0862B) <i>Quod commune modo masculino, modo feminino articulo, prout constructio orationis eget, jungitur. Epicoenon semper uno articulo profertur, et utriusque naturae animalia una voce et uno articulo significat.</i>	<b>SAXO.</b> Ao comum une-se o artigo no modo masculino ou feminino exatamente como a construção da oração exige. O epiceno é sempre pronunciado com um único artigo, e por uma voz e um artigo indica os animais de ambas as naturezas <sup>118</sup> .
<b>FR.</b> <i>Num omnia nomina certi sunt generis?</i>	<b>FRANCO.</b> Então, todos os nomes possuem um gênero certo?
<b>SAXO.</b> <i>Nequaquam. [Multa enim dubii generis.]</i>	<b>SAXO.</b> Absolutamente não. Muitas coisas, na verdade, podem ter um gênero dúbio.
<b>FR.</b> <i>Unde sunt dubii generis nomina? forte differentiae causa?</i>	<b>FRANCO.</b> De onde vêm os nomes de gênero dúbio? Talvez de causa diferente?
<b>SAXO.</b> <i>Non differentiae, nec aliqua necessitatis causa, sed sola auctoritate veterum, ut: hic et haec finis, cortex, silex, margo, cardo, fornax, [cinis,] frutex, frons, vesper,</i>	<b>SAXO.</b> Não por diferença, nem por causa da necessidade, mas apenas pela autoridade <sup>119</sup> dos antigos, como: <i>hic et haec finis</i> (fim), <i>cortex</i> (casca), <i>silex</i> (seixo), <i>margo</i> (mar-

como *hic et haec sacerdos* e os epicenos pelos três pronomes *hic et haec et hoc*, como *hic et haec et hoc passer*. Cf. Dezotti (2011, p. 142).

<sup>117</sup> Prisciano (2.141.14): *epicoena, id est promiscua, uel masculina sunt uel feminina, quae una uoce et uno articulo utriusque naturae animalia solent significare* (epicenos, isto é, promíscuos, são masculinos ou femininos, que geralmente indicam animais de ambas as naturezas com uma voz e um artigo).

<sup>118</sup> Cf. nota 116.

<sup>119</sup> Segundo Shad (2007, p. 48), um dos componentes do *Latinitas* ou *Latinus sermo* era a autoridade. Sendo esta um dos fatores determinantes para a fala correta. A autoridade a depender do autor pode ser os historiadores, os oradores, os antigos ou mesmo um grupo ou indivíduo específico, como Homero, César, Cícero, Lucrécio, Plauto e Plínio dentre outros.

<i>humus, artus, limes [Edit., arcus, limus], latex. Hic et hoc sal. Cato: Ex sale, qui apud Carthaginenses fit. Africanus: (0862C) Quidquid loquitur, sal merum [Ed., verum] est.</i>	gem), <i>cardo</i> (dobradiça), <i>fornax</i> (forno), <i>cinis</i> (cinzas), <i>frutex</i> (arbusto), <i>frons</i> (testa), <i>vesper</i> (tarde), <i>humus</i> (solo), <i>arcus</i> (arco), <i>limus</i> (lodo), <i>latex</i> (líquido). <i>Hic et hoc sal</i> (sal). Catão: Do sal, que é feito entre os Cartaginenses. Africano: tudo o que diz é mero sal.
274 <b>FR.</b> <i>Quae sunt fixa nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> Quais são os nomes fixos?
<b>SAXO.</b> <i>Quae in alterum genus transire non possunt, ut, pater et mater.</i>	<b>SAXO.</b> Os que não podem passar para outro gênero, como, <i>pater</i> (pai) e <i>mater</i> (mãe) <sup>120</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quae sunt mobilia?</i>	<b>FRANCO.</b> Quais são móveis?
<b>SAXO.</b> <i>Quae moveri possunt et in aliud transire genus. Alia ex propriis nominibus, ut: Marcius, Marcia. Alia ex appellativis, ut: Bonus, bona, bonum.</i>	<b>SAXO.</b> Os que podem se mover e passar para outro gênero. Alguns são de nomes próprios, como: <i>Marcius</i> (Márcio), <i>Marcia</i> (Márcia). Outros de apelativos, tais como: <i>bonus</i> (bom), <i>bona</i> (boa), <i>bonum</i> (bom) <sup>121</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quot litteris masculina finiuntur nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> Em quantas letras os nomes masculinos são terminados?
<b>SAXO.</b> <i>Septem: a, o, l, n, r, s, x; ut: scriba, Cicero, sol, flumen [Ms., flamen], Caesar, bonus, rex.</i>	<b>SAXO.</b> Sete: <i>a, o, l, n, r, s, x</i> ; como em: <i>scriba</i> (escriva), <i>Cicero</i> (Cícero), <i>sol</i> (sol), <i>flamen</i> (sacerdote), <i>Caesar</i> (César), <i>bonus</i> (bom), <i>rex</i> (rei) <sup>122</sup> .

<sup>120</sup> Alcuíno apenas excluí dois exemplo, mas restaura Donato (621.3): *fixa sunt quae in alterum genus flecti non possunt, ut 'mater soror pater frater'* (Fixos são os que não podem se flexionar em outro gênero, como *mater, soror, pater, frater*.) Tradução Dezotti (2011, p. 143).

<sup>121</sup> Lemos em Donato (621.3): *mobilia autem aut propria sunt et duo genera faciunt, ut 'Gaius Gaia, Marcius Marcia', aut appellativa sunt tria faciunt, ut 'bonus bona bonum, malus mala malum'* (Já os variáveis, ou são próprios e fazem dois gêneros, como *Gaius, Gaia, Marcius Marcia*, ou são apelativos e fazem três, como *bonus bona bonum, malus mala malum*) Tradução Dezotti (2011, 143).

<sup>122</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.142.19-20): *masculini generis terminales inveniuntur litterae septem: a, o, l, n, r, s, x, ut scriba, Cicero, sol, flamen, Caesar, bonus, rex* (sete letras são encontradas como terminações do gênero masculino: *a, o, l, n, r, s, x, como scriba, Cicero, sol, flamen, Caesar, bonus, rex*).



<b>FR.</b> <i>Feminina quot?</i>	<b>FRANCO.</b> E os femininos em quantas?
<b>SAXO.</b> <i>Eisdem, ut: Roma, virgo, Tanaquil, Siren, mater, civitas, pax.</i>	<b>SAXO.</b> As mesmas, sete, como: <i>Roma</i> (Roma), <i>virgo</i> (virgem), <i>Tanaquil</i> (Tanaquil), <i>Siren</i> (Círene), <i>mater</i> (mãe), <i>civitas</i> (cidade), <i>pax</i> (paz) <sup>123</sup> .
<b>FR.</b> <i>Neutra quot?</i>	<b>FRANCO.</b> E os neutros?
<b>SAXO.</b> <i>Duodecim, a, e, i, u, l, m, n, r, s, c, t, d; ut: Poema, mare, gummi, (0862D) cornu, mel, regnum, numen, tuber, sidus, lac, caput, aliquid. [Communia, uti trium generum, desinunt in i, m, r, s, x; ut: hic et haec et hoc frugi, nequam, par, prudens, audax.]</i>	<b>SAXO.</b> Doze, <i>a, e, i, u, l, m, n, r, s, c, t, d;</i> como em: <i>Poema</i> (poema), <i>mare</i> (mar), <i>gummi</i> (goma) <i>cornu</i> (chifre), <i>mel</i> (mel), <i>regnum</i> (reino), <i>numen</i> (divindade), <i>tuber</i> (tumor), <i>sidus</i> (estrela), <i>lac</i> (leite), <i>caput</i> (cabeça), <i>aliquid</i> (alguém/algo). Os comuns terminam como os três gêneros <i>em i, m, r, s, x;</i> como em: <i>hic et haec et hoc frugi</i> (frugal), <i>nequam</i> (inútil), <i>par</i> (par), <i>prudens</i> (prudente), <i>audax</i> (ousado) <sup>124</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quomodo possum scire cuius generis sit nomen quodlibet.</i>	<b>FRANCO.</b> Como posso saber de qual gênero é cada nome.
<b>SAXO.</b> <i>Singulae vero terminationes habent regulas praefixas, quot genera possint in eis esse. Sed longum est hoc et huic nostrae puerili disputationi onerosum edicere.</i>	<b>SAXO.</b> De fato, cada uma das terminações têm regras pré-determinadas sobre quantos gêneros podem existir nelas. Mas é tedioso e pesado proclamar isso para esta nossa

<sup>123</sup> Também uma reprodução de Prisciano (2.142.21-22): *feminini quoque eadem, ut Roma, uirgo, Tanaquil, Siren, mater, ciuitas, pax* (do feminino também as mesmas, como *Roma, uirgo, Tanaquil, Siren, mater, ciuitas, pax*).

<sup>124</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.142.27-2.143.3): *neutrorum duodecim inueniuntur terminales literae: a, e correpta, i, u, l, m, n, r, s, c, t, d, ut poema, marĕ, gummi, cornu, mel, regnum, numen, tuber, sidus, lac, caput, aliud. communia trium generum desinunt in i, m, r, s, x, ut hic et haec et hoc frugi, nequam, par, prudens, audax* (dos neutros encontram-se doze letras terminais: *a, e* breve, *i, u, l, m, n, r, s, c, t, d,* como *poema, marĕ, gummi, cornu, mel, regnum, numen, tuber, sidus, lac, caput, aliud*. As palavras comuns dos três gêneros terminam em *i, m, r, s, x,* como *hic et haec et hoc frugi, nequam, par, prudens, audax*).

	discussão elementar.
<i>FR. Hoc est, quod pridem dixi.</i>	<b>FRANCO.</b> Isso é o que eu disse anteriormente.
<i>SAXO. Quidnam?</i>	<b>SAXO.</b> Para quem?
<i>FR. Quid? nisi quod invides meae peritiae.</i>	<b>FRANCO.</b> Para quem? Se não tu, que tens inveja da minha perícia.
<i>SAXO. Nequaquam, frater; sed tuae avaritiae modum imponere volui.</i>	<b>SAXO.</b> De jeito nenhum, irmão, mas eu quis impor um limite para tua ganância.
<i>(0863A)FR. Modum meae avaritiae et non tuae tenacitati imponere vis.</i>	<b>FRANCO.</b> Tu queres impor um limite para minha ganância e não para tua teimosia.
<i>SAXO. Eia, perge, quo velis sequar te.</i>	<b>SAXO.</b> Bom! Vá para onde tu desejas seguir.
<i>FR. Pergam interrogando, tu sequere respondendo. Et primum dic in quo sit maxima nominis difficultas?</i>	<b>FRANCO.</b> Prossigirei perguntando, tu seques respondendo e primeiramente dizes onde está a maior dificuldade do nome?
<i>SAXO. In generibus et declinationibus.</i>	<b>SAXO.</b> Nos gêneros e nas declinações.
<i>FR. Declinatio in quo agnoscitur?</i>	<b>FRANCO.</b> De que maneira é reconhecida a declinação?
<i>SAXO. In terminatione genitivi casus.</i>	<b>SAXO.</b> Pela terminação do caso genitivo.
<i>FR. Quot sunt terminationes genitivi casus?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantas são as terminações do caso genitivo?
<i>SAXO. Quinque. Atque ideo quinque sunt nominum declinationes.</i>	<b>SAXO.</b> Cinco. E, portanto, são cinco as declinações dos nomes.
<i>FR. Dic singulas.</i>	<b>FRANCO.</b> Diz uma de cada vez.

<p><b>SAXO.</b> <i>Prima in ae, ut: hic poeta, hujus poetae. Secunda in i, ut: hic doctus, hujus docti. Tertia in is brevem, ut: hic pater, hujus (0863B) patris. Quarta in us productam, ut: hic senatus, hujus senatus. Quinta in ei divisas, ut: hic dies, hujus diei.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> A primeira declinação em <i>ae</i>, como em: <i>hic poeta</i> (este poeta), <i>hujus poetae</i> (estes poetas). A segunda declinação em <i>i</i>, como em: <i>hic doctus</i> (este sábio), <i>hujus docti</i> (estes sábios). A terceira declinação em <i>is</i> breve, como em: <i>hic pater</i> (este pai), <i>hujus patris</i> (estes pais). A quarta declinação é produzida com <i>us</i>, como em: <i>hic senatus</i> (este senado), <i>hujus senatus</i> (estes senados). A quinta declinação distingue-se por <i>ei</i>, como em: <i>hic dies</i> (este dia), <i>hujus diei</i> (estes dias).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Nomina in a [finita] cujus generis vel declinationis sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Nomes terminados em <i>a</i> são de que gênero ou declinação?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Omnia [nomina], si Latina sunt, primae [declinationis sunt] et trium generum, masculini, feminini, communis.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Todos os nomes, se latinos, serão da primeira declinação e dos três gêneros, masculino, feminino, comum.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Discerne quae pertineant ad hoc vel illud genus.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Distingue as palavras que pertencem a este ou aquele gênero.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Hominum nomina in a desinentia masculini sunt generis, ut: Sylla, Seneca. Aliarum vero rerum propria feminina sunt, ut: Roma, Ilia [Ms., Italia], curia. Et omnia appellativa feminini fiunt [Ms., sunt] generis, ut: regina, justitia: nisi haec quae ad officia</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Os nomes dos homens terminados em <i>a</i> são do gênero masculino, como: <i>Sylla</i> (Sila), <i>Seneca</i> (Sêneca)<sup>125</sup>. As outras coisas, porém, são, em geral, do gênero feminino, como: <i>Roma</i> (Roma), <i>Ilia</i> (Ília), <i>curia</i> (cúria). E todos os apelativos são do gênero</p>

<sup>125</sup> Prisciano (2.143.4-6): *in a igitur desinentia uel masculina sunt uel feminina uel communia uel neutra. masculina sunt, quae cum sint propria apud Latinos a terminantia* (Portanto, as terminações em *a* são masculinas ou femininas, comuns ou neutras. Entre os latinos são masculinos os que são próprios terminados em *a*).

<p><i>virorum pertinent, ut: lixa, scriba, collega, et quae a Graecis sumpsimus mutatione s finatis (0863C) in a, ut poetes, citharistes; nos poeta et citharista dicimus: et quae a verbis composita sunt, vel derivativa sunt, communia sunt, ut: hic et haec agricola, rurigena, advena, patricida, conviva, et his similia.</i></p>	<p>feminino, como: <i>regina</i> (rainha), <i>justitia</i> (justiça)<sup>126</sup>. Exceto estes que pertencem aos deveres dos homens, como: <i>lixa</i> (subalterno), <i>scriba</i> (escriba), <i>collega</i> (colega)<sup>127</sup>. E os que dos gregos obtivemos pela mudança do <i>s</i> final em <i>a</i>, como: <i>poetes</i>, <i>citharistes</i>; que nos dizemos <i>poeta</i> (poeta) e <i>citharista</i> (citarista)<sup>128</sup>. E as que são compostas de verbos, ou são derivadas, ou são comuns, como em: <i>hic et haec agricola</i> (agricultor), <i>rurigena</i> (rústico), <i>advena</i> (estrangeiro), <i>patricida</i> (patricida), <i>conviva</i> (conviva) e semelhantes<sup>129</sup>.</p>
---	---

**FR.** *Aliarum prosequere vocalium regulas.*

**FRANCO.** Descreve outras regras vocálicas.

**SAXO.** *Faciam. In e omnia tertiae declinationis et neutri generis, ut: hoc monile. In i neutrum; hoc gummi. In o finita omnia tertiae sunt declinationis, sed diversi generis.*

**SAXO.** Farei. Todas as de terceira declinação e de gênero neutro são terminadas em *e*, como: *hoc monile* (colar)<sup>130</sup>. Em *i* o neutro: *hoc gummi* (goma)<sup>131</sup>. Todas as de

<sup>126</sup> Prisciano (2.144.10-11): *alia uero omnia propria siue appellatiua in a desinentia feminina sunt, ut Musa, curia, Roma, Ilia* (caso contrário, todos os próprios ou apelativos na desinência *a* são femininos, como *Musa*, *curia*, *Roma*, *Ilia*).

<sup>127</sup> Prisciano (2.143.20-2.144.1): *illa quoque in a desinentia, quae officiorum sunt ad uiros pertinentium, masculina esse nulla est dubitatio: scriba, lixa, collega* (não há dúvida de que aquelas terminadas em *a*, que pertencem aos deveres dos homens, são masculinas: *scriba*, *lixa*, *collega*).

<sup>128</sup> Prisciano (2.143.6-12): *apud Graecos assumunt 's', ut Catilina, Sulla, Fimbria, Aquila, Κατιλίνας, Σύλλας, Φιμβρίας, Ακόλας; uel contra apud Graecos in 'as' desinentia uel in 'es', apud nos in 'a' terminant, ut Μαρσύας, Σωσίας, Βυρρίας, Χαιρέας, Τυρίας, Βαγράδας, Marsya, Sosia, Byrria, Chaerea, Turia, Bagrada, ποιητής, καθαριστής, σοφιστής, Σκύθης, Μελικέρτης, Λεπτάστης, poeta, citharista, sophista, Scytha, Melicerta, Leptasta* (entre os gregos assumem *s*, como *Catilina*, *Sulla*, *Fimbria*, *Aquila*, *Katilíνας*, *Sýλλας*, *Φιμβρίας*, *Ακόλας*; considerando que as que terminam em *as* ou em *es* entre os gregos, entre nós terminam em *a*, como *Μαρσύας*, *Σωσίας*, *Βυρρίας*, *Χαιρέας*, *Τυρίας*, *Βαγράδας*, *Marsya*, *Sosia*, *Byrria*, *Chaerea*, *Turia*, *Bagrada*, *ποιητής*, *κιθαριστής*, *σοφιστής*, *Σκύθης*, *Μελικέρτης*, *Λεπτάστης*, *poeta*, *citarista*, *sofista*, *Scytha*, *Melicerta*, *Leptasta*).

<sup>129</sup> Prisciano (2.144.4-6): *communia tantum et paene omnia a uerbis sunt composita uel deriuata, ut hic et haec agricola, caelicola, aduena, parricida, Graiugena, conuiua* (as comuns apenas, e quase todas são compostas ou derivadas de verbo, como *hic et haec agricola*, *caelicola*, *advena*, *parricida*, *Graiugena*, *conuiua*).

<sup>130</sup> Prisciano (2.145.11): *in e correptam neutra sunt omnia, ut marĕ, sedilĕ, monilĕ* (em *e* breve todos são neutros, como *marĕ*, *sedilĕ*, *monilĕ*).

<sup>131</sup> Prisciano (2.145.13): *in i neutrum, hoc gummi* (em *i* neutro, *hoc gummi*).

<p><i>E antecedente o masculina propria sunt, ut: Labeo, ganeo, aleo. I antecedente o, quando sunt verbalia, feminina sunt, ut: oratio, actio, conjugatio, etc. G vel d praepositis o, si mutatur o in i in obliquis casibus, feminina sunt, ut: (0863D) virgo, uligo, dulcedo, cupido, quod et masculinum est, quando proprium est. Excipiuntur: hic, ordo, cardo, mango, margo, praedo, cudo, spado; et communia, ut: homo, latro. Item: duo, ambo, octo, pondo communia [sunt]. Et Juno et caro feminina [sunt]. Alia omnia masculina sunt, ut: stellio, Cicero, carbo, sermo. In u neutra sunt et quartae declinationis, ut: cornu, genu, gelu. Et sunt aptota in singulari numero.</i></p>	<p>terceira declinação, mas de diversos gêneros são terminadas em <i>o</i>. Os masculinos próprios antecedem <i>o</i>, como: <i>Labeo</i> (beijudo), <i>ganeo</i> (glutão), <i>aleo</i> (jogador). São palavras femininas, quando <i>i</i> antecede <i>o</i>, se pertencentes a um verbo, como: <i>oratio</i> (oração), <i>actio</i> (ação), <i>conjugatio</i> (conjugação), etc<sup>132</sup>. <i>G</i> ou <i>d</i> na frente de <i>o</i>, se são femininos em que <i>o</i> foi mudado para <i>i</i> em casos oblíquos, e que também são masculinos, quando são nomes próprios, como: <i>virgo</i> (virgem), <i>uligo</i> (pântano), <i>dulcedo</i> (doçura), <i>cupido</i> (Cupido). São exceções: <i>hic</i>, <i>ordo</i> (ordem), <i>cardo</i> (dobradiça)<sup>133</sup>, <i>mango</i> (comerciante), <i>margo</i> (margem)<sup>134</sup>, <i>praedo</i> (ladrão), <i>cudo</i> (capacete), <i>spado</i> (eunuco) e os comuns, como: <i>homo</i> (homem), <i>latro</i> (ladrão). Da mesma forma: <i>duo</i> (dois), <i>ambo</i> (ambos), <i>octo</i> (oito), por peso são comuns. E <i>Juno</i> (Juno) e <i>caro</i> (carne) são femininos. Todos os outros são masculinos, como: <i>stellio</i></p>
---	---

<sup>132</sup> Prisciano (2.145.16-19): *in o, i antecedente, quando non sunt uerbalia siue participialia, masculina sunt, ut hic stellio, gurgulio; quando sunt uerbalia siue participialia, feminina sunt, ut oratio, actio, coniugatio, coniunctio, interiectio* (em *o*, antecedido por *i*, quando não são verbais ou participios, são masculinos, como em *hic stellio, gurgleo*; quando são verbais ou participativos, são femininos, como em *oratio, actio, coniugatio, coniunctio, interiectio*).

<sup>133</sup> Alcuíno reproduz a explicação de Prisciano (2.145.19-23): *g quoque uel d antecedentibus, si mutant o in i in genetiivo, feminina sunt, ut uirgo uirginis, Carthago Carthaginis, uligo uliginis, dulcedo dulcedinis, acredo acredinis, cupido cupidinis, quod tamen et masculinum est, quando proprium est ipsius Amoris dei. Excipiuntur supra dictae declinationis masculina haec: hic ordo ordinis, cardo cardinis* (Antecedido por *g* ou também por *d*, se eles mudaram de *o* para *i* no genitivo, são femininos, como *uirgo uirginis, Carthago Carthaginis, uligo uliginis, dulcedo dulcedinis, acredo acredinis, cupido cupidinis*, que, porém, também é masculino, quando é próprio [como] *ipsius Amoris dei*. São exceções à declinação masculina acima mencionada esses: *hic ordo ordinis, cardo cardinis*).

<sup>134</sup> Também em Prisciano (2.145.24-25): *margo quoque auctoritate poetica non solum feminini, sed etiam masculini generis inuenitur* (*margo* também se encontra pela autoridade poética não só no feminino, mas também no masculino).

	(lagarto), <i>Cicero</i> (Cícero), <i>carbo</i> (carvão), <i>sermo</i> (conversa) <sup>135</sup> . Os neutros da quarta declinação também são em <i>u</i> , como: <i>cornu</i> (chifre), <i>genu</i> (joelho), <i>gelu</i> (gelo) <sup>136</sup> . E eles são <i>aptota</i> <sup>137</sup> em número singular.
<b>FR.</b> <i>Placet quod dicis, licet III [Al.,VI, seu vi, id est violenter] dicas. Sed consonantium regulas pande per te, me tacente et probante.</i>	<b>FRANCO.</b> É satisfatório o que tu dizes, embora tu digas com violência. Mas as regras das consoantes revela, eu fico quieto e examinando.
<b>SAXO.</b> <i>Fiat. In c neutra duo, ut: Lac, alec. In d neutra, ut: quid, quod, aliud; quae nomina esse multis modis ratio probat. In al, 275 si Latina, neutra sunt, ut: tribunal, (0864A) vectigal et sal, quod masculinum et neutrum invenitur. Si barbara fiunt, mas-culina sunt, ut Annibal, etc. In el neutra. Mel, fel. In il unum masculinum, pugil; unum femininum, Tanaquil. Unum commune, vigil. Unum neutrum indeclinabile, nihil. In ol unum masculinum, sol. In ul finita duo masculina,</i>	<b>SAXO.</b> Que assim seja feito. Dois neutros terminados em <i>c</i> , como: <i>Lac</i> (leite), <i>alec</i> (salmoura) <sup>138</sup> . Os neutros terminados em <i>d</i> , como: <i>quid</i> (o que), <i>quod</i> (que), <i>aliud</i> (outro); os quais a razão de muitas maneiras prova ser nomes <sup>139</sup> . Se forem palavras latinas, os terminados em <i>al</i> são neutros, por exemplo: <i>tribunal</i> (tribunal), <i>vectigal</i> (tributo) e <i>sal</i> (sal), uma vez que é encontrado o neutro e o masculino <sup>140</sup> . Se são palavras bárbaras são masculinos, como: <i>Annibal</i> (Aníbal), etc <sup>141</sup> .

<sup>135</sup> Temos em Prisciano (2.146.2-5): [...] *et unum Latinum Iuno et appellatiuum in ro unum, caro. alia uero omnia masculina sunt, ut stellio, Anio, Cicero, Milo, Apollo, mango, praedo, ligo, carbo, sermo, quaternio* ([...] e um latino *Iuno* e um apelativo em *ro, caro*. Outros, de fato, são todos masculinos, como *stellio, Anio, Cicero, Milo, Apollo, mango, praedo, ligo, carbo, sermo, quaternio*).

<sup>136</sup> Prisciano (2.146.15): *in u neutra sunt: cornu, genu, gelu* (São neutros em *u*: *cornu, genu, gelu*).

<sup>137</sup> O termo *aptota*, derivado do grego *απτωτα* refere-se às palavras que são indeclináveis, possuindo somente uma forma de caso (geralmente nominativo) que serve para todas as outras formas.

<sup>138</sup> Prisciano (2.146.16): *in c duo sunt neutra: hoc lac lactis et allec allecis* (são dois neutros em *c*: *hoc lac lactis et allec allecis*).

<sup>139</sup> Prisciano (2.146.17-18): *in d neutra sunt: quid uel quod et aliud (haec enim ratio nomina esse ostendit)* (são neutros em *d*: *quid* ou *quod* e *aliud* (esses, de fato, a razão demonstra ser nomes)).

<sup>140</sup> Prisciano (2.147.1-2): *in al Latina neutra sunt omnia: tribunal, ceruical, uectigal. excipitur unum monosyllabum masculinum, hic sal salis* (em *al* no latim todos são neutros: *tribunal, ceruical, uectigal*. Um monossílabo masculino é exceção, *hic sal salis*).

<sup>141</sup> Prisciano (2.147.7-8): *barbara in al desinentia masculina sunt: Hannibal, Hiempsal, Hasdrubal* (bárbaros terminados em *al* são masculinos: *Hannibal, Hiempsal, Hasdrubal*).

<p><i>consul, praesul. Unum commune, ut: exsul. In am unum commune, ut hic et haec et hoc nequam. Et haec omnia juxta tertium flectuntur ordinem [Al., tertiam... declinationem]. In um omnia neutra sunt et secundae declinationis, ut templum, templi. In en novem sunt masculina: lien, rien, flamen, pecten, tibicen, fidicen, liticen, tubicen, cornicen; caetera omnia neutra sunt, ut carmen, flumen; et omnia tertiae declinationis. In ar finita sunt tertiae declinationis (0864B) et neutralia, ut torcular, pulvinar. Exceptis: hic [Al., his] Caesar, Jar, et Nar, fluvii nomen: et communis generis, ut hic et haec et hoc par, et quae ex eo composita sunt: impar, dispar, compar. In er finita, exceptis: haec mater, haec mulier: et his neutris, Juber, papaver, [tuber,] cadaver, laser, siler, iter, cicer, siser; et communibus his, [pauper (Ed., paucis)] uber, celer, alia</i></p>	<p>Os neutros terminados em <i>el</i>: <i>Mel</i> (mel), <i>fel</i> (bílis)<sup>142</sup>. Um masculino terminado em <i>il</i>, <i>pugil</i> (pugilista); um feminino, <i>Tanaquil</i> (Tanaquil). Um comum, <i>vigil</i> (sentinela). Um neutro indeclinável, <i>nihil</i> (nada)<sup>143</sup>. Um masculino terminado em <i>ol</i>, <i>sol</i> (sol)<sup>144</sup>. Dois masculinos terminados em <i>ul</i>, <i>consul</i> (cônsul), <i>praesul</i> (patrono). Um comum, como: <i>exsul</i> (exilado)<sup>145</sup>. Um comum terminado em <i>am</i>, como: <i>hic et haec et hoc nequam</i> (inútil)<sup>146</sup>. E todos estes igualmente são flexionados na terceira declinação. Em <i>um</i> são terminados todos os neutros também de segunda declinação, como: <i>templum</i>, <i>templi</i> (templo)<sup>147</sup>. Os masculinos terminados em <i>en</i> são nove: <i>lien</i> (baço), <i>rien</i> (rins), <i>flamen</i> (sacerdote), <i>pecten</i> (pente), <i>tibicen</i> (flautista), <i>fidicen</i> (lirista), <i>liticen</i> (clarinetista), <i>tubicen</i> (trompetista), <i>cornicen</i> (cornetador)<sup>148</sup>; todo o resto são neutros,</p>
---	--

<sup>142</sup> Prisciano (2.147.9-10): *in el correptam neutri sunt generis, mēl, fēl, subtēl, τὸ κοῖλον τοῦ ποδός* (em *el* breve são do gênero neutros, *mēl, fēl, subtēl, τὸ κοῖλον τοῦ ποδός*).

<sup>143</sup> Prisciano (2.147.13-16): *in il unum masculinum, pugil, unum femininum, Tanaquil, unum commune, uigil, unum neutrum indeclinabile, nihil, quod per apocopen, id est abscisionem extremae syllabae, ab eo, quod est nihilum, factum est nihil* (em *il* um masculino, *pugil*, um feminino, *Tanaquil*, um comum, *uigil*, um neutro indeclinável, *nihil*, que por apócope, isto é, a excisão das sílabas finais, dele, que é *nihilum*, *nihil* foi feito).

<sup>144</sup> Prisciano (2.147.17): *in ol unum est masculinum, sol solis* (em *ol* existe um masculino, *sol solis*).

<sup>145</sup> Prisciano (2.147.18-19): *in ul quoque unum reperitur masculinum Latinum, consul, duo communia, praesul, exul [...]* (em *ul* também se encontra um masculino latino, *consul*, dois comuns, *praesul*, *exul* [...]).

<sup>146</sup> Prisciano (2.148.4.5): *in am unum inuenitur commune trium generum et utriusque numeri, hic et haec et hoc nequam* (em *am* é encontrado um comum dos três gêneros e a cada um dos números, *hic et haec et hoc nequam*).

<sup>147</sup> Prisciano (2.148.13): *in um neutra sunt omnia: templum, regnum, tectum* (Em *um*, são todos neutros: *templum, regnum, tectum*).

<sup>148</sup> Prisciano (2.148.19-20): *in en correptam a canendo composita masculina sunt, ut cornicēn, fidicēn, tubicēn, tibicēn* (em *en* breve são compostos de cantar os masculinos, como *cornicēn, fidicēn, tubicēn, tibicēn*).

<p><i>omnia masculini sunt generis; alia secundae, alia tertiae declinationis, quorum declinatio facile ex obliquis casibus intelligi potest. Et ideo de declinationum diversitate minime laborandum censeo.</i></p>	<p>como: <i>carmen</i> (poema), <i>flumen</i> (rio)<sup>149</sup>; e todos de terceira declinação. São os neutros também de terceira declinação terminados em <i>ar</i>, por exemplo, <i>torcular</i> (prensa), <i>pulvinar</i> (sofá). Exceto: <i>hic Caesar</i> (César), <i>Lar</i> (Lar), <i>Nar</i> (Rio Nar) e nome de rio<sup>150</sup>. E as de gênero comum, como: <i>hic et haec et hoc par</i> (par). E as que dele são compostas: <i>impar</i> (ímpar), <i>dispar</i> (díspar), <i>compar</i> (igual)<sup>151</sup>. Terminados em <i>er</i>, exceto: <i>haec mater</i> (mãe), <i>haec mulier</i> (mulher)<sup>152</sup>. E estes neutros: <i>Suber</i> (cortiça), <i>papaver</i> (papoula), <i>tuber</i> (tubérculo) <i>cadaver</i> (cadáver), <i>laser</i> (sílfio), <i>siler</i> (salgueiro), <i>iter</i> (caminho), <i>cicer</i> (grão-de-bico), <i>siser</i> (um tubérculo)<sup>153</sup>. E com estes comuns: <i>pauper</i> (pobre), <i>uber</i> (copioso), <i>celer</i> (célere)<sup>154</sup>. Todos os outros são de gênero masculino, outros de segunda, outros de terceira declinação, dos quais, a partir dos casos oblíquos, a declinação pode ser facilmente compreendida. E portanto</p>
--	--

<sup>149</sup> Prisciano (2.148.22): *alia uero omnia in en desinentia correptam neutra sunt* (de fato todos os outros que terminam em en breve são neutros).

<sup>150</sup> Prisciano (2.149.10-11): *in ar Latinum unum dumtaxat proprium masculinum disyllabum inuenitur, hic Caesar, et monosyllaba masculina, Lar, Nar* (em *ar*, no latim, encontra-se precisamente um dissílabo masculino, *hic Caesar*, e os monossílabos masculinos, *Lar, Nar*).

<sup>151</sup> Prisciano (2.150.6-8): *unum etiam commune trium generum eiusdem extremitatis inuenitur: hic et haec et hoc par et quae ex eo componuntur, impar, dispar, compar, separ* (também é encontrado um comum dos três gêneros de mesmo final: *hic et haec et hoc par* e os que dele é compostos, *impar, dispar, compar, separ*).

<sup>152</sup> Prisciano (2.151.17-19): *exceptis duobus, quae ipsa natura defendit feminino generi, mater et mulier (linter quoque, quod apud Graecos masculinum est, ó λουτήρ, apud nostros femininum est* (com exceção de duas, que pela própria natureza são do gênero feminino, *mater* e *mulier* (também, *linter*, que é masculino entre os gregos, *ó λουτήρ*, e é feminino entre nós, [...])).

<sup>153</sup> Prisciano (2.151.1-2): *si sint in er desinentes tertiae declinationis, neutri sunt generis: siler, papauer, laser, cicer, siser* (se são da terceira declinação terminados em *er*, são do gênero neutro: *siler, papauer, laser, cicer, siser*).

<sup>154</sup> Prisciano (2.151.22-2.152.13): *et adiectiuus, quae si non in 'is' facient feminina, necessario communia sunt (ut celer...pauper...uber [...])* (e adjetivos, que, se não estiverem em *is*, que os torna femininos, são necessariamente comuns como *celer...pauper...uber [...]*).



	sobre a diversidade das declinações não penso que deva ser trabalhado.
<b>FR.</b> <i>Fac ut placet. Ex me enim possum declinationes, ut dixisti, experiri.</i>	<b>FRANCO.</b> Faze como quiser, pois como tu dizes posso descobrir as declinações por mim mesmo.
<b>SAXO.</b> <i>In ir unum masculinum, hic vir; et ex eo composita, ut, semivir, (0864C) duumvir, levir [Al., laevir]. Et unum neutrum, ut hoc ir [medietas palmae] indeclinabile: et sunt secundae declinationis. In or desinentia sequuntur formam tertiae declinationis, et sunt masculina, propria vel appellativa, ut: Hector, orator, furor, doctor: exceptis tribus femininis, soror, uxor, arbor: et neutris his: Ador, marmor, aequor, ebor, olor, femor, cor: et commune, hic et haec auctor, discolor, concolor: hic et haec memor et immemor; et omnia comparativa or finita communis sunt generis, ut hic et haec doctior, melior; excepto uno, hic senior. In ur unum secundae [declinationis] invenitur: hic satur et facit satura feminino. Masculina vero, hic astur, turtur, vultur. Communia, ut hic et</i>	<b>SAXO.</b> Em <i>ir</i> , um masculino, como <i>vir</i> (homem) e os dele compostos como: <i>semivir</i> (meio-homem), <i>duumvir</i> (par de magistrados), <i>levir</i> (cunhado) <sup>155</sup> . E um neutro, com <i>hoc ir</i> (palma da mão), indeclinável, também são de segunda declinação. E destes neutros: <i>Ador</i> (grão), <i>marmor</i> (mármore), <i>aequor</i> (superfície lisa), <i>ebor</i> (marfim), <i>olor</i> (cisne), <i>femor</i> (coxa), <i>cor</i> (coração) <sup>156</sup> ; e os comuns, <i>hic et haec auctor</i> (autor), <i>discolor</i> (de outra cor), <i>concolor</i> (da mesma cor), <i>memor</i> (lembrado) e <i>immemor</i> (esquecido) <sup>157</sup> ; e todos os comparativos terminados em <i>or</i> são de gênero comum, como: <i>doctior</i> (mais sábio), <i>melior</i> (melhor). Exceto um: <i>senior</i> (mais velho) <sup>158</sup> . Em <i>ur</i> se encontra um de segunda declinação: <i>satur</i> (saturado). E no feminino faz <i>satura</i> (saturada). Mas também

<sup>155</sup> Prisciano (2.153.19): *in ir masculina sunt, ut hic uir, leuir...* (São os masculinos em *ir*, como *hic uir, leuir...*).

<sup>156</sup> Prisciano (2.154.18-19): *neutra quoque in or desinentia quattuor inveniuntur: marmor, aequor, ador, cor [...]* (também são encontrados quatro neutros terminados em *or*: *marmor, aequor, ador, cor [...]*). Alcuíno acrescenta a estes quatro, outros três exemplos: *ebor, olor e femor*.

<sup>157</sup> Prisciano (2.154.19-22): *praeterea communia, quae etiam apud Graecos communia sunt: memor, immemor, et a decore uel corpore uel colore composita, hic et haec indecor, dedecor, bicorpor, tricorpor, discolor, concolor. auctor* (além disso, os comuns, os que também são comuns entre os gregos: *memor, immemor*, e os compostos de *decore, corpore* e *colore, hic et haec indecor, dedecor, bicorpor, tricorpor, discolor, concolor. auctor*).

<sup>158</sup> Prisciano (2.154.7-8): *in or comparatiua quidem communia sunt: hic et haec clarior, felicior, melior, minor, excepto uno hic senior* (em *or* são, certamente, os comparativos comuns: *hic et haec clarior, felicior, melior, minor*, exceto por um *hic senior*).

<p><i>haec augur et fur. Alia omnia neutra sunt, ut guttur, sulphur, murmur, (0864D) jecur; et tertiae declinationis. In as terminata feminini sunt generis, ut haec dignitas, pietas, exceptis, hic as, assis, mas, maris, vas, vadis; et hoc vas vasis: et hoc fas et nefas et omnis generis nugas [Al., nugax]; et omnia tertiae declinationis. Sed inveniuntur propria primae declinationis, ut hic Aeneas, Lysias. Et tertiae quoque [declinationis] patriae nomina, hic Mycenae, Capenas, Arpinas. In es correptam terminata, si naturaliter de mare et femina significatio potest esse, communia fiant [Al., fiunt], ut hic et haec hebes, id est, tardus. Sic teres, comes, dives, sospes, hospes, praeses, deses, obses, superstes, quadupes, sonipes. Alia vero omnia, id est, quae nullam naturalem communionem [Al., naturam communem] (0865A) cum feminis habent, masculina sunt, ut stipes, limes, fomes,</i></p>	<p>os masculinos: <i>hic astur</i> (falcão), <i>turtur</i> (rola), <i>vultur</i> (abutre)<sup>159</sup>. Os comuns, como: <i>hic et haec augur</i> (áugure) e <i>fur</i> (ladroão)<sup>160</sup>. Os outros todos são neutros, como: <i>guttur</i> (garganta), <i>sulphur</i> (enxofre), <i>murmur</i> (murmúrio), <i>jecur</i> (fígado)<sup>161</sup>. E de terceira declinação. Em <i>as</i> são terminados os de gênero feminino, como: <i>haec dignitas</i> (dignidade), <i>pietas</i> (piedade)<sup>162</sup>. Exceto: <i>hic as, assis</i> (moeda), <i>mas, maris</i> (macho), <i>vas, vadis</i> (vaso); e <i>hoc vas</i> (vaso) de <i>vasis</i>, e <i>hoc fas</i> (certo) e <i>nefas</i> (errado)<sup>163</sup> e todas as trivialidades de terceira declinação. Mas são encontrados os próprios de primeira declinação, como: <i>Aeneas</i> (Eneas), <i>Lysias</i> (Lisias). E também de terceira declinação os nomes de pátria, destes: <i>Mycenas</i> (Micenae), <i>Capenas</i> (Capena), <i>Arpinas</i> (Arpino)<sup>164</sup>. Terminadas em <i>es</i> breve, se existe uma indicação natural de masculino e feminino,</p>
---	--

<sup>159</sup> Prisciano (2.154.24-2.155.2): *in ur, si sint propria uel deorum uel gentilia uel appellatiua auum uel f ante ur habentia, masculina sunt: Anxur, Astur, turtur, uultur, furfur* (em *ur*, se são próprios, ou dos deuses, ou gentios, ou apelativos de pássaros, ou tendo *f* antes de *ur*, são masculinos: *Anxur, Astur, turtur, uultur, furfur*).

<sup>160</sup> Prisciano (2.155.2-3): *uerbalia uero, quae hominibus imponi possunt, communia sunt, si sint tertiae declinationis, ut augur, fur* (os verbais, que, de fato, podem ser impostos aos homens, são comuns, se forem da terceira declinação, como *augur, fur*).

<sup>161</sup> Prisciano (2.155.7-11): *alia uero omnia eiusdem terminationis nomina neutra sunt: murmur, guttur [...], sulphur, Tibur, robur, iecur* (são neutros, de fato, todos os outros com a mesma terminação: *murmur, guttur [...], sulphur, Tibur, robur, iecur*).

<sup>162</sup> Prisciano (2.155.16-17): *alia uero omnia in as desinentia feminina sunt, ut pietas, probitas, auctoritas* (são femininos, de fato, todos os outros terminados em *as*, como *pietas, probitas, auctoritas*).

<sup>163</sup> Prisciano (2.155.21-2.156.1): *inueniuntur tamen alia quoque propria in formam gentilium prolata, ut Antias historicus, et monosyllaba: as assis, mas maris, uas masculinum uadis, neutrum uasis, et hoc fas, nefas, nugas etiam, omnis generis, quae sunt indeclinabilia* (no entanto, também são encontrados outros próprios apresentados na forma dos gentios, como *Antias historicus*, as monossilábicas: *as assis, mas maris, uas*, o masculino *uadis*, o neutro *uasis*, e *hoc fas, nefas*, também *nugas*, de todos os gêneros, as que são indeclináveis).

<sup>164</sup> Prisciano (2.155.12-13): *in as Latina, si sint patriae, communis sunt generis, hic et haec Arpinas, Sufenas, Capenas* (em *as*, no latim, se são pátrios, são de gênero comum, *hic et haec Arpinas, Sufenas, Capenas*).

*cespes [meridies]; exceptis in ges syllabam desinentibus, e in genitivo servantibus, ut haec seges segetis, teges et abies: et omnia tertiae sunt declinationis. Alia in es productam desinentia, si propria fiunt, masculina erunt, ut Hercules, Ulixes, et verres appellativum, cum porcum significat: et communia, ut haeres, locuples. Alia vero omnia feminina sunt: quaedam tertiae, ut caedes, strages, vulpes, apes; quaedam vero quintae [declinationis], ut facies, effigies, spes, res, fides: et omnia in es purum finita quintae sunt declinationis, praeter quies, abies, paries: et omnia consonante praecedente tertiae sunt declinationis, praeter, spes, fides, res. In is [terminata] omnia tertiae declinationis sunt: sed in (0865B) is, terminata, si n vel c ante is habent, vel si una syllaba supercrescunt in genitivo, omnia masculina sunt, ut hic panis, piscis; hic lapis lapidis: exceptis: haec bipennis, et haec cuspis, cassis cassidis, hic et haec canis. Inveniuntur quoque pauca, licet his regulis non subjaceant, masculina, ut hic fustis, ensis, postis, anguis, unguis, collis, follis, corbis, vectis, mensis, torquis, axis, orbis. Si fiunt vero adjectiva vel derivativa vel ad homines solos pertinentia, semper communia fiunt, ut hic et haec fortis, suavis, dulcis, exsanguis, exanimis, civis, hostis, aedilis: alia 276 omnia feminina sunt, ut, haec avis, classis, cutis; et tertii ordinis [id est, declinationis] cuncta. In os feminina tria, cos,*

que elas se tornem comuns, como: *hic et haec hebes* (estúpido), isto é, longa. Assim: *teres* (suave), *comes* (companheiro), *dives* (rico), *sospes* (ileso), *hospes* (convidado), *praeses* (protetor), *deses* (ocioso), *obses* (refém), *superstes* (testemunha), *quadrupes* (quadrúpede), *sonipes* (corcel). Mas todas as outras, isto é, as quais não têm uma comunhão natural com o feminino, são masculinos, como: *stipes* (esmola), *limes* (caminho), *fomes* (graveto), *cespes* (relva), *meridies* (meio-dia); exceto nas terminadas pela sílaba *ges* e que em genitivo mantêm-se, como: *haec seges* (colheita) de *segetis*, *teges* (tapete) e *abies* (abeto), e todas são de terceira declinação. Outras desinências produzidas em *es*, caso se tornarem próprias, serão masculinas, como: *Hercules* (Hércules), *Ulixes* (Ulisses), e *verres* (javali) o apelativo, quando significa *porcum* (dos porcos). E os comuns, como: *haeres* (herdeiro), *locuples* (opulento). Mas todas as outras são femininas, algumas de terceira, como: *caedes* (assassinato), *strages* (ruína), *vulpes* (raposa), *apes* (abelha). Algumas de quinta (declinação), como: *facies* (face), *effigies* (efígie), *spes* (esperança), *res* (coisa), *fides* (fé). E todas terminadas em *es* puro são de quinta declinação, exceto: *quies* (sossego), *abies* (abeto), *paries* (parede). E são de terceira declinação todas as com consoante precedente, exceto: *spes* (esperança), *fides* (fé), *res* (coisa). São de terceira declinação

*dos, glos. Communia quinque, custos, sacerdos, bos, compos, impos. Neutra duo, os (0865C) oris, os ossis. Alia omnia masculina, mos, flos, ros, nepos, lepos: et tertiae declinationis omnia. Us tam multiplex est in generibus et declinationibus, ut nullatenus tibi, o France, sub angustia hujus nostri lusulus ejus possim pandere diversitates. Nam trium declinationum est, secundae, tertiae, et quartae. Generis quoque masculini, feminini et neutri, communis et omnis et epicoeni.*

todas as terminadas em *is*; mas as terminadas em *is*, se têm *n* ou *c* antes de *is*, ou se uma sílaba se alonga no genitivo, todas são masculinos, como *hic panis* (pão), *piscis* (peixe), *hic lapis, lapidis* (pedra). Exceto: *haec bipennis* (machado de dois gumes), *haec cuspis* (lança), *cassis, cassidis* (capacete), *hic et haec canis* (cão). São encontradas também algumas palavras masculinas, embora não subjacentes por esta regra, como: *hic fustis* (porrete), *ensis* (espada), *postis* (poste), *anguis* (cobra), *unguis* (unha), *collis* (colina), *follis* (bolsa), *corbis* (cesta), *vectis* (alavanca), *mensis* (mês), *torquis* (colar), *axis* (carruagem), *orbis* (círculo). Mas se elas se tornam adjetivos ou derivados, ou apenas referentes aos homens, elas sempre se tornam comuns, como *hic et haec fortis* (forte), *suavis* (agradável), *dulcis* (doce), *exsanguis* (pálido), *exanimis* (morto), *civis* (cidadão), *hostis* (inimigos), *aedilis* (magistrado); todas as outras são femininas, como: *haec avis* (pássaro), *classis* (classe), *cutis* (pele); e todas de terceira declinação. Três são os femininos terminados em *os*: *cos* (pedra de amolar), *dos* (dote), *glos* (cunhada). Comuns, cinco: *custos* (vigia), *sacerdos* (sacerdote), *bos* (boi), *compos* (controle), *impos* (descontrole). Neutros, dois: *os, oris* (boca), *os, ossis* (osso). Todos os outros são masculinos e de terceira declinação: *mos* (costume), *flos* (flor), *ros* (orvalho), *nepos* (neto), *lepos* (charme). *Us* é tão versátil em

	<p>gêneros e declinações, que tu, ó Franco, sob a angústia deste nosso jogo possa desvendar as diversidades dele. Pois é de três declinações: da segunda, da terceira e da quarta. E de todos gêneros também, do masculino, do feminino, do neutro, do comum e do epiceno.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Pande tamen aliquas de eo regulas. [Nam] saepe, dum solem non habemus, ad effugandas nocturnas tenebras, laternis utimur.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Contudo, revela algumas regras sobre isso. Pois muitas vezes, enquanto não temos o sol para afugentar a escuridão noturna, usamos a lanterna.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Ergo in us masculini generis propria vel appellativa, mobilia vel fixa, secundae sunt declinationis. Propria, ut Terentius Terentii; Marcius Marcii. Mobilia, ut bonus boni; sanctus sancti. Fixa, campus campi, hortus (0865D) horti, fumus fumi. Et tria feminina: haec colus, alvus, humus: item feminina arborum nomina secundae sunt [declinationis], haec pirus, prunus, pinus, fagus fagi, etc. Item neutra tria: hoc vulgus, virus, pelagus. Alia neutra in us finita omnia tertiae sunt declinationis, ut jus, juris: [thus], munus, pondus, corpus, pectus. In us productum feminina, omnia tertiae sunt [declinationis], et una syllaba in genitivo accrescunt: ut salus salutis, tellus telluris; u producta in obliquis, excepto palus paludis, Venus Veneris; et uno [Edit., unum] omnis generis, ut hic et haec et hoc vetus veteris; et paucis communis generis, ut hic et haec ligus liguris; grus gruis; sus suis: et epicoenon, mus</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Portanto, são de segunda declinação em <i>us</i> os próprios ou os apelativos, os móveis ou os fixos de gênero masculino. Próprios, como: <i>Terentius, Terentii</i> (Terêncio); <i>Marcus, Marcii</i> (Márcio). Móveis, como: <i>bonus, boni</i> (bom); <i>sanctus, sancti</i> (santo). Fixos, como: <i>campus, campi</i> (campo), <i>hortus, horti</i> (jardim), <i>fumus, fumi</i> (fumaça). E os femininos são três: <i>haec colus</i> (côlon), <i>alvus</i> (barriga), <i>humus</i> (solo). Da mesma forma, são femininos da segunda declinação os nomes das árvores: essa <i>pirus</i> (pereira), <i>prunus</i> (ameixeira), <i>pinus</i> (pinho); <i>fagus, fagi</i> (faia), etc. Igualmente os neutros são três: <i>hoc vulgus</i> (povo), <i>virus</i> (veneno), <i>pelagus</i> (mar). Os outros neutros terminados em <i>us</i> são todos de terceira declinação, como: <i>jus, juris</i> (lei), <i>thus</i> (incenso), <i>munus</i> (serviço), <i>pondus</i> (peso), <i>corpus</i> (corpo), <i>pectus</i> (peito). Os femininos produzido em <i>us</i> são todos de terceira declinação, e aumentam uma sílaba</p>

*muris; et uno masculino, (0866A) ut lepus leporis. Igitur quartae declinationis feminina haec tantum sunt: anus, manus, porticus, tribus, domus, nurus, socrus, quercus. Quae vero a verbis vel nominibus principalibus [Ms., principalibus] veniunt, masculina sunt, et quartae declinationis: ut hic status, hujus status, a sto; hic ductus, a duco; consulatus, a consule; tribunatus, a tribuno. Item s vel x antecedentibus us masculina et quartae declinationis sunt; ut risus, metus, sexus. Item penus, et specus tam masculina quam feminina, et neutra. Invenitur etiam secundae, tertiae et quartae declinationis. Invenitur etiam in usu: [hic et haec acus] et hoc acus, hujus aceris, purgamentum frumenti. Pus et virus indeclinabilia sunt. In x litteram, quacunque vocali vel consonante (0866B) antecedente eam, omnia tertiae sunt declinationis, sed diversorum generum. Ut tamen breviter dicam, omnia accidentia x littera finita, communia sunt, ut hic et haec et hoc audax, aurifex, velox. Item appellativa ad utrumque sexum hominum pertinentia communia sunt, ut hic et haec conjux, dux. Quae vero ad solos mares pertinent, masculina sunt, ut rex: et quae ad solas feminas, feminina sunt, ut pellex. Propria masculina sunt, ut hic Ajax, Pollux. Item quae una syllaba accrescunt in genitivo masculina sunt, ut hic vertex, apex, [varix] latex, cortex, codex, pollex, calix, fornix, et reliqua. Feminina vero sunt haec, fornax, silex, ilex,*

no genitivo, como: *salus, salutis* (saúde); *tellus, telluris* (terra); o *u* alonga-se nos oblíquos, exceto *palus, paludis* (pântano); *Venus, Veneris* (Vênus); e com um de todos os gêneros, como *hic et haec et hoc vetus, veteris* (velho), e com poucos de gênero comum, como: *hic et haec ligus, liguris* (Liguriano); *grus, gruis* (guindaste); *sus, suis* (suíno); e epiceno, *mus, muris* (camundongo). E com um único masculino, como: *lepus, leporis* (lebre). Portanto, são estes os femininos de quarta declinação apenas: *anus* (velha), *manus* (mão), *porticus* (colunata), *tribus* (tribo), *domus* (casa), *nurus* (nora), *socrus* (sogra), *quercus* (carvalho). Mas os que vêm de verbos ou de nomes primitivos, são masculinos também de quarta declinação, como: *hic status, hujus status*, de *sto* (permaneço); *hic ductus*, de *duco* (conduzo); *consulatus* (consulado), de *consule* (cônsul); *tribunatus* (tribunato), de *tribuno* (tribuna). Da mesma forma, *s* ou *x* que antecedem *us* são masculinos também de quarta declinação, como: *risus* (risada), *metus* (medo), *sexus* (sexo). Igualmente também são os neutros *penus* (provisões), e *specus* (caverna) tanto masculinos quanto femininos. Também se encontra de segunda, de terceira e de quarta declinação. Também se encontra em uso: *haec acus* (agulha) e *hoc acus* (palha), *hujus aceris* (palha), *purgamentum* (lixo), *frumenti* (grão). *Pus* (pus) e *virus* (veneno) são indeclináveis.

<p><i>carex, salix, radix, cornix, filex, meretrix, cicatrix, velox. Item omnia verbalia feminina sunt, ut victrix, genitrix, (0866C) nutrix [Al., natrrix, quod et masculinum est]. Item monosyllaba omnia feminina sunt; ut pax, lex, pix, nox [Al., mux], lux, arx, falx: excepto rex et hic grex, et hic et haec dux. In t finitum unum invenitur neutrum, ut caput: et ex eo composita, sinciput, occiput.</i></p> <p><i>Quae nomina in duas desinunt consonantes, si sint [Al., fiunt] accidentia, trium generum omnia, ut hic et haec et hoc expers, prudens, inops, coelebs, princeps, parens. Pauca masculina, ut Mavors, Aruns. Pauca feminina, ut hiems, cohors, adeps. Monosyllaba in duas desinentia consonantes maxime feminina sunt, ut ars, fors, gens, mors, lens, frons, pars, sors, scrobs, stybs, trabs, urbs, puls. Exceptis: hic mons, pons, fons, dens, Mars. In aus, feminina: laus, (0866D) fraus. In aes, masculinum, ut praes praedis. Neutrum, ut aes aeris. Vix tandem aliquando fenore me solvebam gravissimo.</i></p>	<p>Sobre a letra <i>x</i>, com qualquer vogal ou consoante que a precede, são todos de terceira declinação, porém de diversos gêneros. No entanto, quando digo brevemente, são comuns todos os acidentés<sup>165</sup> terminados em letra <i>x</i>, como <i>hic et haec et hoc audax</i> (ousado), <i>aurifex</i> (ourives), <i>velox</i> (veloz). Da mesma forma, os apelativos pertencentes a ambos os sexos dos homens são comuns, como <i>hic et haec conjux</i> (cônjuge), <i>dux</i> (general). Mas as que somente aos machos pertencem são masculinas, como <i>rex</i> (rei); e as que pertencem só as fêmeas são femininas, como <i>pellex</i> (concupina). São próprios masculinos, como <i>hic Ajax</i> (Ajax), <i>Pollux</i> (Pólux). Da mesma forma, as que aumentam em uma sílaba no genitivo são masculinas, como: <i>hic vertex</i> (redemoinho), <i>apex</i> (topo), <i>varix</i> (varizes), <i>latex</i> (líquido), <i>cortex</i> (casca), <i>codex</i> (tronco), <i>pollex</i> (polegar), <i>calix</i> (cálce), <i>fornix</i> (arco), e as demais. Mas estas são femininas: <i>fornax</i> (forno), <i>silex</i> (seixo), <i>ilex</i> (azinheira), <i>carex</i> (juncos), <i>salix</i> (salgueiro), <i>radix</i> (raiz), <i>cornix</i> (corvo), <i>filex</i> (samambaia), <i>meretrix</i> (meretriz), <i>cicatrix</i> (cicatriz), <i>velox</i> (veloz). Da mesma forma, são femininas todas as pertencentes a um verbo, como: <i>victrix</i> (vencedor), <i>genitrix</i> (mãe), <i>nutrix</i> (ama-de-leite), <i>natrrix</i> (cobra d'água), que também é masculino. Da mesma maneira, são femininos todos os monosílabos, como: <i>pax</i> (paz),</p>
--	--

<sup>165</sup> No sentido de qualidade accidental. Cf. Schad (2007, p. 9).

*lex* (lei), *pix* (breu), *nox* (noite), *nux* (noz), *lux* (luz), *arx* (fortaleza), *falx* (foice). Exceto *rex* (rei) e *grex* (rebanho), *dux* (general). É encontrado um neutro terminado em *t*, como: *caput* (cabeça), e os dele compostos: *sinciput* (metade da cabeça), *occiput* (parte de trás da cabeça).

Se são acidentes<sup>166</sup>, os nomes que terminam em duas consoantes são todos de três gêneros, como: *hic et haec et hoc expers* (desprovido), *prudens* (prudente), *inops* (fraco), *coelebs* (solteiro), *princeps* (principal), *parens* (obediente). Poucos são os masculinos, como: *Mavors* (Marte), *Aruns* (Aruns). Poucos são os femininos, como: *hiems* (inverno), *cohors* (coorte), *adeps* (gordura). Os monosílabos terminados em duas consoantes são na maioria femininos, como: *ars* (arte), *fors* (chance), *gens* (raça), *mors* (morte), *lens* (lentilha), *frons* (folhagem), *pars* (parte), *sors* (sorte), *scrobs* (vala), *styps* (esmola), *trabs* (viga), *urbs* (cidade), *puls* (mingau). Exceto: *hic mons* (montanha), *pons* (ponte), *fons* (fonte), *dens* (dente), *Mars* (Marte). Os terminados em *aus*, são femininos: *laus* (louvor), *fraus* (fraude). Os terminados em *aes*, masculinos, como: *praes*, *praedis* (fiador). O neutro, como *aes*, *aeris* (dinheiro). Com dificuldade, finalmente, depois de algum tempo, eu lhe paguei com pesadíssimos juro.

<sup>166</sup> Cf. Nota 165.



<i>FR. Sed gratissimo. Quapropter ad numeros transeamus.</i>	<b>FRANCO.</b> Porém, muito grato. Portanto, que nós passemos para os números.
<i>SAXO. Fiat.</i>	<b>SAXO.</b> Que assim seja.
<b>277 DE NUMERO.</b>	<b>SOBRE O NÚMERO</b>
<i>FR. Numerus quid est?</i>	<b>FRANCO.</b> O que é o número?
<i>SAXO. Dictionis forma, discretio quantitatis [Al., distinctionis forma, quantitas discretio-nis].</i>	<b>SAXO.</b> Uma forma de indicação da quantidade <sup>167</sup> .
<i>FR. Numeri nominum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os números dos nomes?
<i>SAXO. Duo. Singularis, ut homo. Pluralis, ut homines. Sed singularis numerus finitus est; pluralis infinitus est. Cum dico homo, certum est, unum me significasse. (0867A) Cum homines dico, incertum est de quot, nisi addam, decem, centum, mille, vel quotlibet: nam a duobus ad innumerabiles extenditur significatio.</i>	<b>SAXO.</b> Dois. Singular, como <i>homo</i> (homem). Plural, como <i>homines</i> (homens) <sup>168</sup> . Mas o número singular é finito; o plural é infinito. Quando digo <i>homo</i> (homem), é certo que indico uma única coisa. Quando digo <i>homines</i> (homens), é incerto sobre quantos, a menos que eu adicione dez, cem, mil ou quantos quiser; pois a significação se estende de dois aos inumeráveis <sup>169</sup> .
<i>FR. Quae dictiones habent numeros?</i>	<b>FRANCO.</b> Quais palavras têm números?
<i>SAXO. Quae personas habent: id est, nomi-</i>	<b>SAXO.</b> As que possuem pessoas, isto é, os

<sup>167</sup> A definição dada por Alcuíno é semelhante a de Prisciano (2.172.2-3): *numerus est dictionis forma, quae discretionem quantitatis facere potest* (número é uma forma de expressão que pode fazer uma distinção quantitativa).

<sup>168</sup> O exemplo é o mesmo dado por Prisciano ((2.172.3-4): *est autem uel singularis uel pluralis, nam dualis apud Latinos non inuenitur. singularis est, ut homo, pluralis, ut homines* (mas é singular ou plural, pois o dual não é encontrado entre os latinos. é singular, como homem, plural, como homens).

<sup>169</sup> Temos em Prisciano (2.172.23-26): *et singularis quidem numerus finitus est, pluralis uero infinitus. cum enim dico homo, certum est de uno dicere, cum uero homines, incertum est, de quot, nam a duobus usque ad innumerabiles extenditur significatio* (e, de fato, o número singular é finito, o plural, na verdade, infinito. pois quando digo homem, é certo se referir a um, quando digo homens, é incerto de quantos, pois a significação se estende de dois aos inumeráveis).

<p><i>na, pronomina, verba, participia. Ut, vir, viri. Ego lego, nos legimus. Hic legens, hi legentes. Ideo [autem] infinita verba et impersonalia carent numero, quia non habent personas.</i></p>	<p>nomes, os pronomes, os verbos e participios<sup>170</sup>. Como: <i>vir</i> (homem), <i>vir</i> (homens). <i>Ego lego</i> (Eu leio), <i>nos legimus</i> (nós lemos). <i>Hic legens</i> (Este leitor), <i>hi legentes</i> (Estes leitores). No entanto, por esse motivo, os verbos infinitivos e impessoais carecem de número, porque não têm pessoas<sup>171</sup>.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Nunquid adverbia non habent numeros?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Então os advérbios não têm números?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Habent: sed inter accidentia adverbii numerus non ponitur: et indeclinabiles sunt numeri adverbiorum: et ad singularem et [ad] pluralem dictionem aequè ponitur, ut: ter feci, ter fecimus.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Têm, mas o número não é colocado entre os acidentes do advérbio<sup>172</sup>: e os números dos advérbios são indeclináveis. Tanto para o singular quanto para o plural a palavra é colocada da mesma forma<sup>173</sup>, como: <i>ter feci</i> (três vezes fiz), <i>ter fecimus</i> (três vezes fizemos).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quid tum interest inter numerorum</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Então, qual é a diferença dos</p>

<sup>170</sup> Assim como em Prisciano (2.173.18-19): *praeterea nomen et pronomem et uerbum et participium declinantur in numeros* (além disso, o nome, o pronome, o verbo e o participio são declinados em números).

<sup>171</sup> Similarmente em Prisciano (2.173.6-8): *unde si deficiat personis uerbum, deficit etiam numero, qualia sunt infinita, impersonalia, gerundia uel supina* (portanto, se ao verbo é deficiente em pessoas, também é deficiente em número, como o infinitivo, o impessoal, o gerúndio ou o supino).

<sup>172</sup> Alcuíno baseia-se em Prisciano (2.173.8-10): *aduerbium uero, quamuis saepe demonstret numerum ad significationem nominum numeralium, non tamen quasi accidentem hunc habet* (De fato, embora o advérbio frequentemente aponte para um número a fim de significar substantivos numéricos, ele não tem, por assim dizer, esse acidente).

<sup>173</sup> Temos em Prisciano (2.173.8-10): *cum similiter omne aduerbium tam singularibus quam pluralibus uerbis adiungitur, etiam numerale quemcumque numerum significet (ut singillatim circumeo et singillatim circumimus, pluraliter loquor et pluraliter loquimur, saepissime dico et saepissime dicimus), quod in nulla parte alia numerum possidente potest contingere nisi figurate, ut, cum sint numeri singularis, plurali addicantur uel, cum sint pluralis, singulari* (enquanto, da mesma forma, todo advérbio é unido a palavras singulares e plurais, mesmo que o numeral signifique qualquer número (como *singillatim circumeo* e *singillatim circumimus*, *pluraliter loquor* e *pluraliter loquimur*, *saepissime dico* e *saepissime dicimus*), que não pode ocorrer em nenhuma outra parte que possua um número, exceto figurativamente, como, quando os números são singulares, eles são adicionados ao plural ou, quando são plurais, são adicionados ao singular).

<i>nomina (0867B) indeclinabilia et inter adverbia?</i>	números entre os nomes indeclináveis e os advérbios?
<b>SAXO.</b> <i>Quod adverbia et singularibus et pluralibus similiter junguntur. Ut: millies dixi, et millies diximus. Nomina vero non nisi pluralibus, ut, mille homines diximus.</i>	<b>SAXO.</b> Uma vez que os advérbios se unem com singulares e com plurais de maneira similar, como: <i>millies dixi</i> (mil vezes digo) e <i>millies diximus</i> (mil vezes dizemos), mas os nomes não, exceto nos plurais, como: <i>mille homines diximus</i> (mil homens dizemos) <sup>174</sup> .
<b>FR.</b> <i>Suntne aliqua nomina quae una litteratura utrosque habent numeros?</i>	<b>FRANCO.</b> Existem alguns nomes que têm na escrita, ao mesmo tempo, ambos os números?
<b>SAXO.</b> <i>Sunt. Nam in prima declinatione [genitivus et dativus singulares [Ed., generis dativi singularis] una voce cum nominativo et vocativo plurali proferuntur: ut hujus et huic poetae, [ut hi et o poetae]. Et in omnibus hoc idem invenies declinationibus saepissime. In secunda: ut hujus docti et hi docti. Tertia, haec caedes, et hae caedes. Quarta, hic fluctus et hujus fluctus: hi et hos et o fluctus: us producta in omnibus his</i>	<b>SAXO.</b> Existem. Pois na primeira declinação são apresentados por uma palavra os singulares genitivo e dativo simultaneamente com o nominativo e o vocativo plural, como: <i>hujus et huic poetae</i> (deste e para este poeta), como: <i>hi et o poetae</i> (estes poetas e ó poetas) <sup>175</sup> . E em todos estes frequentemente tu encontrarás as mesmas declinações. Na segunda declinação, como: <i>hujus docti et hi docti</i> (deste sábio e estes sábios) <sup>176</sup> . Na

<sup>174</sup> Similarmente em Prisciano (2.173.19-23): *adverbium uero, quamuis saepe demonstret numerum ad adverbium autem quicquid significet et quemcumque numerum, indeclinabile manet. hoc tamen interest inter numerorum nomina, quae sunt indeclinabilia, et inter adverbia, quod ea licet tam singularibus adiungere, ut praedixi, quam pluralibus, ut milies dixi et milies diximus, illa uero non nisi pluralibus, ut mille homines diximus* (advérbios, de fato, embora muitas vezes indiquem um número, porém o que quer que eles indiquem e seja qual for o número, eles permanecem indeclináveis aos advérbios. Mas esta é a diferença entre os nomes dos números, que são indeclináveis, e entre os advérbios, que podem ser unidos tanto aos singulares, como *praedixi*, quanto aos plurais, como *milies dixi* e *milies diximus*; na verdade, eles são apenas plurais, como *mille homines diximus*).

<sup>175</sup> Prisciano (2.173.26 -174.2): *inveniuntur quaedam nomina, quae utrumque numerum eadem uoce demonstrant, ut in prima declinatione singularis genetiuis et datiuus et pluralis nominatiuus et uocatiuus, huius et huic poetae hi et o poetae* (encontram-se certos nomes que mostram ambos os números na mesma voz, como na primeira declinação do genitivo singular e dativo e do nominativo plural e vocativo, *huius* e *huic poetae*; *hi* e *o poetae*).

<sup>176</sup> Prisciano (2.174.5-7): *in secunda quoque declinatione genetiuis singularis et nominatiuus et uocatiuus pluralis idem est: huius docti et hi docti et o docti* (na segunda declinação também o

<p><i>casibus. Quinta, ut, haec res, et o res: hae et has et o res. In (0867C) pronomibus quoque et participiis invenies voce communia, ut illi, isti, ipsi, dativi singularis et nominativi pluralis. In participiis mobilia omnia in eadem voce habent feminina in singulari nominativo et neutralia in plurali, ut haec victura femina, et haec victura animalia. In verbis vero nulla vox est quae eadem possit esse in singulari numero et plurali.</i></p>	<p>terceira declinação, como: <i>haec caedes</i> e <i>hae caedes</i> (essa matança e estas matanças)<sup>177</sup>. Na quarta declinação: <i>hic fluctus et hujus fluctus</i> (esse fluxo e deste fluxo); <i>hi et hos et o fluctus</i> (esses e a estes e ó fluxo); <i>us</i> é produzido em todos estes casos<sup>178</sup>. Na quinta declinação, como: <i>haec res et o res</i> (essas coisas e ó coisas); <i>hae et has et o res</i> (essas e à essas e ó coisas)<sup>179</sup>. Nos pronomes e também nos participios tu encontrarás uma palavra comum, como: <i>illi</i> (aquele, aquela, aquilo), <i>isti</i> (este, esta, isto) , <i>ipsi</i> (ele, ela, isso). O singular do dativo e o plural do nominativo. Em todos os participios móveis, têm a mesma palavra para o nominativo feminino no singular e o nominativo neutro no plural, como: <i>haec victura femina</i> (esta mulher será conquistada) e <i>haec victura animalia</i> (estes animais serão conquistados)<sup>180</sup>. Mas nos verbos não existe palavra</p>
--	--

genitivo do singular, o nominativo e o vocativo do plural são os mesmos: *huius docti, hi docti e o docti*).

<sup>177</sup> Prisciano (2.174.7-11): *in tertia omnium in es productam terminantium, cum pares habeat nominativus syllabas genetiivus, nominativus quoque pluralis et accusativus et uocativus idem est, ut hic uerres hi et hos et o uerres, haec caedes hae et has et o caedes* (todos os produzidos na terceira terminados em *es*, quando o genitivo tem as mesmas sílabas do nominativo, o nominativo plural, o acusativo e o vocativo são os mesmos, como *hi, hos* e *o uerres; haec caedes, hae, has* e *o caedes*).

<sup>178</sup> Prisciano (2.174.11-13): *in quarta etiam genetiivus singularis et nominativus et accusativus et uocativus pluralis idem est, quippe in omnibus his casibus producit us: huius fluctus hi et hos et o fluctus* (na quarta também o genitivo do singular, o nominativo, o acusativo e o vocativo do plural são os mesmos, pois em todos esses casos é produzido *us: huius fluctus; hi, hos* e *o fluctus*).

<sup>179</sup> Prisciano (2.174.13-16): *in quinta quoque declinatione omnis nominativus et uocativus singularis et nominativus et accusativus et uocativus pluralis idem est, ut haec et o res, spes, facies, hae et has et o res, spes, facies* (na quinta declinação também todo nominativo e vocativo singular, nominativo, acusativo e vocativo plural é o mesmo, como *haec* e *o res, spes, facies; hae, has* e *o res, spes, facies*).

<sup>180</sup> Prisciano (2.174.16-21): *nec solum in nominibus, sed etiam in pronomibus invenies quaedam communia utriusque numeri, ut in his, quae genetiivum uel dativum singularem in i terminant et similiter nominativum pluralem: mei, tui, sui, nostri, uestri, illi, isti, ipsi, ei. qui quoque tam singularis est nominativus quam pluralis. in participiis quoque mobilibus idem fit, quod in nominibus* (não apenas nos nomes, mas também nos pronomes encontrarás certas palavras comuns de ambos os números, como aqueles que terminam o singular de genitivos ou dativos em *i*, e também o plural de

	que possa ser a mesma no singular e no plural <sup>181</sup> .
<b>FR.</b> <i>Unde aliqua nomina, sicut in Donato legi semper singularia sunt, et alia semper pluralia?</i>	<b>FRANCO.</b> Por que certos nomes, como li em Donato, sempre são singulares e outros sempre plurais? <sup>182</sup>
<b>SAXO.</b> <i>Natura, vel usu. Natura, ut propria, quae naturaliter individua sunt, ut Hector, Achilles; sol, luna, Italia, Sicilia. Usu, ut sanguis, pulvis, lux, vita. Item quae ad pondus vel mensuram pertinent, singularia sunt, ut aurum, triticum, etc. Similiter natura vel usu quaedam sunt semper pluralia: natura, ut Gemini, (0867D) pisces, in coelo. Usu, ut arma, moenia, nundinae, Kalendae. Nam per omnia genera invenies quaedam semper singularia, quaedam semper pluralia, quae studio brevitatis nobis praetermittenda esse reor.</i>	<b>SAXO.</b> Pela natureza ou pelo uso. Pela natureza, como os próprios, os quais são naturalmente individuais, como: <i>Hector</i> (Heitor), <i>Achilles</i> (Aquiles); <i>sol</i> (Sol), <i>luna</i> (Lua), <i>Italia</i> (Itália), <i>Sicilia</i> (Sicília). Pelo uso, como: <i>sanguis</i> (sangue), <i>pulvis</i> (poeira), <i>lux</i> (luz), <i>vita</i> (vida). Da mesma forma, são singulares os que pertencem ao peso ou à medida, como: <i>aurum</i> (ouro), <i>triticum</i> (trigo), etc. Igualmente, pela natureza ou pelo uso algumas coisas são sempre plurais. Pela natureza, como: <i>Gemini</i> (gêmeos), <i>pisces</i> (peixes), no céus <sup>183</sup> . Pelo uso, como: <i>arma</i> (armas), <i>moenia</i> (muralhas), <i>nundinae</i> (dias de mercado), <i>Kalendae</i> (Calendas) <sup>184</sup> . Pois por todos os gêneros tu encontrarás algumas coisas sempre singulares outras sempre plurais, as quais, penso, pelo zelo da brevidade devem ser deixadas de lado por

nominativos: *mei, tui, sui, nostri, uestri, illi, isti, ipsi, ei*. que também é nominativo singular e plural. nos participios móveis acontece o mesmo que nos nomes).

<sup>181</sup> Prisciano (2.174.21-22): *nam in uerbis nulla uox eadem apud Latinos singularis est et pluralis* (pois nos verbos nenhuma palavra é a mesma para o singular e para o plural entre os latinos).

<sup>182</sup> Donato (622.10). Cf. Dezotti (2011, p. 144).

<sup>183</sup> No sentido de constelações celestes.

<sup>184</sup> Alcuíno apresenta vários dos termos encontrados em Donato (622.10): *sanguis* (sangue), *pulvis* (poeira), *lux* (luz), *Kalendae* (Calendas), *nundinae* (dias de mercado), *arma* (armas), *moenia* (muralhas), *aurum* (ouro), *triticum* (trigo). No entanto, são de Prisciano todos os exemplos de nomes próprios: *Hector* (Heitor), *Achilles* (Aquiles); *sol* (Sol), *luna* (Lua), *Italia* (Itália), *Sicilia* (Sicília). E também os exemplos de plurais por natureza: *Gemini* (gêmeos), *pisces* (peixes). Os exemplos *arma*, *moenia*, *nundinae*, *kalendae* também aparecem em Prisciano.

	nós.
--	------

<b>DE FIGURIS</b>	<b>SOBRE AS FIGURAS<sup>185</sup></b>
<b>FR.</b> <i>Fiat ut vis, etsi non libens, tamen consentio. Sed de figuris disputemus. Et primo dic quid sit inter figuratas dictiones et derivativas?</i>	<b>FRANCO.</b> Como tu desejas, que assim seja, embora não satisfeito, no entanto, consinto. Mas discutamos, então, sobre as figuras. E primeiro diz qual é a diferença entre as palavras figuradas e as derivativas? <sup>186</sup>

<b>SAXO.</b> <i>Quod figuratae dictiones aut simplices sunt, ut magnus; aut compositae, ut magnanimus. Derivativae autem a simplici nomine derivantur, ut a pio pietas; aut a composito, ut a magnanimo magnanimitas, quae decomposita dicuntur. Composita [enim] intelligibilia semper, (0868A) [et] solubilia debent esse in integras dictiones; sive ex integris, sive ex corruptis componantur, ut respublica; ex duobus corruptis, ut, parricida, ex parente nomine, et caedere verbo. Magnanimitas [Edit., magnanimus] si dico, a magno et animitate esse compositum non potest esse, quia animitas [Ms., nimitas] intelligibile non est: ideo necesse est ut a composito, id est</i>	<b>SAXO.</b> Na medida em que as palavras figuradas ou são simples, como <i>magnus</i> (grande); ou compostas, como <i>magnanimus</i> (magnânimo). As derivadas, por outro lado, são derivadas de um nome simples, como <i>pietas</i> (piedade) de <i>pio</i> (piedoso); ou por ele ter sido composto, como <i>magnanimitas</i> (magnanimidade) de <i>magnanimo</i> (magnânimo), as quais são chamados de derivados de uma palavra composta <sup>187</sup> . As compostas são de fato sempre intelegíveis, e devem ser solucionáveis em palavras inteiras; ou de palavras inteiras ou ser composta de partes de palavras, como <i>respublica</i> <sup>188</sup> ; de duas partes, como <i>parricida</i> , do nome <i>parente</i> (pais) e do verbo <i>caedere</i> (matar). Se digo
---	--

<sup>185</sup> De acordo com Shad (2007, p. 166), a estrutura de uma palavra, seja ela simples ou composta, é denominada figura.

<sup>186</sup> Prisciano (2.177.10-13): *figura quoque dictionis in quantitate comprehenditur: uel enim simplex est, ut magnus, uel composita, ut magnanimus, uel decomposita, quam Graeci παρασύνθετον uocant, id est a compositis deriuata, ut magnanimitas, quae rationabiliter separatim accepta est figura a Graecis* (a figura de linguagem também está incluída na quantidade: pois é simples, como *magnus*, ou composta, como *magnanimus*, ou decomposta, a qual os gregos chamam de *παρασύνθετον*, isto é, derivada de compostos, como a *magnanimitas*, que é racionalmente aceita pelos gregos com uma figura separada).

<sup>187</sup> Neste trecho, Alcuíno reproduz o exemplo de Prisciano (2.177.10), que introduz uma terceira categoria chamada de *decomposita* (decomposta), isto é, derivada de um composto. Cf. Schad (2007, p. 166). Cf. Nota 186 (acima).

<sup>188</sup> *res + publica = respublica.*

<i>magnanimo, sit derivatum magnanimitas.</i>	<i>magnanimitas</i> (magnanimidade), não pode ser composto de <i>magno</i> (grande) e <i>animitate</i> , porque <i>animitas</i> não é inteligível. Portanto, é necessário que <i>magnanimitas</i> (magnanimidade) seja derivado do composto, isto é, de <i>magnanimo</i> (magnânimo) <sup>189</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quot modis componuntur nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> De quantos modos os nomes são compostos?
<b>SAXO.</b> <i>Quatuor. Ex duobus integris, ut jusjurandum. Ex duobus corruptis, ut parricida. Ex integro et corrupto, ut inimicus. Ex corrupto et integro, ut efferus.</i>	<b>SAXO.</b> Quatro <sup>190</sup> . De duas palavras inteiras, como <i>jusjurandum</i> (juramento) <sup>191</sup> . De duas partes de palavras, como <i>parricida</i> (parricida) <sup>192</sup> . De uma palavra inteira e uma parte

<sup>189</sup> Esta fala de Saxo é baseada na explicação de Prisciano (2.177.14 - 178.1): *neque enim simplex poterit esse, quae a composita deriuatur dictione, neque composita, quia, quod suum est compositorum, non habet, id est ut ipsa per se ex diuersis componatur dictionibus separatim intellegendis sub uno accentu et unam rem suppositam [id est significandam] accipiat, ut est respublica, iusiurandum et talia. una est enim res supposita, duae uero uoces diuersae sub uno accentu prolatae, quas inuenis separans compositum, etiamsi sit a corruptis compositum, ut est parricida. hoc enim ipsum per se compositum quaerentes ex quibus dictionibus est, inuenimus diuisione facta eas per se intellegendas: dicimus enim a parente et a uerbo caedere, quae utraque per se integra sunt et intellectum habent plenum, quod in decompositis fieri non potest si enim dicam magnanimitas compositum est a magno et animitate, nihil dico, animitas enim per se non dicitur* (pois não pode ser simples, o que é derivado de uma palavra composta, nem composto, porque não tem o que pertence ao composto, ou seja, ele próprio é composto de várias palavras para serem entendidas separadamente sob uma entonação, e é tomado como um coisa suposta [isto é, a ser significanda], como *respublica*, *iusiurandum* e *talia*. pois há uma coisa suposta, ou mesmo duas palavras diferentes proferidas sob uma entonação, que você encontra separando o composto, mesmo que seja composto por pessoas corrompidas, como é o *parricida*. pois quando indagamo-nos de quais palavras ele é composto, descobrimos que pela divisão feita eles devem ser entendidos por si mesmos: pois dizemos de *parente* e do verbo *caedere*, ambas as quais são inteiras em si mesmas e têm um entendimento completo, o que não pode ser feito em decomposição. pois se digo que *magnanimitas* é composta de *magno* e *animitate*, não digo nada, porque *animitas* não se diz por si só.).

<sup>190</sup> Prisciano (2.178.16-20): *componuntur autem nomina modis quattuor: ex duobus integris, ut tribunusplebis, iusiurandum; ex duobus corruptis, ut beniuolus, pinnirapus; ex integro et corrupto, ut inimicus, extorris; ex corrupto et integro, ut efferus, impius. et sciendum, quod omnes partes orationis habent composita absque interiectione et plerisque participiis* (No entanto, os nomes são compostos de quatro maneiras: de duas palavras inteiras, como *tribunusplebis*, *iusiurandum*; de duas palavras corrompidas, como *beniuolus*, *pinnirapus*; de uma inteira e de uma corrompida, como *inimicus*, *extorris*; de uma corrompida e de uma inteira, como *efferus*, *impius*. e deve-se saber que todas as partes do discurso têm compostos exceto as interjeições e a maioria dos participios).

<sup>191</sup> *jus* + *jurandum* = *jusjurandum*.

<sup>192</sup> *parente* + *caedere* = *parricida*.

	de palavra, como <i>inimicus</i> (inimigo) <sup>193</sup> . De uma parte de palavra e uma palavra inteira, como <i>efferus</i> (selvagem) <sup>194</sup> .
<b>FR.</b> <i>Cum quibus partibus componuntur nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> Com que partes da oração os nomes são compostos?
<b>SAXO.</b> <i>Cum omnibus praeter interjectionem. Cum nomine (0868B) [Edit., nominibus], ut paterfamilias. Cum pronomine, ut illiusmodi. 278 Cum verbo, ut Lucifer. Cum adverbio, ut satisfactio. Cum participio, ut plebiscitum. Cum conjunctione, ut uterque. Cum praepositione, ut perfidus.</i>	<b>SAXO</b> <sup>195</sup> . Com todas, exceto a interjeição. Com o nome, como <i>paterfamilias</i> (pai de família) <sup>196</sup> . Com pronome, como <i>illiusmodi</i> (desse modo) <sup>197</sup> . Com verbo, como <i>Lucifer</i> (Lúcifer) <sup>198</sup> . Com adverbio, como <i>satisfactio</i> (satisfação) <sup>199</sup> . Com participio, como <i>plebiscitum</i> (plebiscito) <sup>200</sup> . Com conjunção, como <i>uterque</i> (cada um) <sup>201</sup> . Com preposição, como <i>perfidus</i> (pérfido) <sup>202</sup> .

<sup>193</sup> *in* + *amicus* = *inimicus*.

<sup>194</sup> *ex* + *ferus* = *efferus*.

<sup>195</sup> Essa fala de Saxo se baseia na explicação presente em Prisciano (2.179.11-180.3): *nomina uero componuntur uel cum aliis nominibus, ut omniparens, paterfamilias, uel cum uerbis, ut armiger, lucifer, uel participiis, ut senatusdecretum, plebiscitum, uel pronomibus, ut huiusmodi, illiusmodi, uel aduerbiis, ut satisfactio, beneficis, maledicus, causidicus, uel praepositionibus, ut impudens, perfidus, uel coniunctionibus, ut uterque, quisque, nequis, siquis, quae composita esse ostenduntur a femininis in a desinentibus, ut siqua, nequa quomodo aliqua. et componuntur uel a duabus dictionibus, ut septentrio, semiuir, uel a tribus, ut imperterritus, inexpugnabilis, inextricabilis, uel amplioribus, ut cuiuscumquemodi, quae tamen solent ex iam compositis secundam compositionem accipere* (os nomes são compostos ou com outros nomes, como *omniparens*, *paterfamilias*, ou com verbos, como *armiger*, *lucifer*, ou com participios, como *senatusdecretum*, *plebiscitum*, ou com pronomes, como *huiusmodi*, *illiusmodi*, ou advérbios, como *satisfactio*, *beneficis*, *maledicus*, *causidicus*, ou por preposições, como *impudens*, *perfidus*, ou por conjunções, como *uterque*, *quisque*, *nequis*, *siquis*, as quais se mostram compostas por terminações femininas em *a*, como *siqua*, *nequa* assim como *aliqua*. e eles são compostos de duas palavras, como *septentrio*, *semiuir*, ou de três, como *imperterritus*, *inexpugnabilis*, *inextricabilis*, ou de outras maiores, como *cuiuscumquemodi*, que, no entanto, geralmente aceitam um segundo composto daquele já composto).

<sup>196</sup> *pater* + *familias* = *paterfamilias*.

<sup>197</sup> *illius* + *modi* = *illiusmodi*.

<sup>198</sup> *lux* + *ferre* = *Lucifer*.

<sup>199</sup> *satis* + *facere* = *satisfactio*.

<sup>200</sup> *plebis* + *citum* = *plebiscitum*.

<sup>201</sup> *uter* + *que* = *uterque*.

<sup>202</sup> *per* + *fides* = *perfidus*.



<b>FR.</b> <i>A quot dictionibus componuntur nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> De quantas palavras os nomes são compostos? <sup>203</sup>
<b>SAXO.</b> <i>A duabus, ut septentrio. A tribus, ut inexpugnabilis. Vel a compluribus [Ms., ab amplioribus], ut cujuscunquemodi.</i>	<b>SAXO.</b> De duas, como <i>septentrio</i> (Ursa Maior/Menor) <sup>204</sup> . De três, como <i>inexpugnabilis</i> (inexpugnável) <sup>205</sup> . Ou de muitas, com <i>cujuscunquemodi</i> (de qualquer modo) <sup>206</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quomodo declinantur composita nomina?</i>	<b>FRANCO.</b> Como são declinados os nomes compostos?
<b>SAXO.</b> <i>Si ex nominativo et obliquo casu componuntur, ea parte qua nominativus casus est, declinantur [nam alter casus non declinatur], ut hic tribunus plebis, hujus tribunus plebis, huic tribunus plebis. Si ex duobus nominativis, utrinque declinantur, ut hoc jusjurandum, (0868C) hujus jurisjurandi, huic jurisjurando. Sin ex duobus obliquis componuntur, manent, indeclinabilia, ut hujusmodi, istiusmodi, ejusmodi. Componuntur quoque singularia cum pluralibus, ut orbis terrae et orbis terrarum. Possunt tamen haec eadem composita etiam separata esse, si diversos accentus his dederis, ut res</i>	<b>SAXO.</b> Se são compostos de caso nominativo e oblíquo <sup>207</sup> , eles são declinados na parte em que o caso nominativo está, pois o segundo caso não é declinado, como: <i>hic tribunus plebis</i> (tribuno da plebe) <sup>208</sup> , <i>hujus tribunus plebis</i> (tribuno da plebe) <sup>209</sup> , <i>huic tribunus plebis</i> (tribuno da plebe) <sup>210</sup> . Se de dois nominativos, são declinados em ambos os lados, como: <i>hoc jusjurandum</i> (juramento) <sup>211</sup> , <i>hujus jurisjurandi</i> (juramento) <sup>212</sup> , <i>huic jurisjurando</i> (juramento) <sup>213</sup> . Mas se são compostos de dois oblíquos permanecem indeclináveis, como: <i>hujusmodi</i> (deste modo), <i>istiusmodi</i> (daquele modo), <i>ejusmodi</i>

<sup>203</sup> Cf. Nota 195.

<sup>204</sup> *septem* + *trio* = *septentrio*

<sup>205</sup> *in* + *ex* + *pugno* = *inexpugnabilis*.

<sup>206</sup> *cujus* + *cum* + *que* + *modi* = *cujuscunquemodi*

<sup>207</sup> Os casos oblíquos são aqueles formados a partir do nominativo, que é considerado o caso reto, ou seja, a forma padrão da palavra.

<sup>208</sup> Nominativo.

<sup>209</sup> Genitivo.

<sup>210</sup> Dativo.

<sup>211</sup> Nominativo.

<sup>212</sup> Genitivo.

<sup>213</sup> Dativo.

<i>publica, vel si conjunctionem interponas, ut tribunusque plebis.</i>	(desse modo). São compostos também por singulares com plurais, como <i>orbis terrae</i> (círculo de terra) e <i>orbis terrarum</i> (círculos de terras). No entanto, estes mesmos compostos podem ser separados da mesma forma, se para estes tu dás diferentes acentos, como <i>res publica</i> (coisa pública), ou se tu interponhas uma conjunção, como <i>tribunusque plebis</i> (tribuna e da plebe) <sup>214</sup> .
---	--

<b>FR.</b> <i>Accentus compositae figurae quomodo fiunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Como são formadas os acentos das figuras compostas?
--	--

<b>SAXO.</b> <i>Per omnes casus et per omnes compositiones semper sub uno accentu proferuntur, ut jusjurandum, jurisjurandi, cujuscunquemodi. Verte te, France, ad casus,</i>	SAXO. Elas são apresentadas sempre sob um acento por todos os casos e por todas as composições <sup>215</sup> , como <i>jusjurandum</i> (juramento) <sup>216</sup> , <i>jurisjurandi</i> (juramento) <sup>217</sup> ,
---	---

<sup>214</sup> Alcuíno se baseou na seguinte explicação de Prisciano (2.183.1-14): *sin uero ex utroque casu obliquo sint composita nomina, manent indeclinabilia, ut huiusmodi, istiusmodi, illiusmodi, cuiusmodi, eiusmodi, cuimodi; sin ex nominatiuo et obliquo uel obliquo et nominatiuo, nominatiuus tantum declinatur, ut praefectusurbis, senatusconsultum. et inuenimus per omnes fere casus composita, ut iurisperitus, legislator, praefectusurbis et praefectusurbi, tribunusplebis et tribunusplebi, agricola [agrum colens], caelicola [caelum colens], macte id est magis aucte (antiqui tamen et mactus dicebant), mentecaptus. et singularia cum pluralibus componuntur, ut orbisterrae et orbisterrarum, paterfamilias et paterfamiliarum, armipotens armorumpotens, magistermilitum, asecretis, acalculis, aresponsis, abactis. possunt tamen haec eadem etiam separata esse, si diuersos accentus his dederis uel interponas coniunctiones, ut resque publica, populusque Romanus, tribunusque plebis* (Se, de fato, ambos os nomes são compostos com caso oblíquo, permanecem indeclináveis, como *huiusmodi, istiusmodi, illiusmodi, cuiusmodi, eiusmodi, cuimodi*; se de nominativo e oblíquo, ou de oblíquo e nominativo, apenas o nominativo é declinado, como em *praefectusurbis, senatusconsultum*. e encontramos em quase todos os casos compostos, como *iurisperitus, legislator, praefectusurbis* e *praefectusurbi, tribunusplebis* e *tribunusplebi, agricola [agrum colens], caelicola [caelum colens], macte*, ou seja, *magis aucte* (mas os antigos também diziam *mactus*), *mentecaptus*. e singulares são combinados com plurais, como *orbisterrae* e *orbisterrarum, paterfamilias* e *paterfamiliarum, armipotens armorumpotens, magistermilitum, asecretis, acalculis, aresponsis, abactis*. no entanto, essas mesmas coisas também podem ser separadas, se você der a elas acentos diferentes ou interpor conjunções, como *resque publica, populusque Romanus, tribunusque plebis*).

<sup>215</sup> Prisciano (2.180.17-19): *in omni enim casu sub uno accentu ea proferentes composita esse ostendimus* (em todos os casos, de fato, mostramos que eles são compostos pronunciando-os sob um acento).

<sup>216</sup> Nominativo.

<sup>217</sup> Genitivo.

<i>quia de figuris habes quod quaesisti.</i>	<i>cujuscunquemodi</i> (de qualquer modo) <sup>218</sup> . Já que tens perguntado sobre as figuras, Franco, passa-te para os casos.
<b>FR.</b> <i>Vertam, et laetus vertam, quia placitas mihi met rationes protulisti de figuris.</i>	<b>FRANCO.</b> Passarei e passarei feliz, porque para mim mesmo tu apresentas agradáveis razões sobre as figuras.
<b>DE CASIBUS</b> [Fr] <i>Primo mihi explana unde casus dicatur.</i>	<b>SOBRE OS CASOS</b> [FRANCO.] Primeiro, explica para mim por que chama-se “caso”.
<b>SAXO.</b> <i>Casus utique a cadendo dicitur, quia ab hoc sensu cadit in illum, vel ab hac terminatione cadit in illam.</i>	<b>SAXO.</b> Certamente, é chamado de caso por causa de “cair”, porque a partir deste sentido a palavra cai em algo, ou de uma terminação cai em outra <sup>219</sup> .
<b>FR.</b> <i>Scio sex esse casus; sed singulorum interpretationes velim pandere te, o Saxo.</i>	<b>FRANCO.</b> Eu sei que existem seis casos, mas as interpretações de cada um deles desejo descobrir de ti, ó Saxo.
<b>SAXO.</b> <i>Bene vis. Primus nominativus, quia per ipsum nominatio fit. Iste dicitur et rectus, quia primus a natura nascitur, et ab eo facta inflexione nascuntur alii. Deinde genitivus, quia per ipsum genus significamus, ut genus</i>	<b>SAXO.</b> Bem tu desejas. Primeiro o nominativo, porque é feita por ele a nomeação. Esse é chamado também de reto, porque decorre primeiro da natureza e os outros decorrem da flexão feita a partir dele <sup>220</sup> .

<sup>218</sup> Genitivo.

<sup>219</sup> Segundo Prisciano (2.183.20-184.5): *casus est declinatio nominis uel aliarum casualium dictionum, quae fit maxime in fine. nominatiuus tamen siue rectus, uelut quibusdam placet, quod a generali nomine in specialia cadit, casus appellatur (ut stilum quoque manu cadentem rectum cecidisse possumus dicere [uel abusiue dicitur casus, quod ex ipso nascuntur omnes alii]), uel quod cadens a sua terminatione in alias facit obliquos casus* (caso é a declinação do nome ou outras palavras casuais, que ocorre principalmente no final. no entanto, o nominativo ou caso reto, como a alguns agrada, porque cai do nome geral para os particulares, chama-se caso (como também podemos dizer que um lápis caindo da mão caiu direto [ou é chamado indevidamente caso, porque dele nascem todos os outros]), ou porque caindo de sua terminação em outros casos faz oblíquos).

<sup>220</sup> Lemos em Prisciano (2.185.12): *rectus...dicitur, quod ipse primus natura nascitur vel positione et ab eo facta flexione nascuntur obliqui casus* (é chamado de reto porque ele nasce primeiro por natureza, ou posição e a partir da flexão feita por ele, nascem os casos oblíquos). Cf. Nota 207.

<p><i>est Priami Hector. Iste quoque appellatur possessivus, eo quod possessionem semper per ipsum significamus, ut, Priami regnum. Post hunc dativus est, (0869A) qui a dando dicitur, significans aliquid nos dare, ut, do tibi illam rem; qui et mandativus [Ms., commendativus] dicitur, ut, commendo homini illam rem. Quarto loco est accusativus, qui et causativus, ut, accuso hominem. Tum vocativus, qui et salutativus vocatur [Ms., saluatorius dicitur], ut o Aenea, et salve Aenea! Novissime ablativus ponitur, qui et comparativus, significans aliquid absumi vel comparari: ut, aufero ab Hectore gladium; et, fortior Hectore Achilles est.</i></p>	<p>Então, o genitivo, porque a origem indicamos por ele, como: <i>genus est Priami Hector</i> (Heitor é descendente [originado] de Príamo). Ele também é chamado de possessivo, por isso sempre indicamos qualquer possessão por meio dele, como: <i>Priami regnum</i> (o reino de Príamo)<sup>221</sup>. Depois deste está o dativo, assim chamado por causa de “dar”, indicando algo que é dado por nós, como: <i>do tibi illam rem</i> (dou para ti aquela coisa). Este também é chamado de comendativo<sup>222</sup>, como: <i>commendo homini illam rem</i> (confio aquela coisa a um homem)<sup>223</sup>. Em quarto lugar está o acusativo, o qual também chamado de causativo, como: <i>accuso hominem</i> (Acuso o homem)<sup>224</sup>. Então o vocativo, o qual também é chamado de salutarório, como: <i>o Aenea</i> (Ó Eneias) e <i>salve Aenea!</i> (Salve, Eneias!)<sup>225</sup>. Por último, é colocado o ablativo, o qual também é chamado de comparativo, indicando algo a ser consumido ou a ser comparado, como: <i>aufero ab Hectore gladium</i> (retiro a espada</p>
--	---

<sup>221</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.185.17): (*appellatur*) *possessivus...*, *quod possessionem quoque per eum [casum] significamus, ut 'Priami regnum'* (é chamado de possessivo..., porque também por este [caso] indicamos a posse, como 'O reino de Príamo').

<sup>222</sup> Confiar, do caso dativo. Cf. Schad (2007, 66).

<sup>223</sup> Temos em Prisciano (2.185.23): *post (genetivum)...est dativus, quem etiam commendativum quidam nuncupaverunt, ut 'do homini illam rem' et 'commendo homini illam rem'* (depois do (genitivo)... está o dativo, que alguns também chamam de comendativo, como 'eu dou aquela coisa a um homem' e 'eu confio aquela coisa a um homem').

<sup>224</sup> Também em Prisciano (2.185.25): *quarto loco est accusativus sive causativus: 'accuso hominem' et 'in causa hominem facio'* (em quarto lugar está o acusativo ou causativo: 'eu acuso um homem' e 'faço por causa do homem').

<sup>225</sup> Ainda em Prisciano (2.186.1) *vocativus etiam saluatorius vocatur, ut 'o Aenea' et 'salve Aenea'* (o vocativo também é chamado de salutarório, como 'Ó Eneias' e 'Salve, Eneias').

	de Heitor) e <i>fortior Hectore Achilles est</i> (Aquiles é mais forte que Heitor) <sup>226</sup> .
<b>FR.</b> <i>Ordinem quoque, cur sic positi sint, profer.</i>	<b>FRANCO.</b> Apresenta a ordem e também por que assim são ordenados.
<b>SAXO.</b> <i>Nominativus primum sibi locum usurpat, quia primum natura hunc protulit. Genitivus secundum, quia naturale vinculum generis possedit, omnesque obliquos generat. Dativus tertium, quia magis amicis (0869B) convenit. Accusativus quartum, quia ad inimicos saepius profertur. Deinde vocativus, quia imperfectior est aliis sensu: et ad secundam solummodo pertinet personam, dum alii casus ad omnes personas junguntur, ut, ego homo sum, tu homo es, ille homo est. Mei, tui, illius hominis est. Mihi, tibi, illi homini da. Me, te, illum hominem accuso. A me, a te, ab illo homine hoc protuli. Solus vocativus dicit: o homo veni. Sed ablativus, qui novissime repertus est, novissime po-</i>	<b>SAXO.</b> O nominativo toma para ele o primeiro lugar, porque este a natureza primeiro produziu <sup>227</sup> . O genitivo, o segundo lugar, porque possui o vínculo natural de origem, e gera todos os oblíquos <sup>228</sup> . O dativo, o terceiro lugar, porque é mais conveniente para os amigos <sup>229</sup> . O acusativo, o quarto lugar, porque é frequentemente proferido para os inimigos <sup>230</sup> . Daí então, o vocativo, porque é o mais incompleto em outros sentidos e pertence apenas a segunda pessoa, enquanto os demais casos se unem a todas as pessoas, como: <i>ego homo sum</i> (eu sou homem), <i>tu homo es</i> (tu és homem), <i>ille homo est</i> (ele é homem). <i>Mei</i> (do meu), <i>tui</i> (do teu), <i>illius hominis est</i> (daquele homem é). <i>Mihi</i> (Para

<sup>226</sup> Alcuíno modifica levemente os exemplos, mas seu texto ainda guarda similaridades com o de Prisciano (2.186.2): *ablativus etiam comparativus, ut 'aufero ab Hectore' et 'fortior Hectore'* (ablativo também comparativo, como 'eu tiro de Heitor' e 'mais forte que Heitor').

<sup>227</sup> Prisciano (2.185.12-14): *rectus autem dicitur, quod ipse primus natura nascitur uel positione et ab eo facta flexione nascuntur obliqui casus* (no entanto, é chamado de reto, porque ele nasce primeiro por natureza, ou por posição, e pela flexão feita por ele, nascem os casos oblíquos).

<sup>228</sup> Prisciano (2.185.14-17): *genetivus autem, qui et possessivus et paternus appellatur, genetivus uel quod genus per ipsum significamus, ut genus est Priami, uel quod generalis uidetur esse hic casus genetivus, ex quo fere omnes deriuationes et maxime apud Graecos solent fieri* (No entanto, genitivo, o qual é chamado de ambos possessivo e paterno; genitivo, seja porque por meio dele indicamos a origem, como é a linhagem de Príamo, seja porque este genitivo é visto como um caso geral, do qual quase todas as derivações, especialmente entre os gregos, costumam ser feitas).

<sup>229</sup> Prisciano (2.185.23-24): *post hunc est dativus, quem etiam commendativum quidam nuncupauerunt, ut do homini illam rem et commendo homini illam rem* (depois desse [genitivo] é o dativo, que alguns também chamam de comendativo, como dou a um homem essa coisa e confio essa coisa a um homem).

<sup>230</sup> Prisciano (2.185.25-186.1): *quarto loco est accusativus siue causativus: accuso hominem et in causa hominem facio* (em quarto lugar está o acusativo ou causativo: acuso um homem e por causa de um homem faço).

<p><i>nitur.</i></p>	<p>mim), <i>tibi</i> (para ti), <i>illi homini da</i> (para aquele homem dá). <i>Me</i> (a mim), <i>te</i> (a ti), <i>illum hominem accuso</i> (aquele homem acuso). <i>A me</i> (por mim), <i>a te</i> (por ti), <i>ab illo homine hoc protuli</i> (por aquele homem isto profiro). Apenas o vocativo diz: <i>o homo veni</i> (ó homem vem)<sup>231</sup>. Mas o ablativo, que é encontrado por último, é colocado por último<sup>232</sup>.</p>
----------------------	---

<p><b>FR.</b> <i>Num omnia nomina per omnes casus declinari possunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Então, todos os nomes podem ser declinados por todos os casos?</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Non possunt, quia sunt nomina quae nominativum solum habent, et dicuntur aptota, ut fas, git, pus, ir. Sunt quae nominativum non habent, ut, Jovis, Jovi, Jovem, a Jove. Sunt alia (0869C) in quibus tres tantum obliqui inveniuntur; frugi, frugem, a fruge. Alia, in quibus duo, ut vicem, a vice. Alia, in quibus unus, ut sponte, caepe.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Não podem, porque há nomes que apenas têm o nominativo e são chamados <i>aptota</i><sup>233</sup>, como: <i>fas</i> (lei divina), <i>git</i> (cominho preto), <i>pus</i> (pus), <i>ir</i> (mão). Existem os que não têm nominativo, como: <i>Jovis</i> (de Jove)<sup>234</sup>, <i>Jovi</i> (para Jove)<sup>235</sup>, <i>Jovem</i> (o Jove)<sup>236</sup>, <i>a Jove</i> (por Jove)<sup>237</sup>. Existem outros, nos quais são encontrados apenas três oblíquos, como: <i>frugi</i> (para colheita)<sup>238</sup>, <i>frugem</i> (a colheita)<sup>239</sup>, <i>a fruge</i> (na colheita)<sup>240</sup>. Outros, em que dois são encontrados, como: <i>vicem</i> (o turno)<sup>241</sup>, <i>a vice</i></p>
---	--

<sup>231</sup> Prisciano (2.186.1-2): *uocatiuus etiam saluatorius uocatur, ut o Aenea et salue Aenea* (o vocativo também é chamado de salutarório, como Ó Eneias e Salve Eneias).

<sup>232</sup> Prisciano (2.186.2-3): *ablativus etiam comparativus, ut 'aufero ab Hectore' et 'fortior Hectore'* (ablativo também comparativo, como 'eu tiro de Heitor' e 'mais forte que Heitor').

<sup>233</sup> Cf. Nota 137.

<sup>234</sup> Genitivo.

<sup>235</sup> Dativo.

<sup>236</sup> Acusativo.

<sup>237</sup> Ablativo.

<sup>238</sup> Dativo.

<sup>239</sup> Acusativo.

<sup>240</sup> Ablativo.

<sup>241</sup> Acusativo.

	(no turno) <sup>242</sup> . E outros, em que são encontrados apenas um, como: <i>sponte</i> (em livre arbítrio) <sup>243</sup> , <i>caepe</i> (a cebola) <sup>244</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quot formae casuales sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Existem quantas formas relacionadas aos casos?
<b>SAXO.</b> <i>Sex sunt nomina monoptota, quae una terminatione pro omni casu funguntur, ut gummi, nequam. Sub qua regula sunt etiam nomina litterarum et numerorum a quatuor usque ad centum. Diptota sunt, quae duos casus diversos habent, ut sors, a sorte: vel omnes duabus tantum diversitatibus discretos, ut cornu omnes casus habet in brevem [Ms., habent, tres in brevem u, et tres in longum u]. Alia triptota, qualia sunt neutra in secunda declinatione, quae tres diversitates 279 casuum habent, ut templum, templi, templo, et omnia (0869D) neutra pluralia per omnes declinationes, sidera,</i>	<b>SAXO.</b> Existem seis nomes <sup>245</sup> <i>monoptota</i> <sup>246</sup> , os quais funcionam com uma terminação para todos os casos, como: <i>gummi</i> (goma), <i>nequam</i> (inútil). Sob esta regra existem também os nomes das letras e dos números de quatro até cem. <i>Diptota</i> <sup>247</sup> são, os que têm dois casos diferentes, como <i>sors</i> (sorte), <i>a sorte</i> (na sorte); ou todos que são distintos por apenas duas diferenças, como <i>cornu</i> (chifre) que todos os casos tem uma breve. Outros <i>triptota</i> <sup>248</sup> , os quais são neutros na segunda declinação, que têm três casos diferentes, como <i>templum</i> (o templo) <sup>249</sup> , <i>templi</i> (do templo) <sup>250</sup> , <i>templo</i> (para o templo) <sup>251</sup> , e

<sup>242</sup> Ablativo.

<sup>243</sup> Ablativo.

<sup>244</sup> Acusativo.

<sup>245</sup> Em Prisciano (2.17.15): *sunt igitur formae casuales sex...* (Existem, portanto, seis formas casuais...).

<sup>246</sup> Prisciano (2.187.16): *monoptota, quae una terminatione pro omni casu funguntur* (monoptota, que funcionam com uma terminação para todo caso).

<sup>247</sup> Prisciano (2.188.3): *diptota sunt, quae duos diversos casus habent tantum* (são diptota, os que têm apenas dois casos diferentes).

<sup>248</sup> Prisciano (2.188.10-13): *alia triptota, qualia sunt omnia neutra secundae declinationis in singulari numero, ut templum templi templo, et in plurali tam in secunda quam in tertia et quarta, id est omnia neutra pluralia, ut templa templorum templis, sidera siderum sideribus, cornua cornuum cornibus* (outros triptota, os quais são todos neutros da segunda declinação no singular, como *templum templi templo*, e no plural tanto na segunda quanto na terceira e na quarta, ou seja, todos os plurais neutros, como *templa templorum templis, sidera siderum sideribus, cornua cornuum cornibus*).

<sup>249</sup> Acusativo.

<sup>250</sup> Genitivo.

<sup>251</sup> Dativo.

<p><i>siderum, sideribus. Alia tetraptota, qualia sunt omnia in r [Ms., er] desinentia secundae declinationis, ut puer, pueri, puero, puerum. Alia pentaptota, qualia sunt masculina secundae declinationis in us finita, ut doctus, docti, docto, doctum, docte. Hexaptota sunt, quae sex diversos habent casus, ut est: unus, unius, uni, unum, une, ab uno.</i></p>	<p>todos os neutros plurais por todas as declinações, como: <i>sidera</i> (as estrelas)<sup>252</sup>, <i>siderum</i> (das estrelas)<sup>253</sup>, <i>sideribus</i> (para as estrelas)<sup>254</sup>. Outros <i>tetraptotas</i><sup>255</sup>, os quais de segunda declinação são todos terminados em <i>r</i>, como <i>puer</i> (menino)<sup>256</sup>, <i>pueri</i> (do menino)<sup>257</sup>, <i>puero</i> (para o menino)<sup>258</sup>, <i>puerum</i> (o menino)<sup>259</sup>. Outros <i>pentaptota</i><sup>260</sup>, os quais são masculinos de segunda declinação terminados em <i>us</i>, como <i>doctus</i> (sábio)<sup>261</sup>, <i>docti</i> (do sábio)<sup>262</sup>, <i>docto</i> (para o sábio)<sup>263</sup>, <i>doctum</i> (o sábio)<sup>264</sup>, <i>docte</i> (ó sábio)<sup>265</sup>. <i>Hexaptota</i><sup>266</sup> são, os que têm seis casos diferentes, como se: <i>unus</i> (um)<sup>267</sup>, <i>unius</i> (de um)<sup>268</sup>, <i>uni</i> (para um)<sup>269</sup>, <i>unum</i> (o um)<sup>270</sup>, <i>une</i> (ó um)<sup>271</sup>, <i>ab uno</i> (por um)<sup>272</sup>.</p>
--	---

<sup>252</sup> Acusativo.

<sup>253</sup> Genitivo.

<sup>254</sup> Dativo.

<sup>255</sup> Prisciano (2.188.14-15): *alia tetraptota, qualia sunt omnia in r desinentia secundae declinationis: puer pueri puero puerum* (outros tetraptota, os quais são todos da segunda declinação que terminam em *r*: *puer pueri puero puerum*).

<sup>256</sup> Nominativo.

<sup>257</sup> Genitivo.

<sup>258</sup> Dativo.

<sup>259</sup> Acusativo.

<sup>260</sup> Prisciano (2.188.16-18): *alia pentaptota, qualia sunt omnia masculina uel feminina secundae declinationis in us terminantia: doctus docti docto doctum docte, Virgilius Virgilii Virgilio Virgilium Virgili* (outros pentaptota, os quais são todos masculinos ou femininos da segunda declinação terminando em *us*: *doctus docti docto doctum docte, Virgilius Virgilii Virgilio Virgilium Virgili*).

<sup>261</sup> Nominativo.

<sup>262</sup> Genitivo.

<sup>263</sup> Dativo.

<sup>264</sup> Acusativo.

<sup>265</sup> Vocativo.

<sup>266</sup> Prisciano (2.188.19-21): *hexaptota sunt, quae sex diuersos casus habent, qualia sunt masculina in us desinentia, quae secundum declinationem quorundam pronominum in ius efferunt genetiuum: unus unius uni unum une ab uno* (são hexaptotas, os que têm seis casos diferentes, os quais são masculinos terminados em *us*, que a segunda declinação de certos pronomes trazem o genitivo em *ius*: *unus unius uni unum une ab uno*).

<sup>267</sup> Nominativo.

<sup>268</sup> Genitivo.

<sup>269</sup> Dativo.

<sup>270</sup> Acusativo.



<b>FR.</b> <i>Ne sit tibi onerosum singulorum casuum terminationes per omnes quinque declinationes mihi exponere.</i>	<b>FRANCO.</b> Que não seja oneroso para ti explicar-me as terminações de cada um dos casos por meio de todas as cinco declinações.
<b>SAXO.</b> <i>Longiorem me facis multis interrogationibus.</i>	<b>SAXO.</b> Tu obrigas-me a me estender demais com tantas perguntas.
<b>FR.</b> <i>Quid si utiliore in necessariis regulis?</i>	<b>FRANCO.</b> Mas se alguma coisa mais útil em relação as regras necessárias?
<p><b>SAXO.</b> <i>Primae declinationis genitivus et dativus in ae diphthongon: accusativus in am. Vocativus [similis (0870A) nominativo] et ablativus in a [longam] desinunt. Ut hic poeta; genitivo, hujus poetae; dativo, huic poetae; hunc poetam; o poeta, ab hoc poeta. Nominativus et vocativus pluralis in ae [diphthongon]. Genitivus in arum. [Accusativus in as.] Dativus et ablativus in is (nisi sit discernendi generis causa, ut deabus, filiabus, natabus, equabus) hi poetae, horum poetarum, his poetis, hos poetas, o poetae, ab his poetis.</i></p> <p><i>Secundae declinationis genitivus in i desinit. Dativus et ablativus in o productam. Accusativus in um, nisi sint neutra, quorum accusativus ubique sequitur suum nominativum, seu in singulari numero, seu in plurali. Vocativus similis est nominativo in illis omnibus [Ms., nominibus] quae in m vel</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O genitivo<sup>273</sup> e o dativo da primeira declinação terminam em ditongo <i>ae</i>; o acusativo termina em <i>am</i><sup>274</sup>. O vocativo semelhante ao nominativo e o ablativo termina em <i>a</i> longo. Como: <i>hic poeta</i> (esse poeta) nominativo singular da primeira declinação; genitivo singular da primeira declinação, <i>hujus poetae</i> (desse poeta); dativo singular da primeira declinação, <i>huic poetae</i> (para esse poeta); acusativo singular da primeira declinação, <i>hunc poetam</i> (esse poeta); vocativo singular da primeira declinação, <i>o poeta</i> (ó Poeta); ablativo singular da primeira declinação, <i>ab hoc poeta</i> (por esse poeta). O Nominativo e o vocativo plural terminam em <i>ae</i> ditongo. O genitivo em <i>arum</i>. O acusativo em <i>as</i>. O dativo e o ablativo em <i>is</i> (a menos que exista um motivo para a distinção de gênero, como: <i>deabus</i> (às deusas), <i>filiabus</i> (às filhas), <i>natabus</i> (às filhas), <i>equabus</i> (às</p>

<sup>271</sup> Vocativo.

<sup>272</sup> Ablativo.

<sup>273</sup> Apesar de seguir a ordem de Donato, a abordagem de Alcuíno difere da dele, porque o primeiro utiliza o caso ablativo como referência, enquanto o segundo opta pelo uso do genitivo.

<sup>274</sup> Explicação da regra dos nomes da primeira declinação.

<p><i>r desinunt; si vero in ius nomina desinunt propria, vocativus (0870B) in i, ut Virgilius, Virgili [finit]. Si [autem] nominativus in us, vocativus in e desinit: ut hic magnus, magni, magno, magnum, o magne, a magno. Nominativus et vocativus plurales, nisi in neutro, per i finiuntur. Genitivus in orum [Ms., in rum]. Dativus et ablativus in is, accusativus in os. Hi magni, magnorum, magnis, magnos, o magni, a magnis.</i></p> <p><i>Tertiae declinationis genitivus in is. Dativus in i. Accusativus in em; in paucis in im, ut, turrim, sitim [restim, puppim]: vocativus similis est nominativo. Ablativus in quibusdam per e correptam, ut: a patre: in quibusdam per i; ut, Tiberi [Ed., Liberi]. In quibusdam per e et i, ut, a felice et felici. Hic rex, regis, regi, regem, rex, a rege. Nominativus et accusativus [et vocativus] plurales in es productam. In paucis (0870C) accusativus [F., nominativus] in is, ut turris. Genitivus in um, in quibusdam in ium, ut turrium. Dativus et ablativus in bus, ut, hi reges, regum, regibus, reges, o reges, a regibus.</i></p> <p><i>Quartae declinationis genitivus singularis in us productam. Dativus in ui. Accusativus in um. Vocativus similis est nominativo. Ablativus in u productam. Ut, hic senatus, hujus senatus, huic senatui, hunc senatum, o senatus, ab hoc senatu. Nominativus et accusativus et vocativus [plurales] in us productam. Genitivus in uum. Dativus et</i></p>	<p>éguas) Nominativo plural da primeira declinação, <i>hi poetae</i> (esses poetas); genitivo plural da primeira declinação, <i>horum poetarum</i> (destes poetas); dativo plural da primeira declinação, <i>his poetis</i> (para esses poetas); acusativo plural da primeira declinação, <i>hos poetas</i> (esses poetas); vocativo plural da primeira declinação, <i>o poetae</i> (ó poetas!), ablativo plural da primeira declinação, <i>ab his poetis</i> (por esses poetas).</p> <p>O genitivo da segunda declinação termina em <i>i</i><sup>275</sup>. O dativo e o ablativo são produzidos em <i>o</i>. O acusativo em <i>um</i>, a menos que sejam neutros, do quais o acusativo em todos os lugares segue seu nominativo em número seja no singular, seja no plural. O vocativo é similar ao nominativo em todos aqueles [Ms., nomes], que terminam em <i>m</i> ou <i>r</i>; mas se os nomes próprios terminam em <i>ius</i>, o vocativo [termina] em <i>i</i>, como <i>Virgilius</i> (Virgílio), <i>Virgili</i> (ó Virgílio). [Porém] se o nominativo termina em <i>us</i>, o vocativo termina em <i>e</i>, como: <i>hic magnus</i> (esse grande) nominativo singular de segunda declinação; genitivo singular de segunda declinação <i>magni</i> (do grande); dativo singular de segunda declinação, <i>magno</i> (ao grande); acusativo singular de segunda declinação, <i>magnum</i> (o grande); vocativo singular de segunda declinação, <i>o magne</i> (ó Grande!); ablativo singular de segunda declinação, <i>a magno</i> (pelo grande). Os plurais nominativos e vocativos, exceto</p>
--	--

<sup>275</sup> Explicação da regra dos nomes da segunda declinação.

<p><i>ablativus in bus, ut, hi senatus, horum senatum, senatibus, senatus, o senatus, a senatibus.</i></p> <p><i>Quintae declinationis genitivus et dativus singularis (0870D) in ei divisas. Accusativus in em. Vocativus similis est nominativo. Ablativus in e profertur [Ms., in e productam]. Ut, haec res, hujus rei, rei, rem, res, a re. Nominativus et accusativus et vocativus plurales in es. Genitivus in um [Ms., in rum]. Dativus et ablativus in bus: ut hae res, rerum, rebus, res, o res, a rebus. Num, France, adhuc sat habes de nomine?</i></p>	<p>os neutros, são terminados por <i>i</i>. O genitivo terminado em <i>orum</i>. O dativo e o ablativo terminados em <i>is</i>, o acusativo terminado em <i>os</i>. Nominativo plural de segunda declinação, <i>hi magni</i> (esses grandes), genitivo plural de segunda declinação, <i>magnorum</i> (dos grandes); dativo plural de segunda declinação, <i>magnis</i> (aos grandes); acusativo plural de segunda declinação, <i>magnos</i> (os grandes); vocativo plural de segunda declinação, <i>o magni</i> (ó Grandes!); ablativo plural de segunda declinação, <i>a magnis</i> (pelos grandes).</p> <p>O genitivo da terceira declinação terminado em <i>is</i><sup>276</sup>. O dativo terminado em <i>i</i>. O acusativo terminado em <i>em</i>; entre ele apenas alguns terminados em <i>im</i>, como: <i>turrim</i> (a torre), <i>sitim</i> (a sede), <i>restim</i> (a corda), <i>puppim</i> (a popa). O vocativo é semelhante ao nominativo. O ablativo, em alguns, termina por <i>e</i> breve, por exemplo, <i>a patre</i> (pelo pai); em alguns por <i>i</i>, como, <i>Liberi</i> (na criança). Em alguns por <i>e</i> e <i>i</i>, como, <i>a felice</i> (pelo feliz) e <i>felici</i> (feliz). Nominativo singular de terceira declinação, <i>hic rex</i> (esse rei); genitivo singular de terceira declinação, <i>regis</i> (do rei); dativo singular de terceira declinação, <i>regi</i> (para o rei); acusativo singular de terceira declinação, <i>regem</i> (o rei); vocativo singular de terceira declinação, <i>rex</i> (ó Rei!); ablativo singular de terceira declinação, <i>a rege</i> (pelo rei). Os plurais</p>
---	--

<sup>276</sup> Explicação da regra dos nomes da terceira declinação.

	<p> nominativo e acusativo também o vocativo são produzidos em <i>es</i>. Apenas alguns acusativos plurais são produzidos em <i>is</i>, como: <i>turris</i> (as torres). O genitivo plural termina em <i>um</i>, em alguns termina em <i>ium</i>, como: <i>turrium</i> (das torres). O dativo e o ablativo terminam em <i>bus</i>. Por exemplo: Nominativo plural de terceira declinação, <i>hi reges</i> (esses reis); genitivo plural de terceira declinação <i>regum</i> (dos reis); dativo plural de terceira declinação, <i>regibus</i> (para os reis); acusativo plural de terceira declinação, <i>reges</i> (os reis); vocativo plural de terceira declinação, <i>o reges</i> (ó Reis!); ablativo plural de terceira declinação, <i>a regibus</i> (pelos reis). O genitivo da quarta declinação é produzido em <i>us</i><sup>277</sup>. O dativo em <i>ui</i>. O acusativo em <i>um</i>. O vocativo é similar ao nominativo. O ablativo é produzido em <i>u</i>. Como: nominativo singular de quarta declinação, <i>hic senatus</i> (esse senado); genitivo singular de quarta declinação, <i>hujus senatus</i> (deste senado); dativo singular de quarta declinação, <i>huic senatui</i> (para esse senado); acusativo singular de quarta declinação, <i>hunc senatum</i> (esse senado); vocativo singular de quarta declinação, <i>o senatus</i> (ó Senado!); ablativo singular de quarta declinação, <i>ab hoc senatu</i> (por esse senado). Os plurais nominativo, acusativo e vocativo são produzidos em <i>us</i>. O genitivo plural em <i>uum</i>. O dativo e o ablativo plural em <i>bus</i>. Por </p>
--	---

<sup>277</sup> Explicação da regra dos nomes da quarta declinação.

	<p>exemplo: nominativo plural de quarta declinação, <i>hi senatus</i> (esses senados); genitivo plural de quarta declinação, <i>horum senatuum</i> (desses senados); dativo plural de quarta declinação, <i>senatibus</i> (aos senados); acusativo plural de quarta declinação, <i>senatus</i> (o senado); vocativo plural de quarta declinação, <i>o senatus</i> (ó Senados!); ablativo plural de quarta declinação, <i>a senatibus</i> (pelo senado).</p> <p>O genitivo e o dativo singular da quinta declinação são distinguidos por terminarem em <i>ei</i><sup>278</sup>. O acusativo em <i>em</i>. O vocativo é semelhante ao nominativo. O ablativo em <i>e</i> é proferido. Como: nominativo singular de quinta declinação, <i>haec res</i> (essa coisa); genitivo singular de quinta declinação, <i>hujus rei</i> (dessa coisa); dativo singular de quinta declinação, <i>rei</i> (para a coisa); acusativo singular de quinta declinação, <i>rem</i> (a coisa); vocativo singular de quinta declinação, <i>res</i> (ó Coisa); ablativo singular de quinta declinação, <i>a re</i> (pela coisa). Os plurais nominativo, acusativo e vocativo terminam em <i>es</i>. O genitivo em <i>um</i>. O dativo e o ablativo em <i>bus</i>. Por exemplo: nominativo plural de quinta declinação, <i>hae res</i> (essas coisas); genitivo plural de quinta declinação, <i>rerum</i> (das coisas); dativo plural de quinta declinação, <i>rebus</i> (para as coisas), acusativo plural de quinta declinação, <i>res</i> (as coisas); vocativo plural de quinta declinação, <i>o res</i> (ó</p>
--	---

<sup>278</sup> Explicação da regra dos nomes da quinta declinação.

	Coisas); ablativo plural de quinta declinação, <i>a rebus</i> (pela coisas). Agora, Franco, até este ponto sobre o nome tens o suficiente?
<b>FR.</b> <i>Sat habuissem, Saxo, si non ciniphe quae sunt in domo magistri aures mihi quaestiunculis suis implessent. Tamen si placet transeamus ad alia. Illas quoque modo excutiam. Tu transi quo velis, sequar te quo vadis.</i>	<b>FRANCO.</b> Eu teria tido o suficiente, Saxo, se não tivesses enchido as minhas orelhas com suas perguntinhas, como as moscas que estão na casa do professor. Contudo, se estás satisfeito, que nós passemos para as outras coisas. Aquelas também agora examinarei. Tu passa onde queiras, eu te seguirei para onde tu fores.
<b>DE PRONOMINE</b>	<b>SOBRE O PRONOME</b>
<b>FR.</b> <i>Pronomen quid est?</i>	<b>FRANCO.</b> O que é um pronome?
<b>SAXO.</b> <i>Pars orationis cum casu positum [Ms., posita] nominis vice, ne (0871A) saepius iteratum nomen fastidium faciat [Ms., faceret] audienti vel legenti: et finitas recipit personas.</i>	<b>SAXO.</b> É a parte da oração com caso, colocada no lugar do nome e que também recebe pessoas determinadas, para que o nome não se faça repetitivo, que muitas vezes fora repetido para o ouvinte ou para o leitor <sup>279</sup> .
<b>FR.</b> <i>Pronomini quot accidunt [Ms., accidunt]?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os acidentes do pronome?
<b>SAXO.</b> <i>Sex: Species, persona, genus, numerus, figura, casus.</i>	<b>SAXO.</b> Seis: tipos, pessoas, gênero, número, figura e caso <sup>280</sup> .

<sup>279</sup> Temos em Donato (629.2): *Pronomen est pars orationis quae pro ipso nomine posita tantundem paene significat personamque interdum recipit* (Pronome é a parte da oração que, colocada no lugar do nome, significa quase o mesmo, e às vezes traz uma pessoa). Tradução Dezotti (2011, p.148). Por sua vez, temos em Prisciano (2.577.2-3): *Pronomen est pars orationis, quae pro nomine proprio uniuscuiusque accipitur personasque finitas recipit* (Pronome é a parte da oração, que no lugar do nome próprio de cada um é aceito e recebe pessoas definidas). Cf. Schad (2007, p. 327).

<sup>280</sup> Segundo Donato (629.3): *Pronomini accidunt sex, qualitas genus numerus figura persona casus* (O pronome tem seis acidentes: qualidade, gênero, número, figura, pessoa e caso.) Tradução Dezotti (2011, p. 148 ). Já de acordo com Prisciano (2.577.4): *pronomini accidunt sex: species, persona,*

280 <b>FR.</b> <i>Species pronominum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os tipos de pronomes?
<b>SAXO.</b> <i>Duae. Quia sunt pronomina aut primitiva, aut derivativa.</i>	<b>SAXO.</b> Dois. Porque os pronomes são primitivos ou derivados <sup>281</sup> .
<b>FR.</b> <i>Primitiva quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são primitivos?
<b>SAXO.</b> <i>Octo. Ego, tu, sui, ille, ipse, iste, hic, is.</i>	<b>SAXO.</b> Oito. <i>Ego</i> (eu), <i>tu</i> (tu), <i>sui</i> (de si), <i>ille</i> (aquele), <i>ipse</i> (eu próprio), <i>iste</i> (esse), <i>hic</i> (este), <i>is</i> (este) <sup>282</sup> .
<b>FR.</b> <i>Derivativa quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são derivados?
<b>SAXO.</b> <i>Septem. Meus, tuus, suus, noster, vester, nostras, vestras.</i>	<b>SAXO.</b> Sete. <i>Meus</i> (meu, minha), <i>tuus</i> (teu, tua), <i>suus</i> (seu, sua), <i>noster</i> (nosso, nossa), <i>vester</i> (vosso, vossa), <i>nostras</i> (nossos, nossas), <i>vestras</i> (vossos, vossas) <sup>283</sup> .
<b>FR.</b> <i>Unde haec [pronomina] derivantur?</i>	<b>FRANCO.</b> De onde esses pronomes derivam?
<b>SAXO.</b> <i>A genitivis primitivorum. A mei meus, a tui tuus: a sui suus: a nostrum noster et nostras: a vestrum (0871B) vester et vestras.</i>	<b>SAXO.</b> Do genitivo dos primitivos <sup>284</sup> . De <i>meus, mei</i> ; de <i>tuus, tui</i> ; de <i>suus, sui</i> ; de <i>noster, nostrum</i> e <i>nostras</i> ; de <i>vester, vestrum</i>

*genus, numerus, figura, casus* (O pronome tem seis acidentes: tipos, gênero, número, figura, pessoa, caso). Apesar dos exemplos não diferirem muito entre si, Alcuíno ao referir-se ao primeiro acidente como *species* tal qual Prisciano e não *qualitas* como Donato parece indicar, qual gramático seguiu para explicar esta classe de palavra.

<sup>281</sup> Temos em Prisciano (2. 577.6-9): *species pronominum bipertita est; alia enim sunt primitiva, alia derivativa. Primitiva: ego, mei, tu, tui, sui. Derivativa: meus, tuus, suus* (as espécies de pronomes são divididas; pois alguns são primitivos, outros derivados. Primitivos: *ego, mei, tu, tui, sui*. Derivados: *meus, tuus, suus*).

<sup>282</sup> Prisciano (2.577.11): *et ea quidem octo pronomina sunt primitiva uel simplicia* (e de fato esses oito pronomes são primitivos ou simples).

<sup>283</sup> Prisciano (2.577.11-12): *deriuatiua sunt septem: meus, tuus, suus, noster, uester, nostras, uestras* (derivados são sete: *meus, tuus, suus, noster, uester, nostras, uestras*).

<sup>284</sup> Prisciano (2.580.23): *derivatiuum quoque intrinsecus, ex qua parte possessoris persona significatur per genitivum primitivi, ex quo nascitur* (também o radical dos derivados, do qual a pessoa do possessivo parte é indicado pelo genitivo do primitivo, do qual nasce).

<i>Haec sunt quindecim pronomina in quibus nulla dubitatio est.</i>	e <i>vestras</i> . Estes são os quinze pronomes, em que não existe dúvida.
<b>FR.</b> <i>Personae pronominum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantas são as pessoas dos pronomes?
<b>SAXO.</b> <i>Tres. Sed prima persona et secunda singulas habent voces, quia praesentes semper sunt inter se, ut: ego, tu. Tertia vero sex habet voces, quia tertiarum personarum plurimae sunt diversitates, ut, sui, ille, ipse, iste, hic, is. Et tertia persona modo praesens est, ut iste: modo absens, ut ille.</i>	<b>SAXO.</b> Três <sup>285</sup> . Mas a primeira pessoa e a segunda pessoa têm vozes individuais, porque estão sempre presentes entre si, como: <i>ego</i> (eu), <i>tu</i> (tu). Mas a terceira tem seis vozes, porque existem diferenças das terceiras pessoas do plural, como: <i>sui</i> (de si), <i>ille</i> (aquele), <i>ipse</i> (eu próprio), <i>iste</i> (esse), <i>hic</i> (esse), <i>is</i> (este). E a terceira pessoa em um momento está presente, como <i>iste</i> (esse); em outro ausente, como <i>ille</i> (aquele).
<b>DE GENERIBUS PRONOMINUM</b> <b>FR.</b> <i>Genera pronominum quot sunt?</i>	<b>SOBRE OS GÊNEROS DOS PRONOMES</b> <b>FRANCO.</b> Quantos são os gêneros dos pronomes?
<b>SAXO.</b> <i>Quinque. Masculinum, ut, hic; femininum, ut, haec; neutrum, ut, hoc; commune, ut, nostras, vestras; trium generum, ut ego, tu. Et omnia pronomina necesse est tria genera habere, vel in una voce confusa, (0871C) ut, ego, tu; vel in diversis distincta terminationibus, ut meus, mea, meum. Quia pro uniuscujusque rei</i>	<b>SAXO.</b> Cinco <sup>286</sup> . O masculino, como, <i>hic</i> (esse); o feminino, como, <i>haec</i> (essa); o neutro, como, <i>hoc</i> (isso); o comum, como, <i>nostras</i> (nossos, nossas), <i>vestras</i> (vossos, vossas); o de três gêneros, como, <i>ego</i> (eu), <i>tu</i> (tu). E é necessário a todos os pronomes ter três gêneros, seja em uma voz indistinta, como, <i>ego</i> (eu), <i>tu</i> (tu); seja em diversas

<sup>285</sup> Temos em Prisciano (2.584.11): *personae pronominum sunt tres, prima, secunda, tertia* (Existem três pessoas dos pronomes, primeira, segunda e terceira).

<sup>286</sup> Ainda em Prisciano (2.586.4-6): *Genera pronominum sunt quinque: masculinum, hic, femininum, haec, neutrum, hoc, commune, nostras, uestras, trium generum, ut ego, tu* (Existem cinco gêneros de pronomes: masculino, 'hic', feminino, 'haec', neutro, 'hoc', comum, 'nostras', 'vestras', de três gêneros, como 'ego', 'tu').



<i>propriis accipiuntur nominibus [pronomina].</i>	terminações distintas, como, <i>meus</i> (meu), <i>mea</i> (minha), <i>meum</i> (meu). Porque são tomados como os nomes próprios de cada coisa.
--	---

<b>DE FIGURIS</b>	<b>SOBRE AS FIGURAS<sup>287</sup></b>
<b>FR.</b> <i>Figuram pronominum dic.</i>	<b>FRANCO.</b> Diz a figura dos pronomes.

<p><b>SAXO.</b> <i>Sunt pronomina simplicia, ut iste, hic. Sunt composita, ut istic, quod ex iste et hic componitur. Idem componitur ex is pronomine et demum proverbio; et est numero commune, ut idem vir et idem viri: in masculino i producta, in neutro i correpta: et ejus femininum eadem. Geminatur quoque ejus compositio in neutro, et dicitur idem idem [Ms., identidem], id est, idem et idem. Componuntur pronomina cum adverbis, ut eccum, (0871D) id est, ecce eum! ellum, ecce illum. Et cum praepositione, sed per anastrophen, ut mecum, tecum, secum; et cum nomine, ut hujusmodi, istiusmodi.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Existem os pronomes simples, como: <i>iste</i> (esse), <i>hic</i> (esse). Existem os compostos, como <i>istic</i> (esse aí), o qual é composto de <i>iste</i> (esse) e <i>hic</i> (esse). <i>Idem</i> (mesmo) é composto de um pronome <i>is</i> (este) e <i>demum</i> (finalmente) um advérbio; também é comum em número, como <i>idem vir</i> (mesmo homem) e <i>idem viri</i> (mesmo homens); no masculino são produzidos em <i>i</i>, no neutro em <i>i</i> breve e o feminino dele é <i>eadem</i> (mesma)<sup>288</sup>. Em neutro, a composição dele também é repetida e é dito <i>idem idem</i> (mesmo) repetidamente, isto é, <i>idem</i> (mesmo) e <i>idem</i> (mesmo). Os pronomes são colocados junto com os advérbios, como: <i>eccum</i> (este aqui), isto é, <i>ecce eum!</i> (aqui está ele!) Ou <i>ellum</i> (este ali),</p>
---	--

<sup>287</sup> Esse capítulo é uma reprodução condensada produzida por Alcuíno com base no texto de Prisciano (2.589.9-596.16).

<sup>288</sup> Nesse trecho Alcuíno reproduz Prisciano (2.589.10-6): *figura pronominum duplex est; aut enim simplicia sunt pronomina aut composita. simplicia sunt omnia alia per nominatiuos, tria tantum componuntur unam interpretationem apud Graecos habentia οἷτος: 'iste', 'hic', 'is'. componuntur igitur 'iste' et 'hic' secum, ut 'istic', 'istaec' e 'istoc'; 'is' uero cum aduerbio 'idem', quod significat 'is demum', ex quibus et componitur [hoc est iterum is]. eius femininum 'eadem', neutrum 'idem' i correpta, quae in masculino producitur. (a figura dos pronomes é dupla; pois os pronomes ou são simples ou compostos. São simples todas as outras coisas pelos nominativos, apenas três são compostas, tendo uma interpretação entre os gregos, οἷτος: *iste*, *hic*, *is*. Portanto, *iste* e *hic* são combinados entre si, como *istic*, *istaec* e *istoc*; *is* está, de fato, com o advérbio *idem*, que significa *is demum*, do qual é composto [hoc est iterum is], seu feminino é *eadem*, e seu neutro é *idem i* breve, que é produzido no masculino).*

	<i>ecce illum</i> (lá está ele). E mesmo com preposição, mas por meio da anástrofe <sup>289</sup> , como <i>mecum</i> (comigo), <i>tecum</i> (contigo), <i>secum</i> (consigo); e com nome, como: <i>hujusmodi</i> (deste modo), <i>istiusmodi</i> (daquele modo).
--	--

<b>FR.</b> <i>Unde est illa compositio: egomet et hujusce?</i>	<b>FRANCO.</b> De onde se origina esta composição: <i>egomet</i> (eu mesmo) e <i>hujusce</i> (disto)?
--	---

<b>SAXO.</b> <i>Non est compositio, sed paragoge, id est, adjectio syllabae. Et sunt quatuor ejusmodi adjectiones, met, ce, te, pte, ut, egomet, tute, meapte, hujusce, illice, quod per apocopen profertur illic, ultima [syllaba] circumflexa.</i>	<b>SAXO.</b> Não é composição, mas paragoge <sup>290</sup> , isto é, a adição de uma sílaba. E existem quatro adições desse tipo: <i>met, ce, te, pte</i> . Por exemplo: <i>egomet</i> (eu mesmo), <i>tute</i> (tu mesmo), <i>meapte</i> (meu mesmo), <i>hujusce</i> (disto), <i>illice</i> (daquilo), que por apócope é pronunciada <i>illic</i> (ele aí), a última sílaba circumflexa.
--	--

<b>DE NUMERO</b>	<b>SOBRE O NÚMERO</b>
FR. <i>Numeri pronominum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos são os números dos pronomes?

<b>SAXO.</b> <i>Duo. Singularis, ut iste. Pluralis, ut isti. Sunt et numero communia, ut sui, sibi, se, a se, quae nominativo carent, quia si esset hi vel si nominativus, dubitationem fecisset inter hi aliud pronomen, et si conjunctionem. Vel quia transitio vel</i>	<b>SAXO.</b> Dois. Singular, como <i>iste</i> (esse). Plural, como <i>isti</i> (esses). Existem também os comuns em número <sup>291</sup> , como <i>sui</i> (de si), <i>sibi</i> (a si), <i>se</i> (a ele, ela, eles, elas), <i>a se</i> (por ele, ela, eles, elas), os quais carecem de nominativo, pois se fosse nominativo <i>hi</i> ou
---	--

<sup>289</sup> Inversão da ordem sintática entre as palavras.

<sup>290</sup> Adição de um fonema no final de uma palavra.

<sup>291</sup> Apesar de Alcuíno modificar os exemplos, essa introdução se assemelha à feita por Donato (630.5): *Numerus pronominibus accidit uterque, singularis, ut iste; pluralis, ut isti. Sunt etiam numero communia, ut qui, quae* (Números, os pronomes têm dois: singular, como *iste*; plural, como *isti*. Também há os comuns em número, como *qui, quae*...). Tradução Dezotti (2011, p. 148).

<p><i>reciprocatio personae in nomine non potest esse, quod sui semper habet: Reciprocatio, ut sui meminit. Transitio, ut, suo servo loquitur.</i></p>	<p><i>si</i>, uma dúvida teria causado entre <i>hi</i> e outro pronome<sup>292</sup> e a conjunção <i>si</i> (se). Pois transição ou reciprocidade não pode existir em nome de pessoa, porque <i>sui</i> (de si) sempre tem reciprocidade, como: <i>sui meminit</i> (ele lembra-se de si mesmo). E transição, como: <i>suo servo loquitur</i> (ele fala com seu servo).</p>
--	---

<p style="text-align: center;"><b>DE CASIBUS</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Casus pronominum profer.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE OS CASOS</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Apresenta os casos dos pronomes.</p>
--	---

<p><i>SAXO. Casus (0872B) pronominum sunt ut nominum, nisi quod prima persona et tertia plus quinque casibus habere non possunt, quia vocativus in eis fieri non potest, qui proprius est secundae personae, 281 excepto meus possessivum [Ms., possessivo], quod mi facit vocativum, duas breves e e in [unam] i longam euphoniae causa convertens. Cujus pluralis quoque vocativum habet: o noster.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Os casos dos pronomes são como o dos nomes<sup>293</sup>, exceto que a primeira pessoa e a terceira pessoa não podem ter mais que cinco casos, porque neles o vocativo não pode ocorrer, o que é próprio da segunda pessoa, exceto <i>meus</i> (meu) um pronome possessivo, pois <i>mi</i> produz um vocativo, duas e breves convertem-se em uma <i>i</i> longa por causa da eufonia. Do qual o plural também tem um vocativo: <i>o noster</i> (Ó Nossa).</p>
---	---

<p><b>FR.</b> <i>Quot formae casuales fiunt in pronominibus?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantas formas de caso são feitas em pronomes?</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Sunt pronomina monoptota, ut eccum, ellum, mecum, tecum. Alia triptota, ut sui, sibi, se, meum, tuum, suum [Edit., mecum, tecum, secum]. Alia tetraptota, tuus, suus, illud, istud. Alia pentaptota, ille, ipse, iste. Nam sextaptota non inveniuntur</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Existem os pronomes <i>monoptota</i>, como: <i>eccum</i> (este aqui), <i>ellum</i> (este ali), <i>mecum</i> (comigo), <i>tecum</i> (contigo). Outros <i>triptota</i>, como: <i>sui</i> (de si), <i>sibi</i> (a si), <i>se</i> (a ele, ela, eles, elas), <i>meum</i> (meu), <i>tuum</i> (teu), <i>suum</i> (seu). Outros <i>tetraptota</i>: <i>tuus</i> (teu),</p>
--	---

<sup>292</sup> O *hi* (esses) pronome nominativo plural de *hic* (esse).

<sup>293</sup> Prisciano (3.1.2): *casus quoque accidit pronominibus, quemadmodum nominibus* (o caso também ocorre com pronomes, assim como com nomes).

<i>pronomina.</i>	<i>suus</i> (seu), <i>illud</i> (aquilo), <i>istud</i> (isso). Outros <i>pentaptota</i> : <i>ille</i> (aquele), <i>ipse</i> (eu mesmo), <i>iste</i> (esse). Pois não são encontrados pronomes <i>sextaptota</i> . <sup>294</sup>
(0872C) <b>FR.</b> <i>Dum pronomina casus habent et numeros, necesse est eos habere et declinationes, quarum regulas ut edisseras flagito.</i>	<b>FRANCO.</b> Embora os pronomes tenham casos e números, é necessário a eles ter também declinações, cujas regras exijo que tu expliques.
<b>SAXO.</b> <i>Improbus es scrutator.</i>	<b>SAXO.</b> És um imoderado escrutinador.
<b>FR.</b> <i>Quin [Ms., Quia] tu tenax es largitor.</i>	<b>FRANCO.</b> De fato tu es um doador renitente.
<b>SAXO.</b> <i>Quatuor sunt declinationes pronominum. Prima est quae in tribus primitivorum personis cernitur, cujus genitivus et dativus in i, accusativus et ablativus in e productam, ut, ego, mei, mihi, me, a me. Tu, tui, tibi, te, a te. Sui, sibi, se, a se. Primae et secundae personae plurales, nominativum et accusativum in os; genitivum in um vel in i; dativum et ablativum in is; ut nos, nostrum vel nostri, nobis, nos, a nobis. Similiter et vos. Tertia persona non habet nominativum, et per caeteros casus communis (0872D) est numeri, id est sui.</i>	<b>SAXO.</b> São quatro as declinações dos pronomes. A primeira é a que se discerne pelas três primeiras pessoas, da qual o genitivo e o dativo são produzidos em <i>i</i> , e o acusativo e o ablativo em <i>e</i> , como: <i>ego</i> (eu), <i>mei</i> (de mim), <i>mihi</i> (a mim), <i>me, a me</i> (por mim). <i>Tu</i> (tu), <i>tui</i> (de ti), <i>tibi</i> (a ti), <i>te, a te</i> (por ti). <i>Sui</i> (de si), <i>sibi</i> (a si), <i>se, a se</i> (por si). Os plurais do nominativo e do acusativo da primeira e da segunda pessoas são produzidos em <i>os</i> ; o genitivo em <i>um</i> ou em <i>i</i> ; o dativo e o ablativo em <i>is</i> ; como: <i>nos</i> (nós), <i>nostrum</i> ou <i>nostri</i> (de nós), <i>nobis</i> (a nós), <i>nos, a nobis</i> (por nós). De maneira

<sup>294</sup> É notória a semelhança apresentada nessa parte com o texto de Prisciano (3.2.6-11): *sunt igitur alia monoapta, ut istuc; eccum, eccos, ellum; mecum, tecum, secum, nobiscum, uobiscum; alia triapta, ut sui, sibi, se, meum, tuum, suum, nostrum, uestrum; alia tetrapta, ut tuus, suus; illud, istud; alia pentapta, ut ille, ipse, iste. nam hexapta pronomina non inueniuntur* (Existem, portanto, outros monoapta, como *istuc; eccum, eccos, ellum; mecum, tecum, secum, nobiscum, uobiscum*; outros triapta, como *sui, sibi, se, meum, tuum, suum, nostrum, uestrum*; outro tetrapta, como *tuus, suus*; *illud, istud*; outros pentapta, como *ille, ipse, iste*. Pois pronomes hexapta não são encontrados).

	semelhante também <i>vos</i> (vós). A terceira pessoa não tem nominativo e por outros casos é de número comum, isto é, <i>sui</i> (de si).
<b>FR.</b> <i>Unde personae intelliguntur pronominum?</i>	<b>FRANCO.</b> Por onde se compreendem as pessoas dos pronomes?
<b>SAXO.</b> <i>In primis syllabis: in extremis casus et numeri. Secunda declinatio est in reliquis quinque primitivis, quorum genitivus in ius, dativus in i, desinit per tria genera: praeter huic solum, ne hui interjectio putetur. Accusativus autem et ablativus (0873A) singularis, et omnes casus plurales in masculino et neutro secundae declinationis, nominum terminationes servat; in feminino [vero] primae. Ut ille, illius, illi, illum, ab illo. Et pluraliter: Illi, illorum, illis, illos, ab illis. Illa, illius, illi, illam, ab illa. [Et pluraliter] Illae, illarum, illis, illas, ab illis. Illud, illius, illi, illud, ab illo. [Et pluraliter] Illa, illorum, illis, illa, ab illis. Sic et reliqua quatuor declinantur; nisi hic et haec et hoc, [quod] c per omnes singulares casus assumit, praeter genitivum. Tertia declinatio est pronominum in quinque derivativis, quae secundum regulam nominum mobilium in utroque numero</i>	<b>SAXO.</b> Especialmente pela sílaba do caso e do número no final <sup>295</sup> . A segunda declinação está nos cinco primitivos restantes ( <i>ille, ipse, iste, hic, is</i> ), cujo genitivo termina em <i>ius</i> e o dativo em <i>i</i> , nos três gêneros; exceto apenas por <i>huic</i> (a esse, essa, isso), para que não seja considerado <i>hui</i> (Uau!) interjeição. Porém, o acusativo e o ablativo singular, e todos os casos plurais no masculino e no neutro mantêm as terminações dos nomes da segunda declinação; no entanto, no feminino mantêm as terminações dos nomes da primeira declinação. Como: <i>ille</i> (aquele), <i>illius</i> (daquele), <i>illi</i> (a aquele), <i>illum</i> (aquele), <i>ab illo</i> (por aquele). E no plural: <i>Illi</i> (aqueles), <i>illorum</i> (daqueles), <i>illis</i> (a aqueles), <i>illos</i> (aqueles), <i>ab illis</i> (por aqueles). <i>Illa</i> (aquela), <i>illius</i> (daquela), <i>illi</i> (àquela), <i>illam</i> (aquela), <i>ab illa</i> (por aquela). E no plural: <i>Illae</i> (aquelas), <i>illarum</i> (daquelas), <i>illis</i> (àquelas), <i>illas</i> (aquelas), <i>ab</i>

<sup>295</sup> Temos em Prisciano (3.3.21-4.2) *ex primis igitur syllabis tam primitivorum quam possessivorum personae intelliguntur, ab extremis casus et numeri, nec non etiam in possessivis genera, quae in possessione sunt, cum verba soleant personas in fine magis ostendere: amo amas amat. quod igitur habent nominum, id est casus et genera, in fine ostendunt; quod vero verborum, in principalibus syllabis vitandae causa confusionis* (Portanto desde as primeiras sílabas tanto dos primitivos quanto dos possessivos se entendem as pessoas, a partir das desinências dos casos e dos números, e nem mesmo nos gêneros possessivos, que estão na posse, quando os verbos costumam mostrar as pessoas em maior medida no final: *amo amas amat*. Portanto, o que eles têm em seus nomes, ou seja, casos e gêneros, eles mostram no final das palavras, para evitar confusão nas sílabas principais).

<p><i>declinantur: in masculino et neutro secundam, in feminino primam sequens declinationem. Et sunt haec: meus, tuus, suus, (0873B) noster, vester.</i></p> <p><i>Quarta declinatio est communium: et declinantur sicut in duobus reliquis, quae sequuntur tertiae declinationis nomina. Ut, hic et haec nostras, vestras: et hoc nostrate, vestrate; nostratis, vestratis.</i></p>	<p><i>illis</i> (por aquelas). <i>Illud</i> (aquilo), <i>illius</i> (daquilo), <i>illi</i> (àquilo), <i>illud</i> (aquilo), <i>ab illo</i> (por aquilo). E no plural: <i>Illa</i> (aqueles), <i>illorum</i> (daqueles), <i>illis</i> (a aqueles), <i>illa</i> (aqueles), <i>ab illis</i> (por aqueles). E assim os quatro restantes são declinados; exceto <i>hic</i> (esse), <i>haec</i> (essa) e <i>hoc</i> (isso), porque assume <i>c</i> por todos os casos singulares, exceto o genitivo (<i>huius</i>).</p> <p>A terceira declinação encontra-se em cinco dos pronomes derivados, que, segundo a regra dos nomes móveis, são declinados em ambos os números, eles seguem no masculino e no neutro a segunda declinação e no feminino a primeira declinação. E são estes os pronomes: <i>meus</i> (meu), <i>tuus</i> (teu), <i>suus</i> (seu), <i>noster</i> (nosso), <i>vester</i> (vosso).</p> <p>A quarta declinação é dos comuns, e são declinados como nas duas restantes, os quais seguem os nomes de terceira declinação. Como: <i>hic et haec nostras</i> (nossos, nossas), <i>vestras</i> (vossos, vossas); <i>et hoc nostrate</i> (ó nosso, ó nossa), <i>vestrate</i> (ó vosso, ó vossa); <i>nostratis</i> (do nosso, da nossa), <i>vestratis</i> (do vosso, da vossa).</p>
<p><i>[(Ex ms.) FR. Quare non declinantur haec pronomina: Eccum, eccam: ellum, ellam?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Por que estes pronomes não são declinados: <i>eccum</i> (este aqui), <i>eccam</i> (esta aqui); <i>ellum</i> (este ali), <i>ellam</i> (esta ali)<sup>296</sup>?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Quia ex obliquo et indeclinabili parte componuntur.] Ecce habes quae vi extorsisti.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Porque são compostos de obliquo e de parte indeclinável. Eis que agora tens</p>

<sup>296</sup> Porque se tratam de uma contração de interjeição (que é indeclinável) com pronomes oblíquos. *Eccum* de *ecce eum*, *eccam* de *ecce eam*; *ellum* de *en illum*, *ellam* de *en illam*.

	algumas coisas que tu arrancas à força.
<b>FR.</b> <i>Melius est vi extorquere, quam non habere. Dic tamen de o, qui vocativo casui in nominibus et pronomibus et participiis jungitur; est pronomen, an non?</i>	<b>FRANCO.</b> É melhor arrancar à força, do que não possuir. No entanto, diz sobre o <i>o</i> , que é unido ao caso vocativo nos nomes, nos pronomes e nos participios; é um pronome ou não?
<b>SAXO.</b> <i>Non est pronomen, sed adverbium (0873C) vocandi vel optandi; ejusdem significationis dum dicis, heus juvenis, et o juvenis. Et nulli alii personae potest jungi, nisi secundae.</i>	<b>SAXO.</b> Não é um pronome, mas um advérbio de chamamento ou de seleção; tem o mesmo significado de quanto dizes: <i>heus juvenis</i> (ei Jovem) e <i>o juvenis</i> (ó Jovem). E, exceto pela segunda pessoa, a nenhuma outra pessoa pode ser unido.
<b>FR.</b> <i>Memor esto, dixisse te quindecim pronomina esse. Sed quid est quod Donatus inter pronomina posuit, quis, qualis, talis, quot, tot, quotus, totus, [quantus, tantus]?</i>	<b>FRANCO.</b> Lembre-te tu teres dito que existem quinze pronomes, mas por que Donato colocou entre os pronomes, <i>quis</i> (quem), <i>qualis</i> (qual), <i>talis</i> (tal), <i>quot</i> (quantos), <i>tot</i> (tão grande quantidade), <i>quotus</i> (em que quantidade), <i>totus</i> (todo), <i>quantus</i> (quanto), <i>tantus</i> (tanto)? <sup>297</sup>
<b>SAXO.</b> <i>Memini me dixisse quindecim esse pronomina, in quibus nulla dubitatio esset. De istis enim quae ponis, dubitatio est an sint pronomina, an nomina. Priscianus Latinae eloquentiae decus nomina interrogativa vel</i>	<b>SAXO.</b> Lembro-me de ter dito que existem quinze pronomes, sobre os quais não havia dúvida. De fato, dessas coisas que tu citas, há dúvida se são pronomes ou nomes. Prisciano, a glória da eloquência latina, chama-os todos

<sup>297</sup> Segundo Donato (629.8-12): *Sunt etiam pronomina minus quam finita, ut ipse, iste. Sunt praepositiua, ut quis, hic; sunt subiunctiua, ut is idem. Sunt alia gentis, ut cuias| nostras, cuiates nostrates; alia ordinis, ut quotus, totus; alia numeri, ut quot, tot; alia ad aliquid finita, ut meus, tuus, suus; haec etiam possessiua dicuntur; alia ad aliquid infinita, ut cuius cuia cuium. Sunt item alia qualitatis, ut qualis, talis; alia quantitatis, ut quantus, tantus* (Há também pronomes menos-que-definidos, como *ipse, iste*. Há prepositivos, como *quis, hic*; e há pospositivos, como *is, idem*. Há os de região, como *cuias, nostras, cuiates, nostrates*; os de ordem, como *quotus, totus*; os de número, como *quot, tot*; os definidos em relação a algo, como *meus, tuus, suus*, também chamados de possessivos; os indefinidos em relação a algo, como *cuius cuia cuium*. Há os de qualidade, como *qualis, talis*; e os de quantidade, como *quantus, tantus*). Tradução Dezotti (2011, p. 148).

<p><i>relativa vel redditiva ea omnino [Ms., nomina] dicit, et pronomina negat esse posse, quia finitas personas non habent, quod proprium est pronominis cum casu juncti: sicut et alia novem nomina mobilia quidam (0873D) errore seducti pronomina dicunt esse, quia pronominum declinationem habent, id est, unus, ullus, nullus, solus, totus, alius, alter, uter, neuter: quos multae lectionis ratio revincit.</i></p> <p>282 <i>An meus, tuus, suus, nomina dicenda sunt; quia per omnes casus nominum sequuntur declinationem? Quantum ad puerilem nostram disputationem pertinere visum est, de pronomine habes sufficienter. Sed totum te transfer ad verbum.</i></p>	<p>de nomes interrogativos, sejam relativos ou correlativos, e nega poder ser pronomes, porque não têm terminações para pessoas, porque é próprio do pronome ser unido com o caso<sup>298</sup>; como também os outros nove nomes móveis que por certo erro foram isolados, dizem ser pronomes, porque têm a declinação dos pronomes, isto é, <i>unus</i> (um), <i>ullus</i> (alguém), <i>nullus</i> (ninguém), <i>solus</i> (único), <i>totus</i> (todo), <i>alius</i> (outro), <i>alter</i> (um dos quais), <i>uter</i> (um dos dois). Neutro: os que de muitas regras de leitura ele refuta. Pode ser que, <i>meus</i> (meu), <i>tuus</i> (teu), <i>suus</i> (seu), devem ser chamados de nomes; porque por todos os casos dos nomes eles seguem a declinação? Quão longe a nossa discussão infantil pareceu se estender. Mas transfere-te por inteiro para o verbo.</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Placet quod habeo, licet plus indiguisssem. Attamen totum me, ut suades, transferam ad (0874A)inquisitiones verbi. Tu te ad responsiones para.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> É satisfatório o que tenho, embora mais eu necessitasse. Mas ainda como tu sugeres transferir-me-ei de todo para as investigações do verbo. Tu, para as</p>
---	---

<sup>298</sup> Nesse sentido, temos em Prisciano (2.55.13-23): *proprium est pronominis pro aliquo nomine proprio poni et certas significare personas. ergo 'quis' et 'qui' et 'qualis' et 'talis' et 'quantus' et 'tantus' et similia, quae sunt 'infinita' sive 'interrogativa' vel 'relativa' vel 'redditiva', magis nomina sunt appellanda quam pronomina: neque enim loco priorum nominum ponuntur neque certas significant personas, sed etiam substantiam, quamvis infinitam, et qualitatem, quamvis generalem, quod est suum nominis, habent: nomina sunt igitur dicenda, quamvis declinationem pronominum habeant quaedam ex eis. non enim declinatio, sed vis et significatio uniuscuiusque partis est contemplanda: indifferenter enim multa et nomina modo pronominum et pronomina modo nominum invenimus declinata* (Próprio é dos pronomes ser colocado no lugar de um nome próprio e indicar certas pessoas. Portanto, '*quis*', '*qui*', '*qualis*', '*talis*', '*quantus*', '*tantus*' e similares, que são 'infinitivos' ou 'interrogativos' ou 'relativos' ou 'correlativos', devem ser chamados mais pelo que são nomes do que pronomes; pois eles não são colocados no lugar de nomes próprios, nem significam certas pessoas, mas eles também têm uma substância, embora infinita, e uma qualidade, ainda que geral, que é própria de um nome: de nomes, portanto, devem ser chamados, embora alguns deles tenham a declinação dos pronomes. Pois não é a declinação, mas o valor e o significado de cada parte que deve ser contemplado; pois indiferentemente encontramos muitos nomes declinados na forma de pronomes e pronomes na forma de nomes).



	respostas, prepara-te.
<b>SAXO.</b> <i>Faciam.</i>	<b>SAXO.</b> Assim, farei.
<b>DE VERBO</b>	<b>SOBRE O VERBO</b>
<b>FR.</b> <i>Primo omnium verbi definitionem dic mihi.</i>	<b>FRANCO.</b> Primeiro de tudo, diga-me a definição de verbo.
<b>SAXO.</b> <i>Magis interrogemus magistrum, quae sit verbi definitio secundum philosophiam.</i>	<b>SAXO.</b> Em vez disso, perguntemos ao professor qual é a definição de verbo segundo a filosofia.
<b>DIS.</b> <i>An habet, magister, juxta philosophiae rationem haec tam principalis pars definitionem propriam, veluti nomen [habet]?</i>	<b>ALUNOS.</b> Professor, conforme a regra da gramática pode ser que esta parte tão importante tenha uma definição própria assim como tem o nome?
<b>MAG.</b> <i>Habet subtilem definitionem et nobilem, et est hujusmodi: Verbum est vox significativa secundum placitum, cum tempore, definitum aliquid significans et accidens [Edit., accedens].</i>	<b>PROFESSOR.</b> Tem uma definição nobre e sutil, e tal é: o verbo é a expressão significativa de acordo com uma convenção, com tempo, significando algo definido e com acidente.
<b>DIS.</b> <i>Expone, pater, hanc nobis definitionem.</i>	<b>ALUNOS.</b> Explica-nos, ó pai, esta definição.
<b>MAG.</b> <i>Dum dico, lego, actum significo legentis: (0874B)quem actum alia Graecus significat voce; et ideo verbum secundum placitum est: tempusque attrahit. Definitum, id est, certum aliquid significat: et accidens; accidit enim actio vel passio homini. Sed vestram vos intrate disputationem; haec alias.</i>	<b>PROFESSOR.</b> Quando digo, leio, indico o ato de ler, ato, que significa outra palavra grega; e, portanto, o verbo está de acordo com o acertado: e o tempo se move. O definido, isto é, o determinado, indica alguma coisa e um acidente, pois, aconteceu uma ação ou um sofrimento ao homem. Mas, fazei entrar à vossa discussão estas outras coisas.
<b>DIS.</b> <i>Fiat ut jubes.</i>	<b>ALUNOS.</b> Como ordenas que assim seja.

<i>FR. Profer, Saxo, proprietatem verbi.</i>	<b>FRANCO.</b> Apresenta, Saxo, as propriedades do verbo.
<i>SAXO. Verbum est pars orationis cum temporibus et modis, sine casu, agendi vel patiendi significativum.</i>	<b>SAXO.</b> O verbo é a parte da oração com tempos e modos, sem caso, indicando ação ou sofrimento da ação <sup>299</sup> .
<i>FR. Si verba actum vel passionem significant, unde dicuntur neutra?</i>	<b>FRANCO.</b> Se os verbos indicam ato ou sofrimento, por que são chamados de neutros?
<i>SAXO. Non ideo quod actum vel passionem [non] significant [Edit., ne significant], sed ideo quia unum horum significant. Nam activa in nostro actu alterius passionem (0874C) significant, [sicut et passiva in nostra passione actum alterius significant]. Nam dum dico: amo te, patiaris [Ms., pateris] actum meum, id est, quod amo te. Et dum dico: amor a te, patior ego actum tuum, id est, quod tu amas me. Neutra vero uniformiter significant, vel agentem; ut ambulo, curro, prandeo; vel patientem, ut ardeo, veneo, vapulo. Sed et casibus non egent, quibus activa vel passiva egent. Nam activa accusativo casui junguntur, ut amo te; saepe et genitivo, ut memor sum tui; et dativo, ut dico tibi. Passiva ablativo junguntur, ut amor a te. Neutra absoluta sunt</i>	<b>SAXO.</b> Não porque não indiquem um ato ou um sofrimento, mas porque indicam uma dessas coisas. Pois os verbos ativos indicam o sofrimento de um outro ser por meio do ato, assim também os passivos indicam o ato de outro ser por meio do sofrimento. Pois quando digo: eu te amo, que tu sofres o meu ato, isto é, pela ação de te amar. E quando digo: sou amado por ti, eu sofro o teu ato, isto é, porque tu amas a mim. Na verdade, os neutros indicam uniformemente, seja um agente; como, <i>ambulo</i> (andar), <i>curro</i> (correr), <i>prandeo</i> (almoçar); seja um paciente, como, <i>ardeo</i> (queimar), <i>veneo</i> (ser vendido), <i>vapulo</i> (ser espancado). Mas também aos casos não exigem, que necessitem os ativos ou os passivos. Pois os ativos estão juntos com um caso acusativo, como, <i>amo te</i> (amo-te);

<sup>299</sup> Alcuíno segue tanto Donato quanto Prisciano. Temosem Donato (632.5) *Verbum est pars orationis cum tempore et persona sine casu aut agere aliquid aut pati aut neutrum significans*. (O verbo é a parte da oração com tempo e pessoa, sem caso, que significa fazer algo ou ser afetado, ou nenhum dos dois.) Tradução Dezotti (2011, p. 149). De modo semelhante, escreve Prisciano (2.369.2): *Verbum est pars orationis cum temporibus et modis, sine casu, agendi vel patiendi significativum* (Verbo é uma parte da oração com tempos e modos, sem caso, significando ação ou sofrimento).

<p><i>et per se [plenum] sensum significant, ut vivo, spiro, pergo.</i></p>	<p>muitas vezes também com genitivo, como, <i>memor sum tui</i> (lembro-me de ti); e dativo, como, <i>dico tibi</i> (digo para ti). Os passivos estão juntos com o ablativo, como, <i>amor a te</i> (sou amado por ti). Os neutros são absolutos e por si indicam sentido pleno, como, <i>vivo</i> (viver), <i>spiro</i> (respirar), <i>pergo</i> (prosseguir).</p>
---	---

<p><b>FR.</b> <i>Verbo quot accidunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos acidentes tem o verbo?</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Septem. Significatio, (0874D) quae et genus dicitur, tempus, modus, species, figura, persona, numerus.</i></p> <p><i>Significatio verborum proprie in actione vel in passione est, quae secundum analogiam duabus terminantur litteris, o et r. In o activa et neutralia. In r passiva, deponentia et communia. Et haec sunt genera verborum quinque.</i></p> <p><i>Activa sunt, quae semper actum significant, ut, amo te. [Passiva sunt, quae semper passionem significant, ut, amor a te]: tamen si quis altius consideret et in activis verbis passionem, et in passivis actionem, sicut supra diximus, inveniet. Neutra (0875A)</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Sete. O significado, que também é chamado de gênero, tempo, modo, tipo, figura, pessoa e número<sup>300</sup>.</p> <p>O significado dos verbos é propriamente a ação ou o sofrimento, os quais segundo a analogia são terminados em duas letras: <i>o</i> e <i>r</i><sup>301</sup>. Em <i>o</i> os ativos e neutros. Em <i>r</i> os passivos, depoentes e comuns. E estes são os cinco tipos dos verbos<sup>302</sup>.</p> <p>Ativos são, os que sempre indicam um ato, como: <i>amo te</i> (amo-te). Passivos são, o que sempre indicam um sofrimento da ação, como, <i>amor a te</i> (sou amado por ti): no entanto, se alguém profundamente considerasse tanto o sofrimento nos verbos ativos,</p>
---	---

<sup>300</sup> Esses mesmos acidentes estão elencados na *Ars Maior*. Donato (632.6): *Verbo accidunt septem, qualitas, coniugatio, genus, numerus, figura, tempus, persona* (O verbo tem sete acidentes: qualidade, conjugação, gênero, número, figura, tempo e pessoa). Tradução Dezotti (2011, p. 149). Alcuíno diverge de Prisciano (2.369.16-17), que aponta oito acidentes: *uerbo accidunt octo: significatio siue genus, tempus, modus, species, figura, coniugatio et persona cum numero, quando affectus animi definit* (são oito os acidentes do verbo: a significação ou gênero, tempo, modo, tipo, figura, conjugação e pessoa com número, quando define as disposições da mente).

<sup>301</sup> Também em Donato (635.7-10): *Actiua sunt, quae o littera terminatur et accepta r littera faciunt ex se passiuu, ut lego legor. Passiva sunt, quae r littera terminatur et ea amissa redunt in actiua, ut legor lego* (Ativos são os que terminam em -o e que, após receber a letra -r, fazem-se passivos, como *lego: legor*. Passivos são os que terminam em -r e que, perdida essa letra, voltam a ser ativos, como *legor: lego*). Tradução Dezotti (2011, p. 151).

<sup>302</sup> Tanto Donato (635.5) quanto Prisciano (2.373.13-14, 2.374.1) também elecam as mesmas cinco classes verbais: ativa, neutra, passiva, depoente e comum.

<p><i>uniformiter semper proferuntur, id est, aut actum solum, aut passionem solum significant. Actum, ut, manduco, curro [Ms., ambulo]: passionem, ut, vapulo a te, [vенеo a te]. Sunt quoque neutralia intrinsecus in seipsis habentia passionem, et non ab alio extrinsecus, ut, rubeo, ferveo, caleo, aegroto, ruo. Deponentia quoque unam semper habent significationem, aut activam, ut, sequor te, praestolor te: vel sine adjectione casus, ut, luctor, loquor: aut passivam, ut, nascor a te, patior a te, mereor a te. Communia duas habent in una voce significationes agentis et patientis, ut, osculor te, osculor a te.</i></p>	<p>quanto a ação nos verbos passivos, assim como dissemos acima, encontrará. Os neutros sempre são proferidos uniformemente, isto é, indicam ou apenas o ato, ou apenas o sofrimento. O ato, como: <i>manduco</i> (mastigar), <i>curro</i> (correr). O sofrimento, como: <i>vapulo a te</i> (sou espancado por ti); <i>vенеo a te</i> (sou vendido por ti). Existem também os neutros que contêm de modo intrínseco neles mesmos o sofrimento, isto é, não sendo causado por outro de modo extrínseco, como: <i>rubeo</i> (enrubescer), <i>ferveo</i> (ferver), <i>caleo</i> (aquecer), <i>aegroto</i> (adoecer), <i>ruo</i> (arruinar). Os depoentes também têm sempre uma significação, ou ativa, como, <i>sequor te</i> (sigo-te), <i>praestolor te</i> (guardo-te); ou sem adição de caso, como, <i>luctor</i> (lutar), <i>loquor</i> (falar); ou passiva, como, <i>nascor a te</i> (sou gerado por ti), <i>patior a te</i> (sofro por ti), <i>mereor a te</i> (sou merecido por ti). Os comuns têm em uma voz os dois significados de agente e de paciente<sup>303</sup>, como <i>osculor te</i> (beijo-te), <i>osculor a te</i> (sou beijado por ti).</p>
---	---

<p><b>FR.</b> <i>Quot modis declinantur verba.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> De quantos modos os verbos são declinados?</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Duobus modis. Nam neutra activorum, deponentia et communia passivorum regulam in declinatione maxime (0875B) sequuntur. Sunt praeterea neutra</i></p>	<p><b>SAXO.</b> De dois modos. Pois, uma regra em declinação seguem especialmente, os neutros, a dos ativos; os depoentes e os comuns, a dos passivos<sup>304</sup>. Existem, além</p>
--	--

<sup>303</sup> Embora tenha somente a forma passiva, o verbo comum possui ambos os sentidos: ativo e passivo.

<sup>304</sup> Cf. Nota 303.

<p><i>passiva, quae in praeterito perfecto et plusquamperfecto passivi declinationem habent. Et sunt haec sola: Audeo, ausus sum. [Gaudeo, gavisus sum. Soleo, solitus sum]. Fido, fesus sum. Fio, factus sum: et si qua ex his componuntur. Sunt alia passivo neutra superioribus contraria: Compereor, mereor, divertor; faciunt enim praeteritum, comperii, merui, diverti.</i></p>	<p>disso, neutras passivas, que têm declinações no pretérito perfeito e mais-que-perfeito do passivo. E são apenas estas: <i>Audeo</i> (ousar), <i>ausus sum</i> (fora ousado). E se são compostas alguns destes: <i>Gaudeo</i> (alegrar-se), <i>gavisus sum</i> (fora alegrado). <i>Soleo</i> (acostumar-se), <i>solitus sum</i> (fora acostumado). <i>Fido</i> (confiar), <i>fesus sum</i> (fora confiado). <i>Fio</i> (fazer), <i>factus sum</i> (fora feito). Existem outros neutros contrários aos superiores no passivo: <i>Compereor</i> (pereço), <i>mereor</i> (sou mereço), <i>divertor</i> (separo); pois fazem o pretérito, <i>comperii</i> (perei), <i>merui</i> (mereci), <i>diverti</i> (separei).</p>
--	---

<p>283 <b>FR.</b> <i>Nunquid certas habent semper verba significationes?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Certamente os verbos não têm sempre significados fixos?</p>
--	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Nequaquam semper certas. Sed alia sunt quae una voce vel conjugatione diversas habent significationes, ut colo, pro diligo, et habito, et aro accipitur. Committo, pro credo et commendo. Condo, pro aedifico et celo. Gratulor pro gaudeo et gratias ago ponitur. Sunt alia quae cum (0875C) conjugatione mutant significationem. Haec in secunda persona discernitur: ut mando, mandas, a mandando; mando, mandis, a manduco, [Ms., mandendo]; fundo, fundas, a fundando; fundo, fundis, a fundendo; volo, volas, a volando; volo, vis, a voluntate [Ms., volendo]. Sero, seras, seravi; sero, seris, sevi; lego, legas; et lego, legis; dico, dicas, brevis di; dico, dicis, longa di; appello et</i></p>	<p><b>SAXO.</b> De forma alguma sempre fixos. Mas existem outros que em uma voz ou conjugação têm significados diferentes, como: <i>colo</i> (habitar, cultivar, adornar) e é admitido em vez de <i>diligo</i> (amarrar), <i>habito</i> (habitar) e <i>aro</i> (cultivar). <i>Committo</i> (confiar), em vez de <i>credo</i> (confiar) e <i>commendo</i> (confiar). <i>Condo</i> (construir, guardar), em vez de <i>aedifico</i> (edificar) e <i>celo</i> (ocultar). <i>Gratulor</i> (regozijar-se, agradecer) é colocado em vez de <i>gaudeo</i> (alegrar-se) e <i>gratias ago</i> (obrigado). Existem outros que, por meio da conjugação, mudam o significado. Estes são distintos na segunda pessoa, como: <i>mando</i>, <i>mandas</i>, de <i>mandando</i> (confiar); <i>mando</i>, <i>mandis</i>, de <i>manduco</i> (mastigar); <i>fundo</i>,</p>
---	---

<p><i>compello, compellas, id est, clamo, acclamo; appello, appellis, id est, applico; repello, compello, id est, cogo. Haec, Franco, de varia verborum significatione dicta sufficient; nunc ad tempora curro [Ms., curre].</i></p>	<p><i>fundas, de fundando (fundar); fundo, fundis, de fundendo (derramar); volo, volas, de volando (voar); volo, vis, de voluntate (vontade). Sero, seras, seravi (unir); sero, seris, sevi (semear); lego, legas (legar); e lego, legis (ler); dico, dicas (dedicar), di breve; dico, dicis (dizer), di longo; appello e compello, compellas (chamar), isto é, clamo, acclamo (clamar); appello, appellis, isto é, applico (aplicar); repello, compello, isto é, cogo (forçar). Estes são suficientes, Franco, sobre os vários significados dos verbos foi dito; agora para os tempos prossigo.</i></p>
<p><b>FR.</b> <i>Fiat. Primo dic mihi, unde dictum sit tempus?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Que assim seja. Primeiro, diz para mim por que é chamado de tempo?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>A temperamento. Quia omnia mortalia tempus habent.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> De temperamento. Porque todos os mortais têm tempo.</p>
<p>(0875D) <b>FR.</b> <i>Tempora quot sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos tempos existem?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Tria secundum naturam: praeteritum, ut legi; praesens, ut lego; et futurum, ut legam. Quadam tamen necessitate praeteritum tempus in tres dividitur distantias; quia quaedam sunt quae multo ante dicimus transacta, ut legeram.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Três<sup>305</sup>, segundo a natureza: pretérito, como <i>legi</i> (li); o presente, como <i>lego</i> (leio); e o futuro, como <i>legam</i> (lerei). Por uma certa necessidade, no entanto, o tempo pretérito é dividido em três distâncias; porque existem certas coisas que muito antes</p>

<sup>305</sup> Esse trecho é uma síntese de Donato (637.12): *Tempora uerbis accidunt tria, praesens praeteritum et futurum; praesens, ut lego; praeteritum, ut legi; futurum, ut legam. Sed praeteriti temporis differentiae sunt tres, imperfecta, perfecta, plusquamperfecta; imperfecta, ut legebam; perfecta, ut legi; plusquamperfecta, ut legeram. Ergo in modis uerborum quinque tempora numerabimus, praesens, praeteritum imperfectum, praeteritum perfectum, praeteritum plusquamperfectum, futurum* (Tempos, os verbos têm três: presente, pretérito e futuro; presente como *lego*, pretérito como *legi*, futuro como *legam*. Mas há três variedades de tempo pretérito: imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; imperfeito como *legebam*, perfeito como *legi*, mais-que-perfeito como *legeram*. Portanto, contaremos cinco tempos nos modos dos verbos: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro). Tradução Dezotti (2011, p. 152).

<p><i>Aliquando quaedam quae paulo ante, ut legi heri. Quedam inchoata [Al., inchoativa] sunt, sed nondum perfecta, ut legebam. Et ideo quinque tempora annumerabimus in verbis.</i></p>	<p>dizemos terem sido realizadas, como <i>legeram</i> (lera). Em outro momento, algumas coisas que foram realizadas um pouco antes, como <i>legi heri</i> (li ontem). Existem algumas coisas que são iniciadas, mas que ainda não estão terminadas, como <i>legebam</i> (lia). E, portanto, cinco tempos enumeraremos nos verbos.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quod horum tempus [Ms., temporum] in verbis principalem inter caetera tenet locum?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Qual desses tempos nos verbos possui o lugar principal entre os demais?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Praesens, quia in ipso sumus, dum loquimur de praeterito et futuro. Et a praesenti ducuntur praeteritum (0876A) et futurum. Quamvis itaque praesens tempus instabili motu naturaliter exsolvatur [Ms., volvatur], et pars ejus jam praetereat, parsque sequatur, tamen ad ordinationem [Edit., ornationem] diversorum gestorum tempora dividimus.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O presente<sup>306</sup>, porque nele estamos enquanto falamos sobre o pretérito e o futuro. E a partir do presente são conduzidos o pretérito e o futuro. Embora, portanto, o tempo presente<sup>307</sup> seja naturalmente liberado do movimento instável, e parte dele já passe, e parte prosiga, no entanto, por ele dividimos os tempos de acordo com a ordenação dos diversos feitos.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Num in omnibus modis omnia tempora inveniuntur?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Então, todos os tempos são encontrados em todos os modos?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Nequaquam. Nam imperativus naturali necessitate non habet praeteritum. Quia ea sola imperamus quae in praesenti</i></p>	<p><b>SAXO.</b> De jeito nenhum. Pois o imperativo por necessidade natural não tem passado. Porque por ele apenas ordenamos as coisas</p>

<sup>306</sup> Alcuíno se baseia em Prisciano (2.422.23-26) *indicativum, qui est paene verbi rectus, sicut et praesens tempus aliis praeponitur temporibus et primum obtinet locum, quod in ipso sumus, dum loquimur de praeterito et futuro, et quia ad praesens praeterita et futura intelleguntur* (indicativo, que é quase um verbo direto, assim como o presente é preferível aos outros tempos e ocupa o primeiro lugar, porque estamos nele, enquanto falamos do passado e do futuro, e porque o passado e o futuro são entendido pelo presente).

<sup>307</sup> De acordo com Shad (2007, p. 317), Sacerdote e Prisciano implementaram a noção de que dificilmente o presente pode ser considerado um tempo, dado que ele é constituído por um momento fugaz entre o passado e o futuro.

<p><i>sunt vel in futuro. Caeterum indicativus et subjunctivus per omnia tempora currunt. Optativus quoque et infinitivus, licet confusa voce, in quibusdam tamen omnia habent tempora, ut utinam legerem nunc et heri; et utinam legissem ante, ante, et ante quinquaginta annos. Item legere me volo et volebam: et legisse me volui et (0876B) volueram.</i></p>	<p>que estão no presente ou no futuro. Os outros o indicativo e o subjuntivo perpassam por todos os tempos. O optativo e também o infinitivo, embora em voz confusa, em alguns, ainda, todos os tempos têm, como: <i>utinam legerem nunc</i> (oxalá que eu lesse agora) e <i>utinam legerem heri</i> (oxalá que eu lesse ontem); e <i>utinam legissem ante, ante, et ante quinquaginta annos</i> (oxalá que eu lesse a cinquenta anos atrás). Da mesma forma, <i>legere me volo</i> (eu quero ler) e <i>volebam</i> (queria); e <i>legisse me volui</i> (eu quis ler) e <i>volueram</i> (quisera).</p>
---	--

<p><b>FR.</b> <i>An in omnibus verbis haec quinaria temporum divisio invenitur?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Pode ser que em todos os verbos esta divisão quinária dos tempos é encontrada?</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Non. Quia sunt verba quae rationem temporum non servant, ut inchoativa verba in omni praeterito perfecto et plusquamperfecto deficiunt. Item omnia impersonalia, quae a se nascuntur, in futuro infinitivi deficiunt, ut poenitere, poenituisse; et pleraque neutra in futuro infinitivi deficiunt, ut horreo, horrere, horruisse. Nam poenitum ire non dicimus, etc.</i></p> <p><i>Sunt quoque verba quae praeteritum tempus non habent, nisi ex aliis sumantur [Ms., sumatur] verbis, ut percutio, percussi: ferio non habet praeteritum, nisi dicas, percussi. Sic statuo, statui; sisto, statui; sustollo, sustuli; et suffero, sustuli; tollo, (0876C) tuli;</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Não. Porque existem verbos que não observam a regra dos tempos, como os verbos incoativos<sup>308</sup> que ficam aquém em todo pretérito perfeito e mais-que-perfeito. Da mesma forma, todas as coisas impessoais, as coisas que nascem delas, faltam no futuro infinitivo, como <i>poenitere</i> (arrepender-se), <i>poenituisse</i> (arrependeu-se); e faltam no futuro a maioria dos infinitivos neutros, como: <i>horreo</i> (temo), <i>horrere</i> (temer), <i>horruisse</i> (temeu). Pois não dizemos <i>poenitum ire</i>, etc.</p> <p>Existem também verbos que não têm o tempo pretérito, a menos que eles tenham sido obtidos de outros verbos, como <i>percutio</i></p>
--	--

<sup>308</sup> São verbos que denotam o começo de uma ação.



<p><i>et fero, fers, fert, tuli facit; insanio, insanivi, et fureo insanivi; cerno, crevi, et cresco, crevi facit. Item quoque inchoativa et meditativa non solum in praeterito, sed etiam in futuro infinitivi deficiunt: tepescere, parturire. Item verbis in or desinentibus desunt tempora praeterita perfecta [et plusquamperfectum] et futurum conjunctivi [Ms., subjunctivi], sed per participia [Ms., participium] [praeteriti temporis] et verbum substantivum sum declinantur, ut amatus sum, amatus fueram, amatus ero, etc.</i></p>	<p>(bato), <i>percussi</i> (bati); <i>ferio</i> (golpeio) não tem pretérito, a menos que tu dizes <i>percussi</i> (bati). Assim <i>statuo</i> (decido), <i>statui</i> (ter decidido); <i>sisto</i> (paro), <i>statui</i> (ter estabelecido); <i>sustollo</i> (levanto), <i>sustuli</i> (ter levantado) e <i>suffero</i> (sofro), <i>sustuli</i> (ter sofrido); <i>tollo</i> (pego), <i>tuli</i> (ter pegado) e <i>fero</i> (trago), <i>fers</i> (trazes), <i>fert</i> (traz), <i>tuli facit</i> (ter trazido); <i>insanio</i> (enlouqueço), <i>insanivi</i> (enlouqueci) e <i>fureo insanivi</i> (fazer de louco); <i>cerno</i> (separo), <i>crevi</i> (ter separado) e <i>cresco</i> (cresço), <i>crevi facit</i> (ter crescido). Da mesma forma também os incoativos e meditativos<sup>309</sup> não apenas no pretérito, mas também no futuro do infinitivo faltam: <i>tepescere</i> (aquecer), <i>parturire</i> (parir). Igualmente, nos verbos terminados em <i>or</i> faltam os tempos pretéritos perfeitos e mais-que-perfeitos e futuro do subjuntivo, mas são declinados através dos participios do tempo pretérito e substantivo verbal, como: <i>amatus sum</i> (sou amado), <i>amatus fueram</i> (fui amado), <i>amatus ero</i> (serei amado), etc.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><b>DE MODIS VERBORUM</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Modi verborum quid [Al., qui et quot] sunt?</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE OS MODOS DOS VERBOS</b></p> <p><b>FRANCO.</b> O que é e quantos são os modos dos verbos?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Modi sunt diversae inclinationes [Ms., declinationes] (0876D) animi, varios ejus affectus demonstrantes. Et sunt quinque:</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Existem diversos modos de demonstrar as inclinações da mente, as várias disposições dela. E são cinco<sup>310</sup>: indica-</p>

<sup>309</sup> São verbos que denotam o desejo de realizar uma ação, também chamados de desiderativos.

<sup>310</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.421.17): *modi sunt diuersae inclinationes animi, uarios ejus affectus demonstrantes. sunt autem quinque: indicatiuus siue definitiuus, imperatiuus, optatiuus, subiunctiuus,*

<p><i>indicativus, qui et definitivus, quo indicamus vel definimus quid agatur vel patitur a nobis; qui ideo primus ponitur, quia perfectus est personis et temporibus; et alii modi ex eo regulam sumunt. Vel quod ex eo participia vel nomina vel verba derivantur; ut a duco, ducens: a duxi ductus, et dux: a ferveo, fervens, fervesco, fervor.</i></p> <p>284 <i>Imperativus est, quo imperamus aliis, ut faciant vel patiantur. Et est per se absolutus, nec [per se] alterius indiget partis ad significandum: et ideo secundum tenet locum in modis. Et hoc orantes saepissime utimur; ut:</i></p> <p><i>(0877A) Musa, mihi causas memora...</i></p> <p><i>Deinde optativus, per quem optamus. Qui ideo tertius in ordine ponitur, quia inferior est qui optat quam qui imperat; et adverbio optandi indiget ad complendum sensum, ut, utinam legerem.</i></p>	<p>tivo<sup>311</sup> também definitivo, pelo qual indicamos ou definimos o que está acontecendo ou que tenha sido sofrido por nós; o qual, portanto, é colocado primeiro, porque está completo com pessoas e tempos; e de acordo com a regra obtemos a partir dele os outros modos. Ou porque dele são derivados os participios, nomes ou verbos, como de <i>duco</i> (comando), <i>ducens</i> (comandado); de <i>dux</i> (comandei), <i>ductus</i> (sou comandado) e <i>dux</i> (comandante); de <i>ferveo</i> (fervo), <i>fervens</i> (fervido), <i>fervesco</i> (começo a ferver), <i>fervor</i> (sou fervido).</p> <p>O imperativo<sup>312</sup>, pelo qual ordenamos aos outros que ajam ou sofram. E é por si mesmo completo, nem necessita da parte de um outro para ter significado por si mesmo; e, portanto, ocupa o segundo lugar nos modos. E este usamos frequentemente para pedir; como:</p>
---	---

*infinitus* (os modos são as diferentes inclinações da mente, mostrando suas várias disposições. Também são cinco: indicativo ou definitivo, imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo).

<sup>311</sup> Também uma reprodução de Prisciano (2.421.20): *indicativus, quo indicamus uel definimus, quid agitur a nobis uel ab aliis, qui ideo primus ponitur, quia perfectus est in omnibus tam personis quam temporibus et quia ex ipso omnes modi accipiunt regulam et deriuatiua nomina siue uerba uel participia ex hoc nascuntur, ut duco ducens duxi ductus dux, rego regens rexi rectus rex, ferueo feruens feruesco feruor [...]* (o indicativo, pelo qual indicamos ou definimos o que é feito por nós ou por outros, que é, portanto, colocado em primeiro lugar, porque é perfeito em todas as pessoas e também nos tempos, e porque dele todos os modos e nomes derivados recebem sua regra, sejam verbos ou participios, nascem dele, como *duco ducens duxi ductus dux, rego regens rexi rectus rex, ferueo feruens feruesco feruor [...]*).

<sup>312</sup> Temos em Prisciano (2.423.26): *imperativus est, quo imperamus aliis, ut faciant aliquid uel patiantur, qui ideo secundum tenuit locum, quod per se absolutus, quemadmodum indicativus, non indiget auxilio alterius partis ad plenam significationem, licet per tempora et personas deficiat naturaliter. solemus tamen non solum imperantes, sed etiam orantes saepissime eo uti, ut: Musa, mihi causas memora, quo numine laeso* (Imperativo é, pelo qual ordenamos aos outros que façam ou sofram algo, o qual, portanto, ocupou o segundo lugar, porque é absoluto por si próprio, como o indicativo, não precisa da ajuda de outra parte para sua plena significação, embora naturalmente falte em alguns tempos e pessoas. mas costumamos usá-lo com muita frequência, não apenas para comandar, mas também para orar, como: Musa, lembre-me das causas pelas quais fui ferido por deus).

<p><i>Quarto loco subiectivus ponitur et iure. Eget enim non modo adverbio vel conjunctione, verum etiam altero verbo, ut perfectum significet sensum. Unde et subiectivus dicitur; ut Virgilius (Eclog. III, 77) :</i></p> <p><i>Cum faciam vitula [Ms., vitulam], pro frugibus ipse venito.</i></p> <p><i>Et omnibus aliis modis sociari potest; ut dum legerem, scripsi: et, dum legam, scribe; et, dum legerem, utinam scriberem.</i></p> <p><i>(0877B) Infinitivus est, qui et personis et numeris deficit, et eget uno ex supradictis quatuor modis, ut plenum aliquid significet, ut, legere propero, legere propera, utinam legere properarem, cum legere properarem.</i></p> <p><i>Impersonale verbum a neutris activae significationis vel ab activis nascitur, ut curritur, vivitur, legitur, amatur. Et per omnes modos et personas et tempora et numeros, junctis pronomibus rite declinantur [Ms. declinatur]: curritur a me, a te, ab illo; curritur a nobis, a vobis, ab</i></p>	<p><i>Musa, mihi causas memora...</i> (Musa, conta para mim as causas...)</p> <p>Depois o optativo<sup>313</sup>, pelo qual escolhemos. O qual, portanto, é colocado em terceiro lugar na ordem, porque quem escolhe é inferior a quem ordena; e necessita ter o sentido do escolhido completado com um advérbio, como: <i>utinam legerem</i> (oxalá que eu lesse).</p> <p>Em quarto lugar, o subjuntivo<sup>314</sup> é colocado também corretamente. Pois não necessita meramente de um advérbio ou uma conjunção, mas também de um outro verbo, para que indique um sentido completo. Daí também ser chamado de subjuntivo; como em Virgílio (Eclog. III, 77):</p> <p><i>Cum faciam vitula, pro frugibus ipse venito.</i> (Quando eu criar um novilho, que ele mesmo venha para os grãos).</p> <p>E com todos os outros modos pode se unir, como: <i>dum legerem, scripsi</i> (enquanto lia, escrevi); <i>dum legam, scribe</i> (enquanto leio, escreve) e <i>dum legerem, utinam scriberem</i></p>
--	--

<sup>313</sup> Também em Prisciano (2.424.8-11): *tertius est optativus, qui quamvis et temporibus et personis perfectior videatur esse imperativo, tamen eget adverbio optandi, ut plenum significet sensum, et quod, qui optat, inferior videtur esse imperante: itaque iure post imperativum ponitur* (o terceiro é o optativo, que, embora em tempos e pessoas se mostre mais perfeito do que o imperativo, ainda exige o advérbio de optar, para indicar um sentido pleno, e aquele que opta é visto como inferior ao que comanda: portanto, é corretamente colocado após o imperativo).

<sup>314</sup> Novamente baseado em Prisciano (2.424.12-16): *quartus est subiunctivus [quippe iure], qui eget non modo adverbio vel conjunctione, verum etiam altero verbo, ut perfectum significet sensum, ut Virgilius in bucolico: 'cum faciam vitulam pro frugibus, ipse venito'. et sciendum, quod omnibus modis aliis sociari potest subiunctivus* (o quarto é o subjuntivo [claro merecidamente], que precisa não apenas de um advérbio ou de uma conjunção, mas também de outra palavra, de modo que tenha um sentido perfeito, como Virgílio nas Bucólicas: '*cum faciam vitulam pro frugibus, ipse venito*.' E deve-se saber que o subjuntivo pode ser associado com todos os outros modos).

<p><i>illis. Praeterito imperfecto, legebatur [a me]. Praeterito perfecto, lectum est [vel lectum fuit a me]. Praeterito plusquamperfecto, lectum erat. Futurum, legetur [a me]. Sic et per alios modos.</i></p>	<p>(enquanto eu lesse, oxalá escrevesse). Infinitivo<sup>315</sup> é o que não possui pessoas e números e necessita de um dos quatro modos supracitados para que signifique algo completo, como: <i>legere propero</i> (apresso-me a ler), <i>legere propera</i> (apressa-te a ler), <i>utinam legere properarem</i> (oxalá se apressasse-me a ler), <i>cum legere properarem</i> (quando apressasse-me a ler).</p> <p>O verbo impessoal<sup>316</sup> nasce do significado ativo neutro ou do ativo, como: <i>curritur</i> (é corrido), <i>vivitur</i> (é vivido), <i>legitur</i> (é lido), <i>amatur</i> (é amado). E se combinam por todos os modos, pessoas, tempos e números com pronomes que são devidamente declinados: <i>curritur a me</i> (é corrido de mim), <i>a te</i> (de ti), <i>ab illo</i> (por aquele); <i>curritur a nobis</i> (é corrido de nós), <i>a vobis</i> (de vós), <i>ab illis</i> (deles). O Pretérito Imperfeito, <i>legebatur a me</i> (era lido por mim). O Pretérito Perfeito, <i>lectum est</i> (foi lido) ou <i>lectum fuit a me</i> (foi lido por mim). O Pretérito Mais-que-Perfeito, <i>lectum erat</i> (fora lido). O Futuro, <i>legetur a me</i> (será lido por mim). Assim também pelos outros modos.</p>
--	--

<sup>315</sup> A fonte é Prisciano (2.425.9-12): *infinitus est, qui et personis et numeris deficit, unde et nomen accepit infiniti, quod nec personas nec numeros definit et eget uno ex quattuor supra dictis modis, ut significet aliquid perfectum, ut legere propero, legere propera, utinam legere properarem, cum legere properem* (infinitivo é, o que carece de pessoas e números, daí recebeu o nome de infinito, porque não define nem pessoas nem números, e exige um dos quatro modos acima mencionados, para significar algo perfeito, como: *legere propero, legere propera, utinam legere properarem, cum legere properem*).

<sup>316</sup> Prisciano (2.425.14): *impersonale autem uerbum suae cuiusdam est significationis et solet uel a neutris actiuam uel absolutam uim habentibus, non tamen passiuam* (Mas existe certa significação para o verbo impessoal e costuma ser ou do neutro ativo ou dos que têm valor absoluto, de forma alguma o passivo).

<i>(0877C)FR. Quid est inter impersonale et infinitivum?</i>	<b>FRANCO.</b> Qual é a diferença entre o impessoal e o infinitivo?
<b>SAXO.</b> <i>[Quod] infinitiva [voluntariis] verbis junguntur; ut: legere volo. Impersonalia pronomibus; ut legitur a me.</i>	<b>SAXO.</b> Os infinitivos são os que se unem aos verbos volitivos; como: <i>legere volo</i> (quero ler). Os impessoais os que se unem aos pronomes; como: <i>legitur a me</i> (é lido por mim) <sup>317</sup> .
<b>FR.</b> <i>Quot formae sunt impersonalium?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantas formas de impessoais existem?
<b>SAXO.</b> <i>Quatuor. Aut in tur, aut in at, aut in it, aut in et exeunt: ut, statur, restat, contingit, pudet. Sed quae in et exeunt, alia a verbis veniunt, ut miseret. Alia a se oriuntur, ut pudet, poenitet, decet.</i>	<b>SAXO.</b> Quatro <sup>318</sup> . Ou terminam em <i>tur</i> , ou em <i>at</i> , ou em <i>it</i> , ou em <i>et</i> , como: <i>statur</i> (está permanecido), <i>restat</i> (resta), <i>contingit</i> (toca), <i>pudet</i> (envergonha). Mas os que terminam em <i>et</i> , vêm de outros verbos, como: <i>miseret</i> (entristece). Outros de si mesmo são oriundos, como: <i>pudet</i> (envergonha), <i>poenitet</i> (desagrada), <i>decet</i> (é decente).
<b>FR.</b> <i>Quae sunt supina et participialia?</i>	<b>FRANCO.</b> O que são os supinos e os participios?
<b>SAXO.</b> <i>Quinque sunt ejusmodi voces; ut:</i>	<b>SAXO.</b> Há cinco tipos dessa voz, quais

<sup>317</sup> Prisciano (2.413.21-24): *impersonale autem hanc habet differentiam ad infinitum, quod infinitus altero uerbo finito omnimodo eget, impersonale uero actum quidem perfectum significat per omnes modos, persona uero sola deficit; quae si addatur, perfecti uice fungitur uerbi per omnes, quomodo diximus, modos* (O impessoal, porém, tem esta diferença do infinitivo, porque o infinitivo exige outro verbo finito em todos os modos; o impessoal, de fato, indica um ato perfeito em todos os modos, mas falta-lhe apenas a pessoa; a qual se adicionada, serve como tempo perfeito do verbo através de todos os modos, como dissemos).

<sup>318</sup> Alcuíno acrescenta os que terminam em *-at*, enquanto Donato (638.8) cita apenas os outros três: *Etiam uerba impersonalia, quae in tur exeunt, casui seruiunt ablatiuo, ut geritur a me a te ab illo. Quae in it exeunt, casui seruiunt datiuo, ut contingit mihi tibi illi. Quae uero in et exeunt, ea modo datiuo, modo accusatiuo casui seruiunt; datiuo, ut libet mihi tibi illi; accusatiuo, ut decet me te illum* (Já os verbos impessoais que terminam em *-tur* dependem do caso ablativo, como *geritur a me a te ab illo*. Os que terminam em *-it* dependem do caso dativo, como *contingit mihi tibi illi*. Já os que terminam em *-et* dependem ora do dativo, ora do acusativo: do dativo, como *libet mihi tibi illi*; do acusativo, como *decet me te illum*). Tradução Dezotti (2011, p. 153).

<p><i>legendi, legendo, legendum, lectum, lectu. Quas Priscianus omnino nomina vult esse, quia temporibus carent, et personas non discernunt, et praepositionibus separatis junguntur; ut, ad legendum vado, vel legendo venio.</i></p>	<p>sejam: <i>legendi</i> (de ler), <i>legendo</i> (a ler), <i>legendum</i> (para ler), <i>lectum</i> (para ler), <i>lectu</i> (de ler). Segundo Prisciano, se tratam de nomes<sup>319</sup>, pois não possuem tempo e também não distinguem pessoas, podendo ser unidos a preposições: <i>ad legendum vado</i> (para o que deve ser lido vou) ou <i>legendo venio</i> (venho lendo).</p>
<p>(0877D)<b>FR.</b> <i>Intentus sum de specierum ratione audire maxime, quia hoc accidens verbi Donatus dimisit.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Estou inclinado especialmente a ouvir sobre a regra dos tipos, porque Donato não tratou deste acidente do verbo.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Non dimisit, sed in formis attigit. Nam species verborum duae sunt: una principalis, quam Donatus perfectam formam nominat; ut, lego. Altera derivativa, quam ille meditativam, frequentativam, vel [Ms., et] inchoativam dicere voluit; ut, a lego, lecturio et lectito. Et a ferveo, fervesco. Et haec, id est inchoativa, semper in sco desinunt et tertiae sunt conjugationis; ut, calesco, calescis; vesperasco, vesperascis. Et</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Não deixou de tratar, mas mencionou-as brevemente em relação às formas. Pois existem dois tipos de verbos; um principal, o qual Donato<sup>320</sup> chama de forma perfeita; como: <i>lego</i> (leio). O outro derivado, o qual ele queria chamar de meditativo<sup>321</sup>, frequentativo<sup>322</sup> ou incoativo<sup>323</sup>; como: de <i>lego</i> (leio), <i>lecturio</i> (desejo ler) e <i>lectito</i> (leio repetidamente). E de <i>ferveo</i> (fervo), <i>fervesco</i> (começo a ferver).</p>

<sup>319</sup> Prisciano (2.425.20-23): *supina uel participialia cum nec personas discernant et temporibus careant, quibus sine uerbum esse non potest, et casus assumant et praepositionibus separatis adiungantur, sine dubio mihi nomina uidentur esse, quae tamen loco infinitorum ponuntur tam actiuorum quam passiuorum* (supinos ou participios, quando não distinguem pessoas, e carecem dos tempos, sem os quais um verbo não pode existir, e assumem casos e são unidos por preposições separadas, parecem-me sem dúvida nomes, que, no entanto, são colocados no lugar dos [verbos] infinitivos, tanto ativos quanto passivos).

<sup>320</sup> Donato (633.6): *Formae igitur sunt quattuor: perfecta, meditatiua, frequentatiua, inchoatiua: perfecta, ut lego; meditatiua, ut lecturio; frequentatiua, ut lectito; inchoativa, ut feruesco, calesco* (De qualquer maneira, as formas são quatro: perfeita, meditativa, frequentativa e incoativa; perfeita, como *lego*; meditativa, como *lecturio*; frequentativa, como *lectito*; incoativa, como *feruesco, calesco*). Tradução Dezotti (2011, p. 150).

<sup>321</sup> São verbos que denotam o desejo de realizar uma ação, também chamados de desiderativos.

<sup>322</sup> Verbos que designam ações que se repetem várias vezes.

<sup>323</sup> São verbos que denotam o começo de uma ação.

<p><i>praeteritum non habent tempus, nec participia futuri temporis.</i></p> <p><i>Frequentativa primae sunt conjugationis, ut in tito, vel to, vel so, vel xo desinunt; ut, lectito, as; dicto, (0878A) as; merso, as; nexo, as; et fiunt [Ms., sunt] semper neutra [sicut et] inchoativa.</i></p> <p><i>Meditativa in urio desinunt et quartae [tantum (Ms. om. tantum)] conjugationis sunt; ut, lecturio, is; esurio, is, quod ab edo derivatur.</i></p> <p><i>Sunt aliae quoque species derivativorum; ut, a video, viso, id est cupio videre; a facio, facesso; a capio, capesso; a lacero, lacesso; ab arceo, arcesso; ab acceo, accesso. Quae frequentativa non esse conjugatio ostendit.</i></p> <p><i>Sunt quoque alia per diminutionem derivativa [Ms., derivata], ut a sorbeo, sorbillo; a garrio, garrulo; a calvo, calvillo. Item a nominibus derivativa fiunt; ut, a patre, patrisso; a graeco, graecisso. Impersonalia quoque pene omnia ab activis [Edit., adjectivis] vel neutralibus derivativa (0878B) sunt; ut, a lego, legitur; a sto, statur. Inveniuntur quoque et ab adverbis verba derivari; ut a perendie, perendino; et a cras, procrastino; et ab intus, intro intras,</i></p>	<p>E estes, isto é, incoativos, sempre terminam em <i>sco</i> e são da terceira conjugação<sup>324</sup>; como: <i>calesco, calescis</i> (começo a aquecer-me); <i>vesperasco, vesperascis</i> (começa a anoitecer). E não têm o tempo pretérito, nem os participios do tempo futuro<sup>325</sup>.</p> <p>Os frequentativos são da primeira conjugação<sup>326</sup>, por isso terminam em <i>tito</i>, ou <i>to</i>, ou <i>so</i>, ou <i>xo</i>; como, <i>lectito, as</i> (leio repetidamente); <i>dicto, as</i> (digo repetidamente); <i>merso, as</i> (mergulho repetidamente); <i>nexo, as</i> (amarro repetidamente); também tornam-se sempre neutros como também incoativos.</p> <p>Os meditativos terminam em <i>urio</i> e são apenas da quarta conjugação<sup>327</sup>; como, <i>lecturio, is</i> (desejo ler); <i>esurio, is</i> (desejo comer); porque de <i>edo</i> é derivado.</p> <p>Existem também outras espécies de derivados; como, de <i>video</i> (vejo), <i>viso</i> (ser visto); isto é; <i>cupio videre</i> (desejo ver); de <i>facio</i> (faço), <i>facesso</i> (faço); de <i>capio</i> (agarro), <i>capesso</i> (agarro); de <i>lacero</i> (atormento), <i>lacesso</i> (provoco); a partir de <i>arceo</i> (afasto), <i>arcesso</i> (busco); a partir de <i>acceo</i> (envio), <i>accesso</i> (ser aproximado). As quais demonstram não existir conjugação para os frequentativos. Existem também outros deri-</p>
--	---

<sup>324</sup> Prisciano (2.429.15): *quomodo et inchoatiua tertiae* (bem como também os incoativos da terceira).

<sup>325</sup> Donato (633.9): *Inchoativa non per omnia tempora declinatur, quia quae |inchoantur praeteritum tempus non habent, et oriuntur a neutrali uerbo* (os incoativos não são declinados em todos os tempos já que o que está começando não tem tempo passado- e se originam do verbo neutro.). Tradução Dezotti (2011, p. 150).

<sup>326</sup> Donato (633.8): *Sed frequentatiua uerba semper primae coniugationis sunt* (Os verbos frequentativos são sempre da primeira conjugação). Tradução Dezotti (2011, p. 150).

<sup>327</sup> Prisciano (2.427.14): *meditationem tamen significat haec forma, unde et meditativa nominatur, et est quartae coniugationis, quomodo et inchoatiua tertiae* (no entanto, esta forma significa meditação, daí ser chamada meditativo, e é da quarta conjugação, bem como também os incoativos da terceira).

[intravi].	vados por diminuição, como: de <i>sorbeo</i> (bebo), <i>sorbillo</i> (trago); de <i>garrio</i> (tagarelo), <i>garrulo</i> (tagarela); de <i>calvo</i> (desnudo), <i>calvillo</i> (careca). Da mesma forma, são feitos deri-vados a partir de nomes; como: de <i>patre</i> (pai), <i>patrisso</i> (puxar ao pai); de <i>graeco</i> (grego), <i>graecisso</i> (imitar os gregos). E também quase todos os impessoais são derivados de ativos ou neutros; como: de <i>lego</i> (leio), <i>legitur</i> (é lido); de <i>sto</i> (paro), <i>statur</i> (é parado). E são encontrados também verbos derivados de advérbios; como: de <i>perendie</i> (depois de amanhã), <i>perendino</i> (adio para depois de amanhã); e de <i>cras</i> (amanhã), <i>procrastino</i> (adio para amanhã); e a partir de <i>intus</i> (por dentro), <i>intro</i> (entro) <i>intras</i> (entras), <i>intravi</i> (entrei).
------------	---

<p style="text-align: center;"><b>285 DE FIGURIS VERBORUM</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Figuratas verborum compositiones, precor, expone.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE AS FIGURAS DOS VERBOS</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Peça-te que me expliques as composições figuradas dos verbos.</p>
--	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Sunt verba simplicia, ut cupio, taceo. Et [sunt] composita, [ut] concupio, conticeo. Sunt et decomposita, id est, a compositis derivata [Edit., derivativa], ut concupisco, conticesco. Sunt et ex tribus partibus composita, ut perterrifico. Sunt et quae</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Existem os verbos simples, como: <i>cupio</i> (desejo), <i>taceo</i> (silêncio). E (existem) os verbos compostos, como: <i>concupio</i> (cobiçar)<sup>328</sup>, <i>conticeo</i> (calar)<sup>329</sup>. Existem também os verbos decompostos, isto é, derivados dos compostos<sup>330</sup>, como:</p>
--	--

<sup>328</sup> *cum + cupio = concupio.*

<sup>329</sup> *cum + taceo = conticeo.*

<sup>330</sup> Prisciano (2.434.21-24): *figura quoque accidit uerbo, quomodo nomini. alia enim uerborum sunt simplicia, ut cupio, taceo, alia composita, ut concupio, conticeo, alia decomposita, id est a compositis deriuata, ut concupisco, conticesco* (A figura também é um acidente do verbo, assim como do nome. Pois alguns dos verbos são simples, como *cupio*, *taceo*, outros são compostos, como *concupio*, *conticeo*, e outros são decompostos, isto é, derivados de compostos, como *concupisco*, *conticesco*).



<p><i>mutant in compositione conjugationem, ut: do, das, facit reddo, reddis; facio, facis, amplifico, amplificas. Sunt composita, quorum simplicia (0878C) in usu non sunt, ut offendo, aspicio, aperio, refragor. Fendo [enim], et spicio, et perio, et fragor non reperi. Sunt quae genus mutant in compositione: Sperno, spernis, activum; aspernor, aspernaris, deponens. [Sentio, neutrum; assentior, deponens.] Sedeo, sedes, neutrum; insidior, insidiaris, deponens; obsideo vero et adsideo activa sunt. Eo et facio neutra sunt; adeo, subeo, perficio, conficio, et ex eis composita activa sunt; faciunt [enim] adeor, subeor, perficior, conficior. Ex facio quoque neutro, versificor, versificaris, et gratificor, gratificaris, deponentia nascuntur. Complecto, activum; amplector, deponens. Componuntur verba cum nominibus, ut ab amplo et facio, amplifico, ex quo participium amplificans: et cum altero verbo, ut calefacio, id est, (0878D) calere facio; vel cum adverbio, ut, benedico; vel cum praepositione, ut indico, subeo. Sed praepositionibus per compositionem junguntur semper sicut nominativo casu [Edit., casui], cujus vim ubique obtinent verba per omnes personas,</i></p>	<p><i>concupisco (começar a desejar)<sup>331</sup>, conticesco (começar a silenciar)<sup>332</sup>. Existem também os verbos compostos de três partes, como: perterrifico (aterrorizar muito)<sup>333</sup>. Existem também os verbos que mudam a conjugação em composição, como: do, das (dar)<sup>334</sup> faz reddo, reddis (devolver)<sup>335</sup>; facio, facis (fazer)<sup>336</sup>, amplifico, amplificas (amplificar)<sup>337</sup>. Existem verbos compostos, dos quais os verbos simples não existem no uso, como: offendo (ofender), aspicio (olhar), aperio (abrir), refragor (opor-se). Pois tu não encontras fendo, spicio, perio e fragor. Existem os verbos que mudam o gênero em composição: Sperno, spernis (desprezar), ativo; aspernor, aspernaris (desprezar), depoente. Sentio (sentir), neutro; assentior (consentir), depoente. Sedeo, sedes (sentar), neutro; insidior, insidiaris (espreitar), depoente; contudo, obsideo (bloqueiar) e adsideo (sentar) são ativos. Eo (ir) e facio (fazer) são neutros; adeo (abordar), subeo (subir), perficio (completar), conficio (construir) e os compostos deles são ativos; pois eles fazem: adeor (abordar), subeor (subir), perficior (completar), conficior (construir). De facio (fazer) também no neutro são produzidos os verbos</i></p>
---	--

<sup>331</sup> *cum + cupio + -sco = concupisco.*

<sup>332</sup> *cum + taceo + -sco = conticesco.*

<sup>333</sup> *per + terror + facio = perterrifico.*

<sup>334</sup> Primeira conjugação.

<sup>335</sup> Terceira conjugação.

<sup>336</sup> Terceira conjugação.

<sup>337</sup> Primeira conjugação.

<p><i>ut, facio ego, facis tu, facit ille, nisi imperativa secundae personae, [quae] vocativum [Ed., vocem] adsciscunt, ut scribe, Virgili: lege, Terenti.</i></p>	<p>depoentes <i>versificor, versificaris</i> (versificar) e <i>gratificor, gratificaris</i> (gratificar). <i>Complecto</i> (agarrar), ativo; <i>amplector</i> (abraçar), depoente. São compostos por verbos com nomes, por exemplo, <i>amplifico</i> (amplificar) de <i>amplo</i> (grande) e <i>facio</i> (fazer), do qual o particípio é <i>amplificans</i> (estendido). Também são compostos com outro verbo, como <i>calefacio</i> (aquecer), isto é, <i>calere facio</i> (aquecer faço); ou com advérbio, como <i>benedico</i> (abençoar)<sup>338</sup>; ou com preposição, como <i>indico</i> (indicar)<sup>339</sup>, <i>subeo</i> (subir)<sup>340</sup>. Mas as preposições estão sempre unidas por meio da composição, como no caso nominativo, cuja força em todos os lugares os verbos mantêm por meio de todas as pessoas, como, <i>facio ego</i> (eu faço), <i>facis tu</i> (tu fazes), <i>facit ille</i> (ele faz), exceto os imperativos de segunda pessoa, os quais assumem o vocativo, como escreve, Virgílio: <i>lege, Terenti</i> (Lê, Terêncio).</p>
--	---

<p><b>DE CONJUGATIONE VERBORUM</b> <i>FR. Ecce de figuris habeo. Sed conjugationum distantias dic mihi. Et primum, unde dicta sit conjugatio, expone.</i></p>	<p><b>SOBRE A CONJUGAÇÃO DOS VERBOS</b> <b>FRANCO.</b> Eis que já tenho o suficiente a respeito das figuras. Mas diga para mim as diferenças das conjugações. E primeiro, explica por que foi assim chamada de conjugação.</p>
---	--

<sup>338</sup> *bene + dico = benedico.*

<sup>339</sup> *in + dico = indico.*

<sup>340</sup> *sub + eo = subeo.*

<p><b>SAXO.</b> <i>Conjugatio dicta est quod in unam declinationis rationem plurima conjungi verba.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> É chamada de conjugação porque por uma regra de declinação muitos verbos são conjugados<sup>341</sup>.</p>
<p>(0879A) <b>FR.</b> <i>Conjugationes quot sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantas conjugações existem?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Apud Graecos decem [Ms., decim, non male, sed antique; unde undecim]. Apud Latinos quatuor. Et eorum quae in o prima persona desinit, sed secunda in as finitur, ut amo, amas, sto, stas, haec prima dicitur. Et secunda in es, ut moneo, mones. Tertia in is brevem, ut lego, legis. Quarta in is longum [Ms., longam], ut munio, munis. Eorum verborum, quae in or prima persona finitur, et in aris secunda, prima est conjugatio, ut amor, amaris, criminor, criminaris, luctor, luctaris. Secunda in eris producta penultima [Al., pene ultima], ut doceor, doceris, reor, reris. Tertia in eris correpta penultima, legor, legeris, sequor, sequeris. Quarta in iris producta penultima, muniior, muniiris, molior, moliris.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Entre os gregos dez. Entre os latinos quatro<sup>342</sup>. Também é deles os verbos que a primeira pessoa termina em <i>o</i>, mas a segunda pessoa é terminada em <i>as</i>, como, <i>amo, amas</i> (amar), <i>sto, stas</i> (parar), esta é chamada de primeira conjugação. E a segunda conjugação terminada em <i>es</i>, como: <i>moneo, mones</i> (lembrar). A terceira conjugação terminada em <i>is</i> breve, como: <i>lego, legis</i> (ler). A quarta conjugação terminada em <i>is</i> longo, como <i>munio, munis</i> (fortalecer). Delas os verbos que a primeira pessoa é terminada em <i>or</i> e a segunda em <i>aris</i>, é primeira conjugação, como: <i>amor, amaris</i> (amar), <i>criminor, criminaris</i> (denunciar), <i>luctor, luctaris</i> (lutar). Na segunda conjugação, a penúltima sílaba é produzida em <i>eris</i>, como: <i>doceor</i> (ensino), <i>doceris</i> (ensinas), <i>reor</i> (penso), <i>reris</i> (pensas). Na terceira conjugação, a penúltima sílaba é produzida em <i>eris</i> breve: <i>legor</i> (leio), <i>legeris</i> (lês),</p>

<sup>341</sup> Prisciano (2.442.24-27): *coniugatio autem nominatur uel propter coniugatas consonantes, hoc est cognatas, ex quibus pleraeque apud Graecos coniugationes regulam sumunt, uel quod una eademque ratione declinationis plurima coniungantur uerba, quod magis ad Latinorum nominationem aptius est* (Além disso é chamada de conjugação ou por causa das consoantes conjugadas, ou seja, cognatas, entre os gregos, dos quais a maioria assume a regra de conjugações, ou porque muitos verbos são conjugados por uma e a mesma regra de declinação, que é mais adequada para a nomeação dos latinos).

<sup>342</sup> Alcuíno reproduz Prisciano (2.442.22-23): *sunt igitur coniugationes quattuor apud Latinos, cum apud Graecos decem sint* (portanto, existem quatro conjugações entre os latinos, enquanto entre os gregos existem dez).

	<i>sequor</i> (sigo), <i>sequeris</i> (segues). Na quarta conjugação, a penúltima sílaba é produzida em <i>iris</i> : <i>munior</i> (fortaleço), <i>muniris</i> (fortaleces), <i>molior</i> (luto), <i>moliris</i> (lutas).
(0879B) <b>FR.</b> <i>Num singula verba certas habent conjugationes?</i>	<b>FRANCO.</b> Então cada um dos verbos tem conjugações definidas?
<b>SAXO.</b> <i>Sunt verba in prima persona confusa: in secunda vero sensu et [certa] conjugatione discernuntur, ut dico, dicis, et dico, dicas; volo, vis, et volo, volas; fundo, fundas, fundo, fundis; mando, mandas, mando, mandis [Ms., mundo, mundas, mundo, mundis]. Sunt quaedam e contrario unius significationis, sed diversae conjugationis, ut denso, densas, et denseo, denses; strideo, strides; strido, stridis; ferveo, ferves, ([inde] fervesco, cis), fervo, fervis; cieo, cies; cio, cis; dureo, dures, unde duresco et duro, duras; tueor, tueris; tuor, tueris, penultima correpta; fulgeo, fulges; fulgo, fulgis; excelleo, excelles; excello, excellis; sono, sonas; sono, sonis; uno, unas;</i>	<b>SAXO.</b> Existem verbos que são indistintos na primeira pessoa; mas na segunda pessoa o sentido e a conjugação certa são discernidos, como: <i>dico, dicis</i> (dizer) <sup>343</sup> e <i>dico, dicas</i> (dedicar) <sup>344</sup> ; <i>volo, vis</i> (desejar) <sup>345</sup> e <i>volo, volas</i> (voar) <sup>346</sup> ; <i>fundo, fundas</i> (fundar) <sup>347</sup> , <i>fundo, fundis</i> (derramar) <sup>348</sup> ; <i>mando, mandas</i> (confiar) <sup>349</sup> , <i>mando, mandis</i> (mastigar) <sup>350</sup> . Existem certos tipos de verbos, por outro lado, com um mesmo significado, mas de conjugação diferente, como: <i>denso, densas</i> (engrossar) <sup>351</sup> e <i>denseo, denses</i> (engrossar) <sup>352</sup> ; <i>strideo, strides</i> (ranger) <sup>353</sup> ; <i>strido, stridis</i> (ranger) <sup>354</sup> ; <i>ferveo, ferves</i> (ferver) <sup>355</sup> , daí <i>fervesco, cis</i> (começar a ferver), <i>fervo, fervis</i> (ferver) <sup>356</sup> ; <i>cieo, cies</i> (mover) <sup>357</sup> ; <i>cio,</i>

<sup>343</sup> Terceira conjugação.

<sup>344</sup> Primeira conjugação.

<sup>345</sup> Terceira conjugação.

<sup>346</sup> Primeira conjugação.

<sup>347</sup> Primeira conjugação.

<sup>348</sup> Terceira conjugação.

<sup>349</sup> Primeira conjugação.

<sup>350</sup> Terceira conjugação.

<sup>351</sup> Primeira conjugação.

<sup>352</sup> Segunda conjugação.

<sup>353</sup> Segunda conjugação.

<sup>354</sup> Terceira conjugação.

<sup>355</sup> Segunda conjugação.

<sup>356</sup> Terceira conjugação.

<sup>357</sup> Segunda conjugação.

<i>unio, unis.</i>	<i>cis</i> (mover) <sup>358</sup> ; <i>dureo, dures</i> (endurecer) <sup>359</sup> , de onde <i>duresco</i> (começar a endurecer) e <i>duro, duras</i> (endurecer) <sup>360</sup> ; <i>tueor, tueris</i> (ver) <sup>361</sup> ; <i>tuor, tueris</i> (ver) <sup>362</sup> , a penúltima sílaba breve; <i>fulgeo, fulges</i> (pisca) <sup>363</sup> ; <i>fulgo, fulgis</i> (pisca) <sup>364</sup> ; <i>excelleo, excelles</i> (ser eminente) <sup>365</sup> ; <i>excello, excellis</i> (ser eminente) <sup>366</sup> ; <i>sono, sonas</i> (soar) <sup>367</sup> ; <i>sono, sonis</i> (soar) <sup>368</sup> ; <i>uno, unas</i> (unir) <sup>369</sup> ; <i>unio, unis</i> (unir) <sup>370</sup> .
--------------------	---

(0879C) <b>FR.</b> <i>Quot modis declinantur verba?</i>	<b>FRANCO.</b> Os verbos são declinados de quantos modos?
---	---

<b>SAXO.</b> <i>Quorum rationabiliter prima persona in o desinit, tribus modis declinantur, absque praeterito perfecto indicativi, et imperativo et infinitivo. Nam juxta praesens temporum conjugationum per omnes modos et tempora declinari solent verba, nisi praescripta. Praeteritum vero imperfectum et plusquamperfectum primae conjugationis: item secundae et tertiae, et quartae optativi, futurum et praesens subjunctivi [Ms., subjunctivi] secundum primae praesens</i>	<b>SAXO.</b> Aqueles cuja primeira pessoa termina em <i>o</i> , são declinados por três modos, exceto pelo pretérito perfeito do indicativo, o imperativo e o infinitivo. Pois, assim como o tempo presente de três conjugações, os verbos costumam declinar por todos os modos e tempos, exceto os que foram prescritos. Contudo, da primeira conjugação o pretérito imperfeito e o mais-que-perfeito; da mesma forma, da segunda, da terceira e da quarta os optativos, o futuro e o presente do
---	--

<sup>358</sup> Terceira conjugação.

<sup>359</sup> Segunda conjugação.

<sup>360</sup> Primeira conjugação.

<sup>361</sup> Segunda conjugação.

<sup>362</sup> Terceira conjugação.

<sup>363</sup> Segunda conjugação.

<sup>364</sup> Terceira conjugação.

<sup>365</sup> Segunda conjugação.

<sup>366</sup> Terceira conjugação.

<sup>367</sup> Primeira conjugação.

<sup>368</sup> Terceira conjugação.

<sup>369</sup> Primeira conjugação.

<sup>370</sup> Terceira conjugação.

<p><i>tempus in ultimis litteris semper declinantur, ut amo, amas, amat, amamus, amatis, amant; amabam, amabas, amabat, amabamus, amabatis, amabant; amaveram, amaveras, amaverat, amaveramus, amaveratis, amaverant. Optativi, futurum et praesens subjunctivi: (0879D) Doceam, doceas, doceat, doceamus, atis, ant. Secundum praesens tempus secundae conjugationis 286 futuri indicativi [Ed., secundum conjugationem futuri indicat]. In tertia et quarta omne praesens et praeteritum optativi, et subjunctivum praeteritum imperfectum longae [Ed., longam] in penultima, et plusquamperfectum in omni conjugatione, primae quoque optativus, futurum et subjunctivum praesens (ut legam, leges, leget, emus, etis, ent; doceo, ces, cet, cemus, cetis, cent), sic declinanda sunt: Amarem, amares, amaret, amaremus, retis, rent; amavissem, ses, set, emus, etis, sent, quae sunt subjunctivo et (0880A) optativo communia. Item optativi, futurum et subjunctivi [Ms., subjunctivum] praesens: Amem, es, et, emus, etis, ent. Secundum tertiae conjugationis praesens et indicativi futurum, primae et secundae et quartae in eo desinentis, et subjunctivi praeteritum perfectum et futurum, nisi in tertia persona plurali, u mutant in i, ut lego, legis, legit, legimus, legitis, legunt; amabo, is, it, imus, itis, unt; docebo, bis, bit, bimus, bitis, bunt. Subjunctivi praeteritum perfectum:</i></p>	<p>subjuntivo são sempre declinados na última letra segundo o tempo presente da primeira, como: <i>amo</i> (amo), <i>amas</i> (amas), <i>amat</i> (ama), <i>amamus</i> (amamos), <i>amatis</i> (amais), <i>amant</i> (amam); <i>amabam</i> (amava), <i>amabas</i> (amavas), <i>amabat</i> (amava), <i>amabamus</i> (amávamos), <i>amabatis</i> (amáveis), <i>amabant</i> (amavam); <i>amaveram</i> (amara), <i>amaveras</i> (amaras), <i>amaverat</i> (amara), <i>amaveramus</i> (amáramos), <i>amaveratis</i> (amáreis), <i>amaverant</i> (amaram). Os optativos, o futuro e o presente do subjuntivo: <i>Doceam</i> (ensine), <i>doceas</i> (ensines), <i>doceat</i> (ensine), <i>doceamus</i> (ensinemos), <i>doceatis</i> (ensineis), <i>doceant</i> (ensinem). O tempo presente de acordo com a segunda conjugação do futuro do indicativo. Na terceira e na quarta todo o presente e pretérito do optativo, também o pretérito imperfeito do subjuntivo na penúltima sílaba longa, o mais-que-perfeito em toda conjugação, da primeira também o optativo, o futuro e o presente do subjuntivo (como: <i>legam</i> (lerei), <i>leges</i> (lerás), <i>leget</i> (lerá), <i>legemus</i> (leremos), <i>legetis</i> (lereis), <i>legent</i> (lerão); <i>doceo</i> (ensino), <i>doces</i> (ensinas), <i>docet</i> (ensina), <i>docemus</i> (ensinamos), <i>docetis</i> (ensinais), <i>docent</i> (ensinam), de tal forma devem ser declinados: <i>Amarem</i> (amasse), <i>amares</i> (amasses), <i>amaret</i> (amasse), <i>amaremus</i> (amásemos), <i>amaretis</i> (amásseis), <i>amarent</i> (amassem); <i>amavissem</i> (tivesse sido amado), <i>amavises</i> (tivesses sido amado), <i>amaviset</i></p>
---	---

<p><i>Amaverim, is, it, imus, itis, int. Item: Amavero, is, it, imus, itis, int. Et quartae: Ibo, ibis, ibit, ibimus, ibitis, ibunt. Horum autem omnium verborum, quae bina [Al., trina] distinctione a secunda persona declinantur, prima persona aut in o, aut in am, aut in em, aut in im desinit.</i></p>	<p>(tivesse sido amado), <i>amavissemus</i> (tivéssemos sido amados), <i>amavissetis</i> (tivésseis sido amados), <i>amavisissent</i> (tivessem sido amados), os quais são subjuntivo e optativo comuns. Da mesma forma os optativos, o futuro e o presente do subjuntivo: <i>amem</i> (ame), <i>ames</i> (ames), <i>amet</i> (ame), <i>amemus</i> (amemos), <i>ametis</i> (ameis), <i>ament</i> (amem). De acordo com a terceira conjugação o presente e o futuro do indicativo da primeira, da segunda e da quarta é terminado em <i>eo</i>, o pretérito perfeito do subjuntivo e o futuro, exceto na terceira pessoa do plural, <i>u</i> transforma-se em <i>i</i>, <i>lego</i> (leio), <i>legis</i> (lês), <i>legit</i> (lê), <i>legimus</i> (lemos), <i>legitis</i> (ledes), <i>legunt</i> (lêem); <i>amabo</i> (amarei), <i>amabis</i> (amarás), <i>amabit</i> (amará), <i>amabimus</i> (amaremos), <i>amabitis</i> (amareis), <i>amabunt</i> (amarão); <i>docebo</i> (ensinarei), <i>docebis</i> (ensinarás), <i>docebit</i> (ensinará), <i>docebimus</i> (ensinaremos), <i>docebitis</i> (ensinareis), <i>docebunt</i> (ensinarão). O pretérito perfeito do subjuntivo: <i>Amaverim</i> (tenha amado), <i>amaveris</i> (tenhas amado), <i>amaverit</i> (tenha amado), <i>amaverimus</i> (tenhamos amado), <i>amaveritis</i> (tenhais amado), <i>amaverint</i> (tenham amado). Da mesma forma: <i>Amavero</i> (tereí amado), <i>amaveris</i> (terás amado), <i>amaverit</i> (terá amado), <i>amaverimus</i> (teremos amado), <i>amaveritis</i> (tereis amado), <i>amaverint</i> (terão amado). E da quarta: <i>Ibo</i> (irei), <i>ibis</i> (irás), <i>ibit</i> (irá), <i>ibimus</i> (iremos), <i>ibitis</i> (ireis), <i>ibunt</i> (irão).</p>
---	--

	<p>Porém, de todos esses verbos, que são declinados pela segunda pessoa por dupla distinção, a primeira pessoa termina ou em <i>o</i>, ou em <i>am</i>, ou em <i>em</i>, ou em <i>im</i>.</p>
<p>(0880B) <b>FR.</b> <i>Quomodo praeteritum perfectum et imperativus declinanda sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> De que modo o pretérito perfeito e o imperativo devem ser declinados?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Omne praeteritum perfectum, si juxta rationem declinatur, in i mittit primam personam; in secunda in sti, syllabam; tertiam in it, et pluralem numerum in imus, in istis, in erunt vel ere, longa e, mittit.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Todo pretérito perfeito, se for declinado de acordo com a regra, produz uma sílaba terminada em <i>i</i> para primeira pessoa; na segunda pessoa uma sílaba terminada em <i>sti</i>; a terceira pessoa uma sílaba terminada em <i>it</i>, e produz o plural em uma sílaba terminada em <i>imus</i> para primeira pessoa, em <i>istis</i> na segunda pessoa, e em <i>erunt</i> ou <i>ere</i> e <i>e</i> longo na terceira pessoa.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Imperativi finales litteras deprome.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Traz as letras finais do imperativo.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Omne imperativum singulare primam, natura abdicante, personam non habet et vocativo casui jungitur, quia praesenti imperat in secunda persona, quae in prima conjugatione a longa finitur, ut ama; in secunda e quoque longa, ut ave [Ms., habe]; in tertia e brevis, ut lege; in quarta i longa, ut audi. Quae ubique, in verbis vel nominibus, i in fine posita producitur. Tertia persona in prima conjugatione (0880C) in et: in caeteris conjugationibus in at, ut amet, habeat, legat, audiat. Prima persona in numero plurali in</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Todo imperativo singular não tem a primeira pessoa, abolida por natureza, e se une com o caso vocativo. Porque a segunda pessoa ordena no presente, a qual é terminada em <i>a</i> longo na primeira conjugação, como <i>ama</i> (ama); na segunda em <i>e</i> também longo, como <i>ave</i> (passe bem); na terceira em <i>e</i> breve, como <i>lege</i> (lê); na quarta em <i>i</i> longa, como <i>audi</i> (ouve). Que é produzido em todos os lugares, nos verbos ou nomes, em que é colocado <i>i</i> no final. A terceira pessoa na primeira conjugação terminada em <i>et</i>; nas outras conjugações</p>



<p><i>mus; in secunda in te; tertia in ent, in prima conjugatione; in caeteris ant, ut amemus, amate, ament; doceamus, docete, doceant, etc., ubique penultima primae personae et secundae longa, absque tertiae conjugationis secunda persona, quod est, legite. Futurum imperativi in to secunda persona, ut amato, habeto, legito, audito, longa penultima absque tertiae conjugationis [Ms., absque tertia declinatione]. Tertia persona futuri similis est ubique praesenti: tertia persona et prima pluralis numeri similis quoque est plurali praesentis. Secunda persona pluralis in tote, ut amatote, habetote, legitote, (0880D) auditote. Tertia finit in nto, ut amanto, docento, legunto, audiunto.</i></p>	<p>terminada em <i>at</i>, como: <i>amet</i> (ame), <i>habeat</i> (tenha), <i>legat</i> (leia), <i>audiat</i> (ouça). A primeira pessoa do plural na primeira conjugação terminada em <i>mus</i>; na segunda terminada em <i>te</i>; a terceira terminada em <i>ent</i>; nas outras em <i>ant</i>, como: <i>amemus</i> (amemos), <i>amate</i> (amai), <i>ament</i> (amem); <i>doceamus</i> (ensinemos), <i>docete</i> (ensinai), <i>doceant</i> (ensinem), etc. Em todos os lugares da primeira pessoa e da segunda pessoa por longas na penúltima sílaba, exceto pela segunda pessoa da terceira declinação, isto é, <i>legite</i> (lede). O futuro do imperativo em <i>to</i> na segunda pessoa, como, <i>amato</i> (ama tu), <i>habeto</i> (tem tu), <i>legito</i> (lê tu), <i>audito</i> (ouve tu), com a penúltima sílaba longa, exceto pelas de terceira conjugação. A terceira pessoa do futuro é similar ao presente em todos os lugares; a terceira pessoa e a primeira pessoa do número plural também é similar ao plural do presente. A segunda pessoa do plural em <i>tote</i>, como: <i>amatote</i> (amai vós), <i>habetote</i> (tende vós), <i>legitote</i> (lede vós), <i>auditote</i> (ouvi vós). A terceira termina em <i>nto</i>, como: <i>amanto</i> (amem vocês), <i>docento</i> (ensinem vocês), <i>legunto</i> (leiam vocês), <i>audiunto</i> (ouçam vocês).</p>
--	--

**FR.** *De infinitivis dic.*

**FRANCO.** Fale sobre os infinitivos.

**SAXO.** *Omne infinitivum praesens in re, et praeteritum in se, et futurum in ire vel esse in omni conjugatione desinit, ut amare, amasse, amatum ire, vel amaturum esse.*

**SAXO.** Todo infinitivo presente termina em *re*, o pretérito termina em *se* e o futuro termina em *ire* ou *esse* em toda conjugação, como: *amare* (amar), *amasse* (ter amado),

	<i>amatum ire</i> (haver de ter sido amado) ou <i>amaturum esse</i> (haver de amar).
<b>FR.</b> <i>Quid de quinque gerundiis [Al., gerendivis] sentiendum est?</i>	<b>FRANCO.</b> O que deve ser notado sobre os cinco gerúndios?
<b>SAXO.</b> <i>Quid aliud, nisi ut prius dixi, quod omnino, secundum Priscianum, nomina sunt. Nam praepositiones separatas accusativos casus et ablativos [Ms., accusativi casus et ablativi] accipiunt ut [ad] amandum, in amando, quod verbo non potest accidere.</i>	<b>SAXO.</b> O que mais, se não como disse antes, que, segundo Prisciano, estes são todos nomes. Pois tomam as preposições que estão separadas do caso acusativo e do ablativo, como, <i>ad amandum</i> (para amar), <i>in amando</i> (por/com amar), o que não pode acontecer com um verbo <sup>371</sup> .
(0881A) <b>FR.</b> <i>Quid tamen distat inter, amandum, amando, et amatum, amatu?</i>	<b>FRANCO.</b> Contudo, qual é a diferença entre <i>amandum, amando, amatu e amatum?</i>
<b>SAXO.</b> <i>Quod amandum necessitatem amoris significat; amatum initium amoris. Similiter amando in ipso amore; amatu pro amatione, id est, pro ipsa re accipitur.</i>	<b>SAXO.</b> Uma vez que <i>amandum</i> (para amar) significa a necessidade de amor; <i>amatum</i> (para amar) o início do amor. De modo similar <i>amando</i> (por/com amar) em relação ao próprio amor; <i>amatu</i> (de amar) em vez de <i>amatione</i> (amor), isto é, é tomado pela própria coisa.
<b>FR.</b> <i>Passivi [Ed., passim] regulas pande mihi.</i>	<b>FRANCO.</b> Explica para mim as regras do passivo.
<b>SAXO.</b> <i>Pandam breviter, ne prolixior sim, quam huic puerili ludo deceat (Sic mss.). Omne passivum ex activo [suo] sit ubique</i>	<b>SAXO.</b> Explico brevemente, para que não seja mais extenso, do que para este jogo infantil seja adequado. Todo o passivo de

<sup>371</sup> Prisciano (2.410.2-5): *huic tamen frequentius solet etiam praepositio ad praeponi, ut ad legendum, ex quo ostenditur, magis nomen esse quam uerbum: uerbo enim separata praepositio per appositionem praeponi non potest. in do quoque terminantia inueniuntur ante se habentia separatam praepositionem* (para isso, no entanto, uma preposição é mais frequentemente usada para ser prefixada, como *ad legendum*, da qual é mostrado que é mais nome do que verbo: pois uma preposição separada não pode ser prefixada a um verbo por aposição).

<p><i>per omnes conjugationes. O finita vel m in activis tempore praesenti et praeterito imperfecto, et futuro assumunt r in passivis, ut [amo, amor] amabo, amator; amato, amator; amanto, amator; amabam, amabar; amarem, amarer; amem, amer; legam, legar, etc. Caeterae personae secundum praedictas regulas trium conjugationum (0881B) praesentis temporis declinantur. Nam secunda persona in ris vel in re desinit, tertia in tur; et prima in plurali in mur, secunda in mini, tertia in ntur. Omnium modorum praeteritum [Edit., praeter] perfectum et plusquamperfectum et subjunctivi futurum per participium praeteriti temporis, et sum subjectivum verbum declinatur, 287 ut amatus sum, vel fui: amatus eram, vel fueram. Optativus: amatus essem vel fuisset. Subjunctivus: amatus sim vel fuerim; essem vel fuisset. Futurum: amatus ero vel fuero. Passiva imperativi secundae personae praesentis [temporis] in omni conjugatione similes activis infinitivis, ut amare, docere, legere, audire, penultima longa, nisi tertia conjugatione. Tertia vero in tur exit, prima pluralis in mur, secunda in mini, (0881C) [quod in indicativo et imperativo similiter profertur (Edit., quod imperativus et infinitivus similiter proferuntur)] in prima conjugatione. Tertia pluralis in prima, in entur; aliis in antur: et futuri temporis secunda persona in tor, et tertia in tur: et</i></p>	<p>acordo com o seu ativo esteja em todos os lugares por todas as conjugações. Os que são terminados em <i>o</i> ou <i>m</i> nos ativos com tempo presente e pretérito imperfeito e futuro assumem <i>r</i> nos passivos, como: <i>amo</i> (eu amo), <i>amor</i> (eu sou amado), <i>amabo</i> (amarei), <i>amabor</i> (eu serei amado); <i>amato</i> (ama), <i>amator</i> (sê amado); <i>amanto</i> (amem), <i>amantor</i> (serem amados); <i>amabam</i> (amava), <i>amabar</i> (eu era amado); <i>amarem</i> (se eu amasse), <i>amarer</i> (se eu fosse amado); <i>amem</i> (que eu ame), <i>amer</i> (que eu seja amado); <i>legam</i> (lerei), <i>legar</i> (eu serei lido), etc. As outras pessoas são declinadas segundo as regras mencionadas anterior-mente das três conjugações do tempo presente. Pois a segunda pessoa termina em <i>ris</i> ou em <i>re</i>, a terceira pessoa em <i>tur</i>; a primeira pessoa do plural em <i>mur</i>, a segunda pessoa do plural em <i>mini</i> e a terceira pessoa do plural em <i>ntur</i>. De todos os modos o pretérito perfeito, o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do subjuntivo por meio do participio do tempo pretérito também é declinado pelo verbo subjetivo <i>sum</i> (ser, está), como: <i>amatus sum</i> (eu sou amado), ou <i>fui</i> (eu era amado); <i>amatus eram</i> (eu tinha sido amado), ou <i>fueram</i> (eu fora amado). Optativo: <i>amatus essem</i> (eu poderia ter sido amado) ou <i>fuisset</i> (eu teria sido amado). Subjuntivo: <i>amatus sim</i> (posso ter sido amado) ou <i>fuerim</i> (eu tenha sido amado); <i>essem</i> (se eu fosse amado) ou <i>fuisset</i> (eu tivesse sido amado).</p>
---	---

<p><i>pluralis prima in ur, et secunda in minor, et tertia in ntor, ut amare, ametur; amemur, amaminor, amentor: ametur, ametur; amemur, ameminor, amentor. Infinitiva passiva semper in i praesentis temporis, ut amari, doceri, legi, audiri. Et praeteritum per participium neutrale et esse vel fuisse, ut doctum esse vel fuisse. Et futurum in iri, ut amatum iri. Ecce habes, France, quod quaesisti; sed tua curiositas te facit non amatum iri.</i></p>	<p>Futuro: <i>amatus ero</i> (eu devo ter sido amado) ou <i>fueo</i> (eu terei sido amado). Os passivos do imperativo da segunda pessoa do tempo presente em toda conjugação assemelham-se aos ativos do infinitivo, como, <i>amare</i> (sê amado), <i>docere</i> (sê ensinado), <i>legere</i> (sê lido), <i>audire</i> (sê ouvido), a penúltima sílaba longa, exceto na terceira conjugação. Mas na terceira pessoa termina em <i>tur</i>, na primeira pessoa termina em <i>mur</i>, na segunda pessoa termina em <i>mini</i>, uma vez que é proferido de modo similar o imperativo e o infinitivo na primeira conjugação. A terceira pessoa do plural na primeira conjugação, em <i>entur</i>; nas outras em <i>antur</i>; e a segunda pessoa do tempo futuro em <i>tor</i>, e a terceira pessoa em <i>tur</i>, a primeira do plural em <i>ur</i>, a segunda pessoa do plural em <i>minor</i> e a terceira pessoa do plural em <i>ntor</i>, como <i>amare</i> (sê amado), <i>ametur</i> (seja amado); <i>amemur</i> (sejamos amados), <i>amaminor</i> (serdes amados), <i>amentor</i> (serem amados); <i>ametur</i> (serás amado), <i>ametur</i> (será amado); <i>amemur</i> (seremos amados), <i>ameminor</i> (sereis amados), <i>amentor</i> (serão amados). Os infinitivos passivos do tempo presente sempre são terminados em <i>i</i>, como: <i>amari</i> (ser amado), <i>doceri</i> (ser ensinado), <i>legi</i> (ser lido), <i>audiri</i> (ser ouvido). E o pretérito é terminado pelo participio neutro <i>esse</i> (ser) ou <i>fuisse</i> (ter sido), como: <i>doctum esse</i> (ser ensinado) ou <i>fuisse</i> (ter sido ensinado). E o futuro é terminado em <i>iri</i>, como <i>amatum iri</i></p>
--	--

	(será amado). Aqui! Tens, Franco, o que tu perguntaste, mas tua curiosidade faz tu não seres amado.
<b>FR.</b> <i>Nec tua te indivia gratum iri.</i>	<b>FRANCO.</b> Nem tua inveja, o tornas agradável.
<b>SAXO.</b> <i>Caute! (0881D)ne audiat qui flagellare solet. Sed prosequere caetera.</i>	<b>SAXO.</b> Cuidado! Não ouça quem costuma açoitar, mas prosiga com o restante.
<b>FR.</b> <i>Ut reor, ordo accidentium deprecit personas verborum investigare.</i>	<b>FRANCO.</b> Como penso, a ordem dos acidentes exige investigar as pessoas dos verbos.
<b>SAXO.</b> <i>Personae verborum tres sunt. Prima est, quae de seipsa loquitur et alias ostendit. Secunda, ad quam loquitur. Tertia, de qua loquitur. Nisi enim sit prima, quae profert sermonem, aliae esse non possunt. Et primae quidem et secundae verborum personae finitae sunt; praesentes enim demonstrant. Tertia vero infinita est, itaque eget plerumque praenomine, ut definiatur. Et prima quidem potest sibi et secundam et tertiam conjungere, ut, ego et tu, et nos facimus: ego et ille facimus. Secunda vero non [potest] conjungere (0882A) sibi nisi tertiam, ut, tu et ille facitis. Tertia vero nec primam nec secundam, sed alteram tertiam,</i>	<b>SAXO.</b> Existem três pessoas dos verbos. A primeira é a que sobre si mesma fala e às outras expõe. A segunda, a quem fala. A terceira, sobre quem fala <sup>372</sup> . Então, a menos que seja a primeira as outras não podem ser a que profere uma fala. E, de fato, tanto a primeira quanto a segunda pessoa dos verbos são finitas; pois elas demonstram os presentes. Mas a terceira é infinita, e, portanto, necessita geralmente de um pronome para que seja definida. E, de fato, a primeira pode conjugar a si, a segunda e a terceira, como: <i>ego et tu</i> (eu e tu), e <i>nos facimus</i> (nós fazemos), <i>ego et ille facimus</i> (eu e ele fazemos). Mas a segunda não

<sup>372</sup> Prisciano (2.448.11-14): *sunt igitur personae uerborum tres. prima est, quae de se loquitur uel sola uel cum aliis, ut dico dicimus, secunda, ad quam loquitur, de ipsa uel sola uel cum aliis, ut dicis dicitis, tertia, de qua extra se et illam, ad quam dirigit sermonem, posita loquitur prima, ut dicit dicunt* (Portanto, existem três pessoas dos verbos. A primeira é a que fala de si, sozinha ou com os outros, como *dico, dicimus*; a segunda, a quem fala, de si mesmo, sozinha ou com os outros, como *dicis, dicitis*, a terceira, sobre a qual, além de si mesma e aquele, em direção a qual dirige a palavra, colocada a primeira fala, como *dicit, dicunt*).

<p><i>ut, iste et ille faciunt. In imperativis prima persona singularis non potest esse, quia naturaliter imperans, ab eo cui imperat dividitur. Infinita [Ms., Infinitiva] quoque et impersonalia et gerundia carent naturaliter personis.</i></p>	<p>(pode) conjugar a si a menos que com a terceira, como: <i>tu et ille facitis</i> (tu e ele fazeis). Mas a terceira nem a primeira, nem a segunda, mas com outra terceira, como: <i>iste et ille faciunt</i> (este e aquele fazem). Nos imperativos a primeira pessoa do singular não pode existir, porque naturalmente o ordenado está separado daquele que ordena. Os infinitivos também os impessoais e gerúndios carecem naturalmente de pessoas.</p>
---	---

<p style="text-align: center;"><b>DE NUMERO</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Numerum verbis accedentem [Ms., accidentem] pande.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE O NÚMERO</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Explica o número acidente do verbo.</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Numerus singularis, ut lego, pluralis, ut legimus, accedit verbo veluti omnibus partibus casualibus: sed in verbo sub una voce nunquam singularis et pluralis invenitur numerus sicut in caeteris partibus, ut dies, res, nominativus singularis (0882B) et pluralis; isti, illi, dativus singularis et nominativus pluralis. Sciendum quoque est tibi, o France, quod quaecunque verba personis deficiunt, semper et numero defectiva fiunt, ut impersonalia et infinitiva. Ideo pronomibus additis assumunt personas et numeros, ut, legitur a me, a nobis: legere te volo, et legere vos volo.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O número singular, como <i>lego</i> (leio), o plural, como <i>legimus</i> (lemos), é adicionado ao verbo assim como a todas as partes dos casos, mas no verbo sob uma única voz nunca é encontrado o singular e o plural, assim como em outras partes, como <i>dies</i> (dia(s)), <i>res</i> (coisa(s)), o nominativo singular e plural: <i>isti</i> (para esse, esses), <i>illi</i> (àquilo, aqueles), o dativo singular e o nominativo plural. Deve ser conhecido também por ti, ó Franco, que quaisquer verbos que faltam às pessoas, são também feitos sempre com número ausente, como os impessoais e os infinitivos. Portanto, são adicionados pronomes para que assumam pessoas e números, como, <i>legitur a me</i> (é lido por mim), <i>a nobis</i> (por nós); <i>legere te volo</i> (eu quero ler-te) e <i>legere vos volo</i> (eu quero ler-vos).</p>
--	--

<p><b>FR.</b> <i>Sed quia defectiva esse verba introduxisti, subito defectiva per singula accidentia opus habeo ut pandas mihi, maxime quia Donatus magister noster haec valde obscure et breviter tetigit.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Mas como tu introduziste verbos defectivos, tenho necessidade que tu expliques para mim imediatamente os defeitos por meio de cada acidente, principalmente porque Donato nosso mestre a estes menciona muito pouco e brevemente.</p>
---	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Non sum tibi debitor irrationabilium, sed rationabilium, et eorum quae regulis subjaceant. Attamen, uti scias non me invidiosum esse in te, sicut nec te fastidiosum intelligo, pandam aliqua ex illis. Tribus enim (0882C) modis verba, vel [Ms., velut] aliae partes [fiunt] defectivae; aut naturae necessitate, aut fortunae casu, vel differentiae causa. Naturae necessitate, ut, si velimus masculinum dicere ab eo, quod [est] nupta, nuptus: vel a puerpera, puerperus, repugnat ipsa rerum natura: vel inconsonantiae causa; ut, si velimus a cursor curstrix facere femininum, sicut a victor victrix, inconsonum [est]. In fortunae casu, inusitata et turpia vitantur, et quibus auctores non utuntur; quomodo a do dor</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Não lhe devo os irregulares, mas os regulares, os quais estão sujeitos às regras. Contudo, para que tu saibas que eu não sou um invejoso, como não entendo que tu sejas desdenhoso, exporei alguns deles. Pois, de três modos os verbos ou outras partes tornam-se defectivos: ou por necessidade da natureza, ou por acaso da fortuna, ou por causa da diferença. Pela necessidade da natureza, como, se quiséssemos dizer a partir daquilo que é <i>nupta</i> (noiva), o masculino, <i>nuptus</i>; ou de <i>puerpera</i> (parturiente), <i>puerperus</i>, é incompatível a própria natureza das coisas<sup>373</sup>; ou por causa da inconsonância; como, se quiséssemos fazer o feminino de <i>cursor</i> (corredor), <i>curstrix</i>, assim como de <i>victor</i> (vencedor), <i>victrix</i>, é inconsonante<sup>374</sup>.</p>
---	--

<sup>373</sup> Prisciano (2.370.1-6): *ergo naturae necessitas bipertita est in significatione et in commoditate, id est in consonantia elementorum. sunt enim quaedam non solum in uerbis, sed etiam in aliis partibus orationis, quae significationis causa dici non debent, ut, si uelimus masculinum dicere ab eo quod est nupta nuptus uel a puerpera puerperus, oppugnat ipsa rerum natura propter significationem, quae solis accidit feminis...* (Portanto, a necessidade da natureza se divide em significado e conveniência, isto é, na consonância dos elementos. Pois há certas coisas, não apenas nos verbos, mas também em outras partes da oração, que não devem ser ditas por causa do significado, como, se escolhermos dizer o masculino daquilo que é *nupta*, *nuptus*, ou de *puerpera*, *puerperus*, a própria natureza das coisas opõe-se por causa do significado que só ocorre com as mulheres...).

<sup>374</sup> Prisciano (2.371.5-8): *incommoditate uero uel inconsonantia, quam Graeci ἀσυμφωνίαν uocant, deficiunt quaedam, ut, si uelimus ab eo, quod est cursor et risor, feminina facere secundum analogiam mutatione or in rix, absonum fit et incongruum naturae literarum* (De fato, ou por inconveniência ou por inconsonância, que os gregos chamam de ἀσυμφωνία, alguns são defeituosos, de modo que, se

<p><i>secundum regulam dici potuit; sed quia in auctoribus non invenitur, recusamus dicere. Differentiae quoque causa plurima vitantur, ut, fero, fers, fert per syncopam sine i littera in secunda et tertia persona profertur, ne si feris, ferit, dicas, a ferio putetur venire. Sic edo, es, est, et, (0882D) volo, vis, vult, differentiae causa anomalam habent litteraturam. Et volo naturaliter imperativo modo caret, quia imperata necessitatis sunt, non voluntatis. Sic fac, duc, dic, fer, placuit auctoribus per apocopam proferri differentiae causa, ne si face, duce, dice, fere, diceremus, aliud significare putaremus. Item multa non dicuntur, quia in auctoribus non inveniuntur, de quibus per singula accidentia aliqua tuae pandam aviditati. Nam quaeso non habet alios modos nisi indicativum; personam primam in utroque numero, et [quesere] infinitivum. Item ovat et infit, non habent nisi tertiam personam; et ovans participium. Item ausim, id est, auctoritatem habeam; et inquam, contra morem (0883A) in prima persona proferuntur. Salve et salvete imperativa tantum secundam personam habent. Item, cede pro da [Ms., dic]. Cete [Ms., Cedite] pro date. Terentius: Cete patri meo, id est, date: Et ave, pro gaude: et avete pro gaudete secundae personae sunt. Item faxo, pro faciam futuri temporis est tantum indicativi</i></p>	<p>Por acaso da fortuna, nós evitamos as coisas inusitadas e as vergonhosas, também as coisas que os autores não usam, de modo que posso dizer de <i>do</i> (dou), <i>dor</i> (sou dado) segundo a regra; mas porque não se encontra entre os autores, recusamo-nos a dizer. Muitos também são evitados por causa da diferença, como, <i>fero</i> (trago), <i>fers</i> (trazes), <i>fert</i> (traz) que é pronunciada sem a letra <i>i</i> na segunda e na terceira pessoa por causa da síncope, para que não seja considerado provir de <i>ferio</i> (bato) se tu digas <i>feris</i> (bates), <i>ferit</i> (bate). De tal forma, <i>edo</i> (como), <i>es</i> (comes), <i>est</i> (come), e <i>volo</i> (desejo), <i>vis</i> (desejas), <i>vult</i> (deseja), têm uma escrita irregular por causa da diferença. E concordo que naturalmente faltará o modo imperativo, porque as ordens são da necessidade, não da vontade. Assim, <i>fac</i> (faz), <i>duc</i> (comanda), <i>dic</i> (diz), <i>fer</i> (traz), foi determinado pelos autores a ser proferido por meio do apócope por causa da diferença, para que não supuséssemos outra coisa, se nós disséssemos: <i>face</i> (faz), <i>duce</i> (comanda), <i>dice</i> (diz), <i>fere</i> (traz). Da mesma forma muitas coisas não são ditas, porque, nos autores, não são encontradas, sobre as quais explicarei de alguma forma à tua ganância por meio dos acidentes uma de cada vez. Pois <i>quaeso</i> (imploro) não tem outros modos, exceto o indicativo; a primeira pessoa em ambos os números e o infinitivo <i>quesere</i></p>
--	---

quisermos tornar feminino aquilo que é *cursor* e *risor*, segundo a analogia, mudando *or* para *rix*, torna-se dissonante e inconsistente com as letras da natureza).



<p><i>modi, et facit: faxo, faxis, faxit; faximus, faxitis, faxunt, id est, facient. Item: facesso et capesso, et viso, desiderativa sunt, non frequentativa, quia primae non sunt conjugationis. Facesso, id est, desidero facere. Capesso, desidero capere. Viso, id est, desidero videre. Item sis, id est, si vis: et sodes, id est, si audes, secundae personae sunt. Item foret, pro esset, et forent pro essent: et fore pro esse invenitur. Item aio et meio in multis deficiunt. Nam (0883B) aio, ais, ait: et aitis, aiunt, facit; in prima plurali deficit: et ait praeteritum perfectum: sicut meio infinitivum meiere facit. Sunt, quae idem habent praesens et praeteritum imperfectum [Al., perfectum], haec sola: odi, novi, memini, coepi, pepigi, haec in imperfecto [Al., imperativo] deficiunt praeter memini, quod memento et mementote facit; et in futuro et infinitivo modo et in supinis, nec non in participiis, utrisque temporibus [Al., utriusque temporis] deficiunt, praeter odi, quod [in figura composita] duo participia [praeteriti temporis] facit: exosus, perosus. Sunt passiva quoque et deponentia, quae in praeterito deficiunt, nisi aliunde ad supplementum declinationis assumatur praeteritum. Ut, feror, ferior, tollor, poscor, urgeor; faciunt enim praeteritum, (0883C) latus sum, ictus sum, sublatus sum, postulatus sum, convictus sum. Item deponentia: vescor, fruor, medeor, liquor, reminiscor [Edit., remuneror], faciunt,</i></p>	<p>(implorar). Da mesma forma <i>ovat</i> (alegra) e <i>infit</i> (começa), não têm exceto a terceira pessoa; e o participio <i>ovans</i> (alegrado). Da mesma maneira, são proferidos na primeira pessoa de forma diferente do costume <i>ausim</i> (pretenda) e <i>inquam</i> (digo), isto é, que eu tenha a autoridade. <i>Salve</i> (saudações) e <i>salvete</i> (saudações) têm apenas a segunda pessoa do imperativo.</p> <p>Igualmente, <i>cede</i> (concede) em vez de <i>da</i> (dá). <i>Cette</i> (concedei) em vez de <i>date</i> (dai). Terêncio: <i>Cette patri meo</i> (Concedei ao meu pai), isto é, <i>date</i> (dai); também <i>ave</i> (salve) em vez de <i>gaude</i> (alegre-se) e <i>avete</i> (salve) em vez de <i>gaudete</i> (alegrem-se) são da segunda pessoa. Da mesma forma <i>facit</i> (faz), em vez de <i>faciam</i> (farei) do tempo futuro é apenas do modo indicativo, e ele faz: <i>faxo</i> (farei), <i>faxis</i> (farás), <i>faxit</i> (fará), <i>faximus</i> (faremos), <i>faxitis</i> (fareis), <i>faxunt</i> (farão), isto é, <i>facient</i> (farão). Da mesma maneira: <i>facesso</i> (desejo fazer), <i>capesso</i> (desejo pegar) e <i>viso</i> (desejo ver), são desiderativos, não frequentativos, porque não são da primeira conjugação. <i>Fecesso</i>, isto é, desejo fazer. <i>Capesso</i>, desejo pegar. <i>Viso</i>, isto é, desejo ver. Da mesma forma <i>sis</i>, isto é, se desejas; e <i>sodes</i>, isto é, se ousas, são da segunda pessoa. Igualmente é encontrado <i>foret</i> (se fosse), em vez de <i>esset</i> (se fosse), tanto <i>forent</i> (se fossem) em vez de <i>essent</i> (se fossem) quanto <i>fore</i> (vai ser) em vez de <i>esse</i> (ser). Da mesma maneira <i>aio</i> (digo) e <i>meio</i></p>
---	---

*pastus sum, potitus sum, medicatus sum, liquefactus sum, recordatus sum.*

*Sum verbum, quod inaequalem habet declinationem, sive in simplici participio, sive in compositis praesentis temporis deficit, nisi in duobus ab eo compositis, id est, absum et praesum, quod facit, absens et praesens. Possum, potes, postest, mutant s in t euphoniae causa. Et prosum, prodes, prodest, assumit d, hiatus causa devitandi. Volo vero et malo et ex eo compositum [Ms., composita], id est, magis volo, naturali necessitate imperativo carent, quia imperata necessitatis sunt non voluntatis, quod tamen in alio (0883D) suo composito habet, id est, nolo; facit enim noli et nolite.*

(urino) em muitas faltam. Pois ele faz *aiō* (digo), *ais* (dizes), *ait* (diz); também *aitis* (dizeis), *aiunt* (dizem); também o pretérito perfeito *ait* (disse); a ele falta a primeira pessoa do plural; assim como *meio* faz o infinitivo *meiere* (urinar). Existem, os que têm o mesmo presente e pretérito perfeito, destes apenas: *odi* (odiar), *novi* (saber), *memini* (lembrar), *coepi* (começar), *pepigi* (compôr), destes faltam o imperativo, exceto *memini* (lembrar), porque ele faz *memento* (lembra) e *mementote* (lembrai); também no futuro, no modo infinitivo e no supino, nem mesmo nos participios, em ambos os tempos faltam, exceto *odi* (odeio), porque na forma composta ele faz dois participios do tempo pretérito: *exosus* (odiado), *perosus* (detestado). Existem passivos e depoentes também, que no pretérito faltam, a menos que o pretérito de outro lugar seja assumido por complemento da declinação. Como, *feror* (sou trazido), *ferior* (sou golpeado), *tollor* (sou levantado), *poscor* (sou perguntado), *urgeo* (sou pressionado), pois fazem o pretérito, *latus sum* (fui trazido), *ictus sum* (fui golpeado), *sublatus sum* (fui levantado), *postulatus sum* (fui exigido), *convictus sum* (fui conquistado). Da mesma forma os depoentes: *vescor* (alimento-me), *fruor* (lucro), *medeor* (curo), *liquor* (derreto), *remuneror* (recompenso), fazem, *pastus sum* (fui alimentado), *potitus sum* (fui obtido), *medicatus sum* (fui curado), *liquefactus sum*

	<p>(fui derretido), <i>recordatus sum</i> (fui recordado).</p> <p>O verbo <i>sum</i> (sou), porque tem uma declinação irregular, falta seja no particípio simples, seja no composto do tempo presente, exceto em dois compostos dele, isto é, <i>absum</i> (estou ausente) e <i>praesum</i> (estou presente), porque ele faz: <i>absens</i> (ausente) e <i>praeseins</i> (presente). Por causa da eufonia <i>possum</i> (posso), <i>potes</i> (podes), <i>postest</i> (pode) transformam <i>s</i> em <i>t</i>. E <i>prosum</i> (benefício), <i>prodes</i> (beneficias), <i>prodest</i> (beneficia), assume <i>d</i>, para ser evitado os hiatos. Mas <i>volo</i> (desejo) e <i>malo</i> (prefiro), também o dele composto, isto é, <i>magis volo</i> (desejo mais), pela necessidade natural carecem do imperativo, porque as ordens são da necessidade, não da vontade, o qual, no entanto, em outro tem seu composto, isto é, <i>nolo</i> (não desejo), pois ele faz <i>noli</i> (não desejes) e <i>nolite</i> (não desejeis).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Plenioram tamen declinationem horum quatuor verborum, ut reddas mihi, deposco; id est, sum, fero, edo, volo.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> No entanto, exijo que tu entregues para mim a declinação mais completa destes quatro verbos, isto é, <i>sum</i> (sou), <i>fero</i> (trago), <i>edo</i> (como) e <i>volo</i> (desejo).</p>

**SAXO.** *Inusitata est in multis locis illorum declinatio. Attamen ut in magistrorum exemplis eorum reperitur ratio, pandam. Sum verbum neutrale est, quod declinatur sic: Sum, es, est: Plural. Sumus, estis, sunt. Praeteritum imperfect. Eram, eras, erat. Plural. Eramus, eratis, erant. Praeteritum perfect. Fui, fuisti, fuit. Plural. Fuimus, fuistis, fuerunt, vel fuere. Praeterit. Plusquamperfect. Fueram, fueras, fuerat. Plural. Fueramus, fueratis, (0884A) fuerant. Futuro. Ero, eris, erit. Plural. Erimus, eritis, erunt. Imperativo modo tempore praesenti, ad secundam et tertiam personam: Sis vel es, sit. Plur. Simus [estote vel] sitis, sint; et suntote. Optativo modo tempus praesens et Praeteritum imperfect. Utinam essem, esses, esset: Plural. Essemus, essetis, essent. Praeterit. Perfect. et Plusquamperfect. Fuissem, fuisses, fuisset. Plural. Fuissemus, fuissetis, fuissent. Futurum. Sim, sis, sit: Plural. Simus, sitis, sint. Coniunctivo modo tempore praesenti: cum sim, sis, sit. Plural. Simus, sitis, sint. Imperfecto: Essem, esses, esset. Plural. Essemus, essetis, essent. Perfectum. Cum fuerim, fueris, fuerit. Plur. Fuerimus, fueritis, fuerint. Plusquamperfectum: Cum fuisset, fuisses, fuisset. Plural. Fuissemus, (0884B) fuissetis, fuissent. Futurum. Cum fuero, fueris, fuerit. Plural. Fuerimus, fueritis, fuerint. Infinitivo modo, numero et personis, tempore praesenti: esse. Praeterito: fuisse.*

**SAXO.** É incomum em muitos lugares a declinação daqueles. No entanto, como é encontrada a regra nos exemplos desses mestres, eu explicarei. O verbo *sum* (sou) é neutro, porque é declinado do seguinte modo: *sum* (sou), *es* (és), *est* (é). No plural: *sumus* (somos), *estis* (sois), *sunt* (são). O Pretérito Imperfeito: *eram* (era), *eras* (eras), *erat* (era). No plural: *eramus* (éramos), *eratis* (éreis), *erant* (eram). O Pretérito Perfeito: *fui* (fui), *fuisti* (foste), *fuit* (foi). No plural: *fuimus* (fomos), *fuistis* (fostes), *fuerunt* (foram) ou *fuere* (foram). O Pretérito Mais-que-perfeito: *fueram* (fora), *fueras* (foras), *fuerat* (fora). No plural: *fueramus* (fôramos), *fueratis* (fôreis), *fueirant* (foram). O Futuro: *ero* (serei), *eris* (serás), *erit* (será). No plural: *erimus* (seremos), *eritis* (sereis), *erunt* (serão). O modo Imperativo no tempo presente, para a segunda e terceira pessoa: *sis* (sê) ou *es, sit* (seja). No plural: *simus* (sejamos) ou *estote, sitis* (sede), *sint* (sejam); *sunto* (sejam) e *suntote* (sede). No modo Optativo, o Presente e o Pretérito Imperfeito, seria isso: *essem* (fosse), *esses* (fosses), *esset* (fosse). No plural: *essemus* (fôssemos), *essetis* (fôsseis), *essent* (fossem). O Pretérito Perfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito: *fuissem* (tivesse sido), *fuisses* (tivesses sido), *fuisset* (tivesse sido). No plural: *fuissemus* (tivéssemos sido), *fuissetis* (tivésseis sido), *fuissent* (tivessem sido). O Futuro: *sim* (seja), *sis* (sejas), *sit* (seja). No plural: *simus*

<p><i>Futuro; esse, et ire, et fore.</i></p> <p>289 <i>Cujus praesens participium veteres ens proferebant, unde componitur potens. Nam futurum magis a fio verbo videtur nasci. Potest tamen et a fui esse existimari. Sic enim declinanda sunt ex eo composita: Prosum, adsum, desum, obsum, [intersum, praesum, supersum]. Et ex eis [tantum] duo participia praesentis temporis [sunt], id est: praesens et absens.</i></p> <p><i>Fero verbum discretionis causa per syncopen abjicit i in secunda et tertia persona, propter ferio (0884C) verbum, quod ferio, feris, ferit, facit. Fero, fers, fert. Plural. Ferimus, fertis, ferunt. Imperfectum. Ferebam, ferebas, ferebat. Plural. Ferebamus, ferebatis, ferebant. Praeteritum perfect. Tuli, tulisti, tulit. Plural. Tulimus, tulistis, tulerunt vel tulere. Praeteritum plusquamperfectum. Tuleram, tuleras, tulerat. Plur. Tuleramus, tuleratis, tulerant. Futurum. Feram, feres, feret. Plur. Feremus, feretis, ferent. Imperativus. Fer [vel] feras, ferat. Plur. Feramus, ferte, ferant. Futurum: Ferto [vel feras], ferat. Et Plur. Feramus, fertote, ferant. Optativus. [Utinam] ferrem, ferres, ferret. Plural. Ferremus, ferretis, ferrent. Plusquamperfect. Tulissem, tulisses, tulisset. Plural. Tulissemus, tulissetis, tulissent. Futurum. Feram, feras, ferat. Plural. Feramus, (0884D) feratis, ferant. Conjunctivi [modi temp. praes. cum] feram, feras, ferat. Plural. Feramus, feratis, ferant.</i></p>	<p>(sejamos), <i>sitis</i> (sejais), <i>sint</i> (sejam). O modo Subjuntivo no tempo presente com: <i>sim</i> (seja), <i>sis</i> (sejas), <i>sit</i> (seja). No plural: <i>simus</i> (sejamos), <i>sitis</i> (sejais), <i>sint</i> (sejam). O Pretérito Imperfeito: <i>essem</i> (fosse), <i>esses</i> (fosses), <i>esset</i> (fosse). No plural: <i>essemus</i> (fôssemos), <i>essetis</i> (fôsseis), <i>essent</i> (fossem). O Pretérito Perfeito com: <i>fuerim</i> (tenha sido), <i>fueris</i> (tenhas sido), <i>fuerit</i> (tenha sido). No plural: <i>fuerimus</i> (tenhamos sido), <i>fueritis</i> (tenhais sido), <i>fuerint</i> (tenham sido). O Mais-que-perfeito com: <i>fuissem</i> (tivesse sido), <i>fuissets</i> (tivesses sido), <i>fuisset</i> (tivesse sido). No plural: <i>fuissemus</i>, <i>fuissetis</i>, <i>fuisissent</i>. O Futuro com: <i>fuero</i>, <i>fueris</i>, <i>fuerit</i>. No plural: <i>fuerimus</i> (tivéssemos sido), <i>fueritis</i> (tivésseis sido), <i>fuerint</i> (tivessem sido). O modo Infinitivo, em número e pessoa, no tempo presente: <i>esse</i> (ser). O Pretérito: <i>fuisse</i> (ter sido). O Futuro: <i>esse</i>, <i>ire</i> e <i>fore</i> (haver de ser).</p> <p>Do qual os antigos proferiram o participio presente <i>ens</i> (que é), do qual é composto <i>potens</i> (potente). Pois o futuro parece nascer mais do verbo <i>fio</i> (torno-me). No entanto, também pode ter sido formado de <i>fui</i> (fui). Então, os que dele são compostos devem ser declinados assim: <i>Prosum</i> (sou útil), <i>adsum</i> (estou presente), <i>desum</i> (estou ausente), <i>obsum</i> (sou um incômodo para), <i>intersum</i> (estou no entre), <i>praesum</i> (estou a frente de), <i>supersum</i> (estou acima/além). E deles existem apenas dois participios do tempo</p>
--	---

<p><i>Imperfectum. Ferrem, ferres, ferret. Plural. Ferremus, ferretis, ferrent. Perfect. Tulerim, tuleris, tulerit. Plur. Tulerimus, tuleritis, tulerint. Plusquamperfect. Tulissem, tulisses, tulisset. Plur. Tulissemus, tulissetis, tulissent. Futurum. Tulero, tuleris, tulerit. Plur. Tulerimus tuleritis, tulerint.</i></p> <p><i>Edo verbum inaequale, cujus secunda et tertia persona, causa differentiae, per concisionem proferuntur. Edo, es, est. Plural. Edimus, estis, edunt. Praeteritum Imperfect. Edebam, edebas, edebat. (0885A) Plur. Edebamus, edebatis, edebant. Praeteritum perfect. Edi, edisti, edit. Plur. Edimus, edistis, ederunt vel edere. Plusquamperfect. Ederam, ederas, ederat. Plural. Ederamus, ederatis, ederant. Futurum. Edam, edes, edet. Plur. Edemus, edetis, edent. Imperativus. Es, edat. Plur. Edamus, este, edant. Futurum. Esto, edat, Plural. Edamus, estote, edant, vel edunto, eduntote. Optativus. Essem, esses, esset. Plural. Essemus, essetis, essent. [Praeterito perfecto et plusquamperfecto]. Edissem, edisses, edisset. Plural. Edissemus, edissetis, edissent. [Futuro]. Edam, edas, edat. Plural. Edamus, edatis, edant. Conjunctivo [modo] Edam, edas, edat. Plural. Edamus, edatis, edant. Essem, esses, esset. Plural. Essemus, essetis, essent. Ederim, ederis, ederit. Plural. Ederimus, (0885B) ederitis, ederint. Edissem, edisses, edisset. Plural. Edissemus, edissetis, edissent. Edero, ederis, ederit. Plur.</i></p>	<p>presente, isto é: <i>praesens</i> (presente) e <i>absens</i> (ausente).</p> <p>O verbo <i>fero</i> (trago) por síncope perde o <i>i</i> na segunda e na terceira pessoa para se distiguir do verbo <i>ferio</i> (bato), porque <i>ferio</i> faz: <i>feris</i> (bates), <i>ferit</i> (bate). E <i>fero</i> faz: <i>fers</i> (trazes), <i>fert</i> (traz). Plural. <i>Ferimus</i> (trazemos), <i>fertis</i> (trazeis), <i>ferunt</i> (trazem). O Pretérito Imperfeito: <i>ferebam</i> (trazia), <i>ferebas</i> (trazias), <i>ferebat</i> (trazia). No plural: <i>ferebamus</i> (trazíamos), <i>ferebatis</i> (trazíeis), <i>ferebant</i> (traziam). O Pretérito Perfeito: <i>tuli</i> (trouxe), <i>tulisti</i> (trouxeste), <i>tulit</i> (trouxe). No plural: <i>tulimus</i> (trouxemos), <i>tulistis</i> (trouxestes), <i>tulerunt</i> ou <i>tulere</i> (trouxeram). Pretérito Mais-que-perfeito: <i>tuleram</i> (trouxera), <i>tuleras</i> (trouxeras), <i>tulerat</i> (trouxera). No plural: <i>tuleramus</i> (trouxéramos), <i>tuleratis</i> (trouxé-reis), <i>tulerant</i> (trouxeram). O Futuro. <i>Feram</i> (trarei), <i>feres</i> (trarás), <i>feret</i> (trará). No plural: <i>feremus</i> (traremos), <i>feretis</i> (trareis), <i>ferent</i> (trarão). O Imperativo. <i>Fer</i> ou <i>feras</i> (traze), <i>ferat</i> (traga). No plural: <i>feramus</i> (tragamos), <i>ferte</i> (trazei), <i>ferant</i> (tragam). O Futuro: <i>Ferto</i> ou <i>feras</i> (trarás), <i>ferat</i> (trará). Também no plural: <i>feramus</i> (traremos), <i>fertote</i> (trareis), <i>ferant</i> (trarão). Optativo. Seria isso <i>ferrem</i> (traga), <i>ferres</i> (tragas), <i>ferret</i> (traga). No plural. <i>ferremus</i> (tragamos), <i>ferretis</i> (tragais), <i>ferrent</i> (tragam). Pretérito Mais-que-perfeito: <i>tulissem</i> (tivesse trazido), <i>tulisses</i> (tivesse trazido), <i>tulisset</i> (tivesse trazido). No plural:</p>
--	---

<p><i>Ederimus, ederitis, ederint. Infinitivi modi tempus praesens: Esse. Similiter praeteritum, esse. Futurum: esum iri, vel esurum esse. Impersonale: Estur [Ms., editur] [Praeterito imperfect.] edebatur. [Praeterito perfect.] esum est, vel fuit. [Praeterito plusquamperfect.] esum erat vel fuerat. Futurum: edetur. Supina: Edendi, edendo, edendum. Esum, esu [Al., Essum, essu].</i></p> <p><i>Volo quoque verbum neutrale per syncopen prolatum in secunda et in tertia persona, et in imperfecto [Ms., imperativo] deficit. Volo, vis, vult. Plur. Volumus, vultis, volunt. Volebam, volebas, volebat. Plur. Volebamus, volebatis, volebant. Volui, voluisti, (0885C)voluit. Plur. Voluimus, voluistis, voluerunt, vel voluere. Volueram, volueras, voluerat. Plural. Volueramus, volueratis, voluerant. Volam, voles, volet. Plur. Volemus, voletis, volent. [Optativo]. Vellem, velles, vellet. Plural. Vellemus, velletis, vellent. Voluissem, voluisses, voluisset. Plural. Voluissemus, voluissetis, voluissent. Velim, velis, velit. Plural. Velimus, velitis, velint. Vellem, velles, vellet. Plural. Vellemus, velletis, vellent. Voluerim, volueris, voluerit. Plur. Voluerimus, volueritis, voluerint. Voluissem, voluisses, voluisset. Plural. Voluissemus, voluissetis, voluissent. Voluero, volueris, voluerit. Plur. Voluerimus, volueritis, voluerint. Infin. [modo], praesens: Velle. Praeteritum: voluisse. Participium praesens: volens.</i></p>	<p><i>Tulissemus (tivéssemos trazido), tulissetis (tivésseis trazido), tulissent (tivessem trazido). O Futuro: feram (traga), feras (tragas), ferat (traga). No plural: feramus (tragamos), feratis (tragais), ferant (tragam). No modo Subjuntivo do tempo presente com feram (traga), feras (tragas), ferat (traga). No plural: feramus (tragamos), feratis (tragais), ferant (tragam). O Pretérito Imperfeito: ferrem (trouxe), ferres (trouxe), ferret (trouxe). No plural: ferremus (trouxéssemos), ferretis (trouxésseis), ferrent (trouxessem). O Pretérito Perfeito: tulerim (tenha trazido), tuleris (tenhas trazido), tulerit (tenha trazido). No plural: tulerimus (tenhamos trazido), tuleritis (tenhais trazido), tulerint (tenham trazido). O Pretérito Mais-que-perfeito: tulisse (tivesse trazido), tulisses (tivesses trazido), tulisset (tivesse trazido). No plural: tulissemus (tivéssemos trazido), tulissetis (tivésseis trazido), tulissent (tivessem trazido). O Futuro: tulerio (trouxe), tuleris (trouxe), tulerit (trouxe). No plural: tulerimus (trouxermos), tuleritis (trouxe), tulerint (trouxe). O verbo irregular <i>Edo</i>, do qual a segunda e a terceira pessoa, a fim de distigui-las, são proferidas por contração. <i>Edo</i> (como), <i>es</i> (comes), <i>est</i> (come). No plural: <i>edimus</i> (comemos), <i>estis</i> (comeis), <i>edunt</i> (comem). O Pretérito Imperfeito: <i>edebam</i> (comia), <i>edebas</i> (comias), <i>edebat</i> (comia). No plural: <i>edebamus</i> (comíamos), <i>edebatis</i> (comíeis),</i></p>
---	--

(0885D) *Sic declinanda sunt: Nolo, non vis, non vult; nisi quod nolo imperativum habet, ut, noli, nolite. Malo, mavis, mavult, et reliqua. Immitis es in me, 290 France. Ecce quale onus imposuisti mihi, ducens me per aspera et spinosa. Dimitte me tandem aliquando respirare.*

*edebant* (comiam). O Pretérito Perfeito: *edi* (comi), *edisti* (comeste), *edit* (comeu). No plural: *edimus* (comemos), *edistis* (comestes), *ederunt* ou *edere* (comeram). O Pretérito Mais-que-perfeito: *ederam* (comera), *ederas* (comeras), *ederat* (comera). No plural: *Ederamus* (comêramos), *ederatis* (comêreis), *ederant* (comeram). O Futuro: *edam* (comerei), *edes* (comerás), *edat* (comerá). No plural: *edemus* (comeremos), *edetis* (comereis), *edent* (comerão). O Imperativo: *Es* (come), *edat* (coma). No plural: *edamus* (comamos), *este* (comei), *edant* (comam). O Futuro: *esto* (comerás), *edat* (comerá), No plural: *edamus* (comeremos), *estote* (comereis), *edant*, *eduntote* ou *edunto* (comerão). O Optativo: *essem* (comesse), *esses* (comesses), *esset* (comesse). No plural: *essemus* (comêssemos), *essetis* (comêsseis), *essent* (comessem). O Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito: *edissem* (tivesse comido), *edisses* (tivesses comido), *edisset* (tivesse comido). No plural: *edissemus* (tivéssemos comido), *edissetis* (tivésseis comido), *edissent* (tivessem comido). O Futuro: *edam* (comeria), *edas* (comerias), *edat* (comeria). No plural: *edamus* (comeríamos), *edatis* (comeríeis), *edant* (comeriam). No modo Subjuntivo: *edam* (comeria), *edas* (comerias), *edat* (comeria). No plural: *edamus* (comeríamos), *edatis* (comeríeis), *edant* (comeriam). *Essem* (comesse), *esses* (comesses), *esset*



(comesse). No plural: *essemus* (comêssemos), *essetis* (comêsseis), *essent* (comessem). *Ederim* (tenha trazido), *ederis* (tenhas trazido), *ederit* (tenha trazido). No plural: *ederimus* (tenhamos trazido), *ederitis* (tenhais trazido), *ederint* (tenham trazido). O Mais-que-Perfeito: *edissem* (tivesse trazido), *edissem* (tivesse trazido), *edisset* (tivesse trazido). No plural: *edissemus* (tivéssemos trazido), *edissetis* (tivésseis trazido), *edisset* (tivessem trazido). O Futuro: *edero* (comerei), *ederis* (comerás), *ederit* (comerá). No plural: *ederimus* (comeremos), *ederitis* (comereis), *ederint* (comerão). No modo Infinitivo do tempo presente: *Esse* (comer). Similarmente o Pretérito, *esse* (ter comido). O Futuro: *esum iri*, ou *esurum esse* (haver de ser comido). O Impessoal: *Estur* (ser comido). O Pretérito Imperfeito: *edebatur* (era comido). O Pretérito Perfeito *esum est*, ou *fuit* (foi comido). O Pretérito Mais-que-perfeito: *esum erat* ou *fuerat* (tivera sido comido). O Futuro: *edetur* (será comido). O Supino: *Edendi* (de comer), *edendo* (a comer), *edendum* (para comer). *Esum* (para comer), *esu* (de comer).

O verbo neutro *volo* (desejo) também pronunciado por síncope na segunda e na terceira pessoa, e ausente no imperativo. O Presente do Indicativo: *Volo* (desejo), *vis* (desejas), *vult* (deseja). No plural: *volumus* (desejamos), *vultis* (desejais), *volunt* (desejam). O Pretérito Imperfeito do

Indicativo: *volebam* (desejava), *volebas* (desejavas), *volebat* (desejava). No plural: *voliebamus* (desejávamos), *volebatis* (desejáveis), *volebant* (desejavam). O Pretérito Perfeito do Indicativo: *volu* (desejei), *voluisti* (desejaste), *voluit* (desejou). No plural: *voluimus* (desejámos), *voluistis* (desejastes), *voluerunt*, ou *voluere* (desejaram). O Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo: *volueram* (desejara), *volueras* (desejaras), *voluerat* (desejara). No plural: *volueramus* (desejarámos), *volueratis* (desejaréis), *voluerant* (desejaram). Futuro do Indicativo. *Volam* (desejarei), *voles* (desejarás), *volet* (desejará). No plural: *volemus* (desejaremos), *voletis* (desejareis), *volent* (desejarão). O Optativo: *vellem* (desejasse), *velles* (desejasses), *vellet* (desejasse). No plural: *vellemus* (desejássemos), *velletis* (desejásseis), *vellent* (desejassem). O Mais-que-Perfeito: *voluissem* (tivesse desejado), *voluisses* (tivesses desejado), *voluisset* (tivesse desejado). No plural: *voluissemus* (tivéssemos desejado), *voluissetis* (tivésseis desejado), *voluissent* (tivessem desejado). O Presente: *velim* (deseje), *velis* (desejes), *velit* (deseje). No plural: *velimus* (desejemos), *velitis* (desejeis), *velint* (desejem). O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: *vellem* (desejasse), *velles* (desejasses), *vellet* (desejasse). No plural: *vellemus* (desejássemos), *velletis* (desejásseis), *vellent*

(desejassem). O Pretérito Perfeito do Subjuntivo: *voluerim* (tenha desejado), *volueris* (tenhas desejado), *voluerit* (tenha desejado). No plural: *voluerimus* (tenhamos desejado), *volueritis* (tenhais desejado), *voluerint* (tenham desejado). O Mais-que-Perfeito do Subjuntivo: *voluissent* (tivesse desejado), *voluisses* (tivesses desejado), *voluisset* (tivesse desejado). No plural: *voluissemus* (tivéssemos desejado), *voluissetis* (tivésseis desejado), *voluissent* (tivessem desejado). *Voluero* (desejarei), *volueris* (desejarás), *voluerit* (desejará). No plural: *voluerimus* (desejaremos), *volueritis* (desejareis), *voluerint* (desejarão). No modo Infinitivo presente: *velle* (desejar). No Pretérito: *voluisse* (ter desejado). O Particípio presente: *volens* (desejado).

Assim devem ser declinados: *Nolo* (não desejo), *non vis* (não desejas), *non vult* (não deseja); exceto que *nolo* tem o imperativo, como, *noli* (não deseja), *nolite* (não desejai). *Malo* (prefiro), *mavis* (preferes), *mavult* (prefere), e assim por diante. Cruel és comigo, Franco. Eis que tipo de fardo impuseste a mim, conduzindo-me por lugares ásperos e espinhosos. Deixa-me finalmente respirar em algum momento.

<p><b>FR.</b> <i>Dimittam, et juxta Virgilium (Eclog. IX, 65):</i>  <i>...Ego hoc te fasce levabo.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Deixarei e assim como Virgílio (Éclogas. IX, 65):  <i>...Ego hoc te fasce levabo.</i> (Eu com este feixe levantar-te-ei.)</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Etsi hoc levas, timeo ne aliud imponas.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Embora levantas isso, temo que outro tu imponhas.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Noli timidus esse</i>  <i>...Labor omnia vincit improbus. (0886A)</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Não queiras ser temeroso  <i>...Labor omnia vincit improbus.</i> (O trabalho imoderado tudo vence.)</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Vincit: quapropter eamus viae quod [Ms., viam, quae] restat.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Vence; portanto, vamos pela via que resta.</p>
<p style="text-align: center;"><b>DE ADVERBIO</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Tandem, Saxo, diu obserata ora reclude, et hucusque clausas adverbiorum regulas enuclea mihi.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE O ADVÉRBIO</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Enfim, Saxo, abre sua boca trancada por um longo tempo até agora calada e explica em detalhes as regras dos advérbios para mim.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Faciam, France. Adverbium est pars orationis semper verbo cohaerens: et hoc agit verbis additum, quod adjectiva nomina appellativis adjuncta: ut, prudens homo prudenter agit, felix vir feliciter vivit.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Farei, Franco. O advérbio é a parte da oração que sempre está conectado com o verbo; e este age quando é adicionado aos verbos, como o adjetivo que é adicionado aos nomes apelativos, como, o homem prudente age prudentemente; o homem feliz vive felizmente<sup>375</sup>.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Adverbio quot accidunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos acidentes tem o advérbio?</p>

<sup>375</sup> Prisciano (3.60.2-5): *adverbium est pars orationis indeclinabilis, cuius significatio uerbis adicitur. hoc enim perficit adverbium uerbis additum, quod adiectiva nomina appellatiuis nominibus adiuncta, ut prudens homo prudenter agit, felix uir feliciter uiuit* (advérbio é a parte indeclinável da oração, cujo significado é adicionado aos verbos. pois isso completa o advérbio ao ser adicionado aos verbos, como os adjetivos são adicionados aos nomes apelativos, como um homem prudente age prudentemente, um homem feliz vive felizmente).

<b>SAXO.</b> <i>Tria: species, significatio, figura.</i>	<b>SAXO.</b> Três: tipo <sup>376</sup> , significação e figura <sup>377</sup> .
<b>FR.</b> <i>Speciem pande.</i>	<b>FRANCO.</b> Explica o tipo.
<p><b>SAXO.</b> <i>Quia sunt primitiva, aut derivativa. Primitiva quidem sunt, quae a se [ipsis] nascuntur, ut, non, ita, ceu. Derivativa, (0886B) quae ab aliis adverbii nascuntur, ut, a clam, clanculum: et a prope, propius. Et ab aliis partibus orationis, ut a nomine Latinus, Latine: Tullius, Tulliane. A verbo: a parco, parcius. A nomine et verbo: a pede et tento, pedetentim. A pronomine, ut a me, mecum [Ms., meatim]. Ab ille et hic, illic. A praepositione, ut ab ex, extra.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Porque os advérbios são primitivos ou derivados. De fato são primitivos, os que de si mesmo são nascidos, como, <i>non</i> (não), <i>ita</i> (sim), <i>ceu</i> (como se). Derivados, os que são nascidos de outros advérbios, como, de <i>clam</i> (em segredo), <i>clanculum</i> (secretamente) e de <i>prope</i> (perto), <i>propius</i> (mais perto). E de outras partes da oração, como do nome <i>Latinus, Latine; Tullius, Tulliane</i>. De verbo: de <i>parco</i> (poupar), <i>parcius</i> (moderadamente). De nome e verbo: de <i>pede</i> (pé) e <i>tento</i> (manuseio), <i>pedetentim</i> (gradualmente). De pronome, como de <i>me</i> (eu), <i>mecum</i> (comigo). A partir de <i>ille</i> (aquele) e <i>hic</i> (este), <i>illic</i> (ele aí). De preposição, como a partir de <i>ex</i> (fora de), <i>extra</i> (fora)<sup>378</sup>.</p>

<sup>376</sup> De acordo com Shad (2007, p. 25), Prisciano é o único gramático a incluir "*species*" como um acidente do advérbio. Além disso muitos gramáticos discutem se um advérbio pode ser primitivo ou derivado.

<sup>377</sup> Alcuíno segue Prisciano (3.63.6): *accidit autem adverbio species, significatio, figura* (mas incide no advérbio: tipo, significação, figura).

<sup>378</sup> Esse trecho é uma reprodução de Prisciano (3.63.7-20): *species primitiva et derivativa. primitiva quidem, quae a se nascitur, ut non, ita, ceu, saepe; derivativa uero, quae ab aliis nascitur, ut clanculum, saepius saepissime, docte a docto, cursim a cursu, ductim, ἀπνευστί, a ductu. derivativa igitur adverbium uel ab aliis adverbii derivantur, ut prope propius et ultra ulterius, citra citerius; uel a nominibus, ut Tullius Tulliane, Latinus Latine, felix feliciter; uel a uerbo siue participio uel participiali nomine, ut sentio sensus sensim, sto status statim, singultio singultim [...], uel a nomine et uerbo, ut a pede et tempto: pedetemptim, uel a pronomine, ut hic illic ab hic et ille, uel a praepositione, ut ex extra, in intra, con contra, sub subter* (tipos primitivos e derivados. Primitivo, de fato, o que nasce de si mesmo, como *non, ita, ceu, saepe*; derivado, o que nasce de outros, como *clanculum, saepius saepissime, docte de docto, cursim de cursu, ductim, ἀπνευστί, de ductu*. Advérbios derivados, portanto, são derivados de outros advérbios, como *prope propius; ultra ulterius* e *citra citerius*; ou de nomes como *Tullius Tulliane, Latinus Latine, felix feliciter*; ou de um verbo, participio ou nome participial, como *sentio sensus sensim, sto status statim, singultio singultim [...]*, ou de nome e verbo, como de *pede* e *tempto: pedetemptim*, ou de pronome, como *hic illic ab hic et ille*, ou de preposição, como *ex extra, in intra, con contra, sub subter*).

<b>FR.</b> <i>Nunquid adverbium per se positum plenum potest habere sensum?</i>	<b>FRANCO.</b> Certamente que um advérbio colocado por si só não pode ter sentido pleno?
<b>SAXO.</b> <i>Non potest, nisi verbo vel participio jungatur [Edit., legatur], ut, bene lego, bene legens.</i>	<b>SAXO.</b> Não pode, a menos que esteja reunido com um verbo ou com um participío, como, <i>bene lego</i> (leio bem), <i>bene legens</i> (que lê bem).
<b>FR.</b> <i>Possuntne aliae partes pro adverbiiis poni?</i>	<b>FRANCO.</b> Outras partes da oração podem ser empregadas no lugar dos advérbios?
<b>SAXO.</b> <i>Possunt. Nam nomina per diversos casus pro adverbiiis ponuntur.</i>	<b>SAXO.</b> Podem. Pois os nomes podem ser empregados como advérbios por diferentes casos.
<b>FR.</b> <i>Da exemplum.</i>	<b>FRANCO.</b> Dá um exemplo.
<b>SAXO.</b> <i>Genitivus pro adverbio (0886C) ponitur, ut Romae, ut Cicero: Romae ne sit. Dativus: vesperi, sorti. Virgilius (Georg. IV, 165): Sunt quibus ad portam [Al., portas] cecidit custodia sorti. Accusativus: Romam pergo [vel] Athenas. Terentius: Quid tu, indocte, Athenas? Ablativus. [Unde] Virgilius (Ecl., VII, 1): Forte sub arguta consederat ilice Daphnis.</i>	<b>SAXO.</b> O genitivo é colocado em vez do advérbio, como, <i>Romae</i> , por Cícero: <i>Romae ne sit</i> . (Para que não seja de Roma.) O Dativo: <i>vesperi, sorti</i> . Virgílio (Georg. IV, 165): <i>Sunt quibus ad portas cecidit custodia sorti</i> . (Existem aquelas que às portas coube a guarda por sorte.) O Acusativo: <i>Romam pergo vel Athenas</i> . (Vou a Roma ou a Atenas.) Terêncio: <i>Quid tu, indocte, Athenas?</i> (Quem tu é, ignorante, Atenas?) Ablativo. Daí Virgílio (Ecl., VII,1): <i>Forte sub arguta consederat ilice Daphnis</i> . (Talvez Dafne tinha sentado sob uma graciosa azinheira.)
<b>FR.</b> <i>Quomodo discerni potest utrum nomina</i>	<b>FRANCO.</b> Assim, de que modo podem-se

<i>sint sic composita, an adverbia?</i>	distinguir se de nomes ou de advérbios eles são compostos?
<b>SAXO.</b> <i>Cum nomina loco adverbiorum accipiuntur, manent indeclinabilia, licet diversis jungantur casibus, ut, sublime volans, sublime volantis, sublime volanti, etc. Si vero nomina sunt, declinantur, ut, hoc sublime volans, hujus (0886D) sublimis volantis, huic sublimi volanti, etc.</i>	<b>SAXO.</b> Quando os advérbios são admitidos no lugar dos nomes, eles permanecem indeclináveis, embora estejam unidos em diferentes casos, como, <i>sublime volans</i> (voando alto), <i>sublime volantis</i> (do voo alto), <i>sublime volanti</i> (ao voo alto), etc. Mas, são declinados se são nomes, <i>hoc sublime volans</i> (voando alto nisso), <i>hujus sublimis volantis</i> (deste alto voo), <i>huic sublimi volanti</i> (a este alto voo), etc.
<b>FR.</b> <i>Num aliae partes pro adverbiiis ponuntur?</i>	<b>FRANCO.</b> Certamente não são colocadas outras partes em vez dos advérbios?
<b>SAXO.</b> <i>Ponuntur. Nam vel conjunctio, et, per, et ex praepositiones, pro valde accipiuntur, ut Cicero: Vel magnum bellum, pro valde magnum. Excelsus, pro valde celsus.</i>	<b>SAXO.</b> São colocadas outras partes. Por exemplo, são admitidas a conjunção <i>vel</i> (ou) e as preposições <i>per</i> (por meio) e <i>ex</i> (fora de), em vez de <i>valde</i> (muito), como em Cícero: <i>Vel magnum bellum</i> (ou a grande guerra), em vez de <i>valde magnum</i> (muito grande). <i>Excelsus</i> (alto), em vez de <i>valde celsus</i> (muito alto).
<b>DE FIGURIS</b>	<b>SOBRE AS FIGURAS</b>
<b>FR.</b> <i>Figurae adverbiorum quot sunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantas são as figuras dos advérbios?
<b>SAXO.</b> <i>Tres. Simplex, ut, diu. Composita, ut, interdiu. De composita, id est, quae a compositis derivantur, ut, ab indocto, indocte, a misericorde, misericorditer.</i>	<b>SAXO.</b> Três. Simples, como, <i>diu</i> (por um longo tempo). Composto, como, <i>interdiu</i> (durante o dia). De composto, isto é, as que de compostos são derivados, como, a partir de <i>indocto</i> (inculto), <i>indocte</i> (incultamente),

	de <i>misericorde</i> (misericordioso), <i>misericorditer</i> (misericordiosamente).
<b>FR.</b> <i>Significatio adverbiorum quae est [Ms., quot (0887A) species habet]?</i>	<b>FRANCO.</b> Quantos tipos tem o significado dos advérbios?
<p><b>SAXO.</b> <i>Significatio adverbiorum diversas species habet. Sunt enim [Ed., autem] temporalia, ut pridem, nuper, nudiuertius. Sunt quae praesens tantum tempus significant, ut, nunc, praesto. Sunt, quae praeteritum, ut, heri, hesterno. Sunt, quae futurum, ut cras, perendie. Sunt alia communia diversorum temporum, ut, olim, dudum, [quondam].</i></p> <p><i>Praeteriti, ut Horat. (Sat. I, I, sat. 8):</i></p> <p><i>Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum.</i></p> <p><i>Praesentis, ut [Virgilius (Georg. II, 403)]:</i></p> <p><i>Ac jam olim seras posuit cum vinea frondes.</i></p> <p><i>Futurum idem Virg. (Aen. II, 207):</i></p> <p><i>...Forsan et haec olim meminisse juvabit.</i></p> <p><i>Dudum: praeteritum, [ut Terentius (And. III, (0887B)IV, 3)]:</i></p> <p><i>Ego dudum nonnihil veritus sum.</i></p> <p><i>Praesentis [Virgilius (Aen. II, 103)]:</i></p> <p><i>Idque audire sat est; jam dudum sumite poenas.</i></p> <p><i>Quondam; praeteritum: Quondam fuit ista in hac republica virtus (Cic. I Catil., 3).</i></p> <p><i>Praesens Virgilius (Aen. II, 367) :</i></p> <p><i>Quondam etiam victis redit in praecordia virtus.</i></p> <p><i>Futurum: Tempus erit quondam. Similiter ex eo composita; aliquando, nequando, quae in</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O significado dos advérbios tem diferentes tipos. Existem, por exemplo, os temporais, como <i>pridem</i> (anteriormente), <i>nuper</i> (recentemente), <i>nudiuertius</i> (anteontem). Existem os que apenas o tempo presente indicam, como, <i>nunc</i> (agora), <i>praesto</i> (aqui). Existem, os que indicam o pretérito, como, <i>heri</i> (ontem), <i>hesterno</i> (de ontem). Há ainda os que indicam o futuro, como <i>cras</i> (amanhã), <i>perendie</i> (depois de amanhã). Existem outros comuns de diferentes tempos, como, <i>olim</i> (anteriormente), <i>dudum</i> (pouco tempo atrás), <i>quondam</i> (antigamente). <i>Olim</i>, no pretérito, como Horácio. (Sátiras. I, I, sat. 8):</p> <p><i>Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum.</i> (Anteriormente era um tronco de figueira, uma madeira inútil.)</p> <p>No Presente, como Virgílio (Geórgicas. II, 403):</p> <p><i>Ac jam olim seras posuit cum vinea frondes.</i> (E já naquele momento quando a videira deitou as folhas tardias.)</p> <p>No futuro, também Virgílio. (<i>Eneida.</i> II, 207):</p> <p><i>...Forsan et haec olim meminisse juvabit.</i> (Talvez, no futuro, lembrar-se também destas será útil.)</p>



<p><i>penultimo [Ms. antepenultima] accentum habent, ne duae partes putentur. Sed quando, et quomodo, 291 ubi, unde [Al., unde], qua, quo, interrogativa acuuntur; relativa gravantur per omnes syllabas: et sunt [eorum] (0887C) differentiae quatuor. Quo ad locum. Ubi, in loco. Unde, de loco. Qua, per locum. Quando quoque pro causali conjunctione accipitur; Virgil. (Aen. I, 265):</i></p> <p><i>Hic tibi, fabor enim, quando haec te cura remordet (Ms., momordit). Quando pro quoniam posuit. Sed et alia sunt localia quatuor differentias habentia. Ad locum: huc, illuc. In loco, hic illic. De loco: hinc, illinc, inde, et ex eo composita: subinde, perinde, exinde, proinde, quae omnia penultimam [Ms., antepenultimam] acuunt. Per locum: hac, illac. Sunt quoque a versum et nomine et pronomine composita [Ms., sunt quaedam unam loci significationem habentia. Ad locum, etc.]. (0887D) Ad locum: Horsum, deorsum, sursum, sinistrorsum, dextrorsum. Italiam versum. Et quorsum, id est, quo versum. Alia dehortativa, ut, ne, quod pro neque, et pro non, et pro valde accipitur. Cicero: Ne dici quidem opus est, pro, neque dici. Terent. Ne dicam dolo, pro, non dicam. Idem: Ne illa illum haud movit, pro, valde illa. Alia confirmativa: profecto, scilicet, quippe, videlicet, nempe. Inveniuntur quoque duae partes pro his poni, ut, quidni, cur ne, sic est, quid istic. Alia, jurativa, ut, aedepol,</i></p>	<p><i>Dudum, no pretérito como Terêncio (Andria. III, IV, 3):</i></p> <p><i>Ego dudum nonnihil veritus sum. (Eu há muito tempo de alguma forma tenho sido temeroso.)</i></p> <p><i>No presente, como Virgílio (Eneida. II, 103):</i></p> <p><i>Idque audire sat est; jam dudum sumite poenas. (E isto escutar é suficiente, já há muito tempo aceitai as punições.)</i></p> <p><i>Quondam; no pretérito, como Cícero (Catilinárias. I, 3):</i></p> <p><i>Quondam fuit ista in hac republica virtus. (Outrora existiu nesta república tal virtude).</i></p> <p><i>No presente, Virgílio (Eneida. II, 367):</i></p> <p><i>Quondam etiam victis redit in praecordia virtus. (Às vezes mesmo aos vencidos retorna para dentro do coração a virtude.)</i></p> <p><i>No futuro: Tempus erit quondam. (Um dia o tempo será). Similarmente os compostos dele; aliquando (a qualquer momento), nequando (nunca), os quais têm acento na penúltima sílaba, para que não sejam consideradas como duas partes. Mas para, quando (desde), também quomodo (como), ubi (onde), unde (de onde), qua (por qual lugar), quo (para qual lugar), os interrogativos, é dado um acento agudo; aos relativos por todas as sílabas é dado o acento grave: e deles existem quatro diferenças. Quo, para o lugar. Ubi, no lugar. Unde, de que lugar. Qua, pelo lugar. Quando também é admitido em vez de uma conjunção causal; Virgílio (Eneida. I, 265):</i></p>
--	---

<p><i>aecastor, [ercele], medius fidius. Per quoque praepositio pro his accipitur, ut Virgilius (Aen. X, 596):</i></p> <p><i>Per te, per qui te talem genuere, parentes. Est quoque per confirmativum. Terentius: Tu quoque (0888A) perparce. Sic quoque iurativum est. Virgilius (Eclog. IX, 30) :</i></p> <p><i>Sic quoque Cyrnaeas fugiant examina taxos. Alia optativa, ut, utinam, quod compositum est ex uti et enim [Al., nam]. O et si. Virgilius: Adsis o tandem. Idem (Aen. VI, 187):</i></p> <p><i>Si nunc se nobis ille aureus arbore ramus Ostendat. Alia hortativa, ut, eia, aie [Al., age]. Alia remissiva: pedetentim, paulatim, sensim. Alia congregativa, loci et temporis communia, ut, simul, una; in eodem loco et eodem tempore. Alia discretiva, ut, seorsum, secus, separatim, secreto, utrinque [divise] singillatim, bifariam, omnifariam. Alia, similitudinis, ut, ceu, quasi velut, velut, veluti, sic, sicuti, ut, uti. Alia (0888B) ordinalia, ut, deinde, continuo, protinus, praeterea. Alia intensiva, ut, valde, nimium, prorsus, penitus, omnino. Alia comparativa, ut, magis, minus, ocius, quod a Graeco derivatur ὀκός.</i></p>	<p><i>Hic tibi, fabor enim, quando haec te cura remordet.</i> (Aqui para ti, falarei de fato, desde que esta preocupação te atormenta).</p> <p><i>Quando</i> (desde) foi colocado em vez de <i>quoniam</i> (porque). Mas também existem outros relativos ao lugar tendo quatro diferenças. Para o lugar: <i>huc</i> (aqui), <i>illuc</i> (ali). No lugar, <i>hic</i> (neste lugar), <i>illic</i> (naquele lugar). Do lugar, <i>hinc</i> (daqui), <i>illinc</i> (de lá), <i>inde</i> (daquele lugar), e os dele compostos: <i>subinde</i> (logo depois disso), <i>perinde</i> (da mesma forma), <i>exinde</i> (daí), <i>proinde</i> (por isso), aos quais é dado acento agudo à todas as penúltimas sílabas. Pelo lugar: <i>hac</i> (por aqui), <i>illac</i> (por lá). Existem também os compostos de <i>versum</i> (em direção a) e nome ou pronome tendo um significado de para o lugar: <i>horsum</i> (para cá), <i>deorsum</i> (para baixo), <i>sursum</i> (para cima), <i>sinistrorsum</i> (para esquerda), <i>dextrorsum</i> (para direita). <i>Italiam versum</i> (para a Itália). E <i>quorsum</i> (para onde), isto é, <i>quo versum</i> (em qual direção). Outros dissuasivos, como, <i>ne</i> (não), o qual é admitido no lugar de <i>neque</i> (nem), <i>non</i> (não) e <i>valde</i> (muito). Cícero: <i>Ne dici quidem opus est</i> (nem mesmo dizer é necessário), em vez de, <i>neque dici</i> (nem ser dito). Terêncio. <i>Ne dicam dolo</i> (não direi mentira), em vez de, <i>non dicam</i> (que eu não diga). O mesmo Terêncio. <i>Ne illa illum haud movit</i> (Aquele não o moveu de jeito nenhum), em vez de, <i>valde illa</i> (aquela não o moveu muito). Outros confirmativos:</p>
---	---

	<p><i>profecto</i> (certamente), <i>scilicet</i> (pode-se saber), <i>quippe</i> (claro), <i>videlicet</i> (pode-se ver), <i>nempe</i> (sem dúvida). São encontradas também duas partes em vez destas a serem colocadas, como, <i>quidni</i> (por que não?), porque não, de tal forma, <i>quid istic</i>. Outros, jurativos, como, <i>aedepol</i> (por Póllux), <i>aecastor</i> (por Castor), <i>hercle</i> (por Hércules), <i>medius fidius</i><sup>379</sup> (que o deus Fidius me ajude). A preposição <i>per</i> (por) também é admitida em vez destes, como Virgílio (<i>Eneida</i>. X, 596):</p> <p><i>Per te, per qui te talem genuere, parentes.</i> (Por ti, por aqueles que de tal forma lhe deram à luz, os pais.)</p> <p>Existe também <i>per</i> (por) confirmativo. Terêncio: <i>Tu quoque perparce</i>. (Tu também com parcimônia). <i>Sic</i> (assim) também é jurativo. Virgílio (Éclogas. IX, 30):</p> <p><i>Sic quoque Cyrnaeas fugiant examina taxos.</i> (Assim também aos teixos Cirneus evitemos os enxames.)</p> <p>Outros optativos, como, <i>utinam</i> (se apenas), o qual é composto de <i>uti</i> (para que) e <i>nam</i> (pois). <i>O</i> (Oh!) e <i>si</i> (se). Virgílio: <i>Adsis o tandem</i> (Oh! Enfim estejas presente). O mesmo Virgílio (<i>Eneida</i>. VI, 187):</p> <p><i>Si nunc se nobis ille aureus arbore ramus</i> <i>Ostendat.</i> (Se agora ele para nós aquele ramo dourado na árvore revele.)</p> <p>Outros exortativos, como, <i>eia</i> (rápido!), <i>age</i></p>
--	--

<sup>379</sup> *Medius fidus*, ou seja, *me dius fidus* corresponde a “que o deus Fidius me ajude” que, por sua vez, equivale a uma afirmação enfática como: “pelo deus da verdade! Tão verdadeiro quanto o céu! Certamente!”

	<p>(vã). Outros remissivos: <i>pedetentim</i> (lentamente), <i>paulatim</i> (paulatinamente), <i>sensim</i> (gradualmente). Outros copulativos, de lugar e de tempo comuns, como, <i>simul</i> (simultaneamente), <i>una</i> (juntamente com); no mesmo lugar e no mesmo tempo. Outros distintivos, como, <i>seorsum</i> (separadamente), <i>secus</i> (diferentemente), <i>separatim</i> (separadamente), <i>secreto</i> (secretamente), <i>utrinque</i> (em ambos os lados), <i>divise</i> (dividido), <i>singillatim</i> (um por um), <i>bifariam</i> (em duas partes), <i>omnifariam</i> (em todo caso). Outros, de similaridade, como, <i>ceu</i> (da mesma forma), <i>quasi velut</i> (assim como), <i>velut</i> (como se), <i>veluti</i> (como se), <i>sic</i> (assim), <i>sicuti</i> (assim como), <i>ut</i> (como), <i>uti</i> (para que). Outros ordinais, como, <i>deinde</i> (então), <i>continuo</i> (imediatamente), <i>protinus</i> (em frente), <i>praeterea</i> (posteriormente). Outros intensivos, como, <i>valde</i> (muito), <i>nimum</i> (demais), <i>prorsus</i> (absolutamente), <i>penitus</i> (profundamente), <i>omnino</i> (totalmente). Outros comparativos, como, <i>magis</i> (maior que), <i>minus</i> (menor que), <i>ocius</i> (mais rápido que), o qual é derivado do Grego ὀκός (rápido).</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Nunquid, quae ab aliis derivantur, primitivorum significationem vel qualitatem servant?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Com certeza, os que são derivados de outros, não mantêm o significado ou a qualidade dos primitivos?</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Servant utique, ut a Tullio, Tulliane; a corpore, corporaliter; ab alio, aliter; a graeco, graece; a viro, viriliter.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Certamente mantêm, como de <i>Tullio</i> (Túlio), <i>Tulliane</i> (Tuliano); de <i>corpore</i> (corpo), <i>corporaliter</i> (corporalmente); a</p>
--	--

	partir de <i>alio</i> (outro), <i>aliter</i> (diferentemente); de <i>graeco</i> (grego), <i>graece</i> (gregamente); de <i>viro</i> (homem), <i>viriliter</i> (virilmente).
<b>FR.</b> <i>Prosequere.</i>	<b>FRANCO.</b> Prosegue.
<b>SAXO.</b> <i>Alia sunt numeralia, ut, ab uno semel; a duobus bis, quae sola inaequaliter proferuntur. Caeteri vero numeri a vocibus suis faciunt adverbia, ut, a tres, ter; a quatuor, quater; et sic decies [millies]. Alia demonstrativa, ut, en, ecce. Alia interrogativa, ut, cur, quare, quamobrem. Alia (0888C) negativa, ut, non, haud, nunquam, minime est, quando duae partes pro his accipiuntur, ut, nullo modo, nullatenus.</i>	<b>SAXO.</b> Outros são numerais, como, a partir de <i>uno</i> (um), <i>semel</i> (uma vez); de <i>duobus</i> (dois), <i>bis</i> (duas vezes), os quais são apenas proferidos de maneira irregular. Mas os outros numerais a partir de suas vozes fazem advérbios, como, de <i>tres</i> (três), <i>ter</i> (três vezes); de <i>quatuor</i> (quatro), <i>quater</i> (quatro vezes); e assim <i>decies</i> (dez vezes), <i>millies</i> (mil vezes). Outros são demonstrativos, como, <i>en</i> (eis!), <i>ecce</i> (eis!). Outros são interrogativos, como, <i>cur</i> (por quê?), <i>quare</i> (de que maneira?), <i>quamobrem</i> (por que razão?). Outros são negativos, como, <i>non</i> (não), <i>haud</i> (não), <i>nunquam</i> (nunca), <i>minime est</i> (é muito pouco), quando duas partes em vez destas são admitidas, como, <i>nullo modo</i> (nenhum modo), <i>nullatenus</i> (de modo algum).
<b>FR.</b> <i>Nunquid adverbia, synonyma vel polyonyma possunt esse?</i>	<b>FRANCO.</b> Certamente os advérbios não podem ser sinônimos ou poliônimos?
<b>SAXO.</b> <i>Possunt. Sunt synonyma, id est, dum multae voces unam rem significant; ut, en ecce. Et pene in omnibus significationibus invenies. Polyonyma, ut, ubi, quo, qua, quomodo, quae sunt infinitiva, et interrogativa et relativa. O, quoque diversas</i>	<b>SAXO.</b> Podem. São sinônimos, isto é, quando muitas vozes significam uma coisa; como, <i>en</i> (eis!), <i>ecce</i> (eis!). E encontrarás em quase todos os significados. Poliônimos, como, <i>ubi</i> (onde), <i>quo</i> (para qual lugar), <i>qua</i> (por qual lugar), <i>quomodo</i> (como) que são

<p><i>habet significationes. Est adverbium vocandi. Virgilius (Aen. I, 528):</i></p> <p><i>O regina, novam cui condere Jupiter urbem. Est admirandi. Juvenalis (Sat., X, 157):</i></p> <p><i>O qualis facies...(0888D) Est indignandi, ut, O tempora! o mores! Est et optandi.</i></p> <p><i>Virgilius:</i></p> <p><i>Adsis o tandem (Ms., tantum). In aliis quoque multis adverbii invenies multas significationes in una eademque voce; quomodo etiam a contrario in diversis vocibus unam significationem, ut, aliquando, olim, dudum, cito, propere [Ed., prope], celeriter, actutum.</i></p>	<p>infinitivos, interrogativos e relativos. <i>O</i>, também tem diferentes significados. É um advérbio de convocação. Virgílio (<i>Eneida</i>. I, 528):</p> <p><i>O regina, novam cui condere Jupiter urbem.</i> (Ó rainha, a quem Júpiter deu para fundar uma nova cidade)</p> <p>É, de admiração. Juvenal (<i>Sátiras</i>., X, 157):</p> <p><i>O qualis facies...</i> (Oh! Que rosto...)</p> <p>É, de indignação, como, <i>O tempora! o mores!</i> (Oh! Tempo! Oh! Costumes!) É também de opção. Virgílio:</p> <p><i>Adsis o tantum.</i> (Oh! Apenas estejas presente) Em outros também encontrarás muitos advérbios com muitos significados em uma mesma palavra; assim como também ao contrário um significado em diferentes palavras, como, <i>aliquando</i> (em outro momento), <i>olim</i> (anteriormente), <i>dudum</i> (pouco tempo atrás), <i>cito</i> (rapidamente), <i>propere</i> (rápido), <i>celeriter</i> (rapidamente), <i>actutum</i> (imediatamente).</p>
---	---

<p><b>FR.</b> <i>An convenientius praeponuntur adverbia, vel subponuntur?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Se são os advérbios mais convenientemente colocados na frente ou colocados após o verbo?</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Manifeste aptius praeponuntur, quomodo adjectiva nomina, ut, bonus homo bene agit; fortis imperator fortiter pugnatur. Tamen praepostere inveniuntur poni multa, praeter monosyllaba, (0889A) ut, non, dum, en, cur. Demonstrativa quoque et interrogativa et hortativa, et similitudinis,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Indubitavelmente é mais adequado o advérbio ser colocado na frente do verbo, assim como os adjetivos na frente dos nomes, como, <i>bonus homo</i> (bom homem), <i>bene agit</i> (bem age); <i>fortis imperator</i> (forte comandante), <i>fortiter pugnatur</i> (fortemente luta). No entanto, muitos são encontrados</p>
---	---

<p><i>vocativa et optativa adverbia praeponuntur, ut, en, ecce, cur, quare, eia, age, ceu, quasi, heus, utinam. En habes, France, de adverbio satis.</i></p>	<p>colocados na ordem errada, exceto os monossílabos, como <i>non</i> (não), <i>dum</i> (enquanto), <i>en</i> (eis), <i>cur</i> (por que). Os advérbios demonstrativos também os interrogativos, exortativos, de similaridade, vocativos e optativos são colocados na frente do verbo, como, <i>en</i> (eis), <i>ecce</i> (eis), <i>cur</i> (por que), <i>quare</i> (de que maneira?), <i>eia</i> (rápido!), <i>age</i> (vá!), <i>ceu</i> (como), <i>quasi</i> (como se), <i>heus</i> (ei!), <i>utinam</i> (se apenas). Ei! Franco, tens o suficiente sobre o advérbio.</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Non satis; pausemus tamen ad horam.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Não é suficiente; no entanto, pausemos por uma hora.</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Pausemus.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Pausemos.</p>
--------------------------------------	-------------------------------

<p style="text-align: center;"><b>DE PARTICIPIO</b></p> <p>292 <b>FR.</b> <i>Surge, Saxo.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE O PARTICÍPIO</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Levanta, Saxo.</p>
---	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Quid vis, France?</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O que queres, Franco?</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Ut regulas participiorum pandas mihi velim.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Eu gostaria que tu explicasses as regras dos participios para mim.</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Pandam. Sed illa pars parum quid habet obscuritatis. Tamen si quid opus habes, interroga.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Explico. Mas, aquela parte que tem um pouco de obscuridade. No entanto, se tiveres qualquer necessidade, pergunta.</p>
--	--

<p><b>FR.</b> <i>Primo interrogandum reor, unde participium dictum sit.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Primeiro, penso que deve ser perguntado de onde vem o nome do participio?</p>
---	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Participium dictum est, quia (0889B) partem nominis partemque verbi tenet, et medium inter ea locum habet, et semper in</i></p>	<p><b>SAXO.</b> É chamado participio, porque tem uma parte do substantivo e uma parte do verbo, e tem um lugar intermediário entre</p>
--	--

<p><i>derivatione est; quod nulla alia pars orationis habet, dum aliae partes primitivas habent species, unde derivantur, ut, a rege, regalis: a mei, meus: a ferveo, fervesco; a prope, propius: ab ex, extra. Participia vero semper a verbis derivantur, et comparationem non possunt habere, Si comparantur, transeunt in nomina: ut, amans ab amo verbo veniens. Si facis amans, amantior, amantissimus, nomen est, carens tempore.</i></p>	<p>eles<sup>380</sup>, e sempre está em derivação; o qual nenhuma outra parte da oração tem, enquanto outras partes primitivas têm tipos, de onde são derivadas<sup>381</sup>, como, de <i>rege</i> (rei), <i>regalis</i> (real); de <i>mei</i> (do meu), <i>meus</i> (meu); de <i>ferveo</i> (fervo), <i>fervesco</i> (começo a ferver); de <i>prope</i> (perto), <i>propius</i> (mais perto); a partir de <i>ex</i> (fora de), <i>extra</i> (fora). Mas os participios sempre são derivados de verbos, e não podem ter combinações, se são combinados, passam a nomes, como, <i>amans</i> (que ama) vindo a partir do verbo <i>amo</i> (amo). Se fazes <i>amans</i> (que ama), <i>amantior</i> (mais amado que), <i>amantissimus</i> (amabilíssimo), é nome, desprovido de tempo.</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Sed unde agnosco an nomen sit vel participium talis dictio?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Mas como reconheço se tal enunciação é um nome ou um participio?</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Ex casuum circumstantia. Nam participium casum sui verbi sequitur, ut, amo illum, amans illum. Nomen vero si fiet, casum (0889C) verbalis [Al., verbialis] nominis sequitur, ut, amator illius, sic dicimus: amans illius. Vides quod</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Da circunstância dos casos. Pois o participio segue o caso do seu verbo, como, <i>amo illum</i> (amo-o), <i>amans illum</i> (que ama-o). Mas se será feito um nome, segue o caso do nome da palavra, como, <i>amator illius</i> (sê amado dele), assim dizemos: <i>amans illius</i></p>
--	---

<sup>380</sup> Alcuíno restaura Prisciano (2.551.8-12): *mansit participium medium inter nomen et uerbum. unde rationabiliter hoc nomen est ei a grammaticis inditum per confirmationem duarum partium orationis principalium. nec solum participium non ab aliqua propria ui, sed ab affinitate nominis et uerbi nominatum est* (o participio permanece entre o nome e o verbo. Daí, esse nome ser razoavelmente colocado nele pelos gramáticos, pela confirmação das duas partes principais da oração. E não foi apenas nomeado participio por algum significado próprio, mas pela afinidade do nome e do verbo).

<sup>381</sup> Lemos em Prisciano (2.552.18-20) *participium est igitur pars orationis, quae pro uerbo accipitur, ex quo et deriuatur naturaliter, genus et casum habens ad similitudinem nominis et accidentia uerbo absque discretionem personarum et modorum* (O participio é, portanto, uma parte da oração que é aceita em vez de um verbo, do qual é naturalmente derivado, tendo gênero e caso à semelhança do nome e acidentes como o verbo sem distinção de pessoas e modos).



<p><i>participium accusativo, nomen genitivo jungitur. Sed et participia tempus significant.</i></p>	<p>(amado dele). Vês que o participio no acusativo, se une ao nome no genitivo. Mas os participios também indicam tempo.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Nunquid non quaedam nomina quoque tempus significant, ut annus, mensis, dies, hora, et alia multa?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Certamente alguns nomes também não significam tempo, como <i>annus</i> (ano), <i>mensis</i> (mês), <i>dies</i> (dia), <i>hora</i> (hora), e muitos outros?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Significant. Sed interest quod nomina illa nihil aliud significant, nisi ipsum tempus per se: participia itaque actionem vel passionem in quolibet tempore fieri demonstrant, non ipsum tempus: Et quod participium exsequitur casus, quos et verba, ex quibus nascuntur: et quod verborum significationes habent, et quod pro verbo ponuntur. Unde quidam participium verbum casuale nominant; quia quod verbo per se deest, id est casus, possidet in participio. (0889D) Ideo in constructione per obliquos casus, ubi verbum jungi non potest, participium loco verbi subit; ut bonus [homo] loquebatur: boni hominis loquentis orationem audivi; bono homini loquenti respondi; bonum hominem loquentem audivi; tu bone homo loquere; a bono homine loquente didici. [Et] ex eo nominativus et vocativus recti casus nominantur, quia per se verbis jungi possunt.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Significam. Mas interessa que aqueles nomes não significam outra coisa, exceto o próprio tempo por si; os participios, portanto, demonstram ocorrer ação ou sofrimento em qualquer que seja o tempo, não o próprio tempo. E na medida em que o participio segue os casos, os quais e dos quais os verbos são produzidos tanto os que têm os significados dos verbos quanto os que são colocados em vez de verbo. Daí alguns chamam o participio de verbo de caso, porque o que falta em um verbo por si, ou seja, o caso, no participio possui<sup>382</sup>. Portanto, na construção de um caso oblíquo, onde o verbo não pode ser unido, o participio assume o lugar do verbo; como <i>bonus homo loquebatur</i> (o bom homem falava): <i>boni hominis loquentis orationem audivi</i> (ouvi o discurso de um bom homem falando); <i>bono homini loquenti respondi</i> (respondi ao bom homem que fala); <i>bonum hominem loquentem audivi</i> (ouvi um bom homem</p>

<sup>382</sup> Prisciano (2.55.10-12): *participium autem iure separatur a uerbo, quod et casus habet, quibus caret uerbum, et genera ad similitudinem nominum, nec modos habet, quos continet uerbum* (porém, o participio está corretamente separado do verbo, porque também tem casos, os quais o verbo carece, e gêneros à semelhança dos nomes, e não tem modos, os quais o verbo contém).

	falando); <i>tu bone homo loquere</i> (fale tu bom homem); <i>a bono homine loquente didici</i> (por um bom homem falando aprendi). E por causa deles o nominativo e o vocativo são nomeados caso reto, porque podem ser unidos por si mesmos com os verbos.
--	--

<b>FR.</b> <i>Quam utilitatem habet participium in nominativo et vocativo, si sic verbi loco obliquis jungatur?</i>	<b>FRANCO.</b> Qual utilidade tem um participío no nominativo e no vocativo, se de tal forma é unido na posição oblíqua do verbo?
---	---

<b>SAXO.</b> <i>Quod verba sine conjunctione in nominativo et vocativo conjungere potes. Nam diversa verba sine conjunctione recti [Ms., recte] jungi non possunt, ut, lego, scribo; vel doceo, discis, non est (0890A) dicendum; sed, lego et scribo, doceo et discis. Si participium loco prioris verbi ponas, bene sine conjunctione profertur, ut, legens scribo, docens discis. Igitur participium inventum est, ut in nominativo et vocativo sine conjunctione proferatur cum alio verbo, ut, legens doceo, pro, lego et doceo: et, legens fac, pro, lege et fac, quae positio intransitiva est. hoc est, ipsam ostendit in se manere personam. Obliqui vero casus participiorum ad hoc sunt utiles, quod non solum sine conjunctione proferuntur, sed etiam ad alias transeant personas; ut, docentis potior, docenti respondeo, docentem audio, illo docente didici.</i>	<b>SAXO.</b> Devido ao fato que podes juntar os verbos sem conjunção no nominativo e no vocativo. Pois verbos diferentes não podem ser unidos sem a conjunção adequada, como, <i>lego</i> (leio), <i>scribo</i> (escrevo); ou <i>doceo</i> (ensino), <i>discis</i> (aprendes), não é para ser dito; mas, <i>lego et scribo</i> (leio e escrevo), <i>doceo et discis</i> (ensino e aprendes). É bem proferido sem conjunção, se colocas o participío no lugar do primeiro verbo, como, <i>legens scribo</i> (lendo escrevo), <i>docens discis</i> (ensinando aprendes). Portanto o participío é encontrado de modo que no nominativo e no vocativo ele seja proferido sem conjunção com outro verbo, como, <i>legens doceo</i> (lendo ensino), em vez de, <i>lego et doceo</i> (leio e ensino); e, <i>legens fac</i> (lendo faz), em vez de, <i>lege et fac</i> (lê e faz), os quais a posição é intransitiva. Isto é, ele mesmo mostrou que nele a pessoa permanece. Mas, os casos oblíquos dos participios são úteis para isso, porque não só são proferidos sem conjunção, mas também podem passar para outras
--	--

	<p>peçoas, como, <i>docentis potior</i> (eu prefiro o ensinado), <i>docenti respondeo</i> (eu respondo ao ensinado), <i>docentem audio</i> (eu escuto o ensinado), <i>illo docente didici</i> (com aquilo ensinado aprendi).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quot accidunt participio [Al., accedunt participiis]?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos acidentes tem o participio?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Sex. Genus, casus ex nomine, significatio, tempus ex verbo, numerus, figura ex (0890B) utroque.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Seis. Gênero, caso do nome, significação, tempo do verbo, número e figura de cada um<sup>383</sup>.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quot genera habet?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos gêneros ele tem?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Quatuor. Masculinum, ut, amatus. Femininum, ut, amata. Neutrum, ut, amatum. Omnis generis, ut, hic et haec et hoc amans. Nam commune duum generum et epicoenomina [Al., epicenon] in participio inveniri, natura ipsa prohibet. Cum enim verba, ex quibus nascuntur participia, pariter omnibus jungantur generibus, ut, legit vir, legit femina, legit mancipium: necessario participium, quod ex eo proficiscitur, eisdem generibus associatur. Et omne participium in ans vel in ens, praesens et praeteritum imperfectum sive trium generum est; ut, hic et haec et hoc laudans, docens, legens, audiens. Si vero in us finiuntur, praeterita vel futura, mobilia sunt</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Quatro. O masculino, como, <i>amatus</i> (amado). O feminino, como, <i>amata</i> (amada). O neutro, como, <i>amatum</i> (amado). Todos os gêneros, como, <i>hic et haec et hoc amans</i> (que ama). Pois a própria natureza proíbe de ser encontrado no participio o comum de dois gêneros e os epícenos. Considerando que, na verdade, os verbos dos quais são produzidos os participios, igualmente são unidos em todos os gêneros, como, <i>legit vir</i> (o homem lê), <i>legit femina</i> (a mulher lê), <i>legit mancipium</i> (o escravo lê); o participio que dele procede necessariamente está associado aos mesmos gêneros. E todo o participio em <i>ans</i> ou em <i>ens</i>, o presente e o pretérito imperfeito ou é de três gêneros; como, <i>hic et</i></p>

<sup>383</sup> De modo semelhante em Prisciano (2.555.21-22): *accidunt autem participio sex: genus, casus, significatio, tempus, numerus, figura* (No entanto, são seis os acidentes dos participios: gênero, caso, significação, tempo, número, figura). Alcuíno procura identificar de que parte é proveniente determinado acidente do participio.

<p><i>per tria genera, (0890C) ut amatus, amata, amatum. Amaturus, amatura, amaturum.</i></p>	<p><i>haec et hoc laudans</i> (que elogia), <i>docens</i> (que ensina), <i>legens</i> (que lê), <i>audiens</i> (que ouve). Mas se terminam em <i>us</i>, pretéritos ou futuros, são flexionados pelos três gêneros, como <i>amatus</i> (amado), <i>amata</i> (amada), <i>amatum</i> (amado). <i>Amaturus, amatura, amaturum</i> (que está para amar).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Casus participiorum expone mihi.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Explica para mim os casos dos participios.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Casus participiorum sex sunt, sicut et nominum. Nec sunt inventa participia in aliquo casu deficientia, sicut 293 nec nomina mobilia vel in duas desinentes consonantes. Quae enim deficiunt, fixa sunt; ut, fas [ditione] tabo.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> São seis os casos dos participios, assim como também dos nomes. Nem são encontrados em alguns casos os participios defectivos, assim como os nomes flexionados ou terminados em duas consoantes. Pois os defectivos, são fixos, como, <i>fas ditione tabo</i>.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quomodo declinantur participia?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> De que modo os participios são declinados?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Ad similitudinem nominum in ens desinentium, vel in us mobilium.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> À semelhança dos nomes terminados em <i>ens</i>, ou dos móveis em <i>us</i>.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Tempora participiorum qualiter currunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Como os tempos dos participios se flexionam?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Participia conjuncta habent, sicut verba infinitiva, id est, praesens tempus [Edit., praesentis temporis] et praeteritum imperfectum. Item praeterit. (0890D) perfect. et plusquamperfect. pariter, ut: legens scribo, legens scribebam; lectus fui, lectus fueram.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Eles têm participios compostos, assim como verbos infinitivos, isto é, o tempo presente e pretérito imperfeito. Da mesma forma o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito. Igualmente, como: <i>legens scribo</i> (lendo escrevo), <i>legens scribebam</i> (lendo escrevia); <i>lectus fui</i> (fui lido), <i>lectus fueram</i> (fora lido).</p>

<p><b>FR.</b> <i>An ex omni significatione verborum omnia tempora inveniuntur in participiis?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Pode ser que de todo significado dos verbos todos os tempos são encontrados nos participios?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Nequaquam. Nam cum quinque sint verborum significationes, activa, passiva, neutra, communia, deponentia; participia ab activis quidem et neutris praesentis temporis inveniuntur et futuri; ut amans, amaturus: stans, staturus: sed praesentis participium et substantivum verbum sum, praeteritum perfectum proferimus; ut, amans fui, fuisti, fuit, pro, amavi, amavisti, amavit: et sic per omnes modos in tempore praeterito perfecto et plusquamperfecto. Itaque quod deest naturaliter simplici dictione, impletur (0891A)juncturae ratione. Inveniuntur tamen in quibusdam neutris participia praeterita, ut, a coeno coenatus: a prandeo pransus: a placeo placitus: a nubo nupta: a pateo passus. Virgilius (Aen. I, 484):</i> <i>Crinibus Iliades passis,</i> <i>Id est, dispersis. Fit quoque a patior passus: a juro juratus: ab adsuesco adsuetus: a titubo titubatus et talia multa; ut, discessus, interitus, obitus, occasus, potus, enectus [Ed., senectus ]. Neutra quoque passiva, quae quinque sunt, trium temporum habent participia; ut, gaudeo, gaudens, gavisus, gavisurus: audeo, audens, ausus, ausurus: soleo, solens, solitus, soliturus: fio, fiens, factus, futurus; differentiae causa, ne si facturus diceretur, a facio verbo putaretur</i></p>	<p><b>SAXO.</b> De jeito nenhum. Pois como existem cinco significados dos verbos: ativo, passivo, neutro, comum, depoente; certamente, são encontrados os participios dos ativos e neutros do tempo presente e futuro, como <i>amans</i> (que ama), <i>amaturus</i> (que está para amar); <i>stans</i> (que permanece), <i>staturus</i> (que está para permanecer); mas o participio do presente, o verbo <i>sum</i> e o substantivo, o pretérito perfeito proferimos, como, <i>amans fui</i> (fui amado), <i>fuisti</i> (foste amado), <i>fuit</i> (foi amado), em vez de, <i>amavi</i> (amei), <i>amavisti</i> (amaste), <i>amavit</i> (amou); e assim por todos os modos no tempo pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito. Portanto, é completado pela regra de combinação o que naturalmente falta numa palavra simples. São encontrados, no entanto, em alguns neutros os participios pretéritos, como, de <i>coeno</i> (janto), <i>coenatus</i> (jantado); de <i>prandeo</i> (almoço), <i>pransus</i> (almoçado); de <i>placeo</i> (satisfaço), <i>placitus</i> (satisfeito); de <i>nubo</i> (caso), <i>nupta</i> (casada); de <i>pateo</i> (fico aberto), <i>passus</i> (aberto). Virgílio (Eneida. I, 484): <i>Crinibus Iliades passis</i> (as troianas com os cabelos esvoaçantes) Isto é, <i>dispersis</i> (dispersos). Também é feito de <i>patior</i> (sofro), <i>passus</i> (sofrido); de <i>juro</i> (juro), <i>juratus</i> (jurado); a partir de <i>adsuesco</i></p>

*quod vim activam habet, cuius passivum fio est. (0891B)Fido quoque, fidens, fisus, fisurus facit. A passiva significatione duo quoque veniunt participia, praeteritum et futurum; ut, amatus, amandus; pro cuius praesenti saepe necessitatis causa auctores praeterito uti inveniuntur. A communi verbo quatuor nascuntur participia; et non mirum, quia activam habet significationem et passivam commune verbum. Et ideo utriusque significationis habet participia; activae, ut, criminans et criminaturus: passivae, ut, criminatus et criminandus. Sed criminatus in utraque invenitur significatione. Sciendum est tibi, o France! quod omnia participia in dus desinentia eadem possunt esse et nomina.*

(acostumo), *adsuetus* (acostumado); de *titubo* (vacilo), *titubatus* (vacilado) e muitos desse tipo; como, *discessus* (dissipado), *interitus* (arruinado), *obitus* (morrido), *occasus* (caído), *potus* (bebido), *senectus* (envelhecido). Também os neutros passivos, que são cinco, eles têm os participios de três tempos; como, *gaudeo* (alegro-me), *gaudens* (que alegre), *gavisus* (alegrado), *gavisurus* (que está para alegrar); *audeo* (ousar), *audens* (que ousa), *ausus* (ousado), *ausurus* (que está para ousar); *soleo* (acostumo-me), *solens* (que acostuma-se), *solitus* (acostumado), *soliturus* (que está para acostumar-se); *fio* (torno-me), *fiens* (que torna-se), *factus* (tornado), *futurus* (que está para tornar-se); por causa da diferença, para que se fosse dito *facturus*, não seja considerado provir de *facio* (faço), verbo que tem força ativa, cujo passivo é *fio* (sou feito). Também *fido* (confio), faz *fidens* (que confia), *fisus* (confiado), *fisurus* (que está para confiar). De significado passivo também vêm dois participios, um pretérito e um futuro, como, *amatus* (amado), *amandus* (que deve ser amado); em vez de no presente, por causa da necessidade do qual os autores costumam usar no pretérito, em que são frequentemente encontrados. De verbo comum são produzidos quatro participios; e não surpreende que o verbo comum tenha um significado ativo e passivo. E, portanto, tem participios de ambos os significados; ativos,

	<p>como, <i>crimians</i> (que acusa) e <i>criminaturus</i> (que está para acusar); passivos, como, <i>criminatus</i> (acusado) e <i>criminandus</i> (que deve ser acusado). Mas <i>criminatus</i> é encontrado em ambos os significados. Deve ser conhecido por ti, ó Franco! Que todos os participios terminados em <i>dus</i> podem ser participios e nomes.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Et quomodo possum, o Saxo! scire, an sint nomina vel participia?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> E de que modo posso, ó Saxo, saber se são nomes ou participios?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Dum nomina sunt, (0891C) amittunt tempora, ut olim tibi dixi: ut, docendus sum participium est: ad docendam rhetoricam veni, nomen est. A deponenti trium temporum veniunt participia; praesentis et praeteriti imperfect. sequens: praeteriti perfect. et plusquamperfect. secutus: futuri, secuturus. Sed apud antiquos ex hujusmodi verbis participia praeteriti temporis tam activam quam passivam significationem habentia inveniuntur, ut, meditatus, auxiliatus, amplexatus, adminiculatus, utriusque significationis possunt esse.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Quando são nomes perdem os tempos, como anteriormente lhe disse, como: <i>docendus sum</i> (devo ser ensinado) é um participio; <i>ad docendam rhetoricam veni</i> (venho para ensinar a retórica), é nome. Os participios vêm dos três tempos do depoente; do presente e do pretérito imperfeito: <i>sequens</i> (que segue). Do pretérito perfeito e do mais-que-perfeito: <i>secutus</i> (seguido). Do futuro, <i>secuturus</i> (que está para seguir). Mas são encontradas entre os antigos os participios do tempo pretérito destes verbos que têm significado tanto ativo quanto passivo, como, <i>meditatus</i> (considerado), <i>auxiliatus</i> (auxiliado), <i>amplexatus</i> (abraçado), <i>adminiculatus</i> (suportado), podem ser de ambos os significados.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Numeros participiorum profer.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Avança para os números dos participios.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Numeri participiorum duo sunt.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Os números dos participios são dois.</p>

<p><i>Singularis, ut, currens. Pluralis, ut, currentes. Et sicut non deficiunt casibus, sic nec numeris defectiva invenies participia.</i></p>	<p>Singular, como, <i>currens</i> (que corre). Plural, como, <i>currentes</i> (que correm). E assim como não faltam casos defectivos, assim também não encontrarás os participios defectivos com números.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Figurae participiorum unde veniunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> De onde vêm as figuras dos participios?</p>
<p><b>SAXO.</b> (0891D) <i>A verbis semper, ut ab efficio, efficiens: ab intelligo, intelligens. Nam per se nunquam componitur participium, nisi prius componatur ejus verbum. Si enim ipsa componuntur per se, transeunt in nominum vim; ut, noceo, nocens; innocens nomen est, innocentior faciens: sapio, sapiens; insipiens [insipientior] nomen est. Simplicia enim eorum possunt et nomina et participia esse: composita vero tantum nomina esse.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Sempre dos verbos, como de <i>efficio</i> (elaboro), <i>efficiens</i> (elaborado); de <i>intelligo</i> (entendo), <i>intelligens</i> (entendido). Pois um participio nunca é composto por si, a menos que seja composto antes dele o verbo. Pois, se são compostos por si mesmos, passam a ter valor de nomes; como, <i>noceo</i> (prejudico), <i>nocens</i> (prejudicado); <i>innocens</i> (inocente) é nome, fazendo <i>innocentior</i> (mais inocente que); <i>sapio</i> (sei), <i>sapiens</i> (sabido); <i>insipiens</i> (tolo), <i>insipientior</i> (mais tolo que) é nome. Pois deles os simples podem ser tanto nomes quanto participios; mas apenas os compostos podem ser nomes.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Memini te dixisse omnia participia esse derivativa a verbis. Velim scire a quibus temporibus vel modis sint derivata?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Lembro que tu disseste que todos os participios são derivados de verbos. Eu gostaria de saber de quais tempos ou modos são eles derivados?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Ab indicativo modo praesentis temporis fiunt participia praesentia, et semper in ans vel in ens desinunt, ut ab amo, amas, (0892A) amans: habeo, habes, habens, interposita n secundae personae ultimis</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Do modo indicativo do tempo presente são feitos os participio presentes, e sempre terminam em <i>ans</i> ou em <i>ens</i>, como de <i>amo</i>, <i>amas</i>, <i>amans</i> (que ama); <i>habeo</i>, <i>habes</i>, <i>habens</i> (que tem), o <i>n</i> colocado entre</p>



<p><i>litteris. In tertia et quarta conjugatione o conversa in ens fiunt participia, 294 ut, lego, legens; audio, audiens. Praeteriti temporis participia et futuri veniunt a supino verbo u finito, addita s in praeterito; rus in futuro: ut, amatu, amatus, amaturus: coenatu, coenatus, coenaturus: criminatu, criminatus, criminaturus: locutu, locutus, locuturus. Mortuus solum a morior duo u habet. Passiva [Al., participia] vero futura veniunt a genitivo participii praesentis temporis, tis in dus conversa, ut, amans, amantis, amandus.</i></p>	<p>as últimas letras da segunda pessoa. Na terceira e na quarta conjugação os participios são feitos do <i>o</i> convertido em <i>ens</i>, como, <i>lego, legens</i> (que lê); <i>audio, audiens</i> (que ouve). Os participios do pretérito e do futuro vêm do verbo supino terminado em <i>u</i>, adicionado <i>s</i> no pretérito e <i>rus</i> no futuro, como, <i>amatu</i> (de amar), <i>amatus</i> (amado), <i>amaturus</i> (que está para amar); <i>coenatu</i> (de jantar), <i>coenatus</i> (jantado), <i>coenaturus</i> (que está para jantar); <i>criminatu</i> (de acusar), <i>criminatus</i> (acusado), <i>criminaturus</i> (que está para acusar); <i>locutu</i> (de falar), <i>locutus</i> (falado), <i>locuturus</i> (que está para falar). Apenas <i>mortuus</i> (morto) de <i>morior</i> (morro) tem dois <i>u</i>. Mas, os participios futuros vêm do genitivo do participio do tempo presente, <i>tis</i> convertido em <i>dus</i>, como, <i>amans</i> (que ama), <i>amantis</i> (do amado), <i>amandus</i> (que deve ser amado).</p>
<p><b>FR.</b> <i>O si voluisses colligere difficiliora verba cum praeterito perfecto et [Ms., a] supino et participio, quam necessarium esset!</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Oh! Se tu tivesses querido coletar os verbos mais difíceis com pretérito perfeito então seriam necessários tanto o supino quanto o participio.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Necessarium esset, (0892B) sed modum nostri ludi excederet.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> São necessários, mas excederia o limite da nossa brincadeira.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Tamen aliqua profer [difficiliora verba]: caetera facilius conjicio.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> No entanto, menciona alguns verbos mais difíceis: os outros conjeturo mais facilmente.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Faciam. Amo, amas, amavi, amatum,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Assim farei. <i>Amo, amas, amavi,</i></p>

<p><i>amatus. Necto, nectis, nexui, nexum, nexus, et ex eo frequentativum nexo. Et do, dedi, datum, daturus, a brevi ubique. Oro, oravi, oratum, oraturus. Seco, secui, sectum, secturus. Neco, necui, nectum, necturus: a neco quoque necatum invenitur, sed necatus, ferro occisus, dicitur; nectus vero alio quolibet modo. Plico et plicavi, et plicui facit: ideo et plicatum et plicitum invenitur; ita et ex eo composita: explico, duplico, implico, dupliciter proferuntur. Nam lavi et cavi et favi differentiae causa a longam in au mutant, ut, lautu et lautus; cautu et cautus; fautu et fautus faciunt, quia latum, et catum et (0892C) fatum alias habent significationes. Sto, stas, statum, staturum, longa a cum in nominibus [Al., omnibus] ab eo derivatis ubique brevietur, ut status, stabilis: ut Lucanus (X, 240):</i></p> <p><i>...Quorum stata tempora flatus.</i></p> <p><i>Juvo, juvi, jutum, longa u. Unde adjutus. Sterno, stravi, stratum, straturus. Edo, edi, esum, esurus; ex quo esurio [esuris]. Eruo, eruis, erutum, eruturus. Cio, civi, citum, citurus. Moveo, movi, motum, moturus. Sedeo, sedi, sessum, sessurus; quod geminat s, ne duae partes putentur. Foveo, fovi, fotum, foturus. Facio, feci, factum, facturus.</i></p> <p><i>Et observandum est tibi, o France, quod pene in omnibus verbis quae minuunt syllabas in praeterito perfecto, semper penultimas producunt, licet in praesenti (0892D) correptae essent.</i></p>	<p><i>amatum, amatus (amar). Necto, nectis, nexui, nexum, nexus (amarrar), e o frequentativo dele nexo (amarro repetidamente). Também do, dedi, datum, daturus, o a é breve em qualquer sílaba. Oro, oravi, oratum, oraturus (implorar). Seco, secui, sectum, secturus (cortar). Neco, necui, nectum, necturus (matar): de neco (mato) também é encontrado necatum (morto/ de matar), mas é dito necatus, ferro occisus (morto, morto por uma espada); contudo, nectus para qualquer outro modo. E plico (dobro) faz plicui e plicavi. Portanto é encontrado tanto plicatum (dobrado/ de dobrar) quanto plicitum (dobrado/ de dobrar); assim também os dele compostos: explico (desdobrar), duplico (dobrar duas vezes), implico (implico), de duas maneiras são proferidos. Pois, lavi (lavei), cavi (cuidei) e favi (apoiei) por causa da diferença transformam a longo em au, como fazem, lautu (de lavar) e lautus (lavado); cautu (de cuidar) e cautus (cuidado); fautu (de apoiar) e fautus (apoiado), porque latum (para trazer/ largo), catum (gato/ inteligente) e fatum (para falar/ destino) têm outros significados. Sto, stas, statum, staturum (ficar), a longo quando em nomes todos os derivados dele serão breves em todas as sílabas, como, status (parado), stabilis (estabeleces). Como Lucanus (X, 240):</i></p> <p><i>...Quorum stata tempora flatus. (Dos quais as respirações os tempos fixos)</i></p>
---	--

	<p><i>Juvo, juvi, jutum</i> (ajudar), em <i>u</i> longo. Daí <i>adjutus</i> (ajudado). <i>Sterno, stravi, stratum, straturus</i> (espalhar). <i>Edo, edi, esum, esurus</i> (comer); de <i>esurio, esuris</i>. <i>Eruo, eruis, erutum, eruturus</i> (arrancar). <i>Cio, civi, citum, citurus</i> (mover). <i>Moveo, movi, motum, moturus</i> (mover). <i>Sedeo, sedi, sessum, sessurus</i> (sentar); o qual repete <i>s</i>, para que não sejam consideradas duas partes. <i>Foveo, fovi, fotum, foturus</i> (continuar quente). <i>Facio, feci, factum, facturus</i> (fazer).</p> <p>E por ti deve ser observado, ó Franco, que em quase todos os verbos que reduzem as sílabas no pretérito perfeito, sempre as penúltimas sílabas produzem longas, embora no presente tivessem sido breves.</p>
--	---

<b>FR.</b> <i>Unde hoc fit?</i>	<b>FRANCO.</b> Porque isso é feito?
---------------------------------	-------------------------------------

<p><b>SAXO.</b> <i>Ut compensent temporibus quod deest in syllabis, ut, sero, sevi, satum, saturus, unde sertus. Sino, sivi, situm, siturus. Pono, posui, positum, positurus. Lino, livi, litum, liturus. Eo, ivi, itum, iturus. Rideo, risi, risum, risurus. Video, vidi, visum, visurus. Ardeo, arsi, arsum, arsurus. Mordeo, momordi, morsum, morsurus. Pendeo, pependi, pensum, [pensu] pensurus. Tondeo, totondi, tonsum, [tonsu] tonsurus. Spondeo, spopondi, sponsum, sponsurus: quod s in secunda amittit syllaba. Candeo, studeo, frondeo [Ed., fundo], splendeo, faciunt supina: canditum, studitum, fronditum, splenditum, licet rarissime a</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Para compensar os tempos que faltam nas sílabas, como, <i>sero, sevi, satum, saturus</i> (semear), daí <i>sertus</i> (entrelaçar). <i>Sino, sivi, situm, siturus</i> (permitir). <i>Pono, posui, positum, positurus</i> (colocar). <i>Lino, livi, litum, liturus</i> (esfregar). <i>Eo, ivi, itum, iturus</i> (ir). <i>Rideo, risi, risum, risurus</i> (rir). <i>Video, vidi, visum, visurus</i> (ver). <i>Ardeo, arsi, arsum, arsurus</i> (queimar). <i>Mordeo, momordi, morsum, morsurus</i> (morder). <i>Pendeo, pependi, pensum, pensu, pensurus</i> (pendurar). <i>Tondeo, totondi, tonsum, tonsu, tonsurus</i> (cortar). <i>Spondeo, spopondi, sponsum, sponsurus</i> (prometer): o qual perde o <i>s</i> na segunda sílaba. <i>Candeo</i> (encandeço), <i>studeo</i></p>
---	---

<p><i>neutris secundae conjugationis (0893A) supina vel participia invenias; ut caleo, tepeo, horreo, rubeo, palleo, et caetera talia. Sed non est opus tibi ut quadriformi tramite per singula verba curram. Poteris ex supinis participia intelligere vel ex participiis supina.</i></p>	<p>(anseio), <i>frondeo</i> (estar frondoso), <i>splendeo</i> (brilho), formam os supinos: <i>canditum</i> (para encandecer), <i>studitum</i> (para ansiar), <i>fronditum</i> (para estar frondoso), <i>splenditum</i> (para brilhar), embora raríssimo dos neutros da segunda conjugação encontras os supinos ou os participios; como, <i>caleo</i> (aqueço), <i>tepeo</i> (morno), <i>horreo</i> (temo), <i>rubeo</i> (enrubesço), <i>palleo</i> (empalideço), e assim por diante. Mas não lhe é preciso as quatro formas, por um único verbo passarei. Poderás entender dos supinos os participios ou dos participios os supinos.</p>
--	--

<p><b>FR.</b> <i>Fac, ut placeat tamen, ut obscuriora semper pandas.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Faz como seja agradável, no entanto, como sempre, que tu expliques os mais obscuros.</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>A pateo, patui, passum nascitur. Meio, mixi, mictum, et, mingo, minxi, mictum, n euphoniae causa amittens: et inde micturus. Flecto (Ms., flexo), [fлексis] flexi, flexus, flexurus. Fluo, fluxi, [fluxum], fluxurus. Obsoleo, obsolevi, obsoletum, ab obs et oleo compositum, [non] a soleo. A careo, cassus, cariturus invenitur. Habeo [habui] habitum, habiturus. Cado, cecidi, casum, casurus. Cedo, cessi, cessum, cessurus. [Fodio] fodi, fossum [fossurus]. (0893B) Dedi, datum; credidi, creditum; capio, cepi, captum; coepi, coeptum, cujus praesens caepio in usu non est; sapivi, sapitum; peperi, partum, pariturus, et ex eo parturio; orior, ortus, orturus [Al., oriturus]:</i></p>	<p><b>SAXO.</b> É produzido de <i>pateo, patui, passum</i> (estar aberto). De <i>meio, mixi, mictum</i> (fazer água) e de <i>mingo, minxi, mictum</i> (urinar), o <i>n</i> perdido por cauda da eufonia: também daí <i>micturus</i> (urinado). <i>Flecto, flexi, flexus, flexurus</i> (dobrar). <i>Fluo, fluxi, fluxum, fluxurus</i> (fluir). <i>Obsoleo, obsolevi, obsoletum</i> (cair em desuso), um composto de <i>obs</i> e <i>oleo</i>, não de <i>soleo</i> (acostumar-se a). De <i>careo, cassus, cariturus</i> (estar sem) é encontrado. De <i>habeo, habui habitum, habiturus</i> (ter). De <i>cado, cecidi, casum, casurus</i> (cair). De <i>cedo, cessi, cessum, cessurus</i> (conceder). De <i>fodio, fodi, fossum, fossurus</i> (cavar). <i>Dedi, datum</i> (dar); <i>credidi, creditum</i> (emprestar); <i>capio, cepi, captum</i> (agarrar); <i>coepi, coeptum</i></p>
---	--

<p><i>et morior, mortuus: hoc solum per duo u profertur [moriturus]. Quatior, quassum, unde frequentativum, quasso, quassas. Percutio, percussi, percussurus, per duo s. Uro, ussi, ussurus; farcio, farsi, farsum, farsurus; sarcio, sarsi, sarsum, sarsurus; potior, [potitus], potiturus; [arguo] argui, argutum, id est, convictum, arguturus. Ruo [ruis], ruitum [Ms., rutum], ruiturus; loquor, locutum, locuturus. Fruor, fructum facit, sicut, struo, structum, 295 structurus. Caluo, id est decipio, calui, caluitum [Ms., calutum] secundum regulam debet facere: ex eo derivatur calumnia. (0893C) Neo, nevi, netum, neturus [Al., neutum, neuturus].</i></p> <p><i>Sciendum quoque tibi est quod saepe ea verba quae in praeterito perfecto v consonantem assumunt, in secunda et tertia persona syncopam patiantur, ut, neo, nevi, nevisti vel nesti. Amo, amavisti, vel amasti: et in plurali [amavistis], vel amastis, [amaverunt] vel amarunt. Illa vero quae in praesenti v habent consonantem, non possunt in praeterito syncopam pati; ut, lavo, lavasti; nemo dicit, lasti vel lastis, vel larunt. Ico, ici, ictum, icturus; [vel] brevis i in praesenti et praeterito; [vel] longa, ut, quievi, quieturus. [Liquo] liqui, lictu, licturus; et ex eo, reliqui, [relictum] relicturus. Vinco, vici, victurus. Cresco, crevi, cretum, creturus. Scio, scivi, scitum, (0893D) sciturus; et ex eo scisco. Nosco, novi, notum, noturus. Ignosco, ignoturus. Pasco, pavi, pastum, pasturus.</i></p>	<p>(começar), do qual o presente <i>caepio</i> não está em uso; <i>sapivi, sapitum</i> (entender); <i>peperi, partum, pariturus</i> (dar à luz), e o dele composto <i>parturio</i> (estar em trabalho de parto); <i>orior, ortus, oriturus</i> (surgir); também <i>morior, mortuus</i> (morrer): este é proferido apenas com dois <i>u moriturus</i>. <i>Quatior, quassum</i> (sacudir), daí o frequentativo, <i>quasso, quassas</i> (sacudir repetidamente). <i>Percutio, percussi, percussurus</i> (bater), é proferido com dois <i>s</i>. <i>Uro, ussi, ussurus</i> (queimar); <i>farcio, farsi, farsum, farsurus</i> (preencher); <i>sarcio, sarsi, sarsum, sarsurus</i> (restaurar); <i>potior, potitus, potiturus</i> (obter); <i>arguo, argui, argutum</i> (argumentar), isto é, <i>convictum</i> (para conquistar), <i>arguturus</i> (provado). <i>Ruo, ruis, rutum, ruturus</i> (destruir); <i>loquor, locutum, locuturus</i> (falar). <i>Fruor, fructum</i> (desfrutar) faz, assim como, <i>struo, structum, structurus</i> (construir). <i>Caluo</i> (enganar), isto é, <i>decipio, calui, caluitum</i> [Ms., <i>calutum</i>] segundo a regra deve fazer: <i>calumnia</i> (calúnia) que dele é derivado. <i>Neo, nevi, netum, neturus</i> (rodar) [Al., <i>neutum, neuturus</i>].</p> <p>Também deve ser conhecido por ti que muitas vezes aqueles verbos no pretérito perfeito assumem a consoante <i>v</i>, na segunda e terceira pessoa sofrem uma síncope, como, <i>neo, nevi, nevisti</i> ou <i>nesti</i> (rodar). <i>Amo, amavisti, ou amasti</i>; e no plural [<i>amavistis</i>], ou <i>amastis, [amaverunt]</i> ou <i>amarunt</i> (amar). Mas aqueles que no praesente têm a</p>
--	---

<p><i>Disco, discitum, disciturus. Parco, parsu, parsurus. Paciscor, pactum, pacturus. Proficiscor, profectum, profecturus. Expergiscor, praeterito, experrectus [Edit., expergitus sum], experrectu, experrecturus. Nanciscor, nactus sum, nactum, nactus, absque n. Pangor, pactus, pacturus. Fingor, fictus, ficturus. Tangor, tactus, tacturus. Jungor, junctus, juncturus. Fungor, functus, functurus. Plangor, planctus. Angor, anctus; praeteriti participium faciunt. Sic et ulciscor, ultus: Irascor, iratus: Defatiscor [Ms., defatiscor], defessus, id est, fatigatus; nam a deficio defectus fit participium. Comminiscor (0894A) commentum: adipiscor adeptum. Tundo, tutudi, tunsurus. Rado, rasi, [rasum] rasurus. Credo, creditum, crediturus. Cado, casum a producta. In omni enim supino et participio praeteriti temporis a producitur in penultima, exceptis datum et statum, et satum. Findo, fidi, fissum, fissurus. A comedo quoque comesum et comestum invenitur. Ostendo, ostentum vel ostensum, ostensurus. Mergo, mersi mersum, mersurus. Tergo, tersi tersum, tersurus. Pungo, pupugi vel punxi, punctum. Ago, egi, actum, acturus. Pango, pepigi, pactum, et ex eo impingo [impegi]. Fingo, finxi, fictum. Stinguo, stinxi, stinctum; et ex eo exstinguo. Ango, [anxi] anctum, anxurus. Cogo, coegi, coactum. Veho, vexi, vectum. Psallo, psalli facit, cujus nec supinum nec participium (0894B) legi. Vello, vulsi, vulsum. Pello, pepuli, pulsum. Alo,</i></p>	<p>consoante <i>v</i>, não podem no pretérito sofrer uma síncope; como, <i>lavo, lavasti</i> (lavar); ninguém diz, <i>lasti</i> ou <i>lastis</i>, ou <i>larunt</i>. <i>Ico, ici, ictum, icturus</i> (bater); ou <i>i</i> breve ou longo no presente e no pretérito; como, <i>quievi, quieturus</i> (aquietar). <i>Liquo, liqui, lictu, licturus</i> (deixar); também dele, <i>reliqui, relictum, relicturus</i> (abandonar). <i>Vinco, vici, victurus</i> (conquistar). <i>Cresco, crevi, cretum, creturus</i> (surgir). <i>Scio, scivi, scitum, sciturus</i> (saber); também dele <i>scisco</i> (investigar). <i>Nosco, novi, notum, noturus</i> (conhecer). <i>Ignosco, ignoturus</i> (perdoar). <i>Pasco, pavi, pastum, pasturus</i> (alimentar). <i>Disco, discitum, disciturus</i> (aprender). <i>Parco, parsu, parsurus</i> (abster-se). <i>Paciscor, pactum, pacturus</i> (acordar). <i>Proficiscor, profectum, profecturus</i> (partir). <i>Expergiscor</i> (mover-se), pretérito, <i>expergitus sum, experrectu, experrecturus</i>. <i>Nanciscor, nactus sum, nactum, nactus</i> (encontrar), sem o <i>n</i>. <i>Pangor, pactus, pacturus</i> (compor). <i>Fingor, fictus, ficturus</i> (modelar). <i>Tangor, tactus, tacturus</i> (tocar). <i>Jungor, junctus, juncturus</i> (juntar). <i>Fungor, functus, functurus</i> (realizar). <i>Plangor, planctus</i> (lamentar). <i>Angor, anctus</i> (sufocar); formam participio pretérito. Assim também <i>ulciscor, ultus</i> (vingar): <i>Irascor, iratus</i> (enfurecer): <i>Defatiscor, defessus</i> (esgotar-se), isto é, <i>fatigatus</i> (cansado); pois de <i>deficio</i> (falhar) é feito o participio <i>defectus</i> (falhado). <i>Comminiscor, commentum</i> (conceber);</p>
--	--

<p><i>alui, alitus vel altus. Tollo, sustuli, sublatum, sublaturus. Como, compsi, comptum, compturus. Demo, dempsi, demptum [dempturus]. Sciendum est tibi quod hujusmodi positionibus litterarum ubique inter m et tum p ponendum est.</i></p> <p><i>Vomo, vomui, vomitum. Premo, pressi, pressum, pressurus. Cano, cecini; ex eo, occino, occinui, occentum. Succino, succentum. Temno, tempsi, temptum [Al., contempno, contempsi, contemptum]. Creo, crevi, cretum; ex eo et do verbo, credo componitur, quasi certum do. Lino, [lini et] livi; vel linio, litum, liturus. Sciendum est quod tam [Ms., tamen] litum et itum, et ex eo composita, obitus, praeteritus, et situm, et queo, quitum, et a cio, citum, a nequeo, nequitus, corripiunt (0894C) penultimas, quod in aliis supinis et participiis, quae a praeteritis in vi terminantibus non invenies; ut, amavi, amatus; movi, motus; cupivi, cupitum; nevi, netum. Rumpo, rupi, ruptum. Verro, [versi vel] verri, versum, versurus. Quaero, quaesivi, quaesitum. Reor, ratus; exsero, exserui, exsertum, exserturus [Ms., Exero, exerui, exertum, etc.]. Meto, messui, messum, messurus. Mitto, misi, missum, missurus per duo ss, cum misi per unum debeat scribi. Peto, petivi, petitum, longa penultima. Texo, texui, textum. Nexo, nexui, nexum. Farcio, farsis, fartum; unde fartores: sicut a sarcio, sarsis, sartum, sartores. Sentio, sensi, sensum. Raucio, rausi, rausum. Sepio,</i></p>	<p><i>adipiscor, adeptum (ganhar). Tundo, tutudi, tunsurus (bater). Rado, rasi, rasum, rasurus (arranhar). Credo, creditum, crediturus (emprestar). Cado, casum (cair) em a é produzido. Pois a é produzido na penúltima sílaba em todo supino e participio do tempo pretérito, exceto datum (para dar), statum (para parar) e satum (para semear). Findo, fidi, fissum, fissurus (dividir). Também é encontrado de comedo (comer): comesum e comestum. Ostendo, ostentum ou ostensum, ostensurus (mostrar). Mergo, mersi mersum, mersurus (mergulhar). Tergo, tersi, tersum, tersurus (esfregar). Pungo, pupugi ou punxi, punctum (picar). Ago, egi, actum, acturus (agir). Pango, pepigi, pactum (compor), também dele impingo, impegi (empurrar). Fingo, finxi, fictum (modelar). Stinguo, stinxi, stinctum (apagar); também dele exstinguo (extinguir). Ango, (anxi) anctum, anxurus (sufocar). Cogo, coegi, coactum (coletar). Veho, vexi, vectum (carregar). Psallo, psalli (tocar cítara) faz, do qual nem o supino nem o participio li. Vello, vulsi, vulsum (arrancar). Pello, pepuli, pulsum (bater). Alo, alui, alitus ou altus (alimentar). Tollo, sustuli, sublatum, sublaturus (levantar). Como, compsi, comptum, compturus (enfeitar). Demo, dempsi, demptum, dempturus (tirar). Além disso, deve ser conhecido por ti que entre m nas posições das letras deste tipo em todos os lugares o p também deve ser colocado.</i></p>
---	--

<p><i>sepsi, septum. Venio, veni, ventum, venturus. Pario, peperit, partum, parturus. Scio, scivi, scitum, penultima (0894D) ubique longa, ut auditus, munitus, arcessitus; nisi in praenominatis [Ms., praenotatis]. Sepelio, sepelivi, sepultus, sepulturus. Salio, salvi [Ms., salivi], saltum. Salio a sale, salivi, salsum, salsurus; Participium quoque ex eo praeteritum est, salitus et salsus [vel sallus]. Ambio, ambivi, ambitum; et ex eo ambitus nomen, correpta penultima.</i></p>	<p><i>Vomo, vomui, vomitum (vomitar). Premo, pressi, pressum, pressurus (pressionar). Cano, cecini (cantar); dele, occino, occinui, occentum (agourar). Succino, succentum (cantar para). Temno, tempsi, temptum (desprezar), contempno, contempsi, contemptum (desconsiderar). Creo, crevi, cretum (criar); dele também com verbo do dar, é composto credo (confio), como se fixado ao verbo do. Lino, também lini, livi; ou linio, litum, liturus (apagar). No entanto, deve ser conhecido que litum (apagado) e itum (ido), também os que dele são compostos, obitus (morrido), praeteritus (passado), e situm (permitido), queo (posso), quitum (podido), também de cio, citum (mover), de nequeo, nequitus (ser incapaz), abreviam as penúltimas sílabas, porque em outros supinos e participios que terminam em a não encontrarás nos pretéritos em vi; como, amavi, amatus (amar); movi, motus (mover); cupivi, cupitum (desejar); nevi, netum (rodar). Rumpo, rupi, ruptum (quebrar). Verro ou versi, verri, versum, versurus (varrer). Quaero, quaesivi, quaesitum (procurar). Reor, ratus (pensar); exsero, exserui, exsertum, exserturus (alongar-se). Meto, messui, messum, messurus (colher). Mitto, misi, missum, missurus (enviar) com dois s, quando for misi deve-se escrever com um s. Peto, petivi, petitum (pedir), longo na penúltima sílaba. Texo, texui, textum (tecer). Nexo, nexui, nexum (amarrar). Farcio, farsui,</i></p>
--	---



	<p><i>fartum</i> (encher); daí <i>fartores</i> (engordador); assim como de <i>sarcio</i>, <i>sarsi</i>, <i>sartum</i> (restaurar), <i>sartores</i> (restaurador). <i>Sentio</i>, <i>sensi</i>, <i>sensum</i> (sentir). <i>Raucio</i>, <i>rausi</i>, <i>rausum</i> (enrouquecer). <i>Sepio</i>, <i>sepsi</i>, <i>septum</i> (cercar). <i>Venio</i>, <i>veni</i>, <i>ventum</i>, <i>venturus</i> (vir). <i>Pario</i>, <i>peperi</i>, <i>partum</i>, <i>parturus</i> (parir). <i>Scio</i>, <i>scivi</i>, <i>scitum</i> (saber), longa na penúltima sílaba em todos os lugares, como <i>auditus</i> (ser ouvido), <i>munitus</i> (ser protegido), <i>arcessitus</i> (ser convocado); exceto nos anteriormente nomeados. <i>Sepelio</i>, <i>sepelivi</i>, <i>sepultus</i>, <i>sepiulturus</i> (enterrar). <i>Salio</i>, <i>salui</i>, <i>salivi</i>, <i>saltum</i> (pular). <i>Salio</i> de <i>sale</i>, <i>salivi</i>, <i>salsum</i>, <i>salsurus</i> (salgar); o particípio dele também é o pretérito, <i>salitus</i> (salgado) e <i>salsus</i> (salgado) ou <i>sallus</i>. <i>Ambio</i>, <i>ambivi</i>, <i>ambitum</i> (circular); também dele o nome <i>ambitus</i> (ser circularado), breve na penúltima sílaba.</p>
--	--

296 **FR.** *Cur hoc?*

**FRANCO.** Por que isso?

**SAXO.** *Quia ambio ab eo verbo compositum est. Nam verbalia nomina a secunda venientia conjugatione penultimam habent brevem; ut, habitus, monitus. Memorandum quoque tibi est, impersonalia supinis et participiis defecisse, nisi raris; ut a poenitet poenitens, unde et poenitentia; et a licet licentia et licitus: et a libet, libens.*

**SAXO.** Porque *ambio* (circulo) é composto deste verbo. Pois nomes verbais provenientes da segunda conjugação têm a penúltima sílaba breve; como, *habitus* (ser tido), *monitus* (ser lembrado). Também deve ser lembrado que faltam os impessoais nos supinos e nos participios, exceto por alguns poucos; como de *poenitet* (desagrada), *poenitens* (desagradado), de onde também *poenitentia* (penitência); e de *licet* (permite), *licentia* (licença) e *licitus* (permitido), e de *libet* (agrada), *libens* (agradado).

<p style="text-align: center;"><b>DE CONIUNCTIONE (0895A)</b></p> <p><b>FR.</b> <i>Nunc ordo partium flagitat ut de coniunctione dicas.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>SOBRE A CONJUNÇÃO</b></p> <p><b>FRANCO.</b> Agora, a ordem das partes exige que tu digas sobre a conjunção.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Coniunctio est pars orationis indeclinabilis, coniunctiva et significativa [Ms., consignificativa], aliarum partium vim et ordinationem demonstrans.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> A conjunção é a parte da oração indeclinável, conectiva e significativa demonstrando o valor e a ordenação das outras partes.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quomodo vim et ordinationem demonstrans?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Demonstrando de que modo o valor e a ordenação?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Vim, quando aliquas res simul significat, ut, et pius et fortis fuit Aeneas. Ordinationem, quando consequentiam aliquarum demonstrat rerum; ut, si ambulat, movetur; sequitur enim ambulationem motus.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O valor, quando algumas coisas simultaneamente indica, como, <i>et pius et fortis fuit Aeneas</i> (Enéias foi tanto piedoso quanto corajoso). A ordenação, quando demonstra a consequência de algumas coisas; como, <i>si ambulat, movetur; sequitur enim ambulationem motus</i> (se anda é movido, pois o andar segue o movimento).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quot accidunt conjunctioni?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quantos acidentes tem a conjunção?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Tria: figura, et species, et ordo. Figura simplex, ut: at, et, sed. Composita, ut: atque, etenim, sedenim. Haec (0895B) enim ex accentu composita esse noscuntur.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Três: figura, tipo e ordem. A figura simples, como, <i>at</i> (mas), <i>et</i> (e), <i>sed</i> (mas). A composta, como: <i>atque</i> (e também), <i>etenim</i> (já que), <i>sedenim</i> (mas de fato). Pois estes são conhecidos por serem compostos de acento.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Da specierum quoque rationem.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Dá também a regra dos tipos.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Species, quas Donatus potestatem nominat, secundum eum quinque sunt:</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Os tipos, os quais Donato chama de propriedade, segundo ele, são cinco:</p>

<p><i>copulativa, expletiva, causalis, disjunctiva, rationalis. Secundum Priscianum plures. Sed haec quinque species principales sunt, aliasque in se continentes species.</i></p>	<p>copulativo, expletivo, causal, disjuntivo e racional. De acordo com Prisciano, existem mais. Mas essas cinco são os tipos principais e contêm em si outros tipos.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Pande singularum exempla specierum.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Explica os exemplos de cada um dos tipos.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Copulativae sunt, quae copulant tam verba, quam sensus, ut: et, que, at, atque, ac, ast. Disjunctivae sunt, quae quamvis dictiones jungant, sensus [Al. sensu] tamen disjungunt, et unum e duobus esse significant, ut: vel, ve, ne, nec, neque, [aut]. Expletivae sunt quae vel bonum vel malum explent (0895C) sensum, ut: quidem, equidem, saltem [Al., saltem], videlicet, quanquam, quamvis, quoque, autem, porro, scilicet, tamen. Causales sunt, quae causam antecedentem significant, ut: doctus sum, nam legi; si sol est, jam lucet. Causa enim luminis sol est. Et sunt haec: Si, etsi, etiamsi, siquidem, quando, quandoquidem, quinetiam, quatenus, sin, seu, sive [neve], namque, ni, nisi [nisi si], enim, etenim, ne, sedenim, interea, quomobrem, praesertim, item, itemque, ceterum, alioquin, praeterea. Rationales sunt, quae rationem rei reddunt, ut: ita, itaque, quoniam, enim, etenim, enimvero, quia, quare, quapropter, quoniam, quidem, quippe, ergo, ideo [igitur], scilicet, propterea [videlicet].</i></p>	<p><b>SAXO.</b> As copulativas são as que conectam tanto as palavras quanto os sentidos, como: <i>et</i> (e), <i>que</i> (e), <i>at</i> (mas), <i>atque</i> (e também), <i>ac</i> (e), <i>ast</i> (mas). As disjuntivas são as que embora unam as palavras, no entanto, separam os sentidos, e significam ser um de dois, como: <i>vel</i> (ou), <i>ve</i> (ou), <i>ne</i> (para que não), <i>nec</i> (nem), <i>neque</i> (e não), <i>aut</i> (ou). As expletivas são as que completam ou um bom ou um mal sentido, como: <i>quidem</i> (de fato), <i>equidem</i> (verdadeiramente), <i>saltem</i> (pelo menos), <i>videlicet</i> (pode-se ver que), <i>quanquam</i> (embora), <i>quamvis</i> (por mais que), <i>quoque</i> (também), <i>autem</i> (porém), <i>porro</i> (adiante), <i>scilicet</i> (pode-se saber que), <i>tamen</i> (no entanto). As causais são as que significam uma causa antecedente, como: <i>doctus sum, nam legi</i> (Sou instruído, pois leio); <i>si sol est, jam lucet</i> (se há sol, já está brilhando). Pois a causa da luz é o sol. E são estas as causais: <i>si</i> (se), <i>etsi</i> (embora), <i>etiamsi</i> (ainda que), <i>siquidem</i> (se de fato), <i>quando</i> (quando), <i>quandoquidem</i> (desde então), <i>quinetiam</i> (de fato), <i>quatenus</i> (em que medida), <i>sin</i> (mas se), <i>seu</i> (ou se), <i>sive</i> (ou se), <i>neve</i> (ou não), <i>namque</i> (pois de fato), <i>ni</i></p>

	<p>(a menos que), <i>nisi</i> (exceto), <i>nisi si</i> (exceto se), <i>enim</i> (de fato), <i>etenim</i> (já que), <i>ne</i> (para que não), <i>sedenim</i> (mas de fato), <i>interea</i> (enquanto isso), <i>quomobrem</i> (por qual motivo), <i>praesertim</i> (especialmente), <i>item</i> (da mesma maneira), <i>itemque</i> (da mesma forma), <i>ceterum</i> (além disso), <i>alioquin</i> (caso contrário), <i>praeterea</i> (posteriormente). As racionais são aquelas que retornam à razão da coisa, como: <i>ita</i> (assim), <i>itaque</i> (portanto), <i>quoniam</i> (porque), <i>enim</i> (de fato), <i>etenim</i> (já que), <i>enimvero</i> (com certeza), <i>quia</i> (porque), <i>quare</i> (por que), <i>quapropter</i> (para que), <i>quoniam</i> (porque), <i>quidem</i> (de fato), <i>quippe</i> (claro), <i>ergo</i> (logo), <i>ideo</i> (portanto), <i>igitur</i> (portanto), <i>scilicet</i> (pode-se saber que), <i>propterea</i> (por esta razão), <i>videlicet</i> (pode-se ver que).</p>
--	--

<p><b>FR.</b> <i>Ordo conjunctionum in quo est?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Por qual motivo existe a ordem das conjunções?</p>
---	--

<p><b>SAXO.</b> (0895D) <i>Quia aliae sunt, quae semper praeponuntur, ut: at, ast, aut, ac, vel, nec, neque, si, quia, quatenus, sin, seu, sive, ni [nam]. Aliae supponuntur, ut: quidem, quoque, autem. Aliae pene omnes indifferenter et praeponi et supponi possunt, ut: ergo, igitur. Inveniuntur quoque saepe conjunctiones in aliarum conjunctionum potestatem transire, ut: vel distinctiva conjunctio pro copulativa ponitur, ut Terentius... Vel rex, pro, etiam rex. Inveniuntur quoque</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Porque existem algumas, que sempre são colocados antes, como: <i>at</i> (mas), <i>ast</i> (mas), <i>aut</i> (ou), <i>ac</i> (e), <i>vel</i> (ou), <i>nec</i> (nem), <i>neque</i> (nem), <i>si</i> (se), <i>quia</i> (porque), <i>quatenus</i> (tanto quanto), <i>sin</i> (mas se), <i>seu</i> (ou se), <i>sive</i> (ou se), <i>ni</i> (a menos que), <i>nam</i> (pois). Outras são colocadas depois, como: <i>quidem</i> (de fato), <i>quoque</i> (também), <i>autem</i> (porém). As outras quase todas indiferentemente podem tanto ser colocadas antes quanto ser colocadas depois, como: <i>ergo</i> (então), <i>igitur</i> (portanto). São encontradas também</p>
---	---

<p><i>aliae partes pro conjunctione poni; nomina, ut: qua causa? qua gratia? quam ob rem? Verbum, ut; quamvis, et licet pro quanquam Virgilius (Aen. XI, 348):</i></p> <p><i>Dicam equidem, licet arma mihi, mortemque minetur. (0896A) Sunt quoque conjunctiones dubitativae, ut: ne, nec, anne. Virgilius (Aen. III, 39; XI, 126):</i></p> <p><i>Eloquar an sileam . . . . ?</i></p> <p><i>Justitiaene prius mirer, belline labores?</i></p> <p><i>Sunt [Ms., fiunt] eadem interrogativae, ut (Aen. X, 668):</i></p> <p><i>Tantone me crimine dignum</i></p> <p><i>Duxisti? Fiunt et electivae, quando ex diversis rebus aliquid eligitur, ut: Dives esse volo, quam pauper. Fiunt et adjunctivae, cum verbis subjunctivis adjunguntur, ut: si, cum, ut, dum, quatenus. Ut: Si venias, facio:</i></p> <p><i>Cum faciam vitula pro frugibus, ipsa venito: Ut prosit tibi, facio:</i></p> <p><i>Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem; (0896B) Quatenus id libenter facio. Possunt et hae ipsae causales esse.</i></p>	<p>frequentemente outras conjunções que transitam em outras propriedades das conjunções, como: quando <i>vel</i> (ou) uma conjunção distintiva é colocada em vez de uma copulativa, como em Terêncio...</p> <p><i>Vel rex</i> (ou o rei), em vez de, <i>etiam rex</i> (além disso o rei). São encontradas também outras partes a serem colocadas em vez da conjunção; os nomes, como: <i>qua causa?</i> (qual causa?), <i>qua gratia?</i> (qual graça?), <i>quam ob rem?</i> (por causa de qual coisa?). O verbo, como; <i>quamvis</i> (no entanto) e <i>licet</i> (embora) em vez de <i>quanquam</i> (ainda que) em Virgílio (<i>Eneida</i>. XI, 348):</p> <p><i>Dicam equidem, licet arma mihi, mortemque minetur.</i> (Que, verdadeiramente, eu diga, embora ameace-me com as armas e a morte.)</p> <p>Existem também as conjunções duvidativas, como: <i>ne, nec, anne</i>. Virgílio (<i>Eneida</i>. III, 39; XI, 126):</p> <p><i>Eloquar an sileam...?</i> (que eu fale ou que eu cale...?)</p> <p><i>Justitiaene prius mirer, belline labores?</i> (Maravilhe-se primeiro com a justiça ou com os trabalhos da guerra?)</p> <p>Existem também as interrogativas, como (<i>Eneida</i>. X, 668):</p> <p><i>Tantone me crimine dignum</i></p> <p><i>Duxisti?</i> (Digno de tão grande crime consideraste-me?)</p> <p>Também tornam-se eletivas, quando algo é escolhido dentre diferentes coisas, como: <i>Dives esse volo, quam pauper</i> (Quero ser rico</p>
---	--

	<p>em vez de pobre). Tornam-se também adjuntivas, quando são adjuntos com verbos subjuntivos, como: <i>si</i> (se), <i>cum</i> (com), <i>ut</i> (como), <i>dum</i> (enquanto), <i>quatenus</i> (em que medida).</p> <p>Como: se você vem, eu faço: <i>Cum faciam vitula pro frugibus, ipsa venito</i> (Quando tiver sacrificado um bezerro em vez das colheitas, que ela mesmo venha).</p> <p>Como: se for vantajoso para ti, eu faço: <i>Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem.</i> (E muito também sofreu na guerra, enquanto construía a cidade).</p> <p><i>Quatenus id libenter facio.</i> (Enquanto alegremente faço isso).</p> <p>Estes mesmos também podem ser causais.</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Sed unde sciam ad quam speciem pertineant?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Mas como sei a qual tipo pertencem?</p>
---	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Adjunctivae cum dubitatione proferuntur: causales cum affirmatione, ut: Eris doctus, si legas. 297 Sunt, quae diminutionem significant, ut (Aen. IV, 327): Saltem, si qua mihi (soboles) de te suscepta fuisset.</i></p> <p><i>Fiunt et continuatae [Ms., continuativae]; ut: si ambulat, movetur; continuat enim ambulationem motus. Hae et aliae species in Prisciano reperiuntur, quae tamen incidere possunt in praedictas quinque. Sed nunc haec habeto de conjunctionibus.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> As adjuntivas são proferidas com dúvida; as causais com afirmação, como: <i>Eris doctus, si legas</i> (Serás sábio, se lês). Existem, as que significam diminuição, como (<i>Eneida</i>. IV, 327): <i>Saltem, si qua mihi (soboles) de te suscepta fuisset</i> (Pelo menos se algum de tua (descendência) tivesse sido assumido por mim).</p> <p>Tornam-se também consecutivas; como: <i>si ambulat, movetur</i> (se anda, é movido); pois o andar continua o movimento. Estas e outros tipos são encontrados em Prisciano, as quais, no entanto, podem incidir nas cinco</p>
---	---

	anteriormente mencionadas. Mas agora terá estas coisas sobre conjunções.
<b>DE PRAEPOSITIONE</b> (0896C) <b>FR.</b> <i>Praepositio quid est?</i>	<b>SOBRE A PREPOSIÇÃO</b> <b>FRANCO.</b> O que é a preposição?
<b>SAXO.</b> <i>Pars orationis indeclinabilis.</i>	<b>SAXO.</b> A parte indeclinável da oração.
<b>FR.</b> <i>Quid habet officii?</i>	<b>FRANCO.</b> Qual é a função delas?
<b>SAXO.</b> <i>Ut aliis praeponatur partibus vel appositione, vel compositione.</i>	<b>SAXO.</b> Como em algumas partes que ela seja colocada na frente, ou em justaposição, ou em composição.
<b>FR.</b> <i>Appositione quomodo?</i>	<b>FRANCO.</b> De que modo em justaposição?
<b>SAXO.</b> <i>Quando foris apponitur dictioni; et hoc, nomine vel pronomine; casu accusativo vel ablativo, ut: ad hominem; vel, ab homine: ad illum, ab illo.</i>	<b>SAXO.</b> É justaposta quando colocada fora da palavra; estas também com nome ou com pronome; no caso acusativo ou no ablativo, como: <i>ad hominem</i> (para o homem); <i>ab homine</i> (do homem) ou <i>ad illum</i> (para ele), <i>ab illo</i> (por aquele).
<b>FR.</b> <i>Quomodo per compositionem?</i>	<b>FRANCO.</b> De que modo por composição?
<b>SAXO.</b> <i>Quando cum aliis partibus [componitur] in unam dictionem, ut nomine [Ms., nomini], per omnes casus: ut, indoctus, indocti, indocto, indoctum, indocte, ab indocto. Pronomini non componitur. Verbo componitur, ut, induco, expleo. Participio per derivationem vel consequentiam (0896D) compositorum verborum, ut, inducens, explens. Adverbio quoque per compositionem jungitur, ut, perinde, abhinc, deinceps. Nam et [in] seipsa [Ms., in semetipsam] per</i>	<b>SAXO.</b> Quando é combinada com outras partes em uma palavra, como com nome, por todos os casos; como: <i>indoctus</i> (ignorante), <i>indocti</i> (do ignorante), <i>indocto</i> (para o ignorante), <i>indoctum</i> (o ignorante), <i>indocte</i> (ó, ignorante), <i>ab indocto</i> (pelo ignorante). Não é composta com pronome. É composta com verbo, como, <i>induco</i> (lidero), <i>expleo</i> (preencho). Com participio pela derivação ou consequência dos verbos compostos, como <i>inducens</i> (que lidera), <i>explens</i> (que

<p><i>compositionem nectitur, ut, imperitus [Ms., imperterritus]. Loco etiam conjunctionis causalis [Edit., casualis] solet accipi, ut, per desidiam malitiae nascuntur, id est, causa desidia; similiter propter et ob poni possunt.</i></p>	<p>preenche). Também é combinado por composição com advérbio, como, <i>perinde</i> (igualmente), <i>abhinc</i> (desde), <i>deinceps</i> (sucessivamente). Pois também o próprio <i>in</i> está conectado por composição, como, <i>imperitus</i> (inexperiente). Também costuma ser admitido no lugar de conjunção causal, como, <i>per desidiam malitiae nascuntur</i> (pela preguiça crescem os vícios), isto é, <i>causa desidia</i> (por causa da preguiça); de maneira similar podem ser colocados <i>propter</i> (por causa de) e <i>ob</i> (por causa de).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Si unquam supponuntur praepositiones?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Se há algum momento em que as preposições são colocadas depois da palavra?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Etiam, sed raro. Et hoc euphoniae causa, id est, [bonae] sonoritatis, ut in pronomibus, mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum. Sed et poetica auctoritate in metris praepostere poni eas invenies, (0897A) ut: Maria omnia circum, et ibi finalis syllaba acuitur, ne nomen putetur.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Sim, mas raramente. E isto por causa da eufonia, isto é, da boa sonoridade, como nos pronomes, <i>mecum</i> (comigo), <i>tecum</i> (contigo), <i>secum</i> (consigo), <i>nobiscum</i> (conosco), <i>vobiscum</i> (convosco). Mas também encontrarás na autoridade poética elas terem sido colocadas na ordem errada pelo metro, como: <i>Maria omnia circum</i> (todos os mares ao redor), e ali na sílaba final é dado um acento agudo para que não seja considerado nome.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Habent praepositiones accentus per se?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> As preposições têm acento por si?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Habent acutum accentum in fine, tam apud Graecos, quam apud Latinos; qui tamen in gravem semper vertitur, quia</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Elas têm um acento agudo no final, tanto entre os gregos quanto entre os latinos; que, no entanto, sempre se torna grave,</p>



<p><i>praepositio ubique sequenti dictioni seu per appositionem, seu per compositionem adnectitur, et quasi una pars cum ea profertur. Inveniuntur quoque praepositiones in media poni dictione, ut, qua de re, quam ob rem, qua in parte.</i></p>	<p>porque uma preposição é anexada em todos os lugares à palavra seguinte, seja por aposição ou por composição, e é pronunciada como se fosse uma parte dela. São encontradas também as preposições no meio de uma expressão, como, <i>qua de re</i> (sobre qual coisa), <i>quam ob rem</i> (a coisa por causa da qual), <i>qua in parte</i> (em qual parte).</p>
<p><b>FR.</b> <i>An omnes praepositiones componuntur?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Pode ser que todas as preposições estejam combinadas?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Quaedam sunt, ut nunquam componantur, ut, apud, erga, citra, circa, extra, infra, juxta, pene [Al., pone], prope, secundum, ultra, supra, circiter. Quaedam sunt quae nunquam separantur, ut, con, di, dis, (0897B) re, se, an [Ms., am]. Aliae pene omnes componuntur et separantur. Et aliae sunt quae in compositione collisionem patiuntur a consequenti vocali, ut, coago, coarguo, coarto, coaequo. Aliae sunt quae consonantem d pro sequenti vocali assumunt, ut, emo, redimo; ago, redigo; prodes, prodest. Quaedam syncopam patiuntur, ut, supra pro supera, extra pro extera, infra pro infera. Sed et diversis modis praepositiones in compositionibus alias partes corrumpunt, et ipsae corrumpuntur, quod saepius est, quam exemplis indigeat.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Existem algumas que nunca são combinadas, como: <i>apud</i> (em), <i>erga</i> (em direção a), <i>citra</i> (perto de), <i>circa</i> (ao redor), <i>extra</i> (fora de), <i>infra</i> (abaixo), <i>juxta</i> (perto), <i>pone</i> (atrás), <i>prope</i> (próximo), <i>secundum</i> (depois), <i>ultra</i> (além), <i>supra</i> (sobre), <i>circiter</i> (ao redor). Existem as que nunca são separadas, como, <i>con, di, dis, re, se, an</i>. Quase todas as outras são combinadas e são separadas. E existem outras que em composição sofrem uma colisão com a vogal consequente <i>a</i>, como, <i>coago</i> (coajo), <i>coarguo</i> (constranjo), <i>coarto</i> (comprimo), <i>coaequo</i> (considero). Existem outras que assumem uma consoante <i>d</i> em vez da vogal seguinte, como, <i>emo</i> (compro), <i>redimo</i> (recompro); <i>ago</i> (ajo), <i>redigo</i> (reduzo); <i>prodes</i> (prolongas), <i>prodest</i> (beneficia). Algumas sofrem uma síncope, como, <i>supra</i> (sobre) em vez de <i>supera</i> (acima), <i>extra</i> (fora de) em vez de <i>extera</i> (externo), <i>infra</i> (abaixo) em vez de <i>infera</i> (inferior). Mas também, de diferentes</p>

	maneiras, as preposições nas composições corrompem outras partes, e elas mesmas são corrompidas, o que é mais frequente do que seja necessário aos exemplos.
<b>FR.</b> <i>Possuntne praepositiones in alias transire partes?</i>	<b>FRANCO.</b> As preposições podem passar para outras partes?
<b>SAXO.</b> <i>Possunt.</i>	<b>SAXO.</b> Podem.
<b>FR.</b> <i>Da exempla.</i>	<b>FRANCO.</b> Dá os exemplos.
<b>SAXO.</b> <i>Post, praepositio est. Virgilius (Georg. III, 213): (0897C) Post montem oppositum; transit in adverbium. Idem (Aen. I, 140): Post mihi non simili poena commissa luetis. Ante praepositio. Virg. (Georg. I, 125): Ante Jovem nulli subigebant arva coloni; transit in adverbium: Ante, et Trinacria tentandus remus in unda. Sic supra, contra, prope, transeunt in adverbia.</i>	<b>SAXO.</b> <i>Post</i> (depois, atrás), é preposição. Virgílio (Geórgicas. III, 213): <i>Post montem oppositum</i> (atrás da montanha oposta); passa para advérbio. Também (Eneida. I, 140): <i>Post mihi non simili poena commissa luetis</i> (Depois, não pagarás a mesma pena confiada a mim). <i>Ante</i> (antes) preposição. Virgílio. (Geórgicas. I, 125): <i>Ante Jovem nulli subigebant arva coloni</i> (Antes de Júpiter nenhum dos colonos subjugavam as planícies); passa para advérbio: <i>Ante, et Trinacria tentandus remus in unda</i> (Antes e na Sicília, o remo deve ser testado nas ondas). Assim <i>supra</i> (sobre), <i>contra</i> (contrariamente), <i>prope</i> (quase), passam para advérbios.
<b>FR.</b> <i>Si aliae partes in praepositiones transire possunt?</i>	<b>FRANCO.</b> Se as outras partes podem passar para preposições?
<b>SAXO.</b> <i>Possunt. Nam adverbia saepe</i>	<b>SAXO.</b> Podem. Pois os advérbios

<p><i>transeunt in praepositiones, ut: pridie Kalendas. Pridie hoc loco praepositio est. Subtractae quoque nominibus quibusdam loco adverbiorum faciunt nomina accipi, (0897D) ut, domo venio, pro, a domo. Et: domum eo, pro, ad domum.</i></p>	<p>frequentemente passam para preposições, como: <i>pridie Kalendas</i> (no dia anterior as Calendas). <i>Pridie</i> (no dia anterior) nesta posição é preposição. Quando subtraídos também alguns nomes fazem com que no lugar dos advérbios os nomes sejam admitidos, como, <i>domo venio</i> (venho de casa), em vez de <i>a domo</i> (de casa). Também: <i>domum eo</i> (vou para casa), em vez de <i>ad domum</i> (para a casa).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Separatae praepositiones quibus casibus junguntur?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Em que casos se juntam preposições separadas?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Accusativo et ablativo.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> No acusativo e no ablativo.</p>
<p>298 <b>FR.</b> <i>Accusativi praepositiones quae sunt?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Quais são as preposições do acusativo?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Monosyllabae hae: Ad, ob, per, post, cis, trans. Dissyllabae: Apud, ante, citra, circa, erga, extra, inter, intra, juxta, prope, pone, praeter, propter, ultra, usque, penes. Trissyllabae: circiter, adversum, secundum.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Estas as monossílabas: <i>Ad</i> (perto), <i>ob</i> (por causa de), <i>per</i> (através de), <i>post</i> (atrás, depois), <i>cis</i> (perto de), <i>trans</i> (além). As dissílabas: <i>Apud</i> (em), <i>ante</i> (antes), <i>citra</i> (perto de), <i>circa</i> (ao redor), <i>erga</i> (em direção a), <i>extra</i> (fora de), <i>inter</i> (entre), <i>intra</i> (dentro), <i>juxta</i> (perto de), <i>prope</i> (perto de), <i>pone</i> (atrás), <i>praeter</i> (na frente de), <i>propter</i> (por causa de), <i>ultra</i> (além), <i>usque</i> (até), <i>penes</i> (em poder de). As trissílabas: <i>circiter</i> (ao redor de), <i>adversum</i> (contrário a), <i>secundum</i> (depois, de acordo com).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Num singulae certas habent significationes?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Então cada um deles têm significados definidos?</p>

<p><b>SAXO.</b> <i>Non certas, sed diversas. Sed longum est earum significationes explanare.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Não definidos, mas diversos. Mas explicar os significados deles seria muito longo.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Dic tamen, et quanta brevitare possis, succinge (0898A) te [Al., succingere].</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> No entanto, diz, quantos tu possas com brevidade, sê preparado.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Dicam. Ad juxta significat in compositione, vel appositione, ut, ad currum, pro, juxta currum; ad Trojam, pro, juxta Trojam. Significat quoque contra; ad illum mihi pugna est, hoc est, contra illum. Accipitur et pro usque: ad bellum Persicum, hoc est, usque bellum. Ob et pro et contra et circum significat; ut: haudquaquam ob meritum, id est, pro merito. Ob unius, contra unius: obambulo, circumambulo. Per est et localis, ut: Per medium forum. Est et temporalis, ut: Per medium diem. Est et jurandi, ut:</i></p> <p><i>Per te, per qui te talem genuere parentes. Adverbii quoque valde vim obtinet [Ms., continet]. Terentius: Perscitus puer, id est, valde scitus. Abnegationem (0898B) quoque significat in compositione, ut, perfidus. Post componitur et separatur, et locum significat. Virgilius (Georg. III, 213): Post montem oppositum. Significat et tempus, ut, post multum tempus. Cis localem habet significationem, ut, cis Alpinam Galliam. Et pro ultra accipitur, ut, cis definitum tempus, hoc est, ultra. Et ex eo, citra. Trans componitur et separatur, ut, transfero, et trans Padum. Et in compositione saepe n et s</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Direi. <i>Ad</i> (perto) significa <i>juxta</i> (próximo a) em composição ou aposição, como, <i>ad currum</i> (perto da carruagem), em vez de <i>juxta currum</i> (próximo da carruagem); <i>ad Trojam</i> (perto de Troia), em vez de <i>juxta Trojam</i> (próximo a Troia). Significa também <i>contra</i>; <i>ad illum mihi pugna est</i> (Para mim é uma luta contra ele), isto é, <i>contra illum</i> (contra ele). Também é admitido em vez de <i>usque: ad bellum Persicum</i> (para a guerra Persa), isto é, <i>usque bellum</i> (até a guerra). <i>Ob</i> também significa <i>pro</i> (por causa de), <i>contra</i> (contra) e <i>circum</i> (ao redor); como: <i>haudquaquam ob meritum</i> (de forma alguma por mérito), isto é, <i>pro merito</i> (por causa do mérito). <i>Ob unius</i> (por causa de um), <i>contra unius</i> (contra um); <i>obambulo</i> (perambulo), <i>circumambulo</i> (ando ao redor). <i>Per</i> (através de) também é de local, como: <i>per medium forum</i> (através do meio do mercado). Também é de tempo, como: <i>per medium diem</i> (durante o meio do dia). Também é de juramento, como:</p> <p><i>Per te, per qui te talem genuere parentes</i> (Por ti, os pais por quem a ti tão bom geraram).</p> <p>Também obtém o valor do advérbio <i>valde</i></p>

<p><i>amittit, ut, traduco, trado, trano. Et pro super ponitur; ut, transgressus, id est, supergressus. Apud locum significat, ut, apud Numantiam. Ante locum et tempus significat, ut, ante januam, ante annum. Derivantur ex eo antiquus, antiquarius, nomina. Citra pene eandem significationem habet quam cis, nisi (0898C) quod propriis nominibus cis, et appellativis citra, saepius praeponi solet: cis Rhenum; cis Alpes: citra forum. Et a cis, citra derivatur; a citra, citer, ceterior, citissimus. Circa, loci et temporis, pro juxta ponitur [Ms., positum invenitur], ut circa templum, et circa viginti annos. Circum componitur et apponitur, ut, circumfero, circum mare. Circiter ad tempus solum pertinet, ut, circiter Kalendas Januarias. Erga non componitur, et affectum significat, ut, bonus est erga propinquos. Contra separatur et componitur: contra adulterium, et contradico. Extra apponitur, ut, extra me. Inter, utrumque, ut, inter amicos, intervallum, interpres, cujus simplex in usu non est. Et ab in inter et intra nascuntur; a sub subter, a pro propter, a cis citra, ab ex extra, a prae praeter. Juxta (0898D) pro prope ponitur, ut, juxta te, id est, prope te. Secundum duas habet significationes: proximitatem et aemulationem: secundum eum sedeo, et secundum mores ejus vivo. Haec de praepositionibus accusativi casus, quae difficiliores videbantur, dicta tibi sufficient.</i></p>	<p>(muito). Terêncio: <i>Perscitus puer</i> (uma criança perspicaz), isto é, <i>valde scitus</i> (muito esperta). Também significa negação em composição, como: <i>perfidus</i> (pérfido). <i>Post</i> (atrás, depois) é combinado e separado, e significa lugar. Virgílio (Geórgicas. III, 21): <i>Post montem oppositum</i> (atrás da montanha oposta). Também significa tempo, como, <i>post multum tempus</i> (depois de muito tempo). <i>Cis</i> (perto de) tem um significado de local, como, <i>cis Alpinam Galliam</i> (perto da Gália Alpina). Também é admitido em vez de <i>ultra</i> (além), como, <i>cis definitum tempus</i> (dentro de um certo tempo), isto é, <i>ultra</i>. Também dele, <i>citra</i> (perto de). <i>Trans</i> (além) é combinado e separado, como, <i>transfero</i> (transporto) e <i>trans Padum</i> (além do rio do Pó). E na composição frequentemente perde o <i>n</i> e o <i>s</i>, como, <i>traduco</i> (transfiro), <i>trado</i> (entrego), <i>trano</i> (nadar através de). Também é colocado em vez de <i>super</i> (sobre); como, <i>transgressus</i> (transpassado), isto é, <i>supergressus</i> (ultrapassado). <i>Apud</i> (em) significa lugar, como, <i>apud Numantiam</i> (na Numância). <i>Ante</i> (antes, em frente) significa lugar e tempo, como, <i>ante januam</i> (em frente a porta), <i>ante annum</i> (antes do ano). Os nomes <i>antiquus</i> (antigo), <i>antiquarius</i> (antiquário) são derivados dele. <i>Citra</i> (perto de) tem quase o mesmo significado que <i>cis</i> (perto de), exceto que frequentemente costuma-se colocar <i>cis</i> antes de nomes próprios e <i>citra</i> antes dos apelativos: <i>cis</i></p>
--	--

*Rhenum* (perto do Reno); *cis Alpes* (perto dos Alpes); *citra forum* (perto do mercado). Também é derivado de *cis* (perto de), *citra* (perto de); de *citra*, *citer* (mais perto de), *citerior* (muito mais próximo de), *citissimus* (pertíssimo de). *Circa* (ao redor, próximo), de lugar e de tempo, é colocado em vez de *juxta* (perto), como *circa templum* (ao redor do templo) e *circa viginti annos* (próximo dos vinte anos). *Circum* (ao redor, próximo) é composta e é justaposta, como, *circumfero* (carrego ao redor de), *circum mare* (ao redor do mar). *Circiter* (próximo) pertence apenas ao tempo, como, *circiter Kalendas Januarias* (próximo as calendas de janeiro). *Erga* (em relação a) não é combinado e significa afeto, como, *bonus est erga propinquos* (Ele é bom para os vizinhos). *Contra* (contra, contrário a) é combinado e separado: *contradico* (contradigo) e *contra adulterium* (contra o adultério). *Extra* (fora de) é justaposta, como, *extra me* (fora de mim). *Inter* (entre), também ambos, combinado e separado, como, *inter amicos* (entre amigos), *intervallum* (intervalo), *interpres* (intérprete), do qual o simples no uso não existe. E de *in* (em) são produzidos *inter* (entre) e *intra* (por dentro); de *sub* (embaixo), *subter* (abaixo); de *pro* (em frente), *propter* (próximo de); de *cis* (neste lado), *citra* (do outro lado); de *ex* (fora de), *extra* (fora de); de *prae* (na frente de), *praeter* (além de). *Juxta* (próximo a) é colocado em vez de *prope* (perto de), como,

	<p><i>juxta te</i> (próximo a ti), isto é, <i>prope te</i> (perto de ti). <i>Secundum</i> (segundo) tem dois significados: proximidade e emulação. <i>Secundum eum sedeo</i> (eu sento próximo dele) e <i>secundum mores ejus vivo</i> (de acordo com os costumes deles vivo). Que essas coisas que foram ditas sobre as preposições do caso acusativo, as quais eram consideradas mais difíceis, sejam suficientes para ti.</p>
<p><b>FR.</b> <i>Sufficiunt. Sed ad ablativum te totum fer.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> São suficientes. Mas que tu fales sobre todo o ablativo.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Ablativi praepositiones monosyllabae hae sunt: A, ab, abs, e, ex, de, pro, prae, cum.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> As preposições monossílabas do ablativo são estas: <i>a</i> (por, de), <i>ab</i> (por, de), <i>abs</i> (por, de), <i>e</i> (fora de, de), <i>ex</i> (fora de, de), <i>de</i> (sobre, de), <i>pro</i> (antes; em frente/em vez de, como), <i>prae</i> (antes, na frente, por causa de), <i>cum</i> (com, junto com).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Quare non addidisti, clam?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Porque não adicionaste <i>clam</i> (secretamente)?</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Quia magis adverbium est, qualitatem significans, [et] diminuitur contra praepositionum naturam; clam, clanculum. Et sine casu proferri potest, ut, bona aperte facit, mala clam.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Porque é um advérbio em maior medida, significando uma qualidade, e é diminuído por outro lado a natureza das preposições; <i>clam, clanculum</i> (secretamente). E pode ser proferido sem caso, como, <i>bona aperte facit, mala clam</i> (as coisas boas faz abertamente, as más secretamente).</p>
<p>(0899A) <b>FR.</b> <i>Sequere caeteras.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Prossegue aos outros.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Dissyllabae: coram, palam, sine,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> As dissílabas: <i>coram</i> (na presença</p>

<i>absque, tenus.</i>	de), <i>palam</i> (na presença de), <i>sine</i> (sem), <i>absque</i> (sem), <i>tenus</i> (até).
<b>FR.</b> <i>Potestates singularum expone.</i>	<b>FRANCO.</b> Explica as propriedades de cada um.
<p><b>SAXO.</b> <i>A et ab et abs et e et ex eadem fere significationis vim habent. Nam et locales, et temporales, et ordinales similiter inveniuntur, ut, est a domo, a die, a te; sic et caetera. Sed a et e saepius consonantibus praeponuntur, ut, a templo, e culmine. Alia utrumque et vocalibus et consonantibus, appositione et compositione junguntur, ut, abito, ab illo, abduco, ab hora. Et saepe b euphoniae causa in aliam mutabitur litteram; in r, ut, arripio; in u, ut, aufero; in s, ut, asporto. Ex quoque pro extra poni invenitur, ut, excludo, pro extracludo: Exsul, [id est], extra solum. Modo pro valde [adverbio], ut, excelsus, id est, (0899B)valde celsus. Modo privativum est vel intensivum vel perfectivum, ut, exstirpo, extendo, expleo. E in compositione privativum est vel intensivum et pro extra accipitur, ut, enodes trunci, enarro, educo. Derivatur ab abs, absque. Nam que, quando 299 vim et significationem conjunctionis non habet, syllaba est, non pars orationis, quomodo in ubique, undique, denique, itaque, utique, uterque, plerumque, et ideo accentum non mutant. De prima syllaba additio syllabica est, non conjunctio, ut in pronomine ce et met, et te. De memorativum est, et</i></p>	<p>SAXO. Tanto <i>a</i> (por, de), <i>ab</i> (por, de) e <i>abs</i> (por, de), quanto <i>e</i> (fora de, de) e <i>ex</i> (fora de, de) têm quase o mesmo valor de significação. Pois tanto os locais quanto os temporais e os ordinais são encontrados de maneira similar, como, <i>est a domo</i> (é de casa), <i>a die</i> (por dia), <i>a te</i> (a ti); e assim por diante. Mas <i>a</i> e <i>e</i> frequentemente são colocados antes das consoantes, como, <i>a templo</i> (do templo), <i>e culmine</i> (do cume). Os outros dois são unidos tanto por vogais quanto por consoantes, por justaposição e por composição, como, <i>abito</i> (vou embora), <i>ab illo</i> (por aquele), <i>abduco</i> (levo embora), <i>ab hora</i> (por hora). E muitas vezes <i>b</i>, por causa da eufonia, será transformado em outra letra; em <i>r</i>, como, <i>arripio</i> (agarro); em <i>u</i>, como, <i>aufero</i> (carrego); em <i>s</i>, como, <i>asporto</i> (levo). Também é encontrado <i>ex</i> colocado em vez de <i>extra</i>, como, <i>excludo</i> (excluo), em vez de <i>extracludo</i> (fora incluo): <i>Exsul</i> (exílio), [isto é], <i>extra solum</i> (sem solo). Acoplado no lugar de <i>valde</i> (muito) advérbio, como, <i>excelsus</i> (alto), isto é, <i>valde celsus</i> (muito alto). Vinculado é privativo, intensivo ou perfectivo, como, <i>exstirpo</i> (extirpo), <i>extendo</i> (estendo), <i>expleo</i> (encho). E em composição é privativo ou intensivo e é admitido em vez</p>



*intensivum, et privativum: de homine, detraho, desum. Pro in appositione et compositione localis [est] et temporalis: pro templo, provideo. Et loco e et super, vel ante, vel ad vel in accipitur: Prominet, [pro eminent, vel pro] supereminet. (0899C) Pro curia signa sociis dare, id est, ante curiam. Virgil. (Aen. V, 500):*

*Tum validis flexos incurvant viribus arcus  
Pro se quisque viri,  
id est, ad suas vires. Pro testimonio, id est, in testimonium. Et pro interjectione accipitur, ut, proh dolor, et circumflectitur. Prae in appositione vel compositione invenitur, et, ad vel ob vel super, vel valde vel ante significat. Terent.: Contempsit illum hic prae me, hoc est, ad comparationem mei. Item: fit misera prae amore, id est, ob amorem. Praesideo [id est] supersedeo. Praevalidus, valde validus. Praedico, ante dico. Cum praepositio est copulativa, ut, cum ducibus vado. Et nunquam componitur, quia con in ejus loco (0899D) in compositione ponitur; ut, concurro, contraho. Et sciendum est quod con et in tunc mutant n in m, quando b vel m vel p sequitur, ut, comburo, imbuo, comminus, immunis, compello, impello. Tunc n convertunt in sequentes consonantes, quando l vel r sequitur, ut, collido, illido, corripio, irruo. Cum quoque postponitur quibusdam pronomibus euphoniae causa, ut, mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum, et antepenultima in his elevatur;*

de extra (fora de), como, *enodes trunci* (sem nós de tronco), *enarro* (descrevo), *educio* (levo para fora). *Absque* (de) é derivado de *abs*. Pois o *que*, quando não tem a força e o significado de conjunção, é uma sílaba, não uma parte da oração, como em *ubique* (em qualquer lugar), *undique* (de todos os lados), *denique* (finalmente), *itaque* (portanto), *utique* (certamente), *uterque* (ambos), *plerumque* (geralmente), e portanto não mudam o acento. A primeira sílaba *de* é uma adição silábica, não uma conjunção, como no pronome *ce*, *met* e *te*. *De* é memorativo, intensivo e privativo: *de homine* (de acordo com o homem), *detraho* (derrubo), *desum* (falto). *Pro* é de local e de tempo em justaposição e composição: *pro templo* (em frente ao templo), *provideo* (prevejo). E no lugar de *e* (fora de) e *super* (sobre), *ante* (em frente a), *ad* (para), ou *in* (em) é admitido: *Prominet* (proeminente), *pro eminent* (sobre destaca-se), ou em vez de *supereminet* (sobressai). *Pro curia signa sociis dare* (Em frente a cúria é dado sinal aos associados), isto é, *ante curiam* (perante a cúria). Virgílio. (*Eneida*. V, 500):

*Tum validis flexos incurvant viribus arcus  
Pro se quisque viri,* (Então, os arcos flexíveis foram curvados com força pelos fortes, de acordo com a força de cada um deles). Isto é, *ad suas vires* (por suas forças). *Pro testimonio* (como testemunho), isto é, *in*

<p><i>aliis postposita acuitur, ut, quocum, quacum, quicum, quibuscum. Coram ad personas pertinet, ut, coram me, te, se. Palam ad omnia accipitur, ut, palam omnibus. Sine (0900A) et absque negativa sunt, ut, sine homine, et, absque homine. Et sine anteposita gravatur, ut; sine timore. Postposita acuitur, Virgil. (Aen. X, 31):</i></p> <p><i>Si sine pace tua.</i></p> <p><i>Tenus postponitur, ut hactenus, et genitivo quoque jungitur, ut:</i></p> <p><i>...Crurum tenus a mento palearia pendent.</i></p> <p><i>Ecce habes praepositiones.</i></p>	<p><i>testimonium</i> (em testemunho). Também é admitido <i>pro</i> interjeição, como, <i>proh dolor</i> (Oh! Tristeza), e é prolongado. <i>Prae</i> é encontrado em justaposição ou composição, e significa <i>ad</i> (por) ou <i>ob</i> (por causa de), ou <i>super</i> (sobre), ou <i>valde</i> (muito), ou <i>ante</i> (antes). Terêncio: <i>Contempsit illum hic prae me</i> (Então, antes a mim, desprezo a este), isto é, em comparação a mim. Da mesma forma: <i>fit misera prae amore</i> (torna-se miserável por causa do amor), isto é, <i>ob amorem</i> (por causa do amor). <i>Praesideo</i> (presido), isto é, <i>supersedeo</i> (superintendo). <i>Praevalidus</i> (prevalente), <i>valde validus</i> (muito forte). <i>Praedico</i> (predigo), <i>ante dico</i> (antes digo). <i>Cum</i> (com) preposição é copulativa, como, <i>cum ducibus vado</i> (com os generais avanço). E nunca é composto, porque o <i>con</i> é colocado em seu lugar na composição; como, <i>concurro</i> (concorro), <i>contraho</i> (contraio). E deve ser compreendido que <i>con</i> e <i>in</i>, então, mudam <i>n</i> para <i>m</i> quando é seguido de <i>b</i>, <i>m</i> ou <i>p</i>, como, <i>comburo</i> (queimo), <i>imbuo</i> (molho), <i>comminus</i> (combate), <i>immunis</i> (imune), <i>compello</i> (compilo), <i>impello</i> (incito). Então <i>n</i> converte-se nas consoantes seguintes quando é seguido de <i>l</i> ou <i>r</i>, como, <i>collido</i> (colido), <i>illido</i> (golpeio), <i>corripio</i> (agarro), <i>irruo</i> (invado). <i>Cum</i> (com) também é colocada depois de certos pronomes por causa da eufonia, como, <i>mecum</i> (comigo), <i>tecum</i> (contigo), <i>secum</i> (consigo), <i>nobiscum</i> (conosco), <i>vobiscum</i> (convosco), e a</p>
---	--

	<p>antepenúltima sílaba nelas é elevada; em outros, quando posposta, a <i>cum</i> (com) é dado um acento agudo, como, <i>quocum</i> (com o quê), <i>quacum</i> (com a qual), <i>quicum</i> (com o qual), <i>quibuscum</i> (com quem). <i>Coram</i> (na presença de) pertence às pessoas, como, <i>coram me</i> (na minha presença), <i>te</i> (na tua), <i>se</i> (na dele). <i>Palam</i> (na presença de) por <i>omnia</i> (todos) é admitido, como, <i>palam omnibus</i> (na presença de todos). <i>Sine</i> (sem) e <i>absque</i> (sem) são negativas, como, <i>sine homine</i> (sem homem) e <i>absque homine</i> (sem homem).</p> <p>E <i>sine</i> (sem) anteposta é grave, como, <i>sine timore</i> (sem temor). Posposta é dado um acento agudo, Virgílio. (<i>Eneida</i>. X, 31):</p> <p><i>Si sine pace tua</i> (Se sem tua paz)</p> <p><i>Tenus</i> (até) é colocada depois, como <i>hactenus</i> (até a), e também é unida com genitivo, como:</p> <p><i>...Crurum tenus a mento palearia pendent</i> (Das pernas até ao queixo pendem as papadas do gado)</p> <p>Eis que tens as preposições.</p>
--	---

<p><b>FR.</b> <i>Habeo utcunque: sed non habeo utriusque casus quatuor communes.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Tenho de uma forma ou de outra, mas não tenho cada um dos quatro casos comuns.</p>
--	--

<p><b>SAXO.</b> <i>Quid de illis quaeris, nisi quod Donatus dixit, quod accusativa sunt in et sub, dum ad locum ire aliquem: tum ablativum,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O que procuras sobre eles, se não o que Donato disse, que <i>in</i> (em) e <i>sub</i> (sob, sobre) são acusativos, quando indicam ir a</p>
---	--

<p><i>cum in loco esse aliquem significant [Ms., significamus], ut, in urbem vado, in urbe sum. Sub culmen (0900B) eo, sub culmine sum.</i></p>	<p>algum lugar; então, ablativos, quando indicam que alguém está no lugar<sup>384</sup>, como, <i>in urbem vado</i> (vou para cidade), <i>in urbe sum</i> (estou na cidade). <i>Sub culmen eo</i> (vou até o cume), <i>sub culmine sum</i> (estou sobre o cume).</p>
<p><b>FR.</b> <i>Hoc placet, sed plus quaero.</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Isto é satisfatório, porém exijo mais.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Quid a me quaeris, si tibi Donatus non sufficit?</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Se Donato não é suficiente para ti, o que queres de mim?</p>
<p><b>FR.</b> <i>Non a te tanta quaesissem, si Donatus mihi suffecisset [Ms., sufficeret].</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> Se Donato tivesse bastado-me não teria exigido tanto de ti.</p>
<p><b>SAXO.</b> <i>Nam in, si pro contra vel ad: et sub, si pro ante vel pro per ponitur, accusativo jungitur, ut, in hostem, hoc est, contra hostem. Et, in puppim rediere rates, pro: ad puppim.</i> <i>Sub lucem exornant (Al., exportans) calathis, pro, ante lucem. Et:</i> <i>...Sub noctem cura recursat,</i> <i>pro, per noctem. In modo in compositione privativum est, ut, injustus, improbus: modo intensivum, ut, imprimo, incuso. Sub est et localis, ut, subeo, subpono. (0900C) Est et diminutivum, ut, subrideo, id est, paululum rideo; subtristis. Et in sequentem mutat b consonantem, si c, vel f, g, m, vel p sequitur,</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Pois se em vez de <i>contra</i> (em direção a) ou <i>ad</i> (para) é colocado <i>in</i> (em, para, sobre); e <i>sub</i> (sobre) se é unido ao acusativo em vez de <i>ante</i> (em frente, antes) ou <i>per</i> (através de), como, <i>in hostem</i> (sobre o inimigo), isto é, <i>contra hostem</i> (contra o inimigo). Também, <i>in puppim rediere rates</i> (Os navios voltaram para a popa), em vez de: <i>ad puppim</i> (à popa). <i>Sub lucem exornant exportans calathis</i> (sob a luz ornamentam as cestas de flores), em vez de <i>ante lucem</i> (em frente a luz). Também: <i>...Sub noctem cura recursat.</i> (sob a noite o cuidado retorna) Em vez de <i>per noctem</i> (através da noite). <i>In</i></p>

<sup>384</sup> Alcuíno reproduz Donato (650.4-7): *Quarum in et sub tunc accusatiui casus sunt, cum ad locum uel nos uel quoslibet ire isse ituros esse significamus; tunc ablatiui, cum uel nos uel quoslibet in loco esse fuisse futuros esse significamus* (Dentre elas, in e sub são de acusativos quando o significado é que ou nós ou qualquer outro vai, foi ou irá para o lugar; são de ablativo quando o significado é que nós ou qualquer outro está, esteve ou estará no lugar). Tradução Dezotti (2011, p. 160).

<p><i>ut succumbo, suffero, suggero, submitto [Forte, summitto], suppono. Super, si pro supra ponitur, accusativum est, ut, Saeva sedens super arma, id est, supra. Si de vel in significat, ablativum est, ut:</i></p> <p><i>Multa super Priamo rogitans. hoc est, de Priamo. Item:</i></p> <p><i>Fronde super viridi, id est, in viridi. Item subter accusativum est, ut subter terram. Item ablativum, subter densa testudine.</i></p>	<p>(em) junto em composição é privativo, como, <i>injustus</i> (injusto), <i>improbus</i> (impróprio); vinculado intensivo, como, <i>imprimo</i> (impressiono), <i>incuso</i> (culpo). <i>Sub</i> (sob, sobre) também é de local, como, <i>subeo</i> (subo), <i>subpono</i> (coloco sob). Também é diminutivo, como, <i>subrideo</i> (sorrio), isto é, <i>paululum rideo</i> (rio um pouco); <i>subtristis</i> (um tanto triste). E de acordo com a letra subsequente transforma a consonante <i>b</i>, se é seguido de <i>c</i>, ou <i>f</i>, <i>g</i>, <i>m</i>, ou <i>p</i>, como: <i>succumbo</i> (sucumbo), <i>suffero</i> (sofro), <i>suggero</i> (sugiro), <i>summitto</i> (rebaixo), <i>suppono</i> (suponho). <i>Super</i> é acusativo se em vez de <i>supra</i> é colocado, como:</p> <p><i>Saeva sedens super arma</i> (Os selvagens sentados nos escudos)</p> <p>Isto é, <i>supra</i> é ablativo se significa <i>de</i> (sobre) ou <i>in</i> (em), como:</p> <p><i>Multa super Priamo rogitans</i> (Perguntando muitas coisas sobre Príamo). Isto é, <i>de Priamo</i> (sobre Príamo). Da mesma forma:</p> <p><i>Fronde super viridi</i> (na folha verde).</p> <p>Isto é, <i>in viridi</i>. Igualmente <i>subter</i> (sob) é acusativo, como <i>subter terram</i> (sob a terra) . Também é ablativo, <i>subter densa testudine</i> (sob denso testudo).</p>
<p><b>SAXO.</b>(0900D) <i>Quia semper in compositione loquelis, id est dictionibus, componuntur, et sunt sex: di, dis, re, se an [Ms., am], con, ut, diduco, distraho, recurro, recubo, amplector, congero [Ms., congregior]. Di quidem et dis separativa sunt, et eadem significationem</i></p>	<p><b>SAXO.</b> Porque na fala estão sempre em composição, isto é, nas palavras, estão combinadas, e são seis: <i>di, dis, re, se, an, con</i>, como: <i>diduco</i> (divido), <i>distraho</i> (distraio), <i>recurro</i> (recorro), <i>recubo</i> (reclino), <i>amplector</i> (abraço), <i>congero</i> (compilo). Por</p>

*habent quomodo ab et abs. Ut, divido, distraho. Et dis componitur, quando sequitur c, f, p, s, t et i loco consonantis, ut, discorro, differo, diffundo, s in f mutata euphoniae causa; dispuo, dissero, distraho, disjungo. In aliis consonantibus di praeponitur: diduco, digero, diluo, dimitto, diruo; et ubique (0901A) di producit, praeter dirimo, disertus. Re videtur a retro per apocopam factum, sicut ipse sensus probat. Quid est respicio, nisi retro spicio: revertor, retro vector? 300 Se separativa est, ut, separo, sejungo. Est et abnegativum, ut, secus. Et a se, seorsum; sicut a de deorsum, et a super sursum adverbium venit. Am circum vel circa significat, ut, amplector, amputo, ambio: In quo etiam additio b consonantis fit [Ms., addito b consonante], propter m. Con pariter significat, ut, [coneo], et loco cum praepositionis ponitur, ut, concurro, conjungo. Ecce habes de praepositione, quantum brevis disputationis sinebat.*

exemplo, *di* e *dis* são separativas e têm o mesmo significado que *ab* e *abs*. Como: *divido* (divido), *distraho* (distraio). E *dis* é combinada, quando é seguida de *c, f, p, s, t* e *i* no lugar da consoante, como, *discorro* (discorro), *differo* (difiro), *diffundo* (difundo), *s* em *f* é transformado por causa da eufonia; *dispuo* (discuto), *dissero* (distribuo/desato), *distraho* (distraio), *disjungo* (desamarro). É colocado *di* na frente das outras consoantes: *diduco* (divido), *digero* (dissolvo), *diluo* (diluo), *dimitto* (demito), *diruo* (derrubo); e em todos os lugares *di* é produzido, exceto *dirimo* (dirimo), *disertus* (disposto). *Re* parece ter sido feito a partir de *retro* (para trás) por apócope, assim como prova o próprio sentido. O que é *respicio* (olho para trás), se não *retro* (para trás) *spicio* (olho); *revertor* (revertor), *retro* (para trás) *vector* (ser virado)? *Se* é separativa, como, *separo* (separo), *sejungo* (cindir). É também abnegativo, como, *secus* (por outro lado). E de *se*, *seorsum* (separadamente); assim como de *de*, *deorsum* (para baixo), e de *super* (acima), provém o advérbio *sursum* (para cima). *Am* significa em ambos os lados ou em torno de, como, *amplector* (abraço), *amputo* (amputo), *ambio* (abranjo): no qual também faz-se a adição da consoante *b*, por causa de *m*. *Con* significa junto, como *coneo* (ir junto), e é colocada no lugar da preposição *cum* (com), como, *concurro* (concorro), *conjungo* (conecto). Eis que já

	tens o suficiente sobre a preposição, tanto quanto permitia a brevidade da disputa.
<b>FR.</b> <i>Habeo quod placet. Sed parvum [Al., parum] viae, quod restat, peragamus [Ms., pergamus].</i>	<b>FRANCO.</b> O que tenho é satisfatório. Mas insuficiente para jornada, prossigamos para o que resta.
<b>SAXO.</b> (0901B) <i>Pergamus. Et tu more tuo praecede interrogando; sequar ego respondendo.</i>	<b>SAXO.</b> Prossigamos. E tu conforme seu costume precede perguntando; eu seguirei respondendo.
<b>DE INTERJECTIONE</b>	<b>SOBRE A INTERJEIÇÃO</b>
<b>FR.</b> <i>Interjectio quid est?</i>	<b>FRANCO.</b> O que é interjeição?
<b>SAXO.</b> <i>[Est pars orationis...] Heu! quid interrogas de interjectione? (0902A) Quantas me audisti incondita voce proferre, dum ante pedes magistri jacui?</i>	<b>SAXO.</b> É parte da oração... Ai! o que perguntas sobre interjeição? Quantas coisas ouviste-me proferir com uma voz desordenada, enquanto estava ante aos pés do mestre?
<b>FR.</b> <i>Audivi et timui, motumque animi in exclamacione vocis intellexi. Attamen reor diversas esse interjectionum significationes, sicut diversi sunt motus animi.</i>	<b>FRANCO.</b> Ouvi e temi, e compreendi o movimento da alma na exclamação da voz. Contudo, acredito existir diferentes significados de interjeições, assim como existem diversos movimentos da alma <sup>385</sup> .
<b>SAXO.</b> <i>Sunt, ut dicis. Et aliae sunt gaudii, ut, Evax. Aliae risus: Ha, ha, he. Aliae respuendi, ut, Phy, ehoê. Aliae hortandi, ut, Eia. Aliae illudendi, ut, Euge. Aliae doloris, ut, Vae, heu, ei. Ut: Hei mihi, qualis erat!</i>	<b>SAXO.</b> Existem, como tu dizes. E existem outras de alegria, como: <i>Evax</i> (ótimo!). Outras de riso: <i>Ha, ha, he</i> . Outras de rejeição, como, <i>Phy</i> (Eca!), <i>ehoê</i> (ei!). Outras de exortação, como, <i>Eia</i> (Vamos!). Outras de

<sup>385</sup> Esse trecho faz uma alusão a definição presente em Donato (652.5-7): *interiectio est pars orationis interiecta aliis partibus orationis ad exprimendos animi affectus aut metuentis, ut ei; aut optantis, ut o; aut dolentis, ut heu; aut laetantis, ut euax* (Interjeição é a parte da oração inserida entre as outras partes da oração para exprimir os afetos do ânimo: seja do que sente medo, como *ei*; seja do que sente desejo, como *o*; seja do que sente dor, como *heu*; seja do que sente alegria, como *euax*). Tradução Dezotti (2011, p.161).

<p><i>Aliae exsecrandi, ut, Ah! [Virgilius (Ecl. I, 15)]:</i></p> <p><i>...Ah silice in nuda connixa reliquit.</i></p> <p><i>Aliae timoris, ut, at at. Terent. (Eun. IV, VIII, 18):</i></p> <p><i>At at mihi homo formidolosus es.</i></p> <p><i>Aliae admirandi, ut, Papae [Ms., Pape]. Terent. (0902B) (Eun. II, II, 48):</i></p> <p><i>Papae! haec super ipsam Thaidem?</i></p>	<p>engano, como, <i>Euge</i> (Boa!). Outras de dor, como, <i>Vae</i> (Ah!), <i>heu</i> (oh!), <i>ei</i> (ai!). Como: <i>Hei mihi, qualis erat!</i> (Ai de mim! Que condição estava!) Outras de execração, como, <i>Ah!</i> (Ah!) Virgílio (Éclogas. I, 15):</p> <p><i>...Ah silice in nuda connixa reliquit</i> (Ah! Na pedra nua deixou colocada todas as suas forças).</p> <p>Outras de temor, como, <i>at at</i> (Mas, mas). Terêncio. (O Eunuco. IV, VIII, 18):</p> <p><i>At at mihi homo formidolosus es.</i> (Mas! Mas para mim és um homem terrível)</p> <p>Outras de admiração, como <i>Papae</i> (Uau!). Terêncio. (O Eunuco. II, II, 48):</p> <p><i>Papae! haec super ipsam Thaidem?</i> (Uau! Esta acima da própria Thaís?)</p>
--	--

<p><b>FR.</b> <i>Quid de accentibus earum dicis?</i></p>	<p><b>FRANCO.</b> O que dizes sobre os acentos delas?</p>
--	---

<p><b>SAXO.</b> <i>Quid aliud, nisi quod incerti [sunt] et pro affectus qualitate longius et brevius, acutius et gravius incondita voce proferuntur.</i></p>	<p><b>SAXO.</b> O que mais, se não que são incertos e de acordo com a qualidade da disposição são proferidos mais longamente e mais brevemente, mais agudamente e mais gravemente em voz desordenada<sup>386</sup>.</p>
--	---

<sup>386</sup> Lemos em Prisciano (3.91.20-22): *optime tamen de accentibus earum docuit Donatus, quod non sunt certi, quippe, cum et abscondita uoce, id est non plane expressa, proferantur et pro affectus commoti qualitate, confunduntur in eis accentus* (No entanto, Donato ensinou muito bem sobre seus acentos, os quais não são certos, porque quando a voz oculta, ou seja, não claramente expressa, é pronunciada, e em vez de uma afecção com qualidade desordenada, os acentos se confundem nelas). Cf. Donato (652.12).



## REFERÊNCIAS

- ALBERI, M. The “Mystery of the Incarnation” and Wisdom’s House (Prov. 9:1) In Alcuin’s *Disputatio de vera philosophia*. In: **The Journal of Theological Studies**, 48(2), 1997. p. 505–516.
- ALCUÍNO. *Grammatica*. In: MIGNE, J. P. *Patrologiae Latinae*, Vol. CI (101). Paris: 1863. p. 849-902.
- ARRUDA, J. **História Antiga e Medieval**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- ASHWORTH, E. J. Language and Logic. In: Arthur Stephen McGrade (ed.), **The Cambridge Companion to Medieval Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_, KOERNER E. F. K., NIEDEREHE, H. & VERSTEEGH, K. (eds.). **History of the Language Sciences**. Berlin & New York: Walter de Gruyter & Co., 2000.
- BARNEY, S. A., LEWIS, W. J., BEACH, J. A. & BERGHOF, Oliver. **The Etymologies of Isidore of Seville**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BECCARI, Alessandro Jocelito. **Uma tradução da Grammatica Speculativa de Tomás de Erfurt para o português: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- BOÉCIO. *Consolatio Philosophiae*. Disponível em: <[https://documentacatholicaomnia.eu/03d/0480-0524,\\_Boethius,\\_Consolatio\\_Philosophiae,\\_LT.pdf](https://documentacatholicaomnia.eu/03d/0480-0524,_Boethius,_Consolatio_Philosophiae,_LT.pdf)> Acesso em: 23 de jul. de 2023.
- CHANDLER, C. J. Heresy and Empire: The Role of the Adoptionist Controversy in Charlemagne’s Conquest of the Spanish March. In: **The International History Review**, 24(3), 2002. p. 505–527. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40110193>> Acesso em: 10 de mai. de 2023.
- COURCELLE, Pierre. **La Consolation de Philosophie dans la tradition littéraire: Antécède postérité de Boèce**. Études Augustiniennes, Paris, 1967.
- DAWSON, Christopher. **Criação do Ocidente: a Religião e a Civilização Medieval**. 1. ed. É Realizações, São Paulo, 2016.
- DEZOTTI, Lucas Consolin, **Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) Humanas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- DONATO. *Donati ars maior*. In.: HOLTZ, L. **Donat et la tradition de l’enseignement grammatical**. Étude sur l’Ars Donati et sa diffusion (IVe -IXe siècle) et édition critique. Paris: CNRS, 1981.
- EVES, H. **Introdução à história da matemática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.
- FORTES, Fábio da Silva. **Os marcadores discursivos no latim: considerações pragmáticas e textuais sobre as preposições, interjeições e conjunções em Donato e Prisciano**. 2008.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. As Institutiones grammaticae de Prisciano de Cesareia no pensamento metalinguístico greco-romano. *In: Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*, nº 005. 2010, p.69-84.

Disponível em: <[https://antiguidadeclassica.com.br/website/edicoes/quinta\\_edicao/quinta\\_edicao.pdf](https://antiguidadeclassica.com.br/website/edicoes/quinta_edicao/quinta_edicao.pdf)> Acesso em: 20 de ago. de 2023.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FUNARI, Pedro P. A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

GARRISON, Mary Delafield. **Alcuin's World Through His Letters and Verse**. Cambridge: University of Cambridge, 1995.

GIBSON, Margaret T. Boethius in the Carolingian Schools. *In: Transactions of the Royal Historical Society*, 32, 43. 1982, p. 43-56. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3679015>> Acesso em: 25 de jul. de 2023.

GILSON, E. **A Filosofia na idade média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GRIGORAS, Isabela. Editing Alcuin's Disputatio de uera philosophia and Ars grammatica. New findings, methodology, and problems. *In: MAARTEN J. F. HOENEN, M. & ENGEL, Karsten, (éd). Past and Future: Medieval Studies Today*, Turnhout, Brepols (Textes et études du Moyen Âge, 98), 2021. Disponível em: <<https://www.brepolsonline.net/doi/book/10.1484/M.TEMA-EB.5.123488>> Acesso em: 20 de jul. de 2023.

HOLTZ, L. **Donat et la tradition de l'enseignement grammatical**. Étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IVe -IXe siècle) et édition critique. Paris: CNRS, 1981.

\_\_\_\_\_. **Le dialogue de Franco et de Saxo**. Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest [Online], 2004. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/abpo/1229>>. Acesso em: 12 de jun. de 2023.

IRVINE, M. & THOMSON, D. Grammatica and Literary Theory. *In: MINNIS, A. and JOHNSON, I. (Ed.). The Cambridge History of Literary Criticism: The Middle Ages*. New York: Cambridge University Press, 2005, vol. 2, p. 15-41.

KOERNER, E. F. Konrad. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

LAW, Vivien. **Late Latin grammars in the Early Middle Ages: a typological history**. Historiographia linguistica XIII: 2/3. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

\_\_\_\_\_. **The history of linguistics in Europe from Plato to 1600**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUHTALA, A. Early medieval grammar. *In*: KOERNER, E.F.K. (Ed.); ASHER, R. E. **Concise history of the languages sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 121-129.

MATTER, E. Ann. Alcuin's Question-and-Answer Texts. **Rivista Di Storia Della Filosofia (1984-)**, 1990. vol. 45, n° 4 p. 645–56. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/44022670>>. Acesso em 11 ago. de 2023.

PAPAHAGI, Adrian. The Transmission of Boethius 'De Consolatione Philosophiae' in The Carolingian Age. **Medium Ævum**, 2009. vol. 78, n° 1, p. 1–15, Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43632796>>. Acesso em: 13 de ago. de 2023.

PRISCIANO. **Institutionum grammaticarum**. *In*: KEIL, Heinrich (ed.). Grammatici Latini. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim, 1961.

RENSWOUE, I. The art of disputation: dialogue, dialectic and debate around 800. *In*: **Early Medieval Europe**, 2017, vol. 25, n° 1, p. 38–53. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/emed.12185>> Acesso em: 23 de jul. de 2023.

RENSWOUE, I. & RAAIJMAKERS, J. The ruler as referee in theological debates: Reccared and Charlemagne. *In*: MEENS, R. VAN ESPELO, D., RAAIJMAKERS, J. VAN DEN HOVEN VAN GENDEREN, B., RENSWOUE, I., & RHIJN, C. (Eds.), **Religious Franks. Religion and Power in the Frankish Kingdoms**: Studies in Honour of Mayke de Jong, p. 50-70. Manchester University Press, 2016.

REYNOLDS, L. D.; WILSON, N. G. **Scribes and Scholars: A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature**. 3. ed. Oxford: Clarendon Press, 1991.

ROBINS, R. H. Greek linguistics in the Byzantine period. *In*: AUROUX, S., KOERNER E. F. K., NIEDEREHE, H. & VERSTEEGH, K. (eds.). **History of the Language Sciences**. Berlin & New York: Walter de Gruyter & Co., 2000, p. 417 - 424.

SÃO JERÔNIMO. **Epistula Ad Demetriadem**. Disponível em: <[http://www.monumenta.ch/la/tein/a.php?table=Hieronymus&s=186880&sectio=&id=Hieronymus,%20Epistulae,%204,%20%20130&string=&apparat=%C2%AC\\_first\\_frame=&domain=&lang=1&nummer=&target=&inframe=1](http://www.monumenta.ch/la/tein/a.php?table=Hieronymus&s=186880&sectio=&id=Hieronymus,%20Epistulae,%204,%20%20130&string=&apparat=%C2%AC_first_frame=&domain=&lang=1&nummer=&target=&inframe=1)>. Acesso em: 25 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. **Adversus Jovinianum**. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0347-0420,\\_Hieronymus,\\_Adversus\\_Jovinianum\\_Libri\\_Duo,\\_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0347-0420,_Hieronymus,_Adversus_Jovinianum_Libri_Duo,_MLT.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. **Hieremiam Prophetam**. Disponível em: <<https://archive.org/details/CSEL59/page/n39/mode/2up>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SCHAD, Samantha. **A lexicon of Latin grammatical terminology**. Studia Erudita. Roma: Fabrizio Serra, 2007.

SILVA, Marcelo Cândido da. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média: os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V – VIII)**. São Paulo: Alameda, 2008.

SWIGGERS, Pierre. **Alcuin et les doctrines grammaticales**. Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest [Online], 2004. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/abpo/1231>>. Acesso em: 15 de set. de 2022.

WEST, A.F. **Alcuin and the Rise of the Christian Schools**. New York: Charles Scribner's Sons, 1892.

WRIGHT, Roger. **Greek linguistics in the Byzantine period**. *In*: AUROUX, S., KOERNER E. F. K., NIEDEREHE, H. & VERSTEEGH, K. (eds.). *History of the Language Sciences*. Berlin & New York: Walter de Gruyter & Co., 2000, p. 501-510.